

O projeto de Arquitetura Paisagista em Sítios Arqueológicos

Caso de estudo: Cividade de Terroso

Ana Teresa Carneiro Gomes

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura Paisagista

Jurí:

PRESIDENTE: Doutor Luís Paulo Almeida Faria Ribeiro, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa.

VOGAIS: Doutora Teresa Dulce Portela Marques, Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

Mestre Sónia Maria Loução Martins Talhé Azambuja, Assistente Convidada do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa.

AGRADECIMENTOS

“O Universo parece reduzido àquela plataforma, o topo de um morro decorado com círculos de pedras e velhas lajes irregulares, resto do que em tempos foi a Cividade de Terroso”.¹

Conheço a Cividade de Terroso desde que nasci. Aí passei muitos verões da minha infância e adolescência aprendendo com dezenas de jovens os princípios da arqueologia e o conhecimento de uma Cultura que forjou os inícios da nossa identidade. Sempre me senti privilegiada pelos conhecimentos que os meus pais me proporcionaram neste campo.

Começo a agradecer à Professora Sónia Talhé Azambuja pela orientação e apoio deste trabalho.

Aos funcionários das diferentes Bibliotecas, Museus e Arquivos de Lisboa e Póvoa de Varzim pela simpatia e gentileza no apoio à consulta de material. Um agradecimento à Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, em especial à Doutora Suzete Almeida do SIG e ao Jorge Valença pela cedência de informações, preciosas para a elaboração deste trabalho.

Aos arqueólogos, Paulo Costa Pinto, Álvaro Moreira, Maria José Sousa e Armando Coelho, que contatei e tive o prazer de expor o meu estudo e me forneceram valiosas informações para este estudo.

Aos meus pais, avô, irmãos (João e Luzia) e tias pela paciência, disponibilidade, revisões, afeto e acima de tudo pelo apoio.

Aos meus amigos Bull, Carol, Diana, Vítor e Nuno, que apesar de distantes estiveram sempre presentes na escrita desta dissertação. Ao grupo Hotspot (Patrícia, Maria Inês, Rita Patrícia, Daniel e Micaela) pelos encontros em bibliotecas, pelos bolos e cafés, e acima de tudo pela boa disposição em todas as fases.

Ao Marcelino pela dedicação, compreensão e paciência para me aturar desde o início ao fim desta saga. Obrigada.

¹ AGUIAR, João. *Uma deusa na bruma*. Asa, 2003. pp. 11.

RESUMO

A presente dissertação consiste num estudo sobre o Projeto de Arquitetura Paisagista aplicado em Sítios Arqueológicos, sendo apresentada uma proposta de intervenção e valorização paisagística, da Cividade de Terroso como caso de estudo.

Esta dissertação pretende contribuir para um melhor entendimentos das particularidades e potencialidades dos sítios arqueológicos, remetendo para o estudo da relação entre a Arquitetura Paisagista e a Arqueologia, um tema pouco estudado e fundamentado.

Deste modo foi realizada uma extensa análise e revisão bibliográfica, seguido da análise cartográfica e aérea. Posteriormente realizou-se uma proposta de intervenção e valorização de um caso de estudo, mais propriamente a Cividade de Terroso, um espaço já recuperado mas que, como outros, apresenta carências e problemas a nível projetual devido à falta de estudo pormenorizado e adequado. Este projeto serve de exemplo para uma utilização mais alargada a outros espaços arqueológicos com as mesmas caraterísticas endógenas, constituindo uma primeira tentativa de implementação de estratégia de desenvolvimento alicerçada no património cultural e histórico articulando se a nível global.

Palavras-chave: Arquitetura Paisagista; Sítio Arqueológico; Projeto Paisagístico; Intervenção e Reabilitação, Cividade de Terroso

ABSTRACT

This work intends to evaluate the archaeological sites, from the point of view of landscape architecture, providing a new approach to the concepts of archeology and heritage in terms of landscape planning and design principles.

In recent years, there has been increasing interest in the archaeological and tourist and landscape value of the same. So archaeologists and other researchers have developed theoretical and practical proposals, however it is curious to note that there are few studies and rehabilitation proposals by Landscape Architects like in other chronological horizons.

The sites require more than protection and display of archaeological remains in fact the value of these spaces is strongly related to its integration into the landscape. In order to protect and present the heritage values for current and future generations is of great importance develop a landscape design that can reconcile the different components of the site. Therefore, this work aims to create a "bridge" between Archaeology and Landscape Architecture, to evaluate the interest to use the knowledge of both branches to the enhancement and protection of archaeological sites.

KEYWORDS: Landscape Architecture; Archeological Site; Landscape Project; Intervention and Rehabilitation, Cividade de Terroso

EXTENDED ABSTRACT

The Archaeological sites are components of landscapes that still have traces of past cultures. These spaces, at present, cannot be analyzed and evaluated just as fields of scientific research, having acquired new functions and features due to the increasing public interest and tourism. Interest in the way of life of the past raised the development of archaeological sites as tourist areas, should not be seen as negative activities. The tourism sensitize people about the archaeological heritage, leading to this were the target of the preservation and enhancement.

As archaeological sites, are unique and non-renewable natural sites with cultural values, they are unfortunately associated to lack of conservation. With the development of projects of requalification, in many cases, the archaeological sites have become relics of scenarios to a landscape that disappeared. This is due to the fact that the creation of Letters and Recommendations Heritage wishing to save the site in its essence, as if just found. The use of plants and contemporary design principles present, are often sidelined, leading to a total denial of contemporary materials. As the archaeological sites, sites are unique and non-renewable natural and associated cultural values, lack of maintenance and rehabilitation projects supported in several areas in order to respond to several intentions and ideals.

This thesis aims to study and analysis Project Landscape in Architecture in Archaeological Sites with a proposal for intervention and recovery of Cividade of Terroso, as a case study. The main objetive purposes to contribute to a better understanding of the characteristics and potential of archaeological sites, discussing the relation between landscape architecture and archeology, a subject little studied and structured.

To the realization of defined objetives, the dissertation was structured in 6 chapters. In the first chapter of dissertation, it is presented the main goals of archeology, highlighting the concepts of appreciation and protection.

The second chapter envisioned an analysis of the concept Landscape and their applicability in landscape Architecture and in Archaeology.

The third chapter proposes to define the principles theorists of draft and presentation of archaeological sites. The landscape architecture projects aim to prepare the sites so they are easily accessible and presentable to the public, while it must answer questions such as the enhancement and maintenance of the space. Although it is not simple and even impossible to reconstruct the space as it was at a given time horizon, you can create a design by analyzing the elements of the surrounding landscape and suggest a project that has a certain similarity and that is attractive to visitors. It should preserve the characteristics of the archaeological site and its landscape as well as providing adequate protection for the environment and maintenance of the site. For such studies and specific plans that structure and organize routes, vegetation, infrastructure, signs, etc. are performed.

This chapter offers an analysis to different components of drawing as the spatial organization, infra - structures and planting. It is presented projects requalification of archaeological sites brief analysis ace characteristics, including location, landscape and historical values and archaeological sites, including the vegetation. Therefore, it is intended to raise awareness of the interrelationships of the components of natural and cultural archaeological sites.

The fourth chapter analyzes the international legal instruments and existing national reflect the protection of the archaeological heritage and landscape. With the emergence of conventions, charters and international organizations recommendations, appeared management plans and recommendations very strict, aiming to provide guidelines for the establishment of an adequate balance between the needs of conservation, access, sustainable economic development and community interests location. In a certain way, the organizations intend to save space in essence, as if just found, scenarios relics of a long-vanished landscape. The use of contemporary plants and principles of current design, are often discarded, leading to total denial of contemporary materials.

The fifth chapter offers an analysis of the biophysical and historical evolution of the Cividade de Terroso and its region, with specific moments that characterize it, regarding its topography, geography, occupation, vegetation etc.

In the last Chapter it is presented the proposal for intervention and recovery of the case study, a space already recovered but , like others, has deficiencies and weaknesses in project- due to lack of detailed and appropriate study. This project serves as an example for wider use to other archaeological sites with the same characteristics, constituting a first attempt to implement the development strategy grounded in the cultural and historical heritage. It is also defended the creation of a cultural Route in order to take advantage of exploiting the potential archaeological in the region. In order to the route succeed, is made a small analysis to take into account the cultural, economic and environmental characteristics of the region.

KEYWORDS

Landscape Architecture; Archeological Site; Landscape Project; Intervention and Rehabilitation, Cividade de Terroso

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
EXTENDED ABSTRACT	v
Lista de figuras	x
Lista de Peças desenhadas.....	xi
Lista de Tabelas.....	xii
Lista de Anexos	xii
Abreviaturas e Símbolos	xiii
Introdução	xiv
Objetivos	xiv
Metodologia.....	Erro! Marcador não definido.
Capítulo I - Arqueologia.....	1
1.1. Breve história da Arqueologia	1
1.2. O papel da Arqueologia na atualidade	4
1.3. Sítios arqueológicos - Classificação, Conservação e Valorização.....	6
Capítulo II – Paisagem em sítios Arqueológicos	12
2.1. O conceito Paisagem na Arqueologia	12
2.2. A arqueologia da Paisagem.....	15
Capítulo III – O projeto de Arquitetura Paisagista em Sítios Arqueológicos	19
3.1. O projeto de Arquitetura Paisagista em Sítios Arqueológicos.....	19
3.2. Objetivos do projeto de Arquitetura Paisagista	23
3.2.1. Tipologias de apresentação de sítios arqueológicos	24
3.3. Os elementos do projeto.....	26
3.3.1. A organização Espacial.....	26
3.3.2. Infraestruturas	27
3.3.3. Sinalização	28
3.3.4. Vegetação em sítios arqueológicos	30

3.3.5. Recuperação de estruturas arqueológicas	31
Capítulo IV – Instrumentos legais de proteção do património arqueológico e paisagístico	33
4.1. A figura legal de sítio arqueológico em Portugal	33
4.2. Cartas e recomendações para a Proteção e Conservação Paisagens Culturais e Arqueológicas	37
Capítulo V – Caracterização e interpretação	44
5.1. Caracterização e interpretação.....	44
5.1.1. Localização e Caracterização geral	44
5.1.2. Relevo e caracterização geográfica.....	44
5.1.3. Hidrografia.....	45
5.1.4. Interpretação da paisagem	46
5.1.5. Vias Naturais	46
5.1.6 Amplitude Visual.....	47
5.2. Caracterização histórica	48
5.2.1. Contexto histórico da Póvoa de Varzim	48
5.2.2. Contexto histórico da Cividade de Terroso	49
5.2.3. O povoamento da Idade do Bronze à Romanização	51
5.2.4. Urbanismo e Arquitetura	54
5.3. Esboço Paleobotânico da Cividade de Terroso	55
Capítulo VI – Proposta de intervenção e valorização da cividade de Terroso	61
6.1 Análise	61
6.1.1. Objetivos estratégicos.....	61
6.1.2. Diagnóstico de problemas.....	62
6.1.3. Infraestruturas	62
6.1.4. Elementos construídos.....	63
6.1.5. Património Natural	64
6.2. Projeto.....	65
6.2.1. Critérios e estratégias de intervenção	65
6.2.2. Plano Diretor de intervenção.....	66
6.2.3. Morfologia do terreno	68

6.2.4. Plano de plantação	68
6.2.5. Acessos e Percursos	69
6.2.6. Pavimentos.....	71
6.2.7. Elementos Construídos.....	72
6.2.8. Centro interpretativo.....	73
6.2.9. Mobiliário	73
6.2.10. Sinalética.....	74
6.2.11. Folheto informativo.....	74
6.2.12. Páginas eletrônicas.....	74
6.2.13. Atividades.....	75
6.2.14. Percursos culturais.....	76
Conclusões	79
Fontes e Bibliografia	81
Glossário	90
ANEXOS.....	91

Lista de figuras

F. 1 Pintura que retrata os Jardins Boboli e o Palácio Pitti. Fonte: http://www.italyguides.it/us/florence/pitti_palace.htm	1
F. 2 Fotografia da Grande Mesquita Aleppo, Síria. Fonte: Martin Fletcher	5
F. 3 Etapas de valorização de sítios Arqueológicos de acordo com Olga Matos.	9
F. 4 Representação esquemática de escavação arqueológica. Fonte: Wes Ryan, Woemsloe, Reenvisioning a Cultural Landscape. 2012.	10
F. 5 Paisagem de inverno. Círculo de Hendrick Avercamp (1610-1679). Fonte: Museu Municipal de Évora.....	12
F. 6 Análise de Cartografia arcaica para perceber organização territorial e indícios de antigas estruturas. Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=tE4uiSFsmN0	16
F. 7 Instalação temporária em Roma, no Mercado de Trajano, Roma, Itália. Fonte: http://www.west8.nl/projects/wonder_holland/	20
F. 8 Ruínas Arqueológicas de Troia. Fonte: Autora	22
F. 9: Sítio Arqueológico de Carpenaum, ou Cafarnaum Israel. Fonte: http://www.gardenvisit.com/blog/2009/09/16/landscape-archaeology/	23
F. 10 Modelo de tipologias de apresentação de Sítios arqueológicos de acordo Asli Mosler.....	24
F. 11 Plano de Pompeia. Fonte: http://www.bellabs.ru/Italia/Maps/Pomrei-Map2002.jpg	26
F. 12 Sinalética Gracia 9, Archaeological Site. Fonte: Javier Peña Martín	29
F. 13 Capa National Geographic 1969. Fonte. www.nationalgeographic.com	38
F. 14 Localização e limites da Cidade de Terroso. Fonte: Bing Maps	44
F. 16Panorâmica Oeste a partir da Cidade de Terroso. Fonte: Autora.....	47
F. 18 Panorâmica Cidade de Terroso. Fonte Autora.....	49
F. 17Núcleo Habitacional Cidade de Terroso. Fonte: MMPVZ	52
F. 18 Planta de Edifício de Apoio da Cidade de Terroso. Fonte: MMPVZ	63
F. 19 Escavações Arqueológicas nos Meses de Verão na Cidade de Terroso. Fonte: CMPVZ	75
F. 20 Localização dos Sítios Arqueológicos rede Castros do Noroeste Peninsular. Fonte: http://www.castrosdonoroeste.pt/	77

Lista de Peças desenhadas

Peça Desenhada 1:	Localização Cividade de Terroso.....	44
Peça Desenhada 2:	Plano de Localização dos Elementos Construídos.....	44
Peça Desenhada 3:	Planta hipsométrica	45
Peça Desenhada 4:	Plano de Vistas.....	48
Peça Desenhada 5:	Plano da área escavada	51
Peça Desenhada 6:	Plano de Diagnóstico.....	64
Peça desenhada 7:	Fotografias de Diagnóstico.....	64
Peça desenhada 8:	Plano de Vegetação existente.....	66
Peça desenhada 9:	Plano de intervenção.....	68
Peça desenhada 10:	Perspetivas.....	68
Peça desenhada 11:	Cortes	69
Peça desenhada 12:	Plano de Plantação.....	69
Peça desenhada 13:	Plano de Sementeiras de Herbáceas.....	69
Peça desenhada 14:	Plano de Percursos Propostos.....	71
Peça desenhada 15:	Plano de Pavimentos Propostos.....	72
Peça desenhada 16:	Pormenores construtivos de Pavimentos.....	72
Peça desenhada 17:	Plano de Mobiliário proposto.....	74
Peça desenhada 18:	Pormenores mobiliário proposto.....	74
Peça desenhada 19:	Sinalética.....	74
Peça desenhada 20:	Folheto informativo Cividade de Terroso.....	75
Peça desenhada 21:	Localização da Cividade de terroso e outros Sítios arqueológicos.....	77
Peça desenhada 22:	Folheto Rota de Castro Noroeste Peninsular	77

Lista de Tabelas

Tabela 1: Estrutura Metodologia	xvi
Tabela 2 Levantamento do material e conservação dos pavimentos existentes.	64
Tabela 3 Estimativa Orçamental Projeto Proposto	68
Tabela 4: Proposta de requalificação de Pavimentos. Fonte: Autora.....	71

Lista de Anexos

Anexo I – Legislação Nacional sobre Arqueologia e Património	92
Anexo II- Legislação internacional sobre o Património e Arqueologia	92
Anexo III –Caderno de encargos	93
Anexo IV – Inventário rede dos Castros do Noroeste Peninsular	101

Abreviaturas e Símbolos

CMPVZ	Câmara Municipal da Póvoa de Varzim
CMVD	Câmara Municipal de Vila do Conde
DGEMN	Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
FEDER	Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional
ICOM	Conselho Internacional de Museus
ICOMOS	International Council of Monuments and Sites
IPA	Instituto Português de Arqueologia
IPGT	Instrumentos de Planeamento e Gestão Territorial
IPPAR	Instituto Português do Património Arquitetónico
LPM	Lista do Património Mundial
MMPVZ	Museu Municipal da Póvoa de Varzim
PDM	Plano Diretor Municipal
PEOT	Plano Especial de Ordenamento do Território
PMOT	Plano Municipal de Ordenamento do Território
PROT	Plano Regional de Ordenamento do Território
SIG	Sistema de Informação Geográfico
UICN	União Internacional para a Conservação da Natureza
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UNESCO	United Nations of Educational, Scientific and Cultural Organization
WCED	World Commission for the Environment and Development
WHC	World Heritage Convention
WHS	World Heritage Site

a.C. – antes de Cristo

ed. – Edição

Idem – Mesmo autor

Ibidem – Mesma obra

p. – Página

[s.a.] – Sem Ano

[S.A.] – Sem Autor

[S.d.] – Sine data (sem data)

[S.l.] – Sine loco (sem lugar)

[S.n.] – Sine nomine (sem nome)

[S.nº.] – Sem número

[S./vol] – Sem volume

séc. – Século

Vol. – Volume

(...) – Supressão de texto original

Introdução

Este trabalho realizado no âmbito de Dissertação de Mestrado de Arquitetura Paisagista pretende avaliar os sítios arqueológicos, do ponto de vista da Arquitetura Paisagista, proporcionando uma nova abordagem aos conceitos de arqueologia e património em termos de planeamento paisagístico e princípios de *design*.

Nos últimos anos, tem havido um crescente interesse pelo património arqueológico e o valor turístico e paisagístico do mesmo. Como tal foram sendo realizadas propostas de valorização e requalificação de sítios arqueológicos. Arqueólogos e outros investigadores desenvolveram propostas teóricas e práticas, no entanto é curioso constatar que existem poucos estudos e propostas de reabilitação por parte de Arquitetos Paisagistas como noutros horizontes cronológicos.

Os sítios requerem mais do que a proteção e exibição dos vestígios arqueológicos, de facto a valorização destes espaços encontra-se fortemente relacionada com a sua integração na paisagem. A fim de proteger e apresentar os valores do património para as gerações atuais e futuras, é de grande importância desenvolver um projeto paisagístico que consiga conciliar as diferentes componentes do local. Assim sendo, este trabalho pretende criar uma “ponte” entre a Arqueologia e Arquitetura Paisagista, já que é de todo o interesse aproveitar o conhecimento de ambos os ramos para a valorização e proteção de sítios arqueológicos.

Objetivos

Este estudo pretende contribuir para um melhor entendimento e valorização dos sítios arqueológicos, aliando conhecimentos adquiridos em diversos campos, nomeadamente na Arqueologia e na Arquitetura Paisagista.

Relativamente ao Caso de Estudo, a proposta incide sobre a Cividade de Terroso, um espaço já recuperado mas que, como outros, apresenta carências e problemas a nível projectual devido à falta de estudo pormenorizado e adequado. Este projeto serviria de exemplo para uma utilização mais alargada a outros espaços arqueológicos com as mesmas características endógenas, constituindo uma primeira tentativa de implementação de estratégia de desenvolvimento alicerçada no património cultural e histórico articulando se a nível global.

Estrutura

Para a realização dos objetivos definidos, a dissertação foi estruturada em seis capítulos.

No primeiro capítulo da dissertação apresenta-se uma análise do conceito, objetivos da arqueologia destacando noções como a valorização e a proteção.

O segundo capítulo destina-se a uma análise do conceito de Paisagem e da sua aplicabilidade, quer na arquitetura paisagista, quer na Arqueologia.

O terceiro capítulo pretende definir os princípios teóricos do projeto e apresentação de sítios arqueológicos. Apresenta-se uma análise aos diferentes componentes do desenho como a organização espacial, infraestruturas e plantação. Neste mesmo capítulo, são apresentados projetos de requalificação de sítios arqueológicos, apresentando uma breve análise às suas características, nomeadamente a localização, paisagem, bem como os valores históricos e arqueológicos, incluindo a vegetação. Portanto, pretende-se conscientizar das inter-relações das componentes naturais e culturais dos sítios arqueológicos.

O quarto capítulo analisa os instrumentos legais internacionais e nacionais existentes que refletem a salvaguarda do património arqueológico e paisagístico.

O quinto e o sexto capítulo, por sua vez, destinam-se à análise de um Caso de estudo: a Cividade de Terroso. É importante referir que os casos de estudo têm uma longa história nos estudos de arquitetura paisagista. É através deste método que os Arquitetos Paisagista e outros investigadores conseguem explicar e dar a conhecer a sua pesquisa de uma forma mais efetiva.²

De acordo com Mark Francis *"Um Caso de estudo é uma análise bem documentada e sistemática de um processo, em que os resultados servem para informar práticas futuras nas mais diversas áreas como política, arte e/ou educação."*³ Ou seja a importância de um caso de estudo surge do seu potencial para demonstrar informações relevantes sobre situações do dia a dia. Este método acabou por ser utilizado nas últimas décadas por investigadores como Ian McHarg, Kevin Lynch, e Jane Jacob e ainda nos dias de hoje esses casos de estudo são usados como exemplos.⁴ Para a estruturação da Metodologia do estudo do Caso de Estudo recorreu-se à metodologia defendida por Mark Francis em *"A Case Study Method for Landscape Architecture"*, baseada na metodologia desenvolvida por Carl Steintz no livro *"A Framework for Geodesign"*^{5 6}

De modo geral, Carl Steintz apresentou um processo sistemático e metódico, em que um estudo é realizado em seis fases progressivas que exploram os processos de estudo da paisagem e o planeamento do projeto. Mark Francis procurou completar a Metodologia concebida por Car Steintz respondendo a questões mais diretas e práticas sobre o projeto e ao mesmo tempo oferecer conhecimentos para outros estudos.⁷

Como tal, para a realização da estrutura da dissertação seguiu-se várias etapas:

² FRANCIS, Mark, *A case Study method for Landscape Architecture*. Urban Land Institute, 1998, pp. 1 - 12.

³ DEMING, M. Ellen; SWAFFIELD, Simon. *Landscape Architectural Research: Inquiry, Strategy, Design*. Wiley. com, 2011. pp 82-88.

⁴ *Idem, ibidem*, pp. 1 - 12.

⁵ STEINITZ, Carl. *A Framework for Geodesign: Changing Geography by Design*. ESRI Press, 2012

⁶ FRANCIS, Mark, *A case Study method for Landscape Architecture*. Urban Land Institute, 1999. pp 1-16.

⁷ FRANCIS, Mark, *A case Study method for Landscape Architecture*. Urban Land Institute, 1998, pp. 1 - 12.

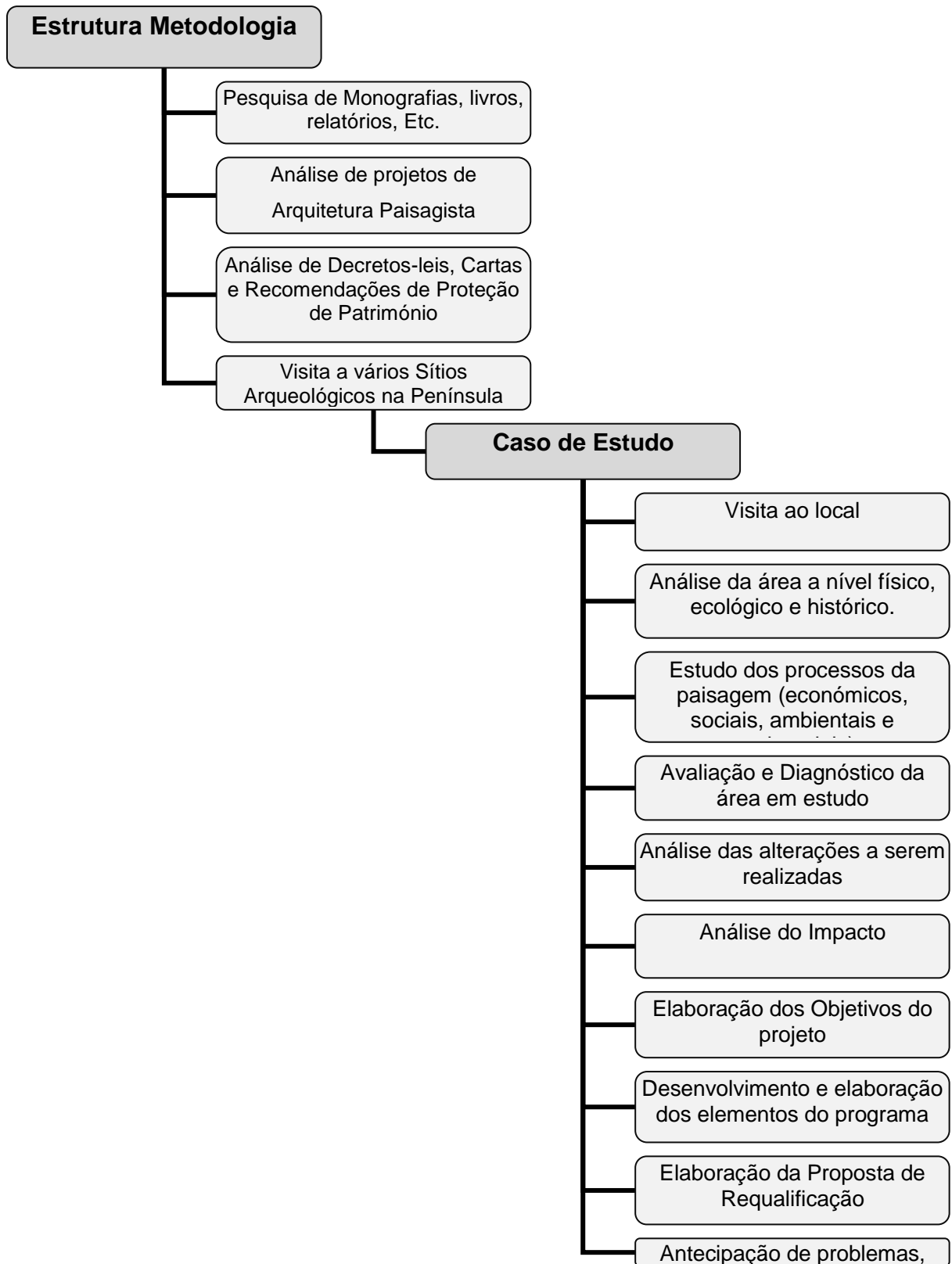


Tabela 1: Estrutura Metodologia. Fonte Autora

Capítulo I - Arqueologia

Ao abordarmos assuntos relacionadas com a recuperação e reabilitação de sítios arqueológicos, torna-se indispensável compreender e analisar os conceitos de arqueologia e de património.

Nos últimos anos a arqueologia tem assumido um papel de destaque, devido à crescente preocupação pela valorização do património. De facto, a investigação arqueológica centrava-se preferencialmente na história e não na valorização e da preservação dos vestígios. Antes as escavações eram realizadas só com objetivos científicos, hoje são realizadas também com o intuito de valorizar e contribuir para o património de um dado local ou região. De certo modo conseguiram ser vistos como elementos potenciadores de desenvolvimento da identidade e memória, quer de ordem social quer de ordem económica.

Neste capítulo pretende-se apresentar uma visão abrangente do estudo da Arqueologia na atualidade e consequentemente a importância da valorização e conservação de sítios arqueológicos.

1.1. Breve história da Arqueologia

O fascínio do ser humano pelo passado sempre existiu na espécie humana. É quase impossível definir o início deste interesse que originou disciplinas focadas no estudo do passado, como a História a Arqueologia. De facto, já na época romana, existiam aristocratas cujo principal passatempo era colecionar achados do passado procurando justificar alguns vestígios monumentais como restos de povos lendários e mitológicos. Posteriormente, durante a idade Média, o descobrimento das ruínas monumentais despertaram nos poderosos aristocratas e membros do clero, um gosto pela descoberta. É a partir do interesse pela escultura encontrada nas ruínas, na beleza de um fresco, na opulência de uma abóbada que surge a curiosidade pelo modo de construir e modo de vida dos antigos romanos. É desta “matriz” que surge o renascimento italiano que viria a estender-se por todo o continente europeu avivando o interesse por outras culturas antigas e pelo achado de vestígios de antigas civilizações.⁸



F. 1 Pintura que retrata os Jardins Boboli e o Palácio Pitti. Fonte: http://www.italyguides.it/us/florence/pitti_palace.htm

⁸ MATOS, Olga *Subsídios para a história da valorização do património arqueológico em Portugal*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada na Universidade de Coimbra, 2002, pp. 13 - 44.

Após o século XVI, todo o bem pensante, rico aristocrata, ou influente clérigo procura conseguir vestígios do passado que nobilitem a sua morada e jardins. Os elementos esteticamente mais relevantes, como esculturas, são colocados fora do seu contexto, elevados a um estatuto de obras de artes, ignorando o seu valor simbólico e religioso. Os Jardins *Boboli* (fig. 1) em Florença foram desenhados com o intuito de exibir o poder e fortuna da Família Médicis e mostrar a impressionável coleção de esculturas entre as quais se destacavam esculturas retiradas do Fórum Romano de Trajano. Posteriormente no século XVIII, complexos de ruínas, nobilitadas pelo estatuto de vestígio do passado, são deslocados para jardins românticos como objetos puramente cénicos. O passado, desta forma é chamado a conviver com o ambiente das opulentas residências.⁹

O interesse pela arqueologia e pela história também teve um impacto no mercado da Arte. Por um lado, um pouco por toda Europa, apareceram pintores que ilustram nas suas obras de temáticas religiosas ou profanas, ruínas e amplas paisagens, de preferência de sabor clássico. Por outro lado o gosto pelo valor cénico fez surgir um próspero mercado de venda de gravuras com ruínas egípcias, gregas e romanas. Pode destacar – se Piranesi, ativo em meados do século XVIII, que representou até à exaustão os aspetos mais marcantes e estéticos nas ruínas de Roma e de outras cidades italianas.¹⁰

Relativamente a Portugal, o interesse pelo passado conseguiu uma boa receção e logo nos inícios do século XVI, Garcia de Resende procurou incansavelmente inscrições, esculturas e outros vestígios do passado que pudessem nobilitar e engrandecer a sua Évora natal. Curiosamente, quando não encontrava o que pretendia não hesitava em falsificar habilmente o “vestígio” que lhe faltava. Como por exemplo foram forjadas inscrições romanas que visavam provar a passagem de tropas de Viriato pela paisagem eborense. Nesta mesma época a ligação com o passado prendia-se mais com ser o triunfo da religião cristã em terras lusitanas e menos com o valor estético e simbólico dos vestígios, tendo vários investigadores como André de Resende investigado e analisado a difusão do cristianismo e as relações do moderno Portugal com os vestígios da antiga Lusitânia.¹¹

Os séculos XVII e XVIII continuaram as mesmas “Filosofias” e práticas relativamente aos estudos de história e arqueologia. As grandes coleções de arte continuaram a aumentar e os estudos históricos da fé cristã progrediram.¹²

D. João V, em meados do século XVIII, é apresentado o Decreto Real, no dia 14 de agosto de 1721 que declarava a necessidade de conservar, valorizar e recuperar monumentos e vestígios antigos de modo a valorar a história Portuguesa. Através deste decreto foi fundada a Academia de História Portuguesa que apesar de não ter sido muito eficaz, demonstrou o interesse pelo estado da conservação e interpretação de vestígios históricos.¹³

A Academia de História, responsabilizada pela inventariação e conservação de monumentos não viria a demonstrar muito interesse ou entendimento pela Antiguidade. Nesta mesma altura, a Academia Real da História, remeteu para os párocos das freguesias, uma série de perguntas relativas

⁹ FABIÃO, Carlos. *Para a história da arqueologia em Portugal. Penélope Fazer e desfazer história.*,2, 1989, Pp. 10-26.

¹⁰ FABIÃO, Carlos. “*Ler as cidades antigas: Arqueologia Urbana em Lisboa. “Penélope-Ler e Desfazer a História* 13, 1994: pp 147-162.

¹¹ *Idem, ibidem* pp. 147-162.

¹² *Idem, ibidem* pp. 147-162.

¹³ *Idem, ibidem* pp. 147-162.

ao património cultural do local. Estes questionários constituíram excelentes fontes de história local, -de facto Martinho de Mendonça e Pina viria a referir, relativamente aos monumentos megalíticos portugueses « (...) *aqueles antiquíssimos, e rudes Altares, que se achão em varias partes de Portugal, e que vulgarmente se chamão Antas, que por servirem segundo a tradição, e as nossas conjeturas, o uso sacro (...) as nossas Antas forão dedicadas pelos primeiros Povoadores da Lusitania, ao verdadeiro Deos, que adorou Israel e venerão os Christões.*» Denota-se que aquando interpretação das estruturas megalíticas, o investigador, apenas se baseou nas semelhanças com os altares religiosos e nos conhecimentos populares.¹⁴

Com a descoberta de vestígios de estruturas romanas, aquando as escavações em Pompeia em 1748 e o terramoto de 1 de novembro de 1755 desapontou um novo interesse pela arqueologia. Arqueólogos e investigadores ficaram fascinados com a descoberta de um passado de pessoas comuns e não um passado de heróis lendários e deuses. As esculturas de semideuses e ninfas já não pareciam ter o mesmo impacto, agora o modo como as pessoas viviam o seu dia a dia adquiria uma maior importância.¹⁵

Com a fundação e criação da Sociedade Archeologica Lusitana em 1850 e a reestruturação da Comissão Geológica do Reino em 1857 e as primeiras escavações arqueológicas do país em Troia, Setúbal pode-se afirmar o nascimento da Arqueologia Portuguesa. De facto, a partir desta época de acordo Carlos Fabião, mais ninguém se inquietava com a procura de provas do cristianismo em Portugal. A Arqueologia e História passam a assumir um papel mais científico e não religioso.¹⁶

Com base na breve história da Arqueologia é possível constatar que o investigador apresenta uma imagem principalmente contemplativa.

Num artigo publicado na Revista *Panorama* de 1844 pode ler-se: «(...) *a archeologia, ou a sciencia das antiguidades, esta primeira idade da historia d'um povo, ou antes a base da sua historia é cousa tão pouco seguida, e estudada entre nós que até quasi se desconsidera, e olha com uma especie de desprezo.*».¹⁷

O investigador não pretende instruir-se, apenas deseja examinar, descrever e expor os achados. Mesmo com a apresentação do Decreto real e fundação da Real Academia de Historia denotou-se a existência de um crescente interesse pela proteção, descrição e valorização dos vestígios, mas não pelo verdadeiro estudo e entendimento dos mesmos. Houve de facto uma evolução da qualidade descritiva dos vestígios e destacando o interesse pela preocupação visual e estética.¹⁸

Com a realização de escavações arqueológicas em Lisboa, Troia e Conímbriga, a criação da Comissão dos Monumentos Nacionais em 1882, a análise interpretativa é substituída por uma análise científica, mais cuidada e rigorosa resultando numa diminuição de falsos testemunhos e de análises dúbias. Nesta tendência surge uma verdadeira consciencialização da importância do património

¹⁴ *Collecção de Documentos e Memórias da Academia Real de Historia Portugueza...*, 13, Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1733, xvi, pp. 1–22.

¹⁵ FABIÃO, C. *Para a história da arqueologia em Portugal. Penélope Fazer e desfazer história.*, 2, 1988, p.p. 10-26.

¹⁶ Idem, *ibidem* pp. 10-26.

¹⁷ ANÓNIMO - Évora. *O Panorama, Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*. Lisboa. 1844 Vol. III, 2ª Série, nº 157, pp. 407-408

¹⁸ FABIÃO, C. *Para a história da arqueologia em Portugal. Penélope Fazer e desfazer história.*, 2, 1988, pp. 10-26.

¹⁸ Idem, *ibidem* pp. 10-26.

cultural que tem vindo a perdurar. Enquanto o interesse pelo Pré-histórico só tenha surgido muito recentemente devido aos estudos geológicos e teorias evolucionistas do século XIX, os períodos proto-histórico e clássico surgiram devido à tradição humanística em consonância com áreas de investigação como a filosofia e história. De facto a arqueologia passa a ser vista como um campo interdisciplinar que visa reconstituir as vivências do passado, os seus enquadramentos espaciais, cronológicos e culturais, a partir dos registos analisados. Considerada multifacetada a arqueologia não se concentra apenas num âmbito cronológico, pelo contrário, tem vindo a analisar e estudar cada vez mais espaços cronológicos (apesar de os principais campos tradicionais serem o Pré-Histórico, o Proto-Histórico e o Clássico).¹⁹

1.2. O papel da Arqueologia na atualidade

Presentemente, a nível local e regional, os arqueólogos não se ocupam apenas com a investigação científica. Apesar de esta ser a sua tarefa fundamental, adquiriram novas competências e funções associadas à proteção e à conservação do Património. De facto a partir dos anos 90, as autarquias, conscientes da sistemática destruição e descaracterização os territórios passaram a requisitar arqueólogos integrando-os nos Departamentos de Cultura e de Obras Municipais. Graças a um conhecimento transversal sobre diversas áreas do saber, os arqueólogos passaram a ser “peças vitais” na elaboração de instrumentos gestão de e salvaguarda do património assim como na elaboração planos de ordenamento do território promovendo a proteção dos bens históricos e arqueológicos.²⁰

O investimento público e privado referente à valorização do património como a musealização e proteção de edifícios históricos acabou por criar impactos positivos na economia, diretamente (através da criação de novos empregos) e indiretamente (através do desenvolvimento do turismo e comércio), para além de consolidar a identidade e contribuir para a qualificação da memória de um dado local. O investimento em património constitui uma solução sustentável de sucesso garantido para fazer face à recessão económica.²¹ De acordo com a Declaração de Viena “*Sabe-se que o investimento no restauro, ou na recuperação de edifícios e sítios históricos, gera postos de trabalho, relançando a economia, ao contrário da construção de novos edifícios; que o património se encontra no seio das comunidades, estimulando a coesão social, bem como o sentido de identidade e de pertença a um lugar.*”²²

Por um lado sempre que um edifício histórico classificado ou em vias de classificação é objeto de um projeto de alteração ou intervenção deve seguir os parâmetros e limitações definidos pela Autarquia, Arqueólogos e Direção Geral do Património Cultural de modo a identidade do mesmo não ser deturpada. Por outro lado sempre que existe um projeto arquitetónico ou paisagístico em zona ou

¹⁹99 FABÍÃO, Carlos, “ Património arqueológico em Portugal: Gestão de uma memória incómoda”, História, Ano XVII, Nova série, nº 11-12, Agosto-Setembro, 1994, pp 76-91;

²⁰ FABÍÃO, C. Para a história da arqueologia em Portugal. Penélope Fazer e desfazer história.,2, 1989. pp. 10-26.

²¹ ALARCÃO J Introdução ao estudo da história e património local. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra.1987. pp. 44

²² Declaração de Viena. [Consultado em: outubro de 2013.]. Disponível em WWW. <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/DECLARACAODEVIENA.pdf>

imóvel classificado os arqueólogos são chamados a analisar o local, e caso sejam encontrados vestígios arqueológicos, estes são convocados a realizar uma prospeção e/ou escavação de forma a preservar os mesmos.²³

Pode dar-se um exemplo bastante recente em Lisboa, mais propriamente em plena Avenida 24 de julho com a construção do edifício sede da EDP. Aquando a realização das fundações, como



F. 2 Fotografia da Grande Mesquita Aleppo, Síria. Fonte: Martin Fletcher

já era antecipado, foram encontrados restos de navios (provavelmente do século XVII). Os arqueólogos realizaram escavações, que de acordo com o Decreto-Lei n.º 270/99 de 15 de julho, foram financiadas pela própria entidade construtora, que no entanto, demoraram meses que resultaram em atrasos na edificação. Apesar do incómodo causado às entidades construtoras, graças a esses achados, conseguiu-se comprovar que a zona ribeirinha entre o Campo das Cebolas e Alcântara teria sido uma zona destinada a atividades portuárias, como gravuras antigas e deposições escritas afirmavam. A entidade promotora da obra conseguiu igualmente obter um capital publicitário junto da opinião pública pelo facto de se ter preocupado com o estudo, preservação e divulgação de um património até aí oculto.²⁴

A nível internacional, como será pormenorizado no capítulo IV, os arqueólogos responsabilizaram-se pela proteção de sítios arqueológicos tentando evitar a sua destruição. É possível dar um exemplo bastante recente, associações como o ICOM e museus como *The Metropolitan Museum of Art* têm vindo a desenvolver ações e colóquios com o objetivo de proteger os sítios arqueológicos na Síria. Com os crescentes relatos de danos generalizados e saques em vários sítios arqueológicos, arqueólogos e investigadores do ICOM tentaram sensibilizar ambos os lados da crise na conservação do património da região. Para além disso criaram um guia detalhado a ser utilizado por museus, casas de leilão, negociantes de arte e funcionários aduaneiros para a identificação de elementos arqueológicos roubados ou saqueados pela guerra na Síria (fig2).²⁵

²³ COSTA C, LOPES G *Proposta de um instrumento de gestão do património arqueológico de Torres Novas*. Nova Augusta. 2009 pp.247-270.

²⁴ HENRIQUES, Ana " *Serão caravelas? Galeões? Há velhos navios enterrados sob a Av. 24 de julho*". Público, 7 de outubro. 2012 Página consultada a 12 de setembro de 2013, Disponível em WWW./ <<http://www.publico.pt/local/noticia/serao-caravelas-galeoes-ha-velhos-navios-enterrados-sob-a-av24-de-julho1566213>>.

²⁵ BABB, Carl, "As War Rages in Syria, Efforts are Made to Save Culture". 25 de setembro de 2013. Página consultada a novembro de 2013 Disponível em WWW. <http://www.voanews.com/content/war-rages-in-syria-efforts-to-save-culture/1757375.html>

1.3. Sítios arqueológicos - Classificação, Conservação e Valorização

Como já foi referido, nos últimos anos verificou-se a um aumento do interesse pelo património arqueológico. De acordo Francisco Lemos *“os monumentos, sítios e solos arqueológicos abandonam o estatuto equívoco de ruínas estáticas e silenciosas, tendendo a ser considerados como memórias complexas ...são de facto uma prodigiosa reserva científica, que é indispensável preservar, um recurso único, obviamente não renovável.”*²⁶

A maioria dos arqueólogos concorda, que o conceito de "sítio arqueológico" é um dos conceitos fundamentais da área de arqueologia. No entanto, é bastante complicado encontrar uma definição simples e significativa que responda à questão “o que é um sítio arqueológico?”²⁷

Ao longo dos tempos os Arqueólogos sempre reconheceram o local como um dos principais elementos para a pesquisa de culturas passadas. De acordo Hester e Heizer *“um sítio arqueológico é geralmente o local da atividade humana do passado. Pode ser marcada pelos restos escassos de um breve acampamento, ou pelos abundantes restos de uma aldeia antiga. Se um sítio mostra evidências de ocupação ou uso repetido, pode ser distinguido vários níveis ou períodos de utilização.”*²⁸

Ou seja cada sítio arqueológico é uma “cápsula do tempo única”. Cada um possui sua própria identidade, particularidades e problemas, acabando por representar um conjunto de dados relevantes para a sua definição e padronização cultural.²⁹

Todos os sítios arqueológicos têm alguma forma de expressão física, seja através da presença de artefactos ou outros títulos de modificação do mundo natural através de agentes humanos. De facto, o registo nacional geralmente não lista sítios arqueológicos que foram totalmente escavados, ou seja, quando não há restos físicas do local sobreviver, devido à perda de integridade.³⁰

Os sítios arqueológicos, devido às suas características, elementos e localização são vítimas de constantes processos de degradação. Após a realização de escavações arqueológicas, os sítios que anteriormente estavam protegidos pelos sedimentos passam a ficar sujeitos a vários tipos de agressores como agentes naturais e/ou antrópicos que danificam os sítios arqueológicos de uma forma progressiva.³¹

Relativamente a agentes naturais podemos encontrar elementos como o vento (que move-se como agente abrasivo e de desgaste), a radiação solar e as variações térmicas (provocam a dissolução dos materiais), chuva, poluição atmosférica e infiltrações de água. É de referir que a degradação por parte de agentes climáticos pode ser influenciada pela localização do sítio: se o sítio estiver situado num vale estará mais sujeito à ação de fatores climáticos como a chuva e

²⁶ LEMOS, Francisco Sande - Ordenamento do Território e Arqueologia. Crónicas da Arqueologia e Património cultural, Al-madan. Almada. 2002. ISSN 0871066X, 2^a Série, 12, pp. 109-114.

²⁷ COSTA C, LOPES G Proposta de um instrumento de gestão do património arqueológico de Torres Novas. Nova Augusta. 2009 Pp.247-270.

²⁸ LEMOS, Francisco Sande - Ordenamento do Território e Arqueologia. Crónicas da Arqueologia e Património cultural, Al-madan. Almada. 2002. ISSN 0871066X, 2^a Série, 12, pp. 109-114.

²⁹ Idem, *ibidem*, pp. 109-114.

³⁰ Idem, *ibidem*, pp. 109-114.

³¹ Idem, *ibidem* pp. 109-114.

infiltração, enquanto se o sítio se encontrar no topo de uma colina será mais afetado por elementos como a radiação solar e variações climáticas.³²

Podemos encontrar outros tipos de agentes externos de deterioração como a ação bacteriana, líquenes e musgos. Podendo não ser considerados perigosos, devido à sua escala menor e pelo facto de os danos serem mais patentes a nível mecânico e químico, tem vindo a causar danos na conservação e consolidação de estruturas.³³

No entanto, o homem acaba por ser o agente deteriorador mais agressivo, destruindo património arqueológico por negligência ou por má-fé. Os interesses económicos, sociais ou simplesmente o total desconhecimento sobre o património levou ao desaparecimento de importantes vestígios arqueológicos. Em zonas rurais, a florestação e agricultura intensiva, de eucaliptos, sobreiros (dependendo da localização geográfica e os interesses socio económicos) destruíram ou danificaram estruturas arqueológicas de vários horizontes cronológicos. Enquanto em zonas urbanas, a destruição, em muitos casos não é accidental, sendo mesmo voluntária. Um exemplo emblemático, ocorreu em Braga, nos anos 70, quando parte da cidade Romana de Bracara Augusta foi destruída para ser construído um edifício residencial. Mais recentemente, na mesma localidade, aquando a construção de um Estádio de Futebol destinado ao Euro 2004 e projetado por Souto Moura, um povoado proto-histórico (classificado como Monumento Nacional) foi completamente destruído. A justificação dada pela Camara Municipal de Braga sobre este dado assunto, foi de que o povoado não apresentava vestígios e estruturas relevantes como outros locais da região, considerando que a construção do estádio seria visto como uma obra emblemática da cidade.³⁴ O então vice-presidente, viria a afirmar em entrevista que *“Nós temos, por um lado, que preservar o património mas, por outro, temos o direito e o dever de criar património. E esta é outra vertente”*.³⁵

No entanto, a destruição accidental ou voluntária de património arqueológico deixa de ser culturalmente aceite ou permitida (como veremos no Capítulo IV, existe legislação e convenções que defendem e gerem os valores arqueológicos).³⁶

Os Sítios arqueológicos tornaram – se “imãs” devido ao crescente interesse pelo público e, consequentemente, o turismo de massa. A apreciação do valor turístico e cultural dos sítios arqueológicos deve ser analisada pelos valores e qualidades turística do local. Segundo Lícínio Cunha *“São as características e a importância dos recursos turísticos que definem a maior ou menor potencialidade dos destinos turísticos pelo que a sua identificação é uma das tarefas essenciais no processo de desenvolvimento turístico (...) Sendo os recursos e os destinos que atraem os visitantes, é a avaliação da capacidade que cada um deles possui para garantir o desenvolvimento de atividades turísticas que determina o potencial turístico.”*³⁷

³² MATOS, Olga Maria Pinto de - *Subsídios para a história da valorização do património arqueológico em Portugal*. Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, 2002. pp. 13 - 44.

³³ *Idem*, *ibidem* pp. 13 - 44.

³⁴ AA.VV. *Revista Património Estudos Nº 3 - Ciências e Técnicas Aplicadas ao Património.*, 2002. pp. 13 - 82.

³⁵ Sousa, Vitor.nuno_alpoim_estadio_braga. Consultado dia 3 de novembro de 2013 Disponível em WWW. [Http://www.youtube.com/watch?v=zn1UErfzDKE](http://www.youtube.com/watch?v=zn1UErfzDKE)

³⁶ *Idem*, *ibidem* pp. 13 - 82.

³⁷ Cunha, Lícínio. *Avaliação do Potencial Turístico*. COGITUR, 1.2008. pp. 26-28

Portanto, existe uma busca pela conservação e valorização dos sítios (para além da necessidade do planeamento de serviços e facilidades para suportar o crescimento regional ou local, bem como para reduzir os danos e impactos da exploração).³⁸

O conhecimento e a valorização de sítios arqueológicos preveem uma especial atenção ao património inatingível, que é possivelmente aquele sobre o qual dispomos de menor informação. A reinterpretação e a análise dos sítios arqueológicos cruzam recolhas etnográficas e arqueológicas, saberes locais e as demais informações disponibilizadas. De tal modo é compreensível a inevitabilidade de processos interpretativos e intensos cuidados de apresentação de um sítio arqueológico legitimando um projeto de valorização. Para tal é preciso ter uma visão global e integrada. Como tal, a gestão de sítios arqueológicos tem como componentes fundamentais: conhecer, proteger e divulgar.³⁹

Considera-se no entanto que devem ser selecionados os sítios arqueológicos a serem valorizados segundo Parreira *“temos um país prelado de sítios arqueológicos, mas não temos meio para intervir em todos. Há, pois, que fazer escolhas, sendo preferível ter uma perspetiva de intervenção continuada a uma mera obra de fachada, deixando o sítio ao abandono.”*⁴⁰

Para divulgar o património, segundo Manuel Lacerda *“é necessário preparar o monumento ou sítio arqueológico para que possa ser compreendido pelas pessoas; para que este contacto com a realidade material destes sítios se torne numa experiência aliciante e inesquecível ...”* de facto, o visitante de um espaço arqueológico, ao encarar um cenário de estruturas em ruínas, pavimentos danificados, acaba por ser transportado numa viagem no tempo, em que tenta recriar todo ambiente urbanístico, social e arquitetónico da época. A interpretação acaba por despertar a curiosidade das pessoas pela história e características do espaço conferindo um sentido utilitário confirmado em plena visita.⁴¹

A valorização do património incorpora um conjunto diferenciado de ações e métodos integrados no estudo e investigação de salvaguarda e divulgação revelando uma interdependência total num processo de valorização confirmado no âmbito das ações empreendidas entre o homem e o território.⁴²

O reconhecimento do valor histórico, cultural e científico de sítios arqueológicos em conjunto com a perceção do seu elevado potencial de valorização e conservação levam ao desenvolvimento de projetos de estudo, conservação, valorização e divulgação do património, com o objetivo de garantir a sua conservação e de tornar os espaços acessíveis ao público.⁴³ Para tal é necessário proceder a ações de valorização fomentadas pela investigação e a consolidação dos sítios arqueológicos. Após

³⁸ MATOS, Olga Maria Pinto de - *Subsídios para a história da valorização do património arqueológico em Portugal*. Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, 2002. pp. 13 - 44.

³⁹ AA.VV. *Revista Património Estudos Nº 3 - Ciências e Técnicas Aplicadas ao Património.*, 2002. pp. 13 - 82.

⁴⁰ IPARREIRA, R. citado por MARECO, Patrícia, *Sítios Arqueológicos em Portugal - Alentejo e Algarve*. Tese de Mestrado, Universidade do Minho, 2007. pp 195.

⁴¹ AA.VV. *Revista Património Estudos Nº 3 - Ciências e Técnicas Aplicadas ao Património.*, 2002. pp. 13 - 82.

⁴² MATOS, Olga Maria Pinto de - *Subsídios para a história da valorização do património arqueológico em Portugal*. Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, 2002. Pp. 13 - 44.

⁴³ *Idem, ibidem*, pp 35.

a definição dos critérios de legibilidade de sítios arqueológicos, é necessário estabelecer as etapas do processo de valorização:⁴⁴



F. 3 Etapas de valorização de sítios Arqueológicos de acordo com Olga Matos.

a) Escavação – Nesta fase o arqueólogo realiza as escavações no local. Representada esquematicamente na Figura 4.

b) Estudo do local – Nesta fase todos os vestígios descobertos num espaço arqueológicos são analisados e estudados de forma a adquirir novos conhecimentos específicos sobre a sua ocupação (urbanismo, quotidiano, etc.). Todo o espólio é limpo, inventariado, etiquetado e fotografado. Todas as peças delicadas ou outras de maior valor arqueológico (moedas, peças cerâmicas, adereços e objetos de adorno, instrumentos líticos...) são ainda alvo de tratamentos de limpeza e estabilização adequados à sua conservação.⁴⁵

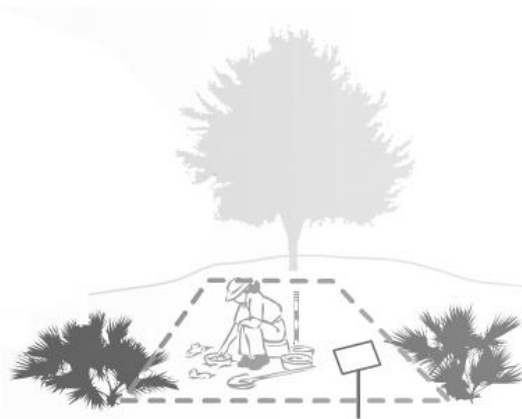
c) Processos de classificação e protecção – Nesta fase, os arqueólogos procuram que os sítios arqueológicos sejam classificados e alvos de protecção.

⁴⁴ *Idem, ibidem*, pp 38.

⁴⁵ *Idem, ibidem*, pp. 34.

d) Limpeza e Conservação *In Situ* – Os sítios arqueológicos são alvo de desmatamentos regulares, com o objetivo de remover as plantas autóctones e infestantes que possam danificar as estruturas ou pôr em causa a qualidade cénica do espaço. Podem igualmente ser realizados trabalhos de limpeza das estruturas, recorrendo ao uso de escovas de *nylon*, espátulas e colherins, de forma a remover os elementos que se encontrem dispersos e degradados, como pedras, ou ligantes empobrecidos.⁴⁶

e) Políticas de intervenção e interpretação - As estruturas arqueológicas demonstram uma extrema necessidade de interpretação e representação, apresentando narrativas e saberes, desconhecidos do público, já que estas representações estão, apesar da distância no tempo, se encontram próximas do quadro referencial do visitante comum. Nesta fase é realizado um trabalho de pesquisa científica a longo prazo, que proporcione uma melhor compreensão e análise do sítio arqueológico, com o objetivo de enriquecer a sua exposição e consequente utilização pública através de construção de infraestruturas de acolhimento ao público.⁴⁷



F. 4 Representação esquemática de escavação arqueológica. Fonte: Wes Ryan, Woemsloe, Reenvisioning a Cultural Landscape. 2012.

Gestão e manutenção – Esta fase ocupa um lugar de destaque na discussão e análise por parte dos arqueólogos dos sítios arqueológicos. Os arqueólogos devem evitar o “turismo de massas” devido aos perigos para a conservação e manutenção dos sítios e possuir uma consciencialização do pessoal

especializado, equipas de manutenção e segurança, de forma a facilitar a gestão e manutenção do sítio e conseguir a satisfação do público.⁴⁸ A este respeito deve ser realizado um estudo da capacidade de “carga” ou acolhimento de um sítio arqueológico. Deve-se entender que a fruição de um sítio arqueológico pode, e deve ser, uma experiência intimista onde o deambular do visitante pelos percursos assinalados é grandemente enriquecedora. Turbas de turistas ou visitas escolares anárquicas podem tornar essa experiência muito negativa.

f) Divulgação e técnicas de comunicação – A divulgação e promoção dos sítios arqueológicos têm vindo a tomar um amplo espaço de análise por arqueólogos, investigadores e gestores. Os projetos de intervenção e valorização dos sítios resultaram numa necessidade de promoção dos mesmos de modo a estes serem pontos atrativos para o turismo e de certo modo justificar os gastos na conservação e valorização dos locais. Durante muitos anos recorreu – se a meios tradicionais de divulgação e promoção como por exemplo *Merchandising*, publicidade, publicações, etc., no entanto tem – se divulgado a necessidade de utilizar as novas tecnologias como páginas de internet e páginas em sites sociais. A Internet tem vindo a formar-se como um meio de pesquisa fundamental com crescente utilização. No local, o fracasso da rentabilização de um sítio arqueológico pode facilmente resultarem de uma deficiente política de divulgação. O público, como já foi referido, não

⁴⁶ *Idem, ibidem*, pp. 35.

⁴⁷ *Idem, ibidem*, pp. 34.

⁴⁸ *Idem, ibidem*, pp. 34.

conhece a história e utilidades, representados pelas estruturas arqueológicas antigas, e por isso, as explicações técnicas, visuais e específicas necessitam de ser apresentados de acordo uma linguagem simples, clara e direta que deve facilitar a leitura dos espaços e arquiteturas, de forma a fornecer informações sobre as estruturas e história, separando, fortuitamente, as informações técnicas e rigorosas. Justificando o sucesso do lançamento de folhetos exclusivos para público juvenil.⁴⁹

g) Condições de acolhimento e meios logísticos Apesar de um sítio arqueológico não necessitar necessariamente de especiais condições e acolhimento ou logística, se o sítio tiver uma pequena dimensão estiver cuidado, protegido e vigiado, pode cumprir a sua função educativa sem grandes recursos complementares atendendo a que os fluxos de visitantes não sejam avassaladores. A partir do momento que temos um sítio de maior dimensão ou que os seus vestígios, história ou até o “furo” jornalístico tornam apetecível um local há que o dotar de meios para absorver os fluxos daí resultantes. As necessidades variam necessariamente de caso para caso atendendo ao público-alvo sejam eles estudantes dos vários graus de ensino, visitantes ocasionais, turistas, curiosos, ou investigadores. As infraestruturas deverão obedecer ao perfil desses visitantes, caso o público-alvo, sejam escolas, o sítio deve ser dotado de espaços cobertos, mesas para merenda, caixotes de lixo e instalações sanitárias. Caso o público-alvo sejam Turistas, nos espaços devem existir loja de recuerdos, instalações sanitárias funcionais, material de apoio multilíngue, etc.

h) Políticas de intervenção e interpretação – A construção e desenvolvimento de centros interpretativos reúnem as características de centros explicativos com o objetivo de oferecer uma interpretação e uma apresentação do espaço aos visitantes, possibilitando a regulação de fluxos de visita, ao mesmo tempo que possibilita a existência de gabinetes de trabalho, de centro de documentação e de reservas. No caso de investigadores poderão ser ainda necessários espaços de acolhimento e recursos técnicos como estúdio fotográfico, biblioteca especializada, base de dados para consulta em computadores, microscopia etc.⁵⁰

⁴⁹ *Idem, ibidem*, pp, 34.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, pp, 34.

Capítulo II – Paisagem em sítios Arqueológicos

O estudo da Paisagem na Arqueologia possui múltiplos conceitos de acordo com a postura do investigador que determinará a metodologia para a realização da pesquisa proposta.

Relativamente ao estudo da Paisagem na arqueologia, esta sempre teve consciência da importância da mesma. De tal modo que foram sendo realizados estudos ecológicos e arqueológicos relativamente à exploração e aproveitamento das paisagens do passado. Afinal as Paisagens compreendem dois tipos de recursos em termos de desenvolvimento social e valores concretos associados a uma abordagem holística, ou seja, recursos naturais e recursos culturais.

2.1. O conceito Paisagem na Arqueologia

O conceito *Paisagem* é um conceito bastante abrangente destacando-se pela sua complexidade e interdisciplinaridade. Nos últimos anos, o conceito foi amplamente estudado e analisado em publicações das mais diversas áreas, nomeadamente nos estudos da arqueologia no panorama internacional. De facto, o conceito Paisagem - aplicado à arqueologia, principalmente na preservação e requalificação do património, tem vindo a ganhar uma maior importância, devido à multidisciplinaridade do conceito, que concilia conhecimentos dos campos da História, Arqueologia e Paisagem. De facto, o conceito Paisagem é um conceito muito complexo e dinâmico utilizado em várias áreas resultando num grande número de definições.⁵¹

De modo geral, o conceito paisagem surge do latim “*pagus*” que significa campo ou região cultivada. A partir deste étimo surgem palavras semelhantes nas mais diversas línguas: com origem latina: por exemplo em francês *paysage*, em castelhano *Paisaje* e em italiano *Paesaggio*. Por outro lado, nas línguas de origem germânica o conceito Paisagem provém da palavra holandesa *landschap* resultando *Landscape* e *landschaft*, respetivamente em inglês e alemão.⁵²



F. 5 Paisagem de inverno. Círculo de Hendrick Avercamp (1610-1679). Fonte: Museu Municipal de Évora

Apesar de não haver certezas, o conceito terá sido primitivamente utilizado, pelos pintores holandeses, nos finais do século XVI, quando estes começaram a utilizar a Paisagem nas suas obras. No século XVIII, o termo passaria a ser utilizado para identificar uma determinada área geográfica, e até os finais do século XIX e inícios do século XX, a paisagem estava intimamente ligado a um

⁵¹ *Idem, ibidem*, pp 13-38

⁵² AMARAL, Ilídio. *Acerca de "Paisagem": Apontamentos para um debate. Finisterra: Revista portuguesa de geografia*, 2001, pp. 36.72: 75-81.

cenário que necessitava de um observador. Posteriormente, com os desenvolvimentos dos estudos sobre a Natureza, ocorre uma separação entre o estudo de ciências naturais e as ciências do espírito levando a uma separação entre "o lado objetivo e material (...) e o lado subjetivo e espiritual".⁵³

É possível perceber que o conceito está sujeito a uma variação permanente, em constante mutação sendo empregue a diferentes usos e com distintos significados. Porém, não deixa de ser algo transversal às diferentes componentes, nomeadamente a componente humana, que era relacionado como o principal fator determinante para a existência da paisagem.⁵⁴

De facto, o conceito Paisagem tem evoluído, apresentando definições conforme as áreas de estudo. Por exemplo Ribeiro Teles citado por Curado considera que a *"paisagem não poderá ser apenas o espaço que a vista humana alcança, terá também que englobar todos aqueles espaços em que existe estreita dependência entre os seus constituintes. A paisagem terá que ser considerada como um todo orgânico e biológico em que elemento é interdependente, influenciando e sofrendo da presença de outros elementos"*⁵⁵. Enquanto para John Linehan *"as paisagens são simultaneamente fenómenos sócio espaciais ecológicos, culturais, económicos, políticos, poéticos, ideológicos e simbólicos. Não são só materiais crus mas sim práticas sociais. São simultaneamente públicas e pessoais. É uma experiência multimodal: nós vemos, ouvimos, experimentamos e tocamos ao mesmo tempo. É também uma experiência seletiva (...) é um conceito ecológico-humano. (...) Assim não devemos admitir que simplesmente vivemos numa paisagem, mas sim que somos no essencial uma parte funcional das paisagens."*⁵⁶

É necessário analisar o conceito paisagem de acordo os principais documentos de referência internacional, tais como: a Conferência para a Proteção do Património Cultural e Natural Mundial e a Convenção Europeia da Paisagem.⁵⁷

Relativamente à Convenção para a Proteção do Património Cultural, esta suportou diversas alterações relativamente à alteração do conceito. Até 1992 as paisagens eram entendidas como "sítios", no entanto, foram redefinidas as normas de forma a incluir a categoria de paisagem cultural, sendo percebidas como obras que ilustravam a evolução do Homem. A Convenção para a Proteção do Património Cultural e Natural Mundial tornou -se o primeiro instrumento internacional legal, concebido para reconhecer, defender, conservar as "paisagens culturais" com valor universal atípico.⁵⁸

Por outro lado a Convenção Europeia da Paisagem, apenas surgiu em 1994, sendo adotada em 2000. Presentemente não se encontra em vigor, devido ao número diminuto de países a ratificá-la. A

⁵³ *Idem, ibidem*, pp. 38-67

⁵⁴ BONESIO e M. Schmidt di Friedberg (a cura), *L'anima del paesaggio tra estetica e geografia*. Milano, Mimesis, 1999.

⁵⁵ CURADO, M.. O planeamento e a gestão das Paisagens Culturais - Alto Douro Vinhateiro: contributos e aplicações - Dissertação de Doutoramento, Universidade de Aveiro - Departamento de Ambiente e Ordenamento. 2003. pp. 45

⁵⁶ LINEHAN, John; GROSS, Meir; FINN, John. Greenway planning: developing a landscape ecological network approach. *Landscape and urban Planning*, 1995, 33.1: pp 179-193.

⁵⁷ BONESIO e M. Schmidt di Friedberg (a cura), *L'anima del paesaggio tra estetica e geografia*. Milano, Mimesis, 1999.

⁵⁸ MARTINS, N., & Costa, C. Património, paisagens culturais, turismo, lazer e desenvolvimento sustentável. *Parques temáticos vs. Parques patrimoniais*. Exedra: Revista Científica, (4), 2010, pp. 51-76.

paisagem encontra-se definida como “*uma área, cujo caráter é o resultado de uma ação e interação dos fatores naturais e/ou humanos*”⁵⁹

Mais recentemente Cancela de Abreu afirma que “*a paisagem é um sistema dinâmico, onde os diferentes fatores naturais e culturais interagem e evoluem em conjunto, determinando e sendo determinados pela estrutura global, o que resulta numa configuração particular nomeadamente de relevo, coberto vegetal, uso do solo e povoamento, que lhe confere uma certa unidade e à qual corresponde um determinado caráter.*”⁶⁰

O conceito de Paisagem acaba por ser analisado das mais variadas formas e com as mais diferentes perspetivas. A complexidade do conceito é analisada a partir de diferentes pontos de vista de acordo a ciência que a analisa.⁶¹

A arqueologia não foge a este paradigma. O conceito de paisagem tem no entanto uma diferente abordagem do ponto de vista da arqueologia. Aí a sua análise pode dar pistas sobre o aproveitamento do meio do passado, sobre os limites de territórios e zonas de influência de um povoado, zonas de abastecimento de matérias-primas, áreas de recolha de lenhas e madeiras, zonas de caça ou pastagem. Na arqueologia a análise da paisagem permite a definição de limites de propriedades antigas (como as centuriacões de época romana) os marcos da definição de territórios medievais, (curiosamente usando muitas vezes menires, mamoa e antas de épocas remotas) e os sinais de antigas povoações abandonadas no passado medieval fruto dos surtos pestíferos do século XIV (como parece ter ocorrido na periferia Nordeste da Cidade com uma hipotética povoação com o nome de Murgatães).⁶²

Ou seja, parte do estudo da Paisagem na arqueologia surge da preocupação entre os investigadores sobre a identificação dos sítios arqueológicos e como estes se interligam com a paisagem, permitindo compreender a distribuição espacial dos assentamentos, ocorrências e locais de interesse arqueológicos. Nos últimos anos o estudo do conceito, envolve questões que superam os requisitos de adaptação e de subsistência, ligando-se aos aspetos de ordem cognitiva e sentimental. Para tal temos que considerar a existência humana, pode ser encarada como um elemento isolado ou organizado em sociedade/grupo, sendo inevitável analisar a sua íntima e permanente relação entre o Homem e do Ambiente. Daí impor-se uma análise de paisagem histórica.

⁶³

De facto, estudo da paisagem (arqueológica) assume, muitas vezes, um caráter de fenómeno social enquadrado em contextos históricos específicos. Analisando desta forma o espaço moldado é apenas paisagem enquanto construção social que amplia a noção de espaço arqueológico e oferece as marcas das diferentes ocupações com uma longa duração, possibilitando uma leitura continua ou

⁵⁹ PAU-PRETO, F., & LUÍS, L. Plano de ordenamento de parque arqueológico: uma nova figura de planeamento. *Planeamento: Revista de Urbanismo e Ordenamento do Território*, 1, 2003. pp. 73-79.

⁶⁰ Referente a ABREU, A. C., CORREIA, T. P., OLIVEIRA, R. (Coord.). *Contributos para Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental* (Vol. I) - Grupos de Unidades de Paisagem. 1ª Edição. Diversos, Lisboa. 2004.

⁶¹ FAGUNDES, M. *Uma Análise Da Paisagem Em Arqueologia - Os Lugares Persistentes*. *Geografia* 22, 06. 2008. Pp 22.

⁶² PAU-PRETO, F., & LUÍS, L. Plano de ordenamento de parque arqueológico: uma nova figura de planeamento. *Planeamento: Revista de Urbanismo e Ordenamento do Território*, 1, 2003. pp. 73-79.

⁶³ FAGUNDES, M., & PIUZANA, D. *Estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas*. *Rev. Latinoam. Cienc. Soc. Niñez juv*, 2010 pp. 205-220.

descontinua e exploração das relações dialéticas existentes entre as diferentes componentes da arqueologia como disciplina.⁶⁴

Para garantir a interface entre os diferentes paradigmas sob um olhar multidisciplinar, afirma-se que a paisagem "arqueológica" deve ser vista a partir da definição do lugar para uma melhor compreensão da relação Homem-Paisagem, com o objetivo de eleger um número significativos de hipóteses de usos, função e mobilidade. Para tal, recorremos a um processo reflexivo de cruzamento de dados, métodos e padrões, remetendo para a necessidade de assumir um caráter multidisciplinar.⁶⁵

O Conceito *lugar* tem adotado, uma maior importância, devido à necessidade do investigador expandir as análises e estudos para além do sítio arqueológico compreendendo todas as componentes. De facto a necessidade de estudar e analisar a distribuição de estruturas a nível regional, permite inferir sobre as interações entre grupos humanos e os paleoambientes possibilitando uma melhor percepção sobre a distribuição de recursos, mobilidade e estabelecimento dos sítios arqueológicos. De facto, Binford afirma que para melhor compreendermos as dinâmicas que envolvem a formatação do registo arqueológico é necessário analisar a frequência com que ocupações ocorrem em diferentes lugares. A forma como o grupo utiliza o habitat está condicionada à mobilidade, produção e obtenção de recursos, ou seja, encontra-se vinculado às características biogeográficas do território, resultando na existência de uma geografia cultural na área da atuação dos grupos.⁶⁶

2.2. A arqueologia da Paisagem

Considerando a paisagem como uma 'construção' humana, em que se relacionam componentes do meio natural e do meio cultural, surge uma perspetiva criada pela Arqueologia interessada em perceber as transformações da paisagem - a Arqueologia da Paisagem - cujo principal objetivo é o estudo da história das paisagens humanizadas. Esta disciplina tem como prioridade documentar a evolução e o impacto do Homem no meio ambiente, através de análises ambientais e de eco factos. Outro aspeto da Arqueologia da Paisagem é a importância dos espaços envolventes, quanto à sua simbologia e organização social.⁶⁷

Segundo Oxford Companion to Archeology "*Landscape Archeology is concerned with both the conscious and unconscious shaping of the land: with the processes or organizing space or altering the land for a particular purpose, be it religious, economic, social, political, cultural, or symbolic; with the unintended consequences of land use and alteration; landscape in its various contexts and its role in the construction of myth and history; and with the enactment and shaping of human behavior within the landscape.*"⁶⁸

⁶⁴ Martins, N., & Costa, C. Património, paisagens culturais, turismo, lazer e desenvolvimento sustentável. Parques temáticos vs parques patrimoniais. *Êxedra: Revista Científica*, (4). 2003. pp. 51-76.

⁶⁵ *Idem, ibidem*, pp 56.

⁶⁶ BINFORD, L. R.). *Seeing the present and interpreting the past. Time and Archaeological landscapes*, New York Plenum.1992. pp. 23-46

⁶⁷ FAGUNDES, M. *Uma Análise Da Paisagem Em Arqueologia - Os Lugares Persistentes. Geografia*, 22, 06. 2008. pp. 23-56

⁶⁸ BRANTON, Nicole. Landscape approaches in historical archaeology: The archaeology of places. In: *International handbook of historical archaeology*. Springer New York, 2009. pp. 51-65.

A análise da paisagem envolve questões mais cognitivas do que adaptativas e de subsistência, não devendo por isso existir uma visão meramente ecológica. Essa visão aproxima-se de uma compreensão objetiva da paisagem que apenas explora as relações do homem com o meio, ignorando as particularidades do processo histórico e a consciência inerente à condição humana. A compreensão das relações da sociedade com a paisagem é um ponto central de estudo sobre as possibilidades e restrições do ser



F. 6 Análise de Cartografia arcaica para perceber organização territorial e indícios de antigas estruturas. Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=tE4uiSFsmN0>

humano relativamente às estratégias e escolhas de sobrevivência e adaptabilidade. A paisagem, para além da componente material que ocupa parte da vivência, também possui uma espacialidade simbólica ligada às tradições e aspetos cognitivos, apresentando um comportamento específico, social e determinado.⁶⁹

Os arqueólogos deverão ser capazes de analisar a paisagem e detetar mudanças subtis na mesma podendo sugerir e até supor a existência de estruturas abaixo da superfície. A capacidade de "ver" alguns dos recursos do subsolo advém da experiência recolhidas aquando escavações arqueológicas e informações sobre as vivências dos povos que aí habitaram.⁷⁰

Para além disso, os próprios arqueólogos e outros investigadores, num esforço de interpretar o significado histórico e cultural das paisagens do passado apoiam-se em análises de cartografia antiga, (fig. 6.), estudos palinológicos, edafológicos, paleobotânicos e antracológicos. Por outro lado a análise química dos solos arqueológicos, tais como testes de fosfatos e Ph são usados para reconstruir as condições anteriores do solo.⁷¹

O estudo Paleobotânico por exemplo, possibilita uma visão, mais ou menos aproximada, da cobertura vegetal de um determinado sítio arqueológico. Restos de plantas como carvões e sementes podem revelar quais as plantas cultivadas ou utilizadas no local num dado horizonte cronológico. Recorrendo a um exemplo, graças à colaboração de Isabel Figueiral do Laboratoire de Páléobotanique Environnement et Archéologie, Institut de Botanique Université de Montpellier foi possível desenhar o Paleoambiente de "O Abrigo da Pena d'Água" em Torres Novas. Conseguiu-se determinar a existência de 22 espécies arbóreas e arbustivas no Período Neolítico entre as quais se destaca: o *Arbutus unedo* L. (medronheiro), *Erica arborea* L. (urze branca), *Olea europaea* L.

⁶⁹ MARTINS, N., & Costa, C. Património, paisagens culturais, turismo, lazer e desenvolvimento sustentável. Parques temáticos vs parques patrimoniais. *Êxedra: Revista Científica*, (4), 2010, pp. 51-76.

⁷⁰ SOUSA, A. C. A Arqueologia da Paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. *Habitus*. Goiânia. Vol. 3, n.º 2. 2005. pp. 291-300.

⁷¹ *Idem*, *ibidem*, pp 294.

(zambujeiro/oliveira), *Quercus suber* L. (sobreiro), *Rhamnus alaternos* L. (aderno), e *Vitis vinífera* L. (vinha). Com esta análise para além de fornecer dados importantes sobre a vivência e ambiente do Período Neolítico, facilmente permitiria a reconstrução do Paleoambiente com o apoio de um plano de Plantação.⁷²

Novos conhecimentos em áreas como arquitetura paisagista são expressos pela relação de vários conhecimentos das mais diversas áreas - desde artes, humanidades a ciências sociais. Categorias normativas de pesquisas como casos de estudos, experiências, são insuficientes para descrever os diversos tipos de pesquisa que deve ser realizada e publicada. Por um lado encontrámos uma pesquisa teórica (indução, dedução e abdução) e pressupostos epistemológicos e por último: análises no local.⁷³

Nos últimos anos têm surgido novos métodos de análise, como o mapeamento digital como o Sistema de Informação geográfica e fotografia áreas. Estes vão adquirindo maior importância facilitando a análise das paisagens dos arqueólogos.⁷⁴

Com a utilização estratégias bem estabelecidas para a investigação, com uma maior transparência da avaliação e análise, devem estimular novos pesquisadores a adotar e aplicar essas estratégias mais adequadas às suas capacidades particulares, interesses e necessidades.⁷⁵

A utilização de técnicas inovadoras como o uso de drones voadores no Peru (que permitem analisar e recolher informações contínuas e precisas sobre os sítios arqueológicos para além de servirem de guardas), apesar de polémicas suscitam um novo interesse pela descoberta.⁷⁶

2.3. A Paisagem nos Castros

Visto o caso de estudo inserir-se num horizonte cronológico extenso desde o séc. IX-VIII a.C. até ao séc. I-II d.C., é fundamental analisar a paisagem para perceber a interação do homem com a sua envolvente. Apesar de ser um arco temporal vasto, conhecer e caracterizar a paisagem desta época permite compreender a evolução desta, desde a Idade do Ferro até a atualidade.

Analisando a paisagem é possível constatar que o uso diversificado de vegetação depende da utilidade desta para o Homem. Há locais em que denota-se grandes alterações no uso da paisagem, mas no caso do Noroeste peninsular, é possível afirmar que desde a idade do bronze e a romanização foi sempre constituído por áreas de cultivo, e áreas de florestação.

Os povoamentos do Bronze Final caracterizavam-se por serem, povoamentos localizados nas encostas de montes, pouco conspícuos na paisagem ou em pequenas elevações sem especiais cuidados defensivos. Proximos de redes hidrográficas e de solos bastante férteis. No entanto no fim desta época, no Século VII a.C., ocorre uma deslocalização das encostas dos montes para o seu

⁷² FIGUEIRAL, Isabel, *O Abrigo da Pena d'Água (Torres Novas): a contribuição da antracologia*. Revista Portuguesa de Arqueologia, Volume 1. Nº 2. 1998. ISBN 0874-2782. pp. 34

⁷³ DEMING, M. Ellen; SWAFFIELD, Simon. *Landscape Architecture Research: Inquiry, Strategy, Design*. Wiley, 2011. Pp-48-126.

⁷⁴ *Idem, ibidem*, pp 294.

⁷⁵ SOUSA, A. C., *A Arqueologia da Paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais*. Habitus. Goiânia. Vol. 3, n.º 2, 2000. pp. 291-300.

⁷⁶ Anónimo. (27 de agosto de 2013). *Drones também podem ser arqueólogos*. Acesso no dia 12 de setembro de 2013, Disponível em WWW.<http://www.publico.pt/cultura/noticia/os-drones-tambem-podem-ser-arqueologos-voadores1604093#/2>

topo (normalmente nunca acima dos 500 metros) com claras preocupações defensivas. De facto ocorreu uma alteração na organização social, provavelmente devido ao controlo do espaço envolvente surgindo claros sinais de fronteiras, através da criação de muralhas e outros sinais, provocado provavelmente disputa pelos melhores terrenos em detrimento a terrenos húmidos. Segundo Jorge Pinho *“O sentido de território é levado em grande consideração e o amuralhamento da área de habitat funcionaria como uma tomada de posição, em relação às relações externas e mesmo em relação às comunidades vizinhas.”*⁷⁷

Os castros passam a servir como elementos centrais estruturantes da paisagem. A maioria, encontravam-se localizados em zonas de vale, na influência de uma rica rede hidrográfica, no entanto, a Cidade de Terroso possui uma implantação próxima da planície marítima, sendo, por isso, um elemento de grande destaque na paisagem.⁷⁸

Neste caso, por exemplo, a Cidade encontra-se numa área de grande riqueza, por um lado beneficia da proximidade do mar, bem como de uma rica rede hidrográfica que permitia terras férteis ideais para a agricultura. Os terrenos a Oeste e a Sul, devido ao perfil altimétrico, é possível afirmar que seriam utilizados para cultivos. Relativamente à vegetação existente neste horizonte cronológico, no Capítulo V é apresentada uma análise ao Esboço Paleobotânico da Cidade de Terroso, baseando nos resultados dos estudos antracológicos de Isabel Figueiral.⁷⁹

Com a Romanização, ocorreu uma nova organização do território, principalmente com a criação das três capitais da Galaecia Bracara Augusta, Lucus Augusti e Asturica Augusta. Novas estradas, maiores áreas de cultivo, desenvolvimento de uma linha de comércio acabaram por beneficiar os povoados, dando maior estabilidade económica e segurança. As alterações não se refletiram apenas na estrutura física do povoamento, mas na estruturação dos espaços envolventes, arrastando a médio prazo o fim da Cultura Castreja.⁸⁰

⁷⁷ PINHO, Jorge, *“O 1º Milénio a.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave.”* | *Dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Tese de Mestrado, Universidade De Lisboa Faculdade De Letras Departamento De História. 2002. Pp. 33

⁷⁸ GOMES, J. M. F. - *Cidade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspectos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado. 1996. pp 24-48.

⁷⁹ GOMES, J. M. F. - *Cidade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspectos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado. 1996. pp 24-48.

⁸⁰ PINHO, Jorge, *“O 1º Milénio a.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave.”* | *Dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Tese de Mestrado, Universidade De Lisboa Faculdade De Letras Departamento De História. 2002. Pp. 33

Capítulo III – O projeto de Arquitetura Paisagista em Sítios Arqueológicos

Nos últimos anos, tem havido uma crescente preocupação relativamente à conservação de Sítios Arqueológicos. Os espaços que antes eram abandonados após um ou mais períodos de escavação, na esperança de depois se reatarem os trabalhos agora exigem propostas que visem a reabilitação e musealização. Uma das formas de promover a conservação e a valorização dos sítios arqueológicos é através da realização de um projeto de Arquitetura Paisagista. O projeto não define apenas os percursos, ou como a vegetação deve ser colocada. Pelo contrário, o projeto deve ser composto de todos os elementos permitirão ao visitante perceber a história e o património do sítio.⁸¹

Neste capítulo pretende-se apresentar uma visão abrangente dos problemas relacionados com o estudo e a realização de um projeto de Arquitetura Paisagista.

3.1. O projeto de Arquitetura Paisagista em Sítios Arqueológicos

Com as escavações arqueológicas, realizadas nos últimos anos, foi possível compreender que não se poderia apresentar o sítio arqueológico sem qualquer contextualização ou cuidado na apresentação. A exposição de um sítio arqueológico é considerada como a interpretação dos elementos culturais no âmbito da conservação da paisagem. A organização e hierarquização espacial devem patentear os princípios da arquitetura paisagista conciliados com os elementos arqueológicos.⁸²

As estruturas históricas acabam por desempenhar um papel fundamental na determinação e apresentação da imagem de um sítio, já que estas não só influenciam e moldam o cenário físico, mas também fortalecem o desenvolvimento histórico, turístico e cultural de uma dada região ou local (fig. 7). A reabilitação de sítios arqueológicos é um tema bastante complexo já que aborda assuntos e temáticas que ainda não foram estudados ou se encontram totalmente compreendidos, surgindo questões como a valorização da paisagem em prol dos valores históricos ou a escolha entre apresentação da paisagem atual ou a apresentação da paisagem antiga. Como por exemplo em Portugal só a partir dos anos 80, após a realização de reuniões do Conselho Consultivo do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), no Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico (IPPAR) é que surgem as primeiras ideias de intervencionar e requalificar sítios arqueológicos para dá-los a conhecer aos visitantes. Até esse momento as escavações eram realizadas pelas diferentes Faculdades de Arqueologia de Portugal apenas pelo interesse científico do local e posteriormente abandonadas. No entanto houve locais que foram conservados e requalificados, como o caso das Ruínas de Conímbriga que foi recuperado e criado um museu no

⁸¹ Aplin, G., *Heritage: identification, conservation and management*, Oxford University Press, Oxford. 2002. pp. 44

⁸² *Idem, ibidem*, pp 45.

local para expor os materiais encontrados nas escavações, impedindo o desaparecimento da relação do espólio com o seu meio.⁸³

Nas duas, três últimas décadas têm visto um aumento sem precedentes nos padrões e complexidade de especialização disciplinar, desenvolvimento de novos conhecimentos, a necessidade de as disciplinas que outrora se centravam em apenas uma área, agora existe uma



F. 7 Instalação temporária em Roma, no Mercado de Trajano, Roma, Itália. Fonte: http://www.west8.nl/projects/wonder_holland/

pressão para todas as ciências se expandirem para outros campos, numa procura por novos conhecimentos. Universidades e têm vindo a fomentar a pesquisa e a divulgação deste tipo de estudos. De facto, em alguns países, o financiamento público para as universidades está ligada diretamente a produção de pesquisa, havendo incentivos financeiros que favorecem investigações que produzam resultados práticos.⁸⁴

Arquitetura paisagista interessou-se pelo estudo e realização de projetos de requalificação e valorização de Sítios Arqueológicos. Vários teóricos ao longo do século XX indagaram sobre como realizaram este tipo de projeto. Uma das maiores preocupações relativo ao projeto assentou no modo como explorar a paisagem. Recriar ou permitir a evolução?⁸⁵

Kevin Lynch no livro "What time is this place?" afirma que, apesar de haver uma grande preocupação em relação à integridade histórica, esta acaba por ser corrompida pelo uso, remetendo que o processo de deterioração é apenas retardado mas não parado. De certo modo, a paisagem encontra— se em permanente mutação e torna-se impossível representá-la sem o auxílio de "filtros"

⁸³ ALMEIDA, M. *Proteger apesar do IGESPAR, I.P. A Arqueologia Portuguesa num instituto sem competências de Arqueologia nem de Património Histórico*. Praxis Archaeologica, 3, Lisboa Associação Profissional de Arqueólogos. 2008. pp.145-153.

⁸⁴ DEMING, M. Ellen; SWAFFIELD, Simon. *Landscape Architecture Research: Inquiry, Strategy, Design*. Wiley. com, 2011. pp-48-126.

⁸⁵ CABALLERO Garcia, L. La comunicación en los espacios patrimoniales. Una crítica a las propuestas para la gestión del Patrimonio desde la arqueología. *Museo: Revista de la Asociación Profesional de Museólogos de España*, (4), 1999 pp. 13-38.

que permitam definir a paisagem num limite espacial e temporal. Os sítios arqueológicos acabam por demonstrar uma realidade histórica que sintetiza a paisagem.⁸⁶

Posteriormente, Lynch defendeu que a representação do passado acaba por fazer parte do presente. Desenhar e projetar para sítios arqueológicos com uma forte componente cultural e histórica apresenta vantagens e desvantagens dependendo das suas características e componentes.⁸⁷

A fim de definir os princípios do desenho de um sítio arqueológico, deve-se considerar fatores como localização, número de visitantes, aspetos sociais e económicos, bem como os potenciais interesses locais e regionais dependendo a escala do sítio, visto que preservação do património arqueológico contribui para a qualidade de uma região exigindo a integração do património na atualidade nos usos contemporâneos. Outros fatores como o tempo dispensado pelo visitante e a informação disponibilizada, devem ser analisados de forma a proporcionar um tempo mais proveitoso e uma fácil compreensão e interpretação por parte do visitante caso contrário, o visitante poderá ficar descontente e insatisfeito.⁸⁸

De modo geral com a primeira análise facilmente é possível perceber as necessidades do espaço e delinear os primeiros conceitos chave: No Sítio arqueológico devem ser fornecidas informações históricas e científicas incluindo uma breve relação entre o sítio e o meio envolvente, o tempo deve ser estudado e a qualidade visual deve ser valorizada.⁸⁹

Atualmente uma das grandes dificuldades surge na relação entre as estruturas arqueológicas com as estruturas modernas que podem resultar numa descontinuidade visual e espacial. Noutros casos, os sítios arqueológicos são vistos como cenários tornando-se mais ricos do que eram na realidade. Neste caso, afasta-se da ideia de preservação e conservação, aproximando-se de ideais teatrais e metafóricos.⁹⁰

A interpretação de um sítio arqueológico baseia-se em conceitos muitas vezes imaginados. Uma paisagem arqueológica apresenta valores emocionais e simbólicos bem como qualidades próprias. O projeto deve invocar as supostas características de um determinado, sítio quer visualmente quer idealmente. De certo modo pode ser considerada como uma memória.⁹¹

A "paisagem histórica" pode ser recriado e apresentada graças aos estudos realizados relativamente à história e aos conceitos de Paisagem (como é descrito no capítulo II e III respetivamente). De facto as culturas antigas ocuparam os territórios e transmitiram-lhes integridade e simbologia. Indicando a diferença entre o espaço como paisagem e o lugar como o cenário arqueológico⁹²

⁸⁶ CABALLERO García, L. *La comunicación en los espacios patrimoniales. Una crítica a las propuestas para la gestión del Patrimonio desde la arqueología*. Museo: Revista de la Asociación Profesional de Museólogos de España, 1999. pp. 13-38.

⁸⁷ Alcock, S. E. "Archaeologies of the Greek past. Landscapes, monuments and memories", Cambridge University Press, Cambridge, 2002. pp. 44-68.

⁸⁸ *Idem, ibidem*, pp. 44-68.

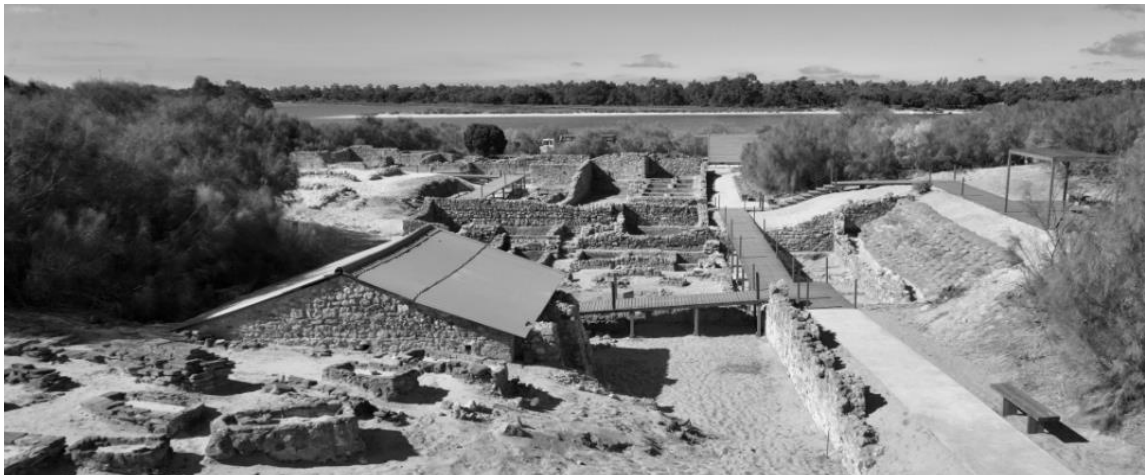
⁸⁹ *Idem, ibidem*, pp 44-68.

⁹⁰ *Idem, ibidem*, pp 44-68.

⁹¹ Mosler, A. *Landscape Architecture On Archaeological Sites Establishing landscape design principles for archaeological sites by means of examples from West Anatolia, Turkey*- Doctoral dissertation. 2006. pp 79-94.

⁹² *Idem, ibidem*, pp 79-94.

Presentemente os sítios arqueológicos reescrevem o passado numa paisagem do presente. Um exemplo de sucesso relativamente a projetos de sítios arqueológicos é o Projeto de valorização das ruínas de Troia (monumento nacional desde 1910). Considerado, no decorrer do ano 2012, “O Melhor Projeto Público”, o projeto pretendia dar a conhecer o rico espólio arqueológico e histórico da região, localizado na Península de Troia (fig. 8).⁹³



F. 8 Ruínas Arqueológicas de Troia. Fonte: Autora

Depois de uma fase inicial trabalhos de limpeza, desmatção e consolidação das ruínas, o projeto de requalificação foi entregue ao Arquiteto Paisagista Hipólito Bettencourt, que em conjunto com arqueólogos e outros investigadores definiu um projeto de requalificação de modo a trazer mais visibilidade ao sítio arqueológico. O arquiteto paisagista teve a preocupação de apresentar um projeto que incluía trabalhos de limpeza, escavações, estabilização das estruturas arqueológicas e a construção de infraestruturas de apoio (como um pequeno edifício e estruturas de ensombramento). No entanto, o projeto culminou na construção de um percurso em passadiço em madeira sobrelevado que permitia a visão das estruturas por parte do visitante ao mesmo tempo que as protegia do desgaste. Devido á extensão da área, foram criados percursos alternativos que permitem ao visitante explorar todo o espaço sem estar ligado a um percurso obrigatório. Desta forma foram criados percursos mais curtos alcançáveis a visitantes de mobilidade reduzida e outros percursos mais longos para os visitantes que pretendiam percorrer todo o espaço. Ladeando os diversos percursos, foram colocados painéis explicativos e sinalética desenhada por Francisco Providência que apresentavam informações breves sobre o local e uma explicação mais detalhada sobre os núcleos. Outra preocupação do projeto, foi a própria escolha de materiais e texturas, cuidadosamente selecionados de modo a não desvirtuar o *Genius loci* do local. O projeto apresenta uma linguagem coerente, valorizando todos os elementos históricos e arqueológicos existentes, permitindo um enquadramento paisagístico único.⁹⁴

Um exemplo emblemático de insucesso na recuperação de valorização de um sítio arqueológico encontra-se na cidade bíblica de Carpernaum, Israel (fig. 8). Este local foi escavado por V. Corbo a

⁹³ Anónimo. (26 de janeiro de 2013). *Ruínas de Troia são o melhor projeto público do Alentejo*. Consultado no dia 23 de outubro de 2013, http://www.troiareort.pt/fotos/noticias/sem_mais_jornal_26_de_janeiro_de_2013_817216344512b592786623.pdf

⁹⁴ Anónimo. (26 de maio de 2012). *Ruínas arqueológicas de Troia*. [Consultado em: 20 de novembro de 2013.]. Disponível em WWW <http://www.portugalromano.com/2011/04/as-ruinas-romanas-de-tria-setubal/>

partir de 1968, depois de terem sido encontradas estruturas do século I a.C., entre as quais se destacam uma igreja do século V d. C. e uma casa que os investigadores acreditam ter pertencido a São Pedro devido à presença de grafites gregos e aramaicos do século III d.C. que atestam o local como sítio de peregrinação.⁹⁵



F. 9: Sítio Arqueológico de Carpenaum, ou Cafarnaum Israel.
Fonte: <http://www.gardenvisit.com/blog/2009/09/16/landscape-archaeology/>

No final da década de 80, foi criado um projeto de recuperação e reabilitação do local tendo sido convidado o arquiteto Italiano Ildo Avetta

a desenhar uma estrutura que invocasse a importância histórica e bíblica do local. Avetta concebeu uma estrutura cujo elemento principal assemelhava-se a um navio cujo casco pareceria pairar acima da casa do apóstolo. A execução do projeto é visto muitas vezes como audaciosa que necessitou de estudos pelo engenheiro Cesare Pucci e a colaboração do Israel Institute of Technology. No entanto, volume da estrutura acaba por dominar todo o espaço arqueológico, destacando-se sobre as linhas subtis e horizontais das estruturas históricas. O passado perde toda a importância em relação ao presente. O betão e vidro sobrepuseram-se á pedra. O projeto de recuperação acabou por demonstrar uma sensação de desrespeito pela história, focando apenas o interesse turístico-religioso do local.⁹⁶

3.2. Objetivos do projeto de Arquitetura Paisagista

Qualquer projeto de Arquitetura paisagista num sítio arqueológico apresenta uma abordagem ao conceito conservação e preservação do património em termos de planeamento da paisagem. Existe uma preocupação em aprofundar e transmitir a relação entre o uso histórico e desenvolvimento contemporâneo. Como tal, destaca-se os seguintes objetivos na elaboração de um projeto de arquitetura paisagista:⁹⁷

- Desenho versátil de forma a possibilitar futuras escavações arqueológicas;
- Preservação da paisagem para garantir a sustentabilidade;
- Apoiar o desenvolvimento de crescimento económico por meio de atividades turísticas,

⁹⁵ Akurgal, E. "Ancient civilization and ruins of Turkey", Net Turistik Yayinlari A.S., Ístanbul. 1990.

⁹⁶ Idem, *ibidem*,

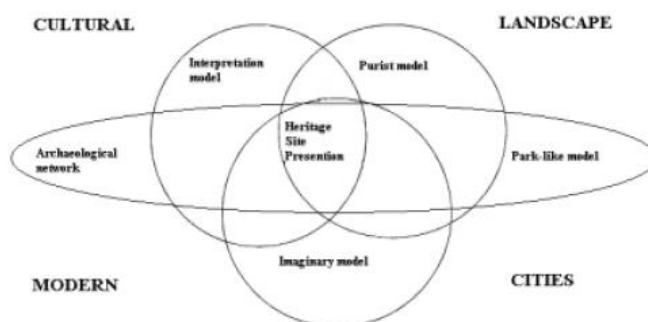
⁹⁷ MAKHZOUMI, Jala M. "Landscape ecology as a foundation for landscape architecture: application in Malta." *Landscape and Urban Planning*: 2000. pp. 167-177.

- Garantir e apoiar a proteção do património;
- Valorização da identidade cultural e histórica;
- Conservar os valores estéticos e históricos, bem como as qualidades de autenticidade nos diferentes sítios arqueológicos;
- Permitir a acessibilidades de visitantes,
- Apresentação dos artefactos no seu contexto.

3.2.1. Tipologias de apresentação de sítios arqueológicos

Segundo o artigo 7º da Carta Internacional Sobre A Proteção E A Gestão Do Património Arqueológico *“A apresentação do património arqueológico ao grande público é um meio essencial de acesso ao conhecimento das origens e do desenvolvimento das sociedades modernas. (...) A apresentação ao grande público deve constituir um meio de divulgação do estado dos conhecimentos científicos e deve, consequentemente, ser submetida a frequentes revisões. Deve ter em linha de conta os múltiplos pontos de vista que permitam a compreensão do passado.”*⁹⁸

Naturalmente, nos últimos anos, surgiram tipologias de apresentação destinados a sítios arqueológicos, desenvolvidos para definir possíveis modelos do projeto requalificação e conservação dos mesmos. Aslı Saruhan Mosler na sua dissertação de Mestrado *“Landscape Architecture on Archaeological Sites”* centrado na Turquia, apresentou um Modelo flexível e dinâmico que distingue os vários tipos de plano de reabilitação relacionando-os com os vários elementos que influenciam a recuperação: história, atualidade, paisagem e urbano. Este modelo (Fig. 10) adquire uma maior importância ao conciliar os intuitos de conservação, valorização e gestão.⁹⁹



F. 10 Modelo de tipologias de apresentação de Sítios arqueológicos de acordo Aslı Mosler.

O modelo acaba por exibir diferentes abordagens em relação às paisagens arqueológicas, apresentando uma abordagem variável em relação ao meio envolvente de forma a melhorar o contexto e ampliar a conservação e valorização do sítio. A primeira abordagem pretende uma

⁹⁸ Carta Internacional Sobre A Proteção E A Gestão Do Património Arqueológico 1990. [Consultado em: outubro de 2013.]. Disponível em <http://conventions.coe.int/Treaty/en/Treaties/Word/143.doc>.

⁹⁹ MOSLER A. *LANDSCAPE ARCHITECTURE ON ARCHAEOLOGICAL SITES establishing landscape design principles for archaeological sites by means of examples from West Anatolia, Turkey* - Doctoral dissertation. 2006. pp 79-94.

apresentação dos resultados das escavações de uma forma mais pura, a segunda apresenta os registos apoiados com restauros e em alguns casos reconstruções nos próprios locais, e por último a terceira abordagem consiste numa reconstrução á escala dos monumentos existentes. A primeira e a segunda abordagem acabam por ser baseadas nas escavações realizadas no sítio arqueológico; apresentando os registos visíveis ao público, por outro lado a terceira abordagem tende a representar um período específico no tempo, apoiando-se na reconstrução parcial ou total das estruturas de modo a implementar atividades ao longo do ano e de sensibilizar os visitantes sobre a arqueologia e a preservação dos recursos culturais e naturais. De seguida apresenta-se uma descrição mais detalhada de cada modelo.¹⁰⁰

- **Modelo interpretativo| *Interpretation model*** - Este modelo pretende que os sítios arqueológicos sejam estabilizados, reabilitados e apresentados ao público. Os sítios arqueológicos mantêm a ligação com a paisagem envolvente, sendo o local apresentado dentro do contexto em que foi descoberto. O objetivo deste modelo consiste em transmitir os valores e qualidades do local apresentando, sendo a paisagem atual vista como o cenário mais apropriado. Desta forma, os recursos naturais e históricos são preservados e não alterados. Relativamente ao projeto paisagístico este inclui plantação e pavimentação apenas com o intuito de melhorar a legibilidade do local e a existência de estruturas de serviços como estacionamento, lavabos e um pequeno centro interpretativo (que visa fornecer informações aos turistas). Deste modelo encontrámos Sítios Arqueológicos como os Castro do Noroeste Peninsular.¹⁰¹

- **Modelo Imaginário| *Imaginary Model*** – O conceito deste modelo tem como objetivo a estabilização das ruínas de forma a estas serem utilizadas como locais de turismo e educacionais. Com este modelo, o projeto de reabilitação pretende proporcionar Instalações turísticas, percursos demarcados, sinalização de modo a facilitar a acessibilidade ao local. Estes locais apresentam melhores condições para a receção de turismo em massa, e como tal necessita de uma manutenção contínua e cuidada. Conímbriga, nos últimos anos, tem reconstruído estruturas para dar a entender aos visitantes como o sítio seria aquando a ocupação romana.¹⁰²

- **Modelo Purista| *Purist Model*** – Este modelo é usado com o intuito de preservar as características do local após a realização de escavações arqueológicas. Embora este modelo seja utilizado principalmente quando os sítios, são destinados a pesquisas científicas ulteriores, podem ser visitados e apreciados pelas suas componentes culturais e educacionais. Estes sítios arqueológicos refletem o processo evolutivo das componentes históricas e naturais demonstrando uma forte relação entre a natureza e a cultura. Devido à primazia dada à conservação, a capacidade recreativa do local encontra-se pouco valorizada. As intervenções paisagísticas são mínimas, estando apenas associadas ao plantio de árvores, organização de percursos, infraestruturas que possam fornecer informações aos visitantes.¹⁰³

¹⁰⁰ *Idem, ibidem*, pp 154 - 167.

¹⁰¹ *Idem, ibidem*, pp 154 - 167.

¹⁰² *Idem, ibidem*, pp 154 - 167.

¹⁰³ *Idem, ibidem*, pp 154 - 167.

3.3. Os elementos do projeto

Como as paisagens não são elementos estáticos, as suas interpretações também não são. E tal como qualquer projeto de Arquitetura Paisagista, o desenvolvimento de uma proposta de requalificação requer um extenso estudo sobre as diferentes componentes do espaço antes da definição de um projeto diretor de forma a haver um projeto que responda às carências e objetivos.

3.3.1. A organização Espacial

Na conceção de um projeto de recuperação e reabilitação de um sítio arqueológico a organização espacial é fundamental. O planeamento espacial define como o sítio arqueológico é apresentado ao público, delineando o sentido mais apropriado para a visitação. Nesta fase ocorre a definição de acessos, saídas, estacionamento, os percursos que ligam os vestígios arqueológicos assim como os pontos de vista de maior valor importância.¹⁰⁴

A organização espacial está amplamente ligada à apresentação de vestígios arqueológicos. A circulação num espaço arqueológico deve apresentar os elementos mais importantes do Local, de forma a oferecer ao visitante uma melhor leitura do espaço e da sua história. A correta definição de rede de percursos pode facilitar o impacto negativo das visitas



F. 11 Plano de Pompeia. Fonte: <http://www.bellabs.ru/Italia/Maps/Pomrei-Map2002.jpg>

nas estruturas arqueológicas. A definição dos percursos, também requer a criação de diversos caminhos com diferentes temáticas e tempos de duração, vocacionados para os diferentes tipos de visitantes. No caso de percursos mais curtos, estes são direcionados nomeadamente para idosos e crianças enquanto os percursos mais longos são dirigidos para visitantes mais aptos e ávidos de conhecimentos. Desta forma, também é possível aliviar a pressão sobre estruturas arqueológicas mais frágeis e/ou espaços em constante escavação. (Fig. 11) A definição dos percursos pode ser distinguida em dois tipos de acordo Aslı Saruhan Mosler¹⁰⁵:

- Percurso Contemporâneo – este percurso liga as estruturas antigas e os lugares de forma sequencial. O seu objetivo é manter a autenticidade do local, tanto quanto possível, em que os visitantes podem seguir as ruas antigas e experimentar o cenário de uma cidade desaparecida. A

¹⁰⁴ JANEIRA, Ana Luísa. Natureza, jardins botânicos e utopia. *Asclépio*, 1997, pp. 145-159.

¹⁰⁵ MOSLER A. *Landscape Architecture On Archaeological Sites establishing landscape design principles for archaeological sites by means of examples from West Anatolia, Turkey*- Doctoral dissertation. 2006. pp 79-94.

vantagem deste tipo de percurso é de permitir a conservação da antiga estrutura espacial no seu estado original, enfatizando o sistema urbano antigo através da experiência no local. Por outro lado, o uso permanente do antigo traço conduz inevitavelmente à perturbação do material arqueológico.¹⁰⁶

- Percurso Flexível – este percurso pretende definir uma nova circulação na estrutura urbana histórica. Este novo percurso oferece um sistema de acesso eficiente e instalações para visitantes, que pode ser concebida sob a forma de um anel ou itinerário circular que facilita a pressão exercida pelo tráfego de visitantes em determinados pontos, permitindo uma maior flexibilidade da ligação entre o visitante e o sítio.¹⁰⁷

No plano de circulação, deve notar-se que os locais apresentados devem fundir-se no seu próprio ambiente, ou seja o sistema de percursos deve enfatizar a importância do local valorizando a estrutura urbana e histórica.¹⁰⁸

Através da criação de percursos e pontos com uma grande amplitude visual pode-se proporcionar uma visão mais ampla e ao mesmo tempo transmitir uma compreensão total do sítio e da sua relação com a envolvente. Desta forma, consegue-se demonstrar os aspetos mais importantes e marcantes do local.¹⁰⁹

3.3.2. Infraestruturas

As Infraestruturas de apoio são um pré-requisito para fornecer os equipamentos turísticos, manutenção e gestão de sítios arqueológicos. As características e linhas do edifício devem estar em conformidade com o espaço, não devendo ser utilizada uma linguagem que possa denegrir a imagem e a sustentabilidade da paisagem arqueológica. A ampla e consciente localização e características da infraestrutura, facilitam e fortalecem a interpretação por parte do visitante, permitindo uma maior perceção da singularidade e *genius loci* do lugar. Relativamente às infraestruturas de um sítio estas podem ser estruturas móveis imóveis; tais como instalações e edifícios de apoio, parques de estacionamento, bem como toda a rede de caminhos e segurança¹¹⁰.

A localização das infraestruturas deve ser definida aquando a realização da proposta preliminar do projeto e com a aceitação por partes dos Arqueólogos, visto que a localização das estruturas pode ter de ser alterada devido a existência de estruturas no solo ou a possibilidades destas mesmas existirem sem conhecimento do arquiteto como aconteceu no castro Ovil em Espinho. No entanto, a localização do centro de visitantes e de restauração deve ser implementada de forma a ser o primeiro local destinado ao visitante percorrer, assim este tem contato com informações pormenorizadas do local para além de poder adquirir guias literários ou auditivos.¹¹¹

¹⁰⁶ *Idem, ibidem*, pp 147

¹⁰⁷ *Idem, ibidem*, pp 147

¹⁰⁸ *Idem, ibidem*, pp 152

¹⁰⁹ *Idem, ibidem*, pp 152

¹¹⁰ Azevedo, Mariana “Arquitetura Contemporânea em Sítios Arqueológicos” Tese de Mestrado em Arquitetura. Universidade do Porto, Faculdade de Arquitetura. 2006. pp 20-78

¹¹¹ *Idem, ibidem*, pp. 47.

No mesmo local, podemos encontrar em alguns casos, o museu com o espólio arqueológico do local, um pequeno auditório destinado a colóquios ou conferências, e uma zona de apoio às escavações. A dimensão do edifício pode variar de acordo a densidade de turismo e a importância científica do local, devendo ser discreto mas funcional.¹¹²

A relação com a escala das estruturas arqueológicas, infraestruturas propostas e a paisagem deve ser estabelecida de forma a não ser concebido um espaço aberto e vazio, mas ao mesmo tempo, possibilite diferentes pontos visuais de modo o visitante conseguir ter diferentes noções do espaço. A este respeito, ocorrem dois processos visuais ao longo da visita; o momento em que se analisa ao pormenor e a outra é de perceber como um todo. Aliás, uma sequência é estabelecida por meio de continuidade espacial, bem como distâncias e a escala. As características topográficas do local podem criar pontos de vista surpreendentes que podem aumentar a percepção do visitante com o espaço.¹¹³

Relativamente à utilização de materiais naturais na construção de infraestruturas como terra e rocha resulta na valorização do cenário histórico. A utilização de materiais semelhantes aos materiais das estruturas arqueológicas acaba por resistir ao tempo e relacionam-se com maior facilidade à paisagem arqueológica devido à continuidade da textura, forma e cor. No entanto a utilização de materiais idênticos aos originais sem qualquer salvaguarda da cronologia da intervenção pode induzir no visitante a sensação de falseamento da originalidade e autenticidade do sítio. Por sua vez a utilização de materiais novos pode criar a sensação de profundidade do tempo.¹¹⁴ O mobiliário urbano, apesar de possuir uma escala discreta deve ser levado em consideração. Todas as formas dimensões e *layout* devem estar integrados no meio ambiente e em consonância a linguagem do edifício e das estruturas arqueológicas.¹¹⁵

3.3.3. Sinalética

A Sinalização no local permite orientar o visitante na visita e fornecer informações gerais sobre o sítio arqueológico, informações sobre elementos arqueológicos, e por ultimo informação sobre a rede de percursos, a orientação e instalações turísticas. Para tal é necessário encontrar-se o equilíbrio entre a brevidade do texto e o detalhe. Outras informações podem ser fornecidas pelos guias turísticos e por outros dispositivos de comunicação que possibilitam informações mais complexas se interferir com o espaço.¹¹⁶

Sinais cuidadosamente concebidos e desenhados são uma importante ferramenta de gestão para conservar o visitante no percurso definido e fora das áreas sensíveis. (Fig. 12). A localização dos mesmos deve ser influenciada pela relação entre o local e as informações de maior importância. Para tal necessita-se do apoio do arqueólogo visto este conseguir definir com maior exatidão os locais a ser colocada a sinalética.¹¹⁷

¹¹² *Idem, ibidem*, pp. 54.

¹¹³ *Idem, ibidem*, pp. 57.

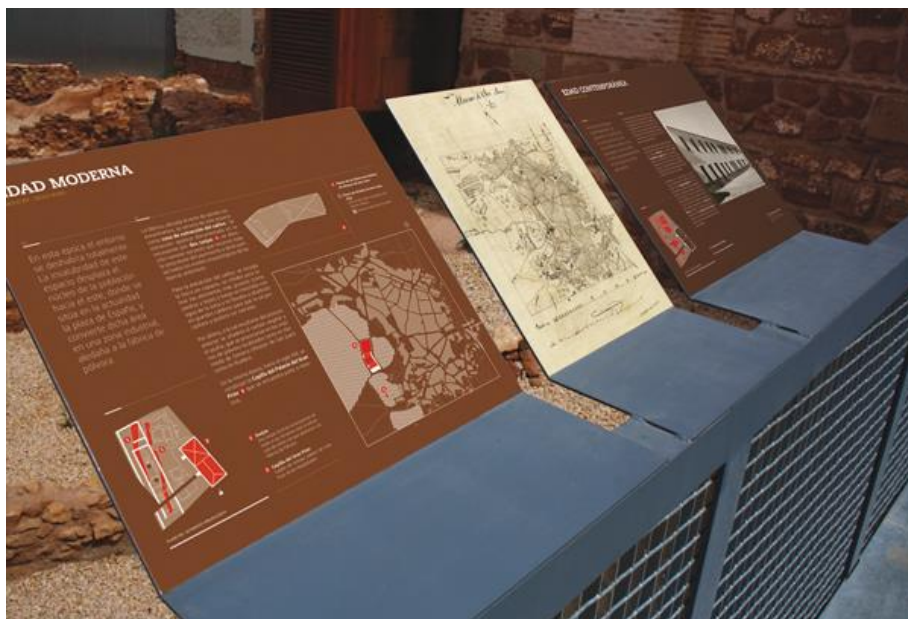
¹¹⁴ *Idem, ibidem*, pp. 57.

¹¹⁵ *Idem, ibidem*, pp. 57.

¹¹⁶ AUSTEN, P., and YOUNG, C. "Hadrian's Wall WHS Management Plan 2002-2007", SPD Limited, Gateshead.2002.

¹¹⁷ FONTES, Luís. *Proposta de programa para a conservação, estudo, valorização e divulgação do complexo mineiro antigo do vale superior do Rio Terva*, Boticas. 2006. pp 140

A sinalização deve ser realizada em metal pela sua durabilidade, custo-eficácia e resistência, colocada em forma de púlpito visto não ser tão intrusiva como sinais verticais. Por outro lado deve-se recorrer ao uso de formas retangulares já que se tornam mais apazíveis para olhos.



F. 12 Sinalética Gracia 9, Archaeological Site. Fonte: Javier Peña Martín

Apesar de não existir

um tamanho padrão alguns estudiosos preferem a 900x600mm já que permite uma maior legibilidade.¹¹⁸

Relativamente ao desenho da sinalética, este pode ser definido conforme o modelo de apresentação definido no conceito de planeamento em consonância com o mobiliário e as infraestruturas, de forma a manter uma unidade visual e estética. Em relação ao grafismo da sinalética, esta deve ser realizada de forma a ser mais legível e atraente, alcançando o equilíbrio através do uso de gráficos, mapas coloridos e desenhos, suscitando a comunicação com os visitantes não só pela leitura, mas também pela visão (já que a comunicação através da visão pode suscitar ainda mais o imaginário do visitante). As cores devem estar relacionadas com o meio em que o espaço está inserido ou relacionado com o tema da sinalização interpretativa, e as informações mais importantes devem ser escritas em letras maiores já que o visitante instintivamente, lê as letras maiores e mais proeminentes em primeiro lugar.¹¹⁹

A sinalética deve ser escrita em pelo menos dois idiomas: a língua principal é a língua predominante em que o sítio arqueológico se encontra inserido. A segunda língua deve ser de carácter universal para que mais visitantes possam assimilar mais informação. No entanto, os sinais bilingues devem ser realizados com cuidado, uma vez que o uso de duas línguas pode significar a duplicação de palavras, e a redução do espaço destinado a gráficos bem como outras imagens. Não deve possuir mais de 300 palavras, devendo fornecer informações sobre um tema relacionado com o espaço. O tipo de letra deve ser bastante perceptível e legível, e o seu tamanho do ponto pode alterar entre 24 e 40 de acordo o seu contexto. Para além disso, o tipo de letra deve ser legível a uma

¹¹⁸ RJOOB, Ahmed *Planning and managing interpretive signage at archaeological sites* Ahmed Rjoob Dissertação para o grau de mestrado em Gerenciamento de Sítios Arqueológicos da Universidade de Londres. 2003. pp. 23- 68

¹¹⁹ *Idem, ibidem*, pp. 23- 68

distância de pelo menos um metro e recorrendo a tipos de letras 'serif' e 'san-serif' devido à sua alta clareza e legibilidade.¹²⁰

A eficácia da sinalização interpretativa, no entanto, não é apenas dependente da qualidade da própria sinalização. Se a sinalização interpretativa é de grande qualidades, mas os outros serviços como o centro interpretativo e lavatórios serem de má qualidade, ou o sítio estiver mal cuidado, isso acabará por ter um efeito negativo nos visitantes.

3.3.4. Vegetação em sítios arqueológicos

Uma das maiores dificuldades na elaboração de um projeto de requalificação é o próprio plano de plantação. Um assunto ainda polémico e em constante discussão (como foi acima referido). Deve-se manter a vegetação atual ou reconstruir o Paleoambiente?

De facto o desenvolvimento de qualquer cultura no mundo, independentemente em África ou Austrália, encontra-se intimamente ligado ao ambiente natural. Consequentemente, sítios arqueológicos contemporâneos estão ligados às paisagens naturais preservando a relação dos monumentos e ruínas com a paisagem. A cobertura vegetal acaba por ser um elo vital entre a paisagem e os vestígios arqueológicos, devendo ser analisados e estudados de acordo cada sítio arqueológico.¹²¹

A seleção da vegetação, deve depender de diversos fatores, destacando-se as condições climáticas, geográficas e contexto arqueológico. Ou seja, por um lado deve-se considerar as características físicas do sítio e os elementos patrimoniais, mas por outro lado deve ser considerar a tipologia do sítio e os objetivos do mesmo. Dessa forma as atividades arqueológicas e o plano de plantação, apesar de contemporâneo, podem ser interligados, devido à flexibilidade e dinamismo de ambos.¹²²

O plano de plantação acaba por assumir uma grande importância. Deve definir como integrar ou remover a vegetação existente e como definir o desenho e as espécies no projeto de planeamento. Para além disso, em conformidade com o arqueólogo deve determinar a vegetação a ser retirada devido a futuras escavações arqueológicas ou em caso de a vegetação estiver a afetar ou a por em causa a estabilidade das estruturas patrimoniais. A plantação e manutenção da vegetação em sítios arqueológicos têm sido consideradas como um problema grave, já que a própria vegetação pode ser uma ameaça para os vestígios existentes. Em alguns casos, se assim o justificar, árvores ou arbustos podem ser trasladados para um local mais conveniente, mas pretende-se que a vegetação de maior valor deve ser conservada no mesmo lugar.¹²³

Relativamente à escolha de vegetação, esta deve estar de acordo com a abordagem do desenho, já que cada plano de plantação cria um efeito visual na definição da qualidade visual e funcional do espaço. O uso de linhas de árvores pode reforçar as características arquitetónicas de um elemento

¹²⁰ APLIN, G. *Heritage: identification, conservation and management*, Oxford University Press, Oxford. 2002. pp. 126

¹²¹ MAKHZOUMI, Jala M. "Landscape ecology as a foundation for landscape architecture: application in Malta." *Landscape and Urban Planning*. 2000. Pp. 167-177.

¹²² *Idem, ibidem*, pp. 173.

¹²³ APLIN, G. *Heritage: identification, conservation and management*, Oxford University Press, Oxford. 2002. pp. 126

patrimonial, como por exemplo a colocação de árvores segundo um intervalo rítmico pode ser usado para definir estruturas históricas como aquedutos, pórticos, etc.¹²⁴

A vegetação escolhida também deve responder a outras características por exemplo, deve – se utilizar vegetação de fraca manutenção, que não necessitem de grande profundidade de solo, resistentes a alterações meteorológicas, bem como uma grande capacidade regenerativa. Convém a utilização de vegetação autótone ou de plantas originárias da antiguidade em detrimento de vegetação exótica.¹²⁵

Pode se concluir que o plano de plantação pode transmitir uma sensação de intemporalidade nos sítios arqueológicos, independentemente se se recorrer a padrões históricos ou contemporâneos de plantio. Ao mesmo tempo permite uma leitura e interpretação da paisagem e ambiente nos tempos antigos.¹²⁶

3.3.5. Recuperação de estruturas arqueológicas

A dificuldade de compreensão e interpretação de sítios arqueológicas encontra-se muitas vezes associado ao estado de desmoronamento e ruína das estruturas dos sítios, mas também à falta de conhecimentos pelos visitantes sobre esta área de património cultural remetendo para um afastamento, quando associada a outras tipologias do património.¹²⁷

A partir do século XIX surgiu o interesse pela conservação e estabilização das estruturas arqueológicas. No entanto, apareceram várias posições relativas à conservação: por um lado teóricos como Ruskin defendiam o restauro de estruturas de acordo a sua vivência históricas (não deixando de ser uma elaboração estética) e por outro lado Viollet le Duc defendia o melhoramento dos sistemas construtivos e dos materiais. Camilo Boito, nos finais do século XIX e inícios do século XX, viria a conciliar ambas as posições defendendo que a conservação de um monumento deveria preservar o cariz de um monumento em todo o seu pleno significado.¹²⁸

No entanto, no início do século XX, Gustavo Giovannoni apresentou o conceito de *Anastilose* como forma de recuperar e reconstruir estruturas recorrendo ao uso de diferentes materiais quando existiam vazios ou falhas nas estruturas. Para Giovannoni o restauro não devia ter apenas uma componente estética, devendo resolver outros problemas relacionados como a estabilidade das estruturas, o tipo de material utilizado, etc. Por isso, é necessário estudos intensivos sobre os componentes das estruturas bem como as alterações que sofreu ao longo do tempo de forma a alcançar um equilíbrio no restauro e conservação.¹²⁹

Com a realização da conferência de Atenas, o conceito Anastilose viria a ser utilizado como se pode concluir com o artigo 15º “... *todo o trabalho de reconstrução deverá, no entanto, ser excluído à partida; somente a Anastilose (recomposição das partes existentes mas desmembradas) poderá ser encarada. Os elementos de integração serão sempre reconhecíveis e representarão o mínimo*

¹²⁴ *Idem, ibidem*, pp. 68-132.

¹²⁵ AUSTEN, P., and YOUNG, C. “Hadrian’s Wall WHS Management Plan 2002-2007”, SPD Limited, Gateshead.2002.

¹²⁶ *Idem, ibidem*, pp 68-132.

¹²⁷ MATOS, Olga. Notas Soltas Sobre a “Descoberta” da Arqueologia no Século XIX. *Praxis Archaeologica*. 2007. pp. 75-96.

¹²⁸ *Idem, ibidem*, pp 75-96.

necessário para assegurar a conservação do monumento e restabelecer a continuidade das suas formas.”¹³⁰ afirmando ainda “*Deve dizer-se que a técnica e a conservação de uma escavação impõem a colaboração estreita do arqueólogo e do arquiteto.*”¹³¹

Posteriormente aquando da conceção da Carta de Veneza em 1964, ocorreu uma renovação dos princípios de reabilitação e estabilização das estruturas, reafirmando a *Anastilose* como uma das opções de intervenção.¹³²

Como tal, de acordo as Cartas de Atenas e Florença, foram definidos os princípios teóricos e técnicos na estabilização e restauro de estruturas. Em primeiro lugar, definiu-se a necessidade de realizar um estudo prévio e crítico sobre o estado da estrutura categorizando objetivos e soluções. Posteriormente foi determinado que as intervenções devem respeitar os objetivos da intervenção do sítio, ao mesmo tempo que seja permitido a reversibilidade das intervenções. De facto, as intervenções não devem danificar/alterar as estruturas arqueológicas, devendo ser harmonizáveis a nível físico e estético, conseguindo resistir a elementos degradadores como o clima, fungos, vandalismo, entre outros.¹³³

De acordo com Andreia Machado “*a visibilidade das intervenções, assim, qualquer reconstituição arqueológica por motivos pedagógicos ou de valorização da estrutura e respetivos qualidades estéticas, devem ser sempre justificadas e documentadas exaustivamente, não devendo esta Acção falsear os elementos originais permitindo discernir as partes refeitas.*”¹³⁴

¹²⁹ *Idem, ibidem*, pp 75-96.

¹³⁰ ICOMOS, II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos /- Carta de Veneza, 1964. Disponível em: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>

¹³¹ *Idem, ibidem*.

¹³² BALLART, J. *El patrimonio histórico y arqueológico: valor y uso*. Barcelona: Ariel. 1997

¹³³ BERDUCO M.C. *LA CONSERVATION EN ARCHEOLOGIE*. Masson, Paris, Milan, Barcelone, Mexico. 1990. pp. 442- 469

¹³⁴ FERNANDES, José Alberto Rio. Reabilitação de centros históricos e reutilização da cidade: o caso de Porto-Gaia. *Conservar para quê?* 2005. pp 20-43

Capítulo IV – Instrumentos legais de proteção do património arqueológico e paisagístico

Este capítulo explora os instrumentos legais de proteção do património arqueológico e paisagístico destacando o estudo e planeamento territorial.

O Passado deve ser valorizado e os vestígios devem contribuir na sua projeção, como herança que queremos proteger, estimar e transmitir. Os bens arqueológicos apresentam uma identidade e particularidades próprias que devem ser analisados a nível do enquadramento jurídico, mais propriamente ao nível direito do ordenamento do território e subsidiariamente da história e ambiente, quer na criação e desenvolvimento de mecanismos de valorização e proteção, quer na avaliação e comparação de objetivos dos do património cultural, ordenamento do território e ambiente e sua intercomunicabilidade reforçando a defesa daqueles valores coletivos.

4.1. A figura legal de sítio arqueológico em Portugal¹³⁵

Ao pretendermos abordar questões relacionadas com o património arqueológico, torna-se proveitoso perceber a evolução do conceito de património e do respetivos enquadramento jurídico.¹³⁶

Todas as decisões sobre os recursos patrimoniais carecem de um olhar multidisciplinar visto que um conhecimento pormenorizado e detalhado dos bens arqueológicos permite um processo de decisão e um planeamento mais estudado e definido do território. É inegável a tarefa de o Estado português defender e valorizar o património cultural como instrumento fundamental da proteção da cultura e dos elementos arqueológicos. Apesar da conciliação de conhecimentos pluridisciplinares, ainda existem grandes dificuldades na proteção e gestão do património.¹³⁷

O primeiro instrumento legal aplicado na área de proteção de património (Alvará de 20 de agosto de 1721) apareceu no seguimento da criação da Academia Real da História que teria de "providenciar sobre a conservação dos monumentos".¹³⁸

“Eu El rei faço saber aos que este Alvará de Lei virem, que por me representarem o diretor e Censores da Academia Real da História Portuguesa (...) que procurando examinar por si e pelos académicos os monumentos antigos que havia e se podiam descobrir no Reio, dos tempos em que nele dominaram os Fenícios, Gregos, Romanos, Godos e Arábios, se achava que muitos que puderam existir nos edifícios, estátuas, mármores, cubos, lâminas, chapas, medalhas moedas e outros artefactos, por incúria e ignorância do vulgo se tinham consumido, perdendo-se por este modo um meio muito próprio e adequado para verificar muitas noticias da venerável antiguidade, assim sagrada como política, e que seria mui conveniente à luz da verdade e do conhecimento dos séculos passados, que no que restava de semelhantes memórias, e nas que o tempo descobrisse, se

¹³⁵ No anexo I podemos encontrar a Listagem de Decretos-Lei em vigor relativos à proteção de Património e arqueologia.

¹³⁶ Cf. BARATA, Filomena, in *A salvaguarda dos bens culturais e o ordenamento do território: um passivo e um futuro*. Património/Estudos, n.º6, 2004, p. 14.

¹³⁷ *Idem, ibidem*, p.14.

¹³⁸ *Idem, ibidem*, p.16

evitasse este dano em que pode ser muito interessada a glória da Nação Portuguesa. (...) e Desejando eu contribuir com o meu real poder para impedir um prejuízo tão sensível e tão danoso à reputação e glória da antiga Lusitânia, cujo domínio e soberania foi deus servido a dar-me. Hei por bem que daqui em diante nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade e condição que seja desfaça ou destrua, em todo nem em parte, qualquer edifício que mostre ser daqueles tempos, ainda que em parte esteja arruinado, e da mesma sorte as estatuas, mármore e cipos em que estiverem esculpidas algumas figuras (...) que mostrarem ser daqueles tempos, nem dos anteriores até o reinado do Senhor Rei Dom Sebastião (...)

*E encarrego às Câmaras das cidades e villas deste Reino tenham muito particular cuidado em conservar e guardar todas as antiguidades sobreditas e de semelhante qualidade que houver no presente ou ao diante se descobrirem nos limites do seu distrito...*¹³⁹

Neste documento, D. João V (Fig. 13) delegou à Academia Real da História a inventariação e conservação de monumentos antigos e elementos arqueológicos.¹⁴⁰

Posteriormente no século XIX houve um aumento de consciencialização da necessidade de salvaguarda de bens imóveis e património cultural por parte de uma burguesia culta resultando no conceito de "Monumento Histórico".¹⁴¹

No dia 24 de outubro de 1901, foi assinado o Decreto Orgânico que criava o Conselho dos Monumentos Nacionais e que estabelecia as "Bases para a classificação dos imóveis que devem ser considerados Monumentos Nacionais...". Este mesmo decreto oficializou a primeira classificação de imóveis em Portugal, tendo sido divulgado em 27 de setembro de 1906, com a proteção do Castelo de Elvas e, posteriormente, a 14 de janeiro de 1907, o Convento de Cristo, as Sés de Guarda, Lisboa, Évora e Coimbra, o Mosteiro da Batalha, Jerónimos, Alcobaça.¹⁴²

Depois, em 1910 foi criado um decreto de classificação, organizado conforme determinadas tipologias, tais como *Monumentos pré-históricos* (Antas e outros monumentos), *Monumentos Lusitanos e Lusitano-romanos*, *Sepulturas*, *Monumentos Militares*, *Monumentos Cívicos*, etc.¹⁴³

Contemporaneamente, no inventário das classificações constam designações de "monumento nacional", bem como outras categorias, tal como "imóvel de interesse público", apresentada pelo Decreto nº 20985 de 7 de março de 1932, como "valor concelhio", evidente na Lei nº 2032 de 11 de junho de 1949, conferindo uma distinção do mérito histórico e artístico dos imóveis classificados, distinguindo uma nova etapa na evolução do contexto do património cultural.¹⁴⁴



F. 13 Retrato de D. João V. Pompeo Batoni, Escola italiana Séc. XVII. Fonte: http://upload.wikimedia.org/commons/thumb/1/12/John_V_of_Portugal

¹³⁹ In Alvará régio de 20 de agosto de 1721.

¹⁴⁰ LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito *Património arquitetónico e arqueológico, carta, recomendações e convenções internacionais*. Lisboa, Livros Horizontes, 2004. ISBN 9789722412077. pp. 34-48

¹⁴¹ *Idem, ibidem*, pp 34-48.

¹⁴² *Idem, ibidem*, pp 34-48.

¹⁴³ LEMOS, Francisco Sande - *Ordenamento do Território e Arqueologia. Crónicas da Arqueologia e Património cultural, Al-madan*. Almada, 2002. ISSN 0871066X, 2ª Série, 12, pp. 109-114.

¹⁴⁴ LEI DE BASE DO PATRIMÓNIO CULTURAL PORTUGUÊS, Lei nº 13/85 de 6 de julho de 1985, 153/85 SÉRIE I

A Lei do Património Cultural Português, foi publicada em 1985, perfazendo a continuação do enquadramento jurídico, introduzindo novas conceções filosóficas, fruto das instâncias internacionais marcadas pela UNESCO e pelo Conselho de Europa, relativamente à salvaguarda e valorização do património cultural, publicada no Diário da República, em 6 de julho de 1985, a qual define que os bens imóveis podem ser classificados como "monumento", "conjuntos ou sítio", como de "valor local", "valor regional", "valor nacional" ou "valor internacional".¹⁴⁵

O conteúdo da Lei do Património Local surgiu na sequência da tradição legislativa portuguesa e dos princípios inerentes às conclusões da "Conferência de Atenas" (1931), da "Carta Internacional sobre a conservação e restauro dos Monumentos e Sítios" ou a "Carta de Veneza" (1964), das "Convenções" e "Recomendações" da UNESCO, designadamente a "Convenção para a proteção do património mundial cultural e natural" (1972), assim, como das fontes internacionais da documentação proveniente do Conselho da Europa, sobretudo as teses defendidas no "Ano Europeu do Património Arquitetónico" e na "Declaração de Amesterdão".¹⁴⁶

Os vestígios arqueológicos integram o património cultural, constituindo um meio para o conhecimento da história. No entanto, o património arqueológico continuou a ser alvo de destruição, principalmente, devido à mecanização da agricultura, aos projetos industriais, às novas urbanizações, à construção de estradas, barragens e vias de caminho de ferro, às redes de gás natural e às de saneamento, bem como o colecionismo mal informado e a busca de "tesouros",¹⁴⁷

Face a tal panorama, torna-se, contudo, evidente o reconhecimento, por parte da sociedade portuguesa, do valor do património arqueológico e a respetiva necessidade de estudo, preservação e fruição.¹⁴⁸

A conservação e a reabilitação do património assinalaram um grande desenvolvimento em Portugal a partir de 1986, no mesmo ano em que o país ingressou a Comunidade Europeia. A integração viabilizou o acesso a financiamentos de fundos europeus que permitiram a intervenção mais ou menos sistemática no património construído. Anteriormente, entre 1929 e 1960, durante a vigência da DGMEN, houve uma demanda pelo restauro dos monumentos medievais.¹⁴⁹

A entrada na Comunidade Europeia em 1986, resultou na participação do país em reuniões internacionais nas quais se tornou membro das cartas e convenções de salvaguarda e conservação do património. A nível nacional, assistiu-se a criação de organismos e organizações com o único objetivo de salvaguardar o património cultural português. Como tal foram criadas instituições como IPPAR, IGESPAR; IMC e direções regionais de cultura.¹⁵⁰

O IPPAR, (Dec. Lei 106-F/92, de 1 de junho) viria a tornar-se a organização portuguesa que mais investiu na valorização de sítios arqueológicos, nomeadamente na entrega de verbas, a seleção de

¹⁴⁵ *Idem, ibidem.*

¹⁴⁶ LOPES, Flávio, *Património, informar para proteger*. Lisboa. 1994. pp 24.

¹⁴⁷ LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito *Património arquitetónico e arqueológico, carta, recomendações e convenções internacionais*. Lisboa, Livros Horizontes. 2004. ISBN 9789722412077. pp. 34-48

¹⁴⁸ *Idem, ibidem*, pp. 34-48

¹⁴⁹ *Idem, ibidem*, pp. 34-48

¹⁵⁰ *Idem, ibidem*, pp. 34-48

locais de maior interesse, aumento das áreas de intervenção, construção de edifícios de apoio, percursos, etc.¹⁵¹

Relativamente à realização de trabalhos arqueológicos o Decreto-Lei nº 270/99 de 15 de julho (alterado pelo Decreto-Lei n.º 287/2000 de 10 de novembro) estabelece as normas a observar na realização de trabalhos arqueológicos.¹⁵²

A necessidade de enquadramento legal para diversos sítios arqueológicos, entre os quais se destaca a Paisagem Cultural do Vale do Coa, resultou na criação da Lei de Bases da Política e do Regime de Proteção e Valorização do Património Cultural, (Lei nº107/2001) que posteriormente, foi fortalecida pela publicação do Decreto- Lei nº 309/2009, no qual o Estado português, através do IGESPAR, instituindo o regime de classificação de bens imóveis de interesse cultural, o regime das zonas de proteção e planos de pormenor de salvaguarda tendo como objetivo máximo a proteção e conservação do património arquitetónico.¹⁵³

A Lei De Bases Do Património Cultural (lei nº 107/01 de 8 de setembro) relativamente ao conceito e âmbito do património arqueológico afirma que “...O *património arqueológico integra depósitos estratificados, estruturas, construções, agrupamentos arquitetónicos, sítios valorizados, bens móveis e monumentos de outra natureza, bem como o respetivos contexto, quer estejam localizados em meio rural ou urbano, no solo, subsolo ou em meio submerso, no mar territorial ou na plataforma continental.*” Esta definição é influenciada pela Convenção Europeia para a proteção e valorização do Património Arqueológico, “*Convenção de Malta*”, artigo 1.º “*A presente Convenção (revista) tem por objetivo a proteção do património arqueológico enquanto fonte da memória coletiva europeia e instrumento de estudo histórico e científico. 2.Para este fim, são considerados elementos do património arqueológico, todos os vestígios, bens e outros indícios da existência do homem no passado: a) Cujas preservação e estudo permitam traçar a história da humanidade e a sua relação com o ambiente,*”¹⁵⁴

Alguns anos depois, em 2007, foi fundado o IGESPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico), resultando da fusão do IPPAR e IPA, integrando parte das atribuições da extinta DGEMN, através do Decreto-Lei nº 96/2007, de 29 de março.¹⁵⁵

Com o Decreto-Lei n.º 309/2009¹⁵⁶ de 23 de outubro “*Prevê -se o percurso do procedimento administrativo de classificação de acordo com a sequência de atos prevista na Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro ... desde a iniciativa para a abertura do procedimento, passando pelo estabelecimento da zona especial de proteção e culminando na elaboração do plano de pormenor de salvaguarda.*”

As medidas de proteção estabelecidas na integração de imóveis e sítios, ordenam “a intervenção da administração do património cultural ao estritamente necessário para garantir a continuidade da proteção exigida pela classificação”, instituindo “*uma estreita articulação com a administração autárquica na tarefa comum de proteger os bens classificados, independentemente da sua*

¹⁵¹ Decreto-lei nº 207-F/2000, de 10 de novembro Diário da República - I Série - A, nº260 - 10-11-2000.

¹⁵² Decreto-lei nº 106-F/92, de 1 de junho Diário da República - I Série - A, nº126 - 1-6-1992

¹⁵³ PAU-PRETO, F., & Luís, L. *Plano de ordenamento de parque arqueológico: uma nova figura de planeamento. Planeamento: Revista de Urbanismo e Ordenamento do Território*, 1, 2003. pp. 73-79.

¹⁵⁴ *Idem, ibidem*, pp. 73-79.

¹⁵⁵ Decreto-Lei n.º 96/2007 de 29 de março. Diário da República, 1.a série — N.º 63 — 29 de março de 2007.

¹⁵⁶ I Decreto-Lei n.º46/2009, de 22 de fevereiro (procede à sexta alteração ao Decreto-Lei n.º 380/99 de 22 de setembro).

*graduação. Cumpre sublinhar que o presente decreto -lei consagra, finalmente, a possibilidade de os municípios aplicarem o regime geral de proteção dos bens culturais imóveis previsto na Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, aos imóveis classificados, ou em vias de classificação, como de interesse municipal.*¹⁵⁷

Posteriormente o Decreto-Lei nº 309/2009, apresenta os Instrumentos de Gestão Territorial (IGT) definindo os apoios técnicos e os próprios objetivos de acordo o conhecimento proveniente do património arquitetónico e arqueológico, tendo como principal objetivo, reconhecer o património arquitetónico e arqueológico e pretendendo estabelecer os elementos fundamentais destinados à proteção e valorização do património, precavendo o uso dos espaços envolventes.¹⁵⁸

A proteção de valores culturais e arqueológicos, na enunciação e implementação de um PEOT apresenta algumas problemáticas. Segundo Fernando Pau-Preto *“Na republicação do RJGT, e centrando-nos nos planos especiais, seria de esperar a assunção dos planos existentes nas três leis de bases, contudo, foram assumidos apenas os planos de ordenamento dos estuários, não tendo acontecido o mesmo relativamente aos planos de ordenamento de parque arqueológico (...)”*¹⁵⁹

Depara-mo nos com uma certa desarticulação entre a Lei De Bases Do Património. *Regime Jurídico Dos Instrumentos De Gestão Territorial* e a “ Lei De Bases Da Política Do Ordenamento Do Território E Do Urbanismo” (LBOTU) tal como Andresen afirma *“existem instrumentos legais e administrativos que concorrem para o mesmo fim mas que não se articulam, pelo menos antes de se criar novos instrumentos seria desejável avaliar o trabalho decorrente dos existentes e propor medidas de articulação; (...) é importante definir os pontos de partida para a revisão criação de novos instrumentos, aferir conceitos e estabelecer articulações”*.¹⁶⁰

Relativamente a Decretos-Lei referente a projetos de Arquitetura Paisagista propriamente ditos, estes não fazem qualquer menção a projetos em Sítios Arqueológicos, debatendo-se mais sobre as componentes, regulamentos de segurança e outras normas técnicas.

4.2. Cartas e recomendações para a Proteção e Conservação Paisagens Culturais e Arqueológicas¹⁶¹

Os estudos da paisagem realizados na última década, analisados por diferentes disciplinas e áreas de estudo, acabariam por gerar linhas convergentes. Vários documentos emitidos pelas organizações internacionais podem ser considerados como um reflexo deste processo. Como já foi analisado a UNESCO e o Conselho da Europa apresentaram preocupações na proteção e na definição da paisagem como património. As trajetórias de ambas as organizações têm permitido a redação nos últimos anos de documentos e projetos vocacionados a intervenção e à conceção de

¹⁵⁷ Decreto-Lei n.º 308/2009 de 23 de outubro Diário da República, 1.ª série — N.º 206 — 23 de outubro de 2009.

¹⁵⁸ Decreto-Lei n.º 309/2009. Diário da República. n.º 206, Série I de 2009-10-23.

¹⁵⁹ PAU-PRETO, F., & LUÍS, L. *Plano de ordenamento de parque arqueológico: uma nova figura de planeamento. Planeamento: Revista de Urbanismo e Ordenamento do Território*, 1, 2003. pp. 73-79.

¹⁶⁰ ANDRESEN T *Da primeira para a segunda geração de PDM*. Ambiente 21 - Sociedade e Desenvolvimento 15, 2004. pp. 62-63

¹⁶¹ No anexo II podemos encontrar a Listagem de Cartas e Recomendações internacionais existentes e em vigor.

planos locais regionais, a análise pode ser importante nos parques para um quadro cultural / arqueológica eficaz para a proteção e estudo de paisagens.¹⁶²

Segundo Fernando Pau-preto “a proteção e valorização dos recursos patrimoniais e naturais, estes jamais poderão ser encarados individualmente fora do contexto onde se encontram inseridos, pois nesta situação são indissociáveis e de certo modo dependentes daquilo que os rodeia. No entanto o património arqueológico era entendido como património histórico detendo uma definição bastante abrangente que não apreciava o valor monumental e excecional do mesmo.”¹⁶³

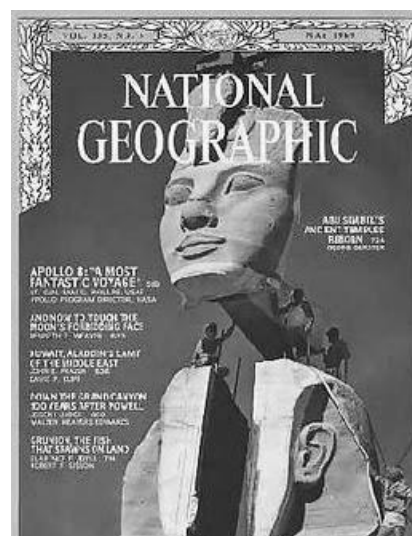
A noção de património modificou-se ao longo da história. Se para os romanos designava as propriedades do *pater famílias*, na idade Média assumiu um carácter mais coletivo e simbólico. O conceito de património provem do latim do termo *Patrimonium*, já este conceito remete para a transmissão de bens materiais, conhecimento e como tal a memória de um povo ou grupo social.¹⁶⁴

Segundo Choay e provável que o Antiquariato tenha sido o impulsionador do conceito Património como o conhecemos. Com o aparecimento do Renascimento, desenvolveu-se o gosto pela arte e objetos do período clássico o que resultou na formação de coleções e o aparecimento das primeiras pesquisas arqueológicas com o objetivo de resgatar objetos greco-romanos.¹⁶⁵

O conceito ainda sofreu transformações no final do século XVIII, quando vinculava as noções de povos unificados através do território, língua, cultura e historia. Os sistemas jurídicos, como o direito Anglo-saxão e o Direito Romano, são os principais abonadores da conceção do Património. No entanto, ambos destacam a importância do valor material e simbólico. Os patrimónios nacionais passaram a reunir e preservar bens materiais como monumentos, edifícios e objetos aos quais eram conferidos valores emblemáticos da cultura.¹⁶⁶

O património alcançou a sua valorização máxima no período entre as guerras mundiais em que os países nacionalistas debruçaram sobre a busca de símbolos representativos das suas origens e identidade nacional, enquanto nos países capitalistas desenvolveram-se lutas pela diversidade cultura e política que viriam abalar os ideais nacionalistas.¹⁶⁷

O interesse contemplativo e histórico das ruínas readquiriu a mesma importância que no século XIX, apresentando novas metodologias arqueológicas e novas formas de definir o património



F. 13 Capa National Geographic 1969. Fonte: www.nationalgeographic.com

¹⁶² LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito *Património arquitetónico e arqueológico, carta, recomendações e convenções internacionais*. Lisboa, Livros Horizontes, 2004. ISBN 9789722412077. pp. 34-48

¹⁶³ PAU-PRETO, F., & LUÍS, L. Plano de ordenamento de parque arqueológico: uma nova figura de planeamento. *Planeamento: Revista de Urbanismo e Ordenamento do Território*, 1, 2003. pp. 73-79.

¹⁶⁴ CABALLERO García, L. *La comunicación en los espacios patrimoniales. Una crítica a las propuestas para la gestión del Patrimonio desde la arqueología*. Museo: Revista de la Asociación Profesional de Museólogos de España, (4), 2003. pp 13-38.

¹⁶⁵ MAGALHÃES Ramalho, *Mos primeiros passos da Arqueologia da Arquitetura no âmbito do Instituto Português do Património Arquitetónico*. *Arqueologia de la Arquitetura*, (3). 2004. pp145-153.

¹⁶⁶ RIBEIRO, M. D. C. F. *Braga entre a época romana e a Idade Moderna: uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*. 2008. pp. 23-46

¹⁶⁷ *Idem, ibidem*, 145-153.

arqueológico. Estas mudanças coincidem com a necessidade de revisão e proteção do conceito Património remetendo para a criação de Convenções de Proteção de Património.¹⁶⁸

Aquando Segunda Guerra Mundial presenciou-se a uma dramática destruição dos vestígios arqueológicos, devido a diversos processos paralelos: por um lado ocorreu um crescimento e renovação de centros urbanos (a modernidade e otimismo ignorava o Passado e valorizava o Futuro, não refletindo sobre a relevância das memórias no futuro); o aumento e evolução das redes rodoviárias, o desenvolvimento da agricultura e a destruição e danificação de sítios arqueológicos devido aos bombardeamentos associados à guerra e a outros conflitos.¹⁶⁹

Internacionalmente surgiu uma preocupação defensiva, conservacionista, protagonizada pelos profissionais da arqueologia, da arte, da museologia e áreas afins tendo como melhor expressão jurídica a conceção da “lista do Património mundial” reconhecida pela UNESCO, e como exemplo máximo a transladação do complexo de Abu-Simbel (Fig. 13), durante as obras de construção barragem de Assuão no Egito.¹⁷⁰

Com a criação da 1ª Carta de Atenas e o aparecimento de organizações como ONU e UNESCO, após a Segunda Guerra Mundial, ocorreu uma estimulação da diversidade humana e ambiental como valor universal. Esta pretendia proteger os monumentos históricos e culturais e estimulava a cooperação internacional para a proteção e salvaguarda dos “monumentos de arte e história”, remetendo para a primeira conferência internacional sobre Monumentos Históricos, organizada pela antiga Sociedade das Nações, que promovera a salvaguarda do património da humanidade de forma independente.¹⁷¹

No entanto na primeira Carta de Atenas não existe qualquer preocupação em relação ao desenho urbano nem a preservação do património da paisagem urbana. Só com a Segunda Carta de Atenas, de 1933, é que surgem as principais normas para o urbanismo moderno.¹⁷²

A Carta de Veneza é considerada um dos documentos internacionais mais importante e estudado, uma referência dos estudos relativos ao património, resultante do II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos em 1964, tendo sido aprovada pelo ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios em 1965. O documento recomenda a manutenção e conservação dos monumentos que testemunham a evolução significativa de um acontecimento histórico. Com esta carta pretende-se terminar com espaços arqueológicos sem identidade, influenciados por uma imagem romantizada quase hollywoodesca do que seria o passado.¹⁷³

Em 1956, surge a Recomendação de Nova Deli, que considera que os vestígios arqueológicos são tanto do interesse do país como internacional. Nesta carta é apresentada recomendação aos estados membros da criação de órgãos nacionais que tomem as medidas necessárias para a proteção e

¹⁶⁸ OOSTERBEEK, Lulz. Gestão da Arqueologia: mudar o paradigma. *Paxis Arqueológica, Revista Eletrônica de Teoria, Metodologia e Política da Arqueologia*, nº3, 2008, pp 139-144.

¹⁶⁹ *Idem, ibidem*. pp 139-144.

¹⁷⁰ *Idem, ibidem*, pp 139-144.

¹⁷¹ MAGALHÃES Ramalho, M. Os primeiros passos da Arqueologia da Arquitetura no âmbito do Instituto Português do Património Arquitetónico. *Arqueologia de la Arquitetura*, (3), 2004. pp. 145-153.

¹⁷² *Idem, ibidem*, pp 148.

¹⁷³ SABATÉ Bel, J. De la preservación del patrimonio a la ordenación del paisaje. *Identidades: território, cultura, patrimonio*, núm. 1, Dic. 2005.

valorização do património arqueológico. Nesta Recomendação defende -se que "*todas as investigações destinadas à descoberta de objetos de carácter arqueológico, quer tais investigações impliquem numa escavação do solo ou numa exploração sistemática de sua superfície ou que sejam realizadas sobre o leito ou no subsolo das águas interiores ou territoriais de um Estado Membro.*"¹⁷⁴

Em 1970, o Conselho Internacional para os Monumentos e Sítios (ICOMOS), estrutura oficial do Comité do Património Mundial, com categoria de corpo assessor independente da UNESCO, une-se à Federação Internacional dos Arquitetos Paisagistas (IFLA) formando-se o Comité ICOMOS-IFLA, o qual tem como objetivo promover a conservação, recuperação e investigação dos jardins históricos e das paisagens culturais.¹⁷⁵

Posteriormente a ter sido decidido na décima sexta Conferência Geral da UNESCO que tal questão deveria ser o propósito de uma convenção internacional a UNESCO, em parceria com a ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios), principiou uma convenção de âmbito internacional, com o objetivo de produzir instrumentos legais que visam a salvaguarda dos valores culturais. Assim, na sessão seguinte, a décima sétima, concretizada em Paris de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972, foi adotada a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural. Desde 2002, o Comité do Património Mundial, adotou a Declaração de Budapeste sobre o *Património Mundial*, que surge como uma continuação da Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural, e defende a conservação de toda a diversidade de património de modo a divulgar e defender os bens do património mundial, através de atividades que desenvolvam os níveis sociais e económicos.¹⁷⁶

Presentemente, existem Comissões Nacionais em 189 Estados, tendo a Portuguesa sido criada em 1979 (Decreto-Lei nº 218/ 79, de 17 de julho) e iniciada a sua fase de instalação em 1981.¹⁷⁷

A adoção pela UNESCO da Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural, foi o culminar deste movimento. Assim, no âmbito desta Convenção passaram a ser considerados como:¹⁷⁸

i) Património Cultural¹⁷⁹ - Os monumentos, locais de interesse e conjuntos – elementos de carácter arqueológico, com elevado valor histórico, estético e científico.

ii) Património Natural¹⁸⁰ - monumentos naturais mais propriamente as formações geológicas e fisiográficas e locais de interesse - elementos com alto valor estético, ou científico;

iii) Património Misto – Nesta categoria são considerados os elementos patrimoniais que correspondem a parte ou a totalidade de património descritos nos Artigos 1º e 2º da convenção.

Nessa mesma Conferência, ligado à UNESCO, foi concebido o Comité do Património Mundial – que em conjunto com o ICOMOS e IUCN, organiza e coordena a proteção e a recuperação do

¹⁷⁴ *Idem, ibidem*, pp 151.

¹⁷⁵ PEIXOTO, P. O património mundial como fundamento de uma comunidade humana e como recurso das indústrias culturais urbanas. *Oficina do Centro de Estudos Sociais*, 155. 2000.

¹⁷⁶ *Idem, ibidem*.

¹⁷⁷ *Idem, ibidem*.

¹⁷⁸ A. P., GRIFFITHS, N., JENNER, A., & WILSON, C. Cartas, Convenções e Recomendações Internacionais: Convenção Europeia para a Proteção do Património Arqueológico (Revista) – “Convenção de Malta”, Conselho da Europa, 1992. Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios – “Carta de Veneza”, ICOMOS, 1964.

¹⁷⁹ Referente a CONVENÇÃO PARA A PROTEÇÃO DO PATRIMÓNIO MUNDIAL, CULTURAL E NATURAL (Artigo 1º) (UNESCO, 1972):

¹⁸⁰ *Idem ibidem*. Artigo 2º.

património histórico da humanidade, com atuação em 145 países, instituindo a lista de sítios e objetos classificados com o estatuto de Património Mundial. Existem ainda outras organizações consultivas como o Centro de Estudos para a Conservação e Restauro de Bens Culturais (ICCROM) e a IUGS que possuem um papel bastante cativo na preservação e conservação de valores patrimoniais.¹⁸¹

Assim, até ao final de 2004, os bens candidatos a Património Mundial eram selecionados com base em seis critérios culturais e quatro critérios naturais. Depois dessa data, os critérios operacionais para a execução da Convenção do Património Mundial foram revistos pelo que, atualmente, existe uma única série de dez critérios.¹⁸²

Dados da UNESCO, de agosto de 2009 mostram que a lista do Património Mundial apresenta, atualmente, 890 sítios. Destes, 689 correspondem a Património Cultural, 176 a Património Natural e 25 são considerados mistos, englobando no total, 148 Estados Membro.¹⁸³

Os principais objetivos cingiram-se à promoção de conferências e encontros internacionais, desenvolvimento de programas de estudo, criação de cursos de formação e seminários e Contribuições financeiras. Para além disso a UNESCO criou Lista do Património Mundial, que determina quais os bens naturais e culturais que podem vir a ser inscritos assim como o cumprimento de proteção e preservação dos mesmos. Ao assinar a Convenção, cada Estado compromete-se a assegurar a conservação dos bens que se localizam no seu território assim como a proteger o seu património cultural e natural.¹⁸⁴

Posteriormente a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural foram criadas outras cartas e recomendações.

Em 21 de maio de 1981, em Florença, é criada a Carta de Florença pelo comitê Internacional de Jardins Históricos e ICOMOS/IFLA (sendo registada a 15 de dezembro de 1982) com o principal objetivo a proteção e valorização dos Jardins históricos completando a Carta de Veneza. Esta Carta pressupõe a inventariação e identificação de jardins históricos visando intervenções leves como a manutenção, restauração e a conservação. Só em alguns casos é que é realizado uma reconstituição. Os elementos existentes, como componentes pertencentes ao espaço, não devem ser removidos nem deslocados.¹⁸⁵

Em 1985, é apresentada a *Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico Europeu*, sendo apresentado e diferenciado três tipologias do Património Arquitetónico: os Monumentos, os Conjuntos Arquitetónicos e os Sítios. Neste documento o conceito de sítios é analisado como uma obra combinada do homem e da natureza, destacando-se pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico.¹⁸⁶

¹⁸¹ PEIXOTO, P. O património mundial como fundamento de uma comunidade humana e como recurso das indústrias culturais urbanas. *Oficina do Centro de Estudos Sociais*, 155. 2000

¹⁸² GRIFFITHS, N., JENNER, A., & WILSON, C. Cartas, Convenções e Recomendações Internacionais: Convenção Europeia para a Proteção do Património Arqueológico (Revista) – “Convenção de Malta”, Conselho da Europa, 1992. Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios – “Carta de Veneza”, ICOMOS, 1964.

¹⁸³ *Idem, ibidem*.

¹⁸⁴ PAU-PRETO, F., & Luís, L. Plano de ordenamento de parque arqueológico: uma nova figura de planeamento. *Planeamento: Revista de Urbanismo e Ordenamento do Território*, 1, 2003. pp. 73-79.

¹⁸⁵ ICOMOS. Carta de Florença. [Consultado em: outubro de 2013.]. Disponível em WWW. <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-florença.pdf>

¹⁸⁶ *Idem, ibidem*, pp 73-79.

Em 16 de janeiro de 1992 em La Valetta, Malta, foi criada a Convenção Europeia para a Proteção do Património Arqueológico que pretendia impedir a destruição do Património arqueológico e arquitetónico devido a existência de grandes planos de ordenamento, de escavações clandestinas, etc. Assegurando a necessidade medidas adequadas de supervisão administrativa e científica para a proteção do património arqueológico que se viria a refletir nas políticas de ordenamento urbano e rural e de desenvolvimento cultural.¹⁸⁷

A *Carta de Burra* ou *Carta para a Conservação dos Lugares com Significado Cultural*, criada em 1980, mas só viria entrar em vigor apenas em 1999, foi criada pelo comité Australiano da ICOMOS. Esta carta expõe diversos conceitos sobre a proteção e conservação do património, apresentando os principais conceitos na defesa do património arquitetónico e paisagístico. Relativamente ao conceito de Sítio logo no artigo 1, é afirmado que “*Sítio significa lugar, área, terreno, paisagem, edifício e outras obras, grupo de edifícios ou de outras obras, e pode incluir componentes, conteúdos, espaços e vistas.*” Esta carta apresenta grandes preocupações relativamente aos sítios apresentando medidas e metodologias a seguir de modo a defender o património existentes.¹⁸⁸

A *Convenção Europeia da Paisagem* foi criada em 20 de outubro de 2000, em Florença, com o objetivo de definir as medidas de conservação do património paisagístico de formar a contempla-las nas políticas de ordenamento do território e urbanismo. Apesar de não apresentar conceitos de defesa de património arqueológico diretamente, a sua criação teve presente os textos jurídicos existentes ao nível europeu nos domínios da proteção e gestão do património natural e cultural e ordenamento do território destacando a *Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa* (Granada, 3 de outubro de 1985) e a *Convenção para a Proteção do Património Arqueológico da Europa* (Valetta, 16 de janeiro de 1992).¹⁸⁹

Também em 2000 foi redigida a *Carta de Cracóvia*, sobre os *Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído*, que protege o património arquitetónico, paisagístico ou urbano através da manutenção, reparação, restauro e reabilitação. A Carta procurou demonstrar a gradual atenção que surgiu devido à existência de aproximadamente 38 anos de Normas, Cartas e Convenções Internacionais originadas pela Carta de Veneza. Nesta carta é afirmado que “*Qualquer intervenção que afete o património arqueológico, devido à sua vulnerabilidade, deve estar estritamente relacionada com a sua envolvente: o território e a paisagem. Os aspetos destrutivos das escavações devem reduzir-se tanto quanto seja possível. Cada escavação deve ser acompanhada de documentação completa sobre os trabalhos arqueológicos. Tal como em qualquer intervenção patrimonial, os trabalhos de conservação de achados arqueológicos devem basear-se no princípio da intervenção mínima. Os trabalhos arqueológicos só podem ser realizados por profissionais e a metodologia e técnicas usadas devem ser estritamente controladas.*”¹⁹⁰

Em maio de 2009, é apresentada a *Declaração de Viena* que defende o papel elementar do património, no desenvolvimento de fatores económicos, ambientais e sociocultural, reafirmando o

¹⁸⁷ *Convenção Europeia para a Proteção do Património Arqueológico*. 1992. [Consultado em: outubro de 2013.]. Disponível em <http://conventions.coe.int/Treaty/en/Treaties/Word/143.doc>.

¹⁸⁸ ICOMOS. *Carta de Burra*. [Consultado em: outubro de 2013.]. Disponível em <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>

¹⁸⁹ *Convenção Europeia da Paisagem*. [Consultado em: outubro de 2013.]. Disponível em <http://www.gddc.pt/siii/docs/dec4-2005.pdf>

papel do património como sendo um instrumento eficiente no relançamento da atividade económica e na criação de emprego.¹⁹¹

Posteriormente à *Declaração de Viena* é também apresentada a *Carta de Bruxelas* em 2009 que defende o “Papel do Património Cultural na Economia para a Criação de uma Rede Europeia para o seu Reconhecimento e Divulgação”. Tal como na Declaração de Veneza, esta carta defende que as atividades reservadas à proteção e gestão dos bens que incorporam o Património Cultural, desenvolvem a economia dos locais.¹⁹²

Embora não sejam seguidas por todos os países, as Recomendações e Cartas Internacionais estabeleceram importantes fundamentos na conservação e salvaguarda do património. A recomendação de salvaguarda e proteção de elementos com interesse histórico e cultural tornam-se nos novos parâmetros de análise e proteção do património referidos nas cartas consequentes dos colóquios e congressos realizados a nível internacional. Relacionando as cartas e convenções analisadas é possível constatar que possuem os mesmos elementos e objetivos base: que seria a conservação do Património aliado a uma harmonia entre proteção, sustentabilidade e desenvolvimento do local.

¹⁹⁰Carta de Cracóvia. [Consultado em: outubro de 2013.] Disponível em <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>

¹⁹¹ Declaração de Viena. [Consultado em: outubro de 2013.]. Disponível em WWW. <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/DECLARACAODEVIENA.pdf>

¹⁹² Referente a Carta de Bruxelas. [Consultado em: outubro de 2013.]. Disponível em WWW <http://www.igespar.pt/pt/news/6/178/>

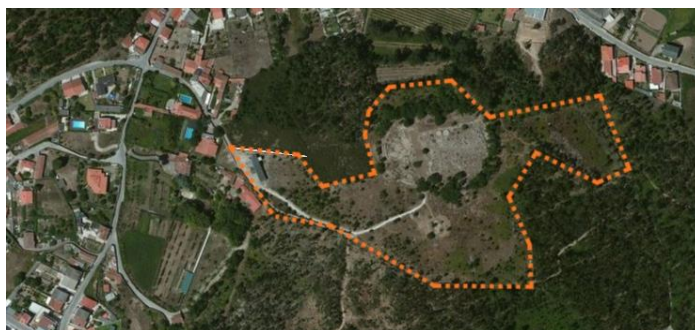
Capítulo V – Caracterização e interpretação

Neste capítulo pretende-se apresentar um estudo aprofundado sobre as características biofísicas, históricas, culturais e paisagísticas da Cidade de Terroso e do concelho em que se insere, mais propriamente Póvoa de Varzim.

5.1. Caracterização e interpretação

5.1.1. Localização e Caracterização geral

A área em estudo, como foi referido insere-se na Freguesia de Terroso do concelho da Póvoa de Varzim. O concelho da Póvoa de Varzim encontra-se administrativamente enquadrado na região Norte, acima do Rio Douro, no distrito do Douro Litoral.¹⁹³ O concelho da Póvoa de Varzim, no seu conjunto, possui uma área aproximada de 87 km² litoral e tem como limites os concelhos



F. 14 Localização e limites da Cidade de Terroso. Fonte: Bing Maps

de Esposende e Barcelos a Norte, Vila Nova de Famalicão a Leste, Vila do Conde a Sul e, a Oeste, o oceano Atlântico, constituindo o concelho mais a norte da Área Metropolitana do Porto.¹⁹⁴

Divide-se em 12 freguesias: Aver-o-Mar, Aguçadoura, Amorim, Argivai, Balasar, Beiriz, Estela, Laúndos, Navais, Póvoa de Varzim, Rates e Terroso, situando – se aproximadamente a 30 km do Porto e a 40 km de Viana do Castelo.¹⁹⁵

A freguesia de Terroso é uma freguesia com crescentes particularidades Periurbanas, apresentando ainda características rurais, dispõe de cerca de 2475 habitantes, de acordo os dados provenientes do XIV recenseamento Geral da População, realizado em 2011, a sua maioria vive nas proximidades da Estrada Nacional 205 que liga Póvoa de Varzim a Barcelos, enquanto apenas 345 pessoas vivem no centro histórico, nas proximidades do Monte.¹⁹⁶

5.1.2. Relevo e caracterização geográfica

A freguesia da Póvoa de Varzim possui uma morfologia bastante plana, apresentando uma zona de relevos fracos, onde prevalecem planícies e colinas de pouca altitude, contrapondo- se com a

¹⁹³ Ver Peça desenhada 1: Localização da Cidade de Terroso e Peça desenhada 2: Plano de Localização dos Elementos Construídos

¹⁹⁴ CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM, *Plano diretor Municipal*, Póvoa de Varzim, Biblioteca Pública Municipal, Relatório. 2011. pp. 2

¹⁹⁵ *Idem, ibidem*, pp. 2.

¹⁹⁶ *Idem, ibidem*, pp. 2-14.



Fig. 1 Localização Continental
Fonte: CMPVZ



Fig. 2 Localização Regional
Fonte: CMPVZ

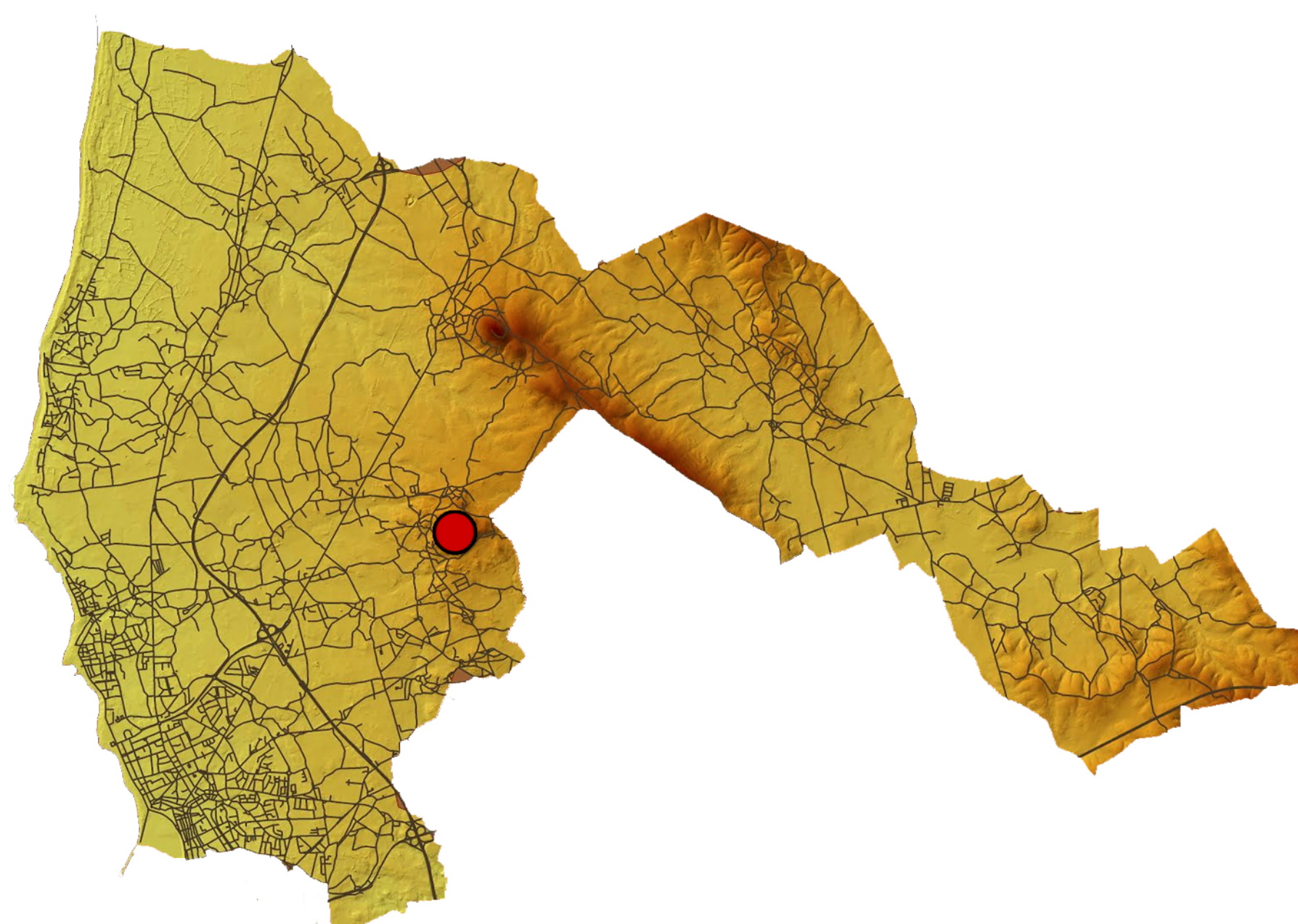



Fig. 3 Localização Local
Fonte: CMPVZ

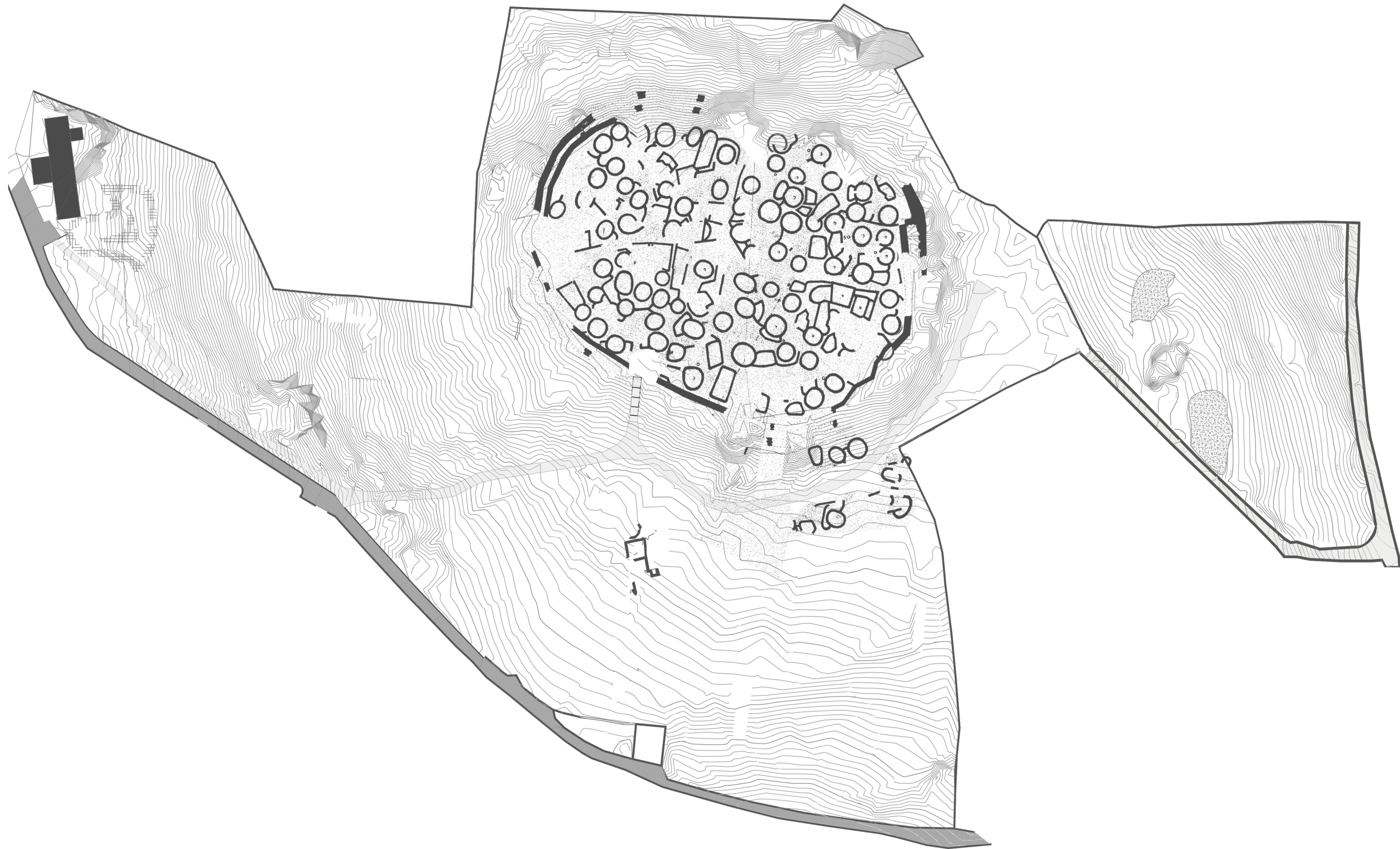
O Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos
Caso de estudo: Cidade de terroso











Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes
Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja

2015

LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim	 N	
ESCALA	não definida		PEÇA 01
PLANTA	Localização geográfica		




	Edifício de Apoio
	Estruturas arqueológicas
	Acesso principal
	Pavimento em calçada de granito
	Pavimento em Saibro estabilizado
	Estacionamento Existente
	Muro Limite
	Curvas de nível

Q Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos
Caso de estudo: Cidade de terroso



Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes
Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja

2015

LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim	 N
ESCALA	1:1000	PEÇA 05
PLANTA	Plano de Localização dos Elementos Construídos	

existência de diversos “acidentes orográficos”: a Serra de Rates (190m), Monte da Cidade (153 m)¹⁹⁷ e Monte de São Félix (202 m). Estes montes acabam por definir a nuclearização de povoaamentos rurais e a concentração urbana nas proximidades do Mar.¹⁹⁸

Os declives caracterizam –se pela suavidade, com áreas de inclinação igual e inferior a 8%, somente suplantando inclinações superiores a 30% em certas zonas do concelho, nomeadamente as encostas acentuadas da Serra de Rates, Monte de S. Félix e Monte de Terroso.¹⁹⁹

Em termos gerais pode afirmar-se que as zonas altas e de maior declive encontram-se florestadas. Existem também alguns cordões arborizados (Laúndos/Estela) ao longo do Vale do Rio Alto, a altimetrias intermédias.²⁰⁰

Considerando as particularidades do relevo da região, a planície da Póvoa de Varzim propicia as deslocações sem qualquer dificuldade, não apresentando grandes obstáculos, a não ser pequenos riachos, massas florestais e ou afloramento rochosos.²⁰¹

5.1.3. Hidrografia

A hidrografia da área em estudo apesar de pouco densa, como se pode constatar da planta da figura 15, encontra-se bastante influenciada pelo relevo existente. Relativamente à drenagem, esta corre para o oceano Atlântico, através dos sistemas hidrográficos do Rio Alto, Ribeira da Barranha, rio Esteiro/Regueirão do Garceiro.²⁰²

Na área envolvente à cidade de Terroso existem dois grandes cursos de água: o Rio Cávado a Norte e o Rio Ave a sul. O rio Cávado nasce na Serra do Larouco, enquanto o Rio Ave brota da Serra da Cabreira, nas proximidades de Vieira do Minho. Ambos os rios possuem férteis bacias hidrográficas. Desde o Paleolítico que ambos os rios foram utilizados como importantes vias de comunicação, tendo sofrido uma forte ocupação humana durante o Neolítico, Idade do Bronze e posteriormente Idade do Ferro.²⁰³

A planície, pelas suas características favoreceu o aparecimento de numerosos pequenos cursos de fraco caudal, sustentados por fontes e nascentes, contribuindo para uma grande fertilidade dos solos. De facto, durante anos, os mananciais da Cidade de Terroso abasteceram a cidade da Póvoa de Varzim e anteriormente nos séculos XVII e XVIII foi erigido um aqueduto que fornecia água ao Convento de Santa Clara em Vila do Conde.²⁰⁴

É constante o aparecimento de pequenos lagos consequentes da precipitação sazonal, em vários pontos do concelho, favorecendo, o desenvolvimento de bosques de ribeira. Estes bosques exibem uma grande diversidade de espécies botânicas, que usufruíam da abundância de água, fomentando

¹⁹⁷ Ver Peça desenhada 3: Planta hipsométrica

¹⁹⁸ CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM, *Plano diretor Municipal*, Póvoa de Varzim, Biblioteca Pública Municipal, Relatório. 2011. pp. 14

¹⁹⁹ *Idem, ibidem*, pp 14.

²⁰⁰ *Idem, ibidem*, pp 14.

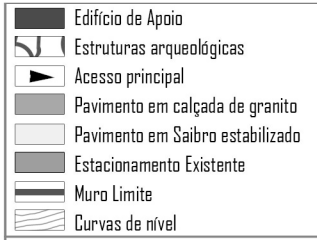
²⁰¹ *Idem, ibidem*, pp 14.


²⁰² CARVALHO, José Alexandre Gomes; VICENTE, João Levantamento topo-hidrográfico nos portos da Póvoa do Varzim e Vila do Conde. 2012.

²⁰³ *Idem ibidem*.

²⁰⁴ GOMES, J. M. F. - Cidade de Terroso. Rutura e continuidade no desenvolvimento urbano da Cultura Castreja à Romanização. In Atas do Colóquio Monte Mozinho 2004: Castro, Um Lugar para Habitar. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel. Arqueologia. 11,2004. Pp.. 189-205.



	Classes (m) 90 - 95 95 - 100 100 - 105 105 - 110 110 - 115 115 - 120 120 - 125 125 - 130 130 - 135 135 - 140 140 - 145 145 - 150 150 - 155 155 - 160
<p>Q Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos Caso de estudo: Cidade de terroso</p>	
<p>Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja</p>	
<p>INSTITUTO SUPERIOR D AGRONOMIA Universidade de Lisboa</p>	
<p>2015</p>	

LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim	 N
ESCALA	1:1000	PEÇA 03
PLANTA	Planta Hipsométrica	

uma elevada riqueza zoológica (aves, répteis e mamíferos), e até meados dos anos 90, era normal certas espécies de peixes de água doce colonizarem, momentaneamente, as referidas lagoas sazonais.²⁰⁵

5.1.4. Interpretação da paisagem

O concelho da Póvoa de Varzim, como território típico da costa litoral, apresenta um território composto por areias dunares e alguns depósitos de terraços fluviais.²⁰⁶

A sul predominam formações geológicas graníticas enquanto a Norte e a Nascente surgem xistosas. De modo geral, o território expõe duas litologias predominantes, xistos e granitos, sendo estas formações litológicas apenas descontinuadas por uma formação Xisto-grauvaquica que transpõe no sentido NW-SE.²⁰⁷

A vegetação existente, quer na região em que se encontra, quer no próprio Monte da Cividade, não reflete a riqueza e diversidade que possuía no passado. O próprio monte da Cividade apresenta uma paisagem extremamente humanizada, onde as espécies botânicas foram sendo selecionadas, retirando as menos interessantes, em favor das que podiam significar um maior rendimento ou utilidade.²⁰⁸

De facto, as áreas florestais que representam 32% do território, sendo constituídas principalmente por *Pinus pinea* L. e *Pinus pinaster* L. e nas áreas mais declivosas o *Eucalyptus globulus* L.. A progressiva eliminação das florestas, matagais e a sua troca por campos de cultivo intensivo na planície são as características mais evidentes desta presença humana continuada.²⁰⁹

Relativamente ao solo agrícola, este corresponde a 46% do território, ocupando principalmente as freguesias de Laúndos, Terroso, Balazar e Rates. Estes solos são ocupados por diversos tipos de cultura que variam dependendo da localização: por exemplo a freguesia de Laúndos apresenta uma cultura sobretudo hortícola, enquanto a freguesia de Terroso apresenta culturas forrageiras.²¹⁰ Na figura 16 pode-se analisar a proposta da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim para a Estrutura Ecológica Municipal.

5.1.5. Vias Naturais

O estudo das vias naturais e a localização dos caminhos sempre se revestiu duma grande importância, visto permitir o estudo das deslocções de um dado povo num território.²¹¹

Numa época sem grandes matérias-primas e mão de obra, poucos percursos eram delineados e ao contrário de zonas de vale ou pantanosas, devido às características morfológicas do local, não

²⁰⁵ pp. 189-205.

²⁰⁶ CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM, *Plano diretor Municipal*, Póvoa de Varzim, Relatório. 2011. pp. 8-12.

²⁰⁷ *Idem, ibidem*, pp 8-12

²⁰⁸ *Idem, ibidem*, pp 8-12

²⁰⁹ *Idem, ibidem*, pp 8-12.

²¹⁰ *Idem, ibidem*, pp 8-12.

²¹¹ GOMES, J. M. F. - Cividade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). *Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado.1996. pp. 14

haveria locais de passagem obrigatória, dificultando o posicionamento e reconhecimento de caminhos.²¹²

Provavelmente existiriam percursos que facilitariam as deslocações entre os vários núcleos populacionais e os locais de cultivo, mas também devido á intensa atividade agrícola, e desenvolvimento urbanístico nos últimos 2000 anos, tornou impossível qualquer tentativa de definir e delinear a existência dos referidos caminhos, quer na região em estudo, quer a ligação entre os outros castros e cidades.²¹³ Podemos, é certo, interpretar que as atuais vias de comunicação, na generalidade seguem os melhores e mais simples trajetos na região, sugerindo a reutilização e sobrepondo-se aos remotos caminhos.

Na Cividade de Terrosos existem dois caminhos de acesso à plataforma superior da Cividade, lajeados com pedras graníticas situando-se respetivamente, no lado Oeste e Este do monte da Cividade. Estas calçadas possibilitariam fáceis deslocações até aos Rios Este e Ave, Cividade de Bagunte e castro de Laúndos, pelo lado Este, e ao mar, pelo lado Oeste. Infelizmente torna-se impossível definir a datação destes caminhos, visto que demonstram longa utilização, conservação e requalificação ao longo de séculos. Relativamente às vias romanas existentes na região, de acordo com José Flores *“As Vias Romanas (...) poderiam, precisamente, repercutir os traçados de caminhos já anteriormente usados pelos povos indígenas. Destas a mais frequentemente citada é a Via Veteris, estudada por Brochado de Almeida e que seria uma antiga Via romana ainda em uso durante a Idade Média. Esta via, de acordo com um dos traçados possíveis, passava na zona de Quintela em Argivai, junto ao lugar de Cadilhe, em Amorim, “Subtus Montis Terroso”, dirigindo-se para Norte até à Barca do Lago, passando pela zona do crasto de Navais e Estela. (...) Outro itinerário romano passaria pela Vila de Rates, encaminhando-se também para Norte.”*²¹⁴

5.1.6 Amplitude Visual



F. 15Panorâmica Oeste a partir da Cividade de Terroso. Fonte: Autora

O monte da cidade encontra-se a aproximadamente a 5 km do mar e possui uma altitude de 152 metros. Estas condições, numa zona de extensa várzea, permitem um horizonte visual

²¹² *Idem, ibidem*, pp 14.

²¹³ GOMES, J. M. F. - Cividade de Terroso. Rutura e continuidade no desenvolvimento urbano da Cultura Castreja à Romanização. In Atas do Colóquio Monte Mozinho 2004: Castro, Um Lugar para Habitar. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel / Museu Municipal. Cadernos do Museu. Arqueologia. 11,2004. pp. 189-205.

²¹⁴ GOMES, J. M. F. - Cividade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado.1996. pp 48.



Panorâmica entre Vila do Conde e Póvoa de Varzim



Panorâmica Castro de Vairão



Edifício de Apoio

Estruturas arqueológicas

Acesso principal

Pavimento em calçada de granito

Pavimento em Saibro estabilizado

Estacionamento Existente

Muro Limite

Curvas de nível

Subsistema de vales

Subsistema de ângulos de visão

Panorâmica 1| Viana do Castelo (Monte de Santa luzia) a Foz do Douro

Panorâmica 2| Póvoa de Varzim Foz do Douro

Panorâmica 3| Citânia de Sanfins

Panorâmica 4| Monte do Castro do Boi, em Vairão

Panorâmica 5| Facho do Monte Faro, Esposende: o castro de S.Lourenço, de Vila Chã

Panorâmica 6| Viana do Castelo (Monte de Santa luzia) e Foz do Douro

INSTITUTO SUPERIOR D AGRONOMIA

Universidade de Lisboa

Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes

Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja

2015

LOCALIZAÇÃO

Terroso| Póvoa de Varzim

ESCALA

escala não definida

PLANTA

Sistemas de Vistas

N

PEÇA

04

extraordinariamente abrangente. De facto, em dias com pouca nebulosidade é possível avistar-se até ao monte de S. Luzia (Viana do Castelo), o farol de Montedor (Carreço – Viana do Castelo) e a encosta Sul da Serra de Arga (Viana do Castelo). Apesar de existirem montes mais altos a Norte do Cávado, não são obstruções a esse horizonte visual, devido à distância a que se encontram, a sua altitude não constituindo obstáculo. São igualmente observáveis, a Norte: a atalaia - Facho do Monte Faro, Esposende; o castro de S.Lourenço, de Vila Chã, bem como quase todas as estações arqueológicas litorais deste Concelho.²¹⁵

Relativamente a Oeste, a vasta planície litoral alarga-se até ao mar e o horizonte visual da Cidade é superior a 180°, (Fig. 17) permitindo-lhe um domínio visual da costa, desde a foz do Douro até Montedor, numa extensão de costa superior a 73 Km. A Este, consegue-se avistar até à Citânia de Sanfins, que se localiza aproximadamente a 30 km em linha reta. A Sul, é possível observar o baixo curso do Ave, destacando-se o monte do Castro do Boi, em Vairão.²¹⁶

O local encontra-se brindado de uma enorme qualidade e amplitude visual. É imperetível valorizar estas caraterísticas, não só pelo valor cénico mas também pelos sentimentos e reações das pessoas que o reconhecem.

5.2. Caraterização histórica

5.2.1. Contexto histórico da Póvoa de Varzim

Antes de mencionar a evolução histórica da freguesia de Terroso e da respetiva Cidade, é importante referir, um pouco da história do concelho da Póvoa de Varzim para uma melhor contextualização.

Os registos mais antigos da cidade da Póvoa de Varzim, remontam a 953d.C. quando a cidade tinha como nome Villa Euracini. No entanto foram encontrados vestígios arqueológicos que atestam a existência de ocupação romana em vários pontos da localidade, para além da Cidade de Terroso.²¹⁷

No decorrer da Idade Média, as caraterísticas produtivas e económicas da região despertaram o interesse de burgueses, nobres e clérigos. De tal forma, que surgiram perturbações associados à cobrança de impostos e rendimentos, levando El-Rei D. Dinis a redigir a carta de Foral, doando o reguengo aos casais que aí moravam de modo a solucionar os problemas existentes. Pouco tempo depois o Rei viria a oferecer a vila a Afonso Sanches de Albuquerque, seu filho bastardo, que viria anexa-la ao património do mosteiro de Santa Clara, permanecendo aproximadamente cerca de duzentos anos.²¹⁸

Durante os séculos seguintes o comércio da vila da Póvoa, devido à comunidade piscatória dedicada à pesca em alto mar, o negócio e o comércio da salga começou a desenvolver-se e a florescer, resultando no maior porto de pesca do Norte de Portugal. Como tal, o tecido urbano evoluiu, surgindo novas áreas residenciais, a construção de diversos edifícios públicos e religiosos e a

²¹⁵ *Idem, ibidem.*

²¹⁶ Ver Peça desenhada 4: Plano de Vistas

²¹⁷ AMORIM, Manuel - *As delimitações da vila e termo da Póvoa de Varzim no século XVIII*, in "O Comércio da Póvoa de Varzim", de 30 de setembro e 7, 14, 21 e 28 de outubro de 1976.

²¹⁸ MARQUES, José - *Os Forais da Póvoa de Varzim e de Rates*, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal, 1991.

fundação da Santa Casa da Misericórdia. Na mesma época, devido a importância que a vila tinha adquirido e de acordo uma determinação régia, o Corregedor Gaspar Cardoso delimitou o concelho da Póvoa.²¹⁹

Posteriormente, já no século XVII, o Corregedor Almada, consciente das carências da vila, nomeadamente em relação à falta de espaços públicos consegue uma provisão régia para a edificação de várias facilidades: uma praça pública, o edifício da Câmara e o levantamento de um Aqueduto que findava num pequeno fontenário na praça principal. A partir do século XVIII e principalmente no século XIX, a vila da Póvoa de varzim, desenvolve-se como estância balnear, sendo frequentada por, membros do clero, fidalgos, burgueses e políticos principalmente do Douro Litoral e Minho.²²⁰

As atividades comerciais e turísticas passaram a definir a evolução da Póvoa de Varzim. A atividade piscatória atualmente já não possui a mesma importância, mas nos últimos anos, ocorreu o desenvolvimento exponencial da agricultura nas freguesias Aver-o-Mar, Rates e Terroso.²²¹

5.2.2. Contexto histórico da Cividade de Terroso



F. 16 Panorâmica Cividade de Terroso. Fonte Autora

Relativamente a cidade de Terroso, as primeiras referências da existência da mesma, remontam a 953 d.C., numa Carta de venda de Vila do Conde ao Mosteiro de Guimarães, redigida em 26 de março do ano de 953 da era de Cristo (a data do documento – dia VII antes das Calendas de abril, era DCCCCLXLI). Este documento, escrito em letra visigótica e posteriormente transcrito em letra de imprensa por Herculano), foi reproduzido para o Livro de Mumadona e afirma que “*Em nome do Senhor. Eu, Flâmula filha de Pelágio e de Ibéria, a vós abade Gonta e irmãos e irmãs habitantes do cenóbio de Guimarães, (...) por minha própria vontade que vos faça, como faço, texto de escritura de venda e segurança das nossas próprias vilas que temos na riba do mar, perto do rio Ave, abaixo do monte Terroso.*”²²² Este documento possuiu uma grande importância porque demonstra que a Cidade de Terroso deveria ter importância no século X, numa época bastante turbulenta, apesar de ainda não terem sido encontrados vestígios arqueológicos referentes a esse horizonte cronológico.²²³

²¹⁹ GESTEIRA, José Joaquim Martins - *Memórias Históricas da Villa da Póvoa de Varzim*, Porto, Typografia de J. J. Gonçalves Basto, 1851.

²²⁰ *Idem, ibidem.*

²²¹ *Idem, ibidem.*

²²² Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), Livro de Mumadona, Fl. 45.

²²³ *Idem, ibidem.*

Já no Século XVIII mais precisamente a 1758, aquando a redação das Memórias Paroquiais, o Reitor António Fernandes da Lomba e outros membros do clero de Terroso descreveram: "(...) *está ésta freguezia toda a roda cercada de campos lavrados, e sô por hua parte no meyo della tem hum Monte mais levantado, que sera tanto, como a tersa parte dos campos lavrados da dita freguezia e dizem os Antigos fora este Monte Cidade de Mouros, porque se chama este Monte da Cidade – bocabulho corruto- e deste Monte se descobre terra, e Mar sinco Legoas the Vianna que fica, ao Norte, e sinco the o Porto, que fica a Sul.*"²²⁴

Podendo estar ligado à escrita das Memórias Paroquiais, o Tenente Veiga Leal viria no mesmo ano na "Notícia da Póvoa de Varzim" a escrever um pequeno texto sobre a Cidade de Terroso: "o Monte chamado Cidade, em que se vem vestígios bastantes de casas, que dizem formavam alli uma cidade, e á poucos annos se tapou um poço que havia no meio do monte. D'estes antigos edificios ha memoria tão certa, que para esta villa vieram carros de tijolos das ruínas d'aquellas (...)." ²²⁵

Foram encontrados outros registos, como por exemplo uma carta de Martins Sarmiento, dirigida a José Leite de Vasconcelos, escrita em agosto de 1883, em que é apresentado uma breve descrição sobre a cidade, afirmando a existência de vestígios romanos, relatando a pena do autor de o monte estar ocupado por campos agrícolas.²²⁶



F. 19 Fotografia de escavações arqueológicas na Cidade de Terroso, em 1909. Fonte: MMPVZ

O interesse pela Arqueologia no século XIX alastrou-se para Portugal. Rocha Peixoto, um escritor, investigador, e bem-pensante, intrigado pelos restos arqueológicos no Monte da Cidade, que os populares tanto falavam, decidiu realizar os primeiros trabalhos arqueológicos.²²⁷

As escavações tiveram início no dia 5 de junho de 1906 e perduraram até outubro do mesmo ano, sendo apenas suspendidas pelo mau tempo. Cerca de 25 trabalhadores, homens e mulheres da terra foram contratados para realizarem escavações, sendo ainda notória a presença do arquiteto da Câmara, Gonçalo Artur Cruz (que viria a contribuir para o desenho da planta da cidade) e o fotógrafo amador José Calheiro. (Fig. 19) Apesar das escavações realizadas não apresentarem o rigor científico característico dos dias de hoje, as escavações resultaram na descoberta de um importante espólio arqueológico que atualmente encontra-se disperso por vários museus da cidade do Porto, nomeadamente o Museu Soares dos Reis.²²⁸

²²⁴ LOMBA, António. *Memórias paroquiais*, vol. 36, n.º 46, pp. 287 a 290

²²⁵ RODRIGUES, Leandro. *Notícia do Doutor Leandro Rodrigues* [17361. Publicada, com preâmbulo e notas de Manuel Silva, por Fernando Barbosa, *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII. As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758*, in Boletim Cultural "Póvoa de Varzim", vol. I, n.º 2, Câmara Municipal, 1958, pp. 270-281.

²²⁶ GOMES, J. M. F. - *Cidade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado. 1996. pp 24-48.

²²⁷ *Idem, ibidem*, pp 24-48.

²²⁸ *Idem, ibidem*, pp 24-48.

Com o falecimento de Rocha Peixoto, em 1909, só nos anos 20, Ruy de Serpa Pinto, destacando a importância do espólio arqueológico da Cidade de Terroso, viria a publicar textos sobre a Cultura do Noroeste Peninsular apropriadamente intitulada "A Cidade de Terroso e os Castros do Norte de Portugal".²²⁹

As estruturas foram novamente tapadas por imposição dos diversos proprietários dos terrenos e a vegetação foi lentamente apropriando – se do monte. Recorrentemente investigadores amadores como escuteiros realizavam pequenos "buracos" em busca de tesouros, mas só em 1980, a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, consciente do património arqueológico do Monte da Cidade, convidou o Professor Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva a reiniciar as escavações arqueológicas na Cidade de Terroso. Mais tarde, nos anos 90, as escavações foram continuadas pelo arqueólogo José Flores, que durante os meses de verão, com o apoio de voluntários e alunos de arqueologia de diversas universidades continuam as pesquisas arqueológicas.²³⁰

Em 1999 uma candidatura ao Sub Programa C do PRONORTE permitiu uma primeira intervenção de pequena escala no local, abrangendo alguma consolidação de estruturas, sinalética, percursos etc.²³¹

Em 2002 no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio, a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim apresentou à medida 3.9 - Cultura, do Programa Operacional da Região Norte, um projeto de conservação, valorização e proteção, que definia a construção de um edifício de apoio aos visitantes, construção de percursos, sinalética e plantação de árvores.²³²

Mais recentemente a Cidade de Terroso passou a fazer parte da Rede de Castros do Noroeste Peninsular que tem como principais objetivos a promoção, proteção e a divulgação de um conjunto de sítios arqueológicos, conhecidos como Castros, Cidades ou Citânias, com maior relevância, num período compreendido entre a Idade do Bronze e a Romanização. Esta rede juntou diversas autarquias como Monção, Paços de Ferreira, Penafiel, Póvoa de Varzim, Santo Tirso, Trofa, Vila do Conde, Viana do Castelo, Esposende e Boticas pretendendo divulgar um conjunto de sítios arqueológicos que possuem uma identidade e características comuns.

Devido à Cidade de Terroso ser um espaço aberto e facilmente visitável, é difícil aferir com exatidão o número total de visitantes. No entanto, existe uma base de dados referentes a visitas guiadas e marcações alusivas ao ano de 2013, e como tal houve cerca de 1500 visitantes com marcação. É de referir que o número de visitantes diminui relativamente a outros anos devido ao corte de transportes destinados a escolas e outras organizações.

5.2.3. O povoamento da Idade do Bronze à Romanização

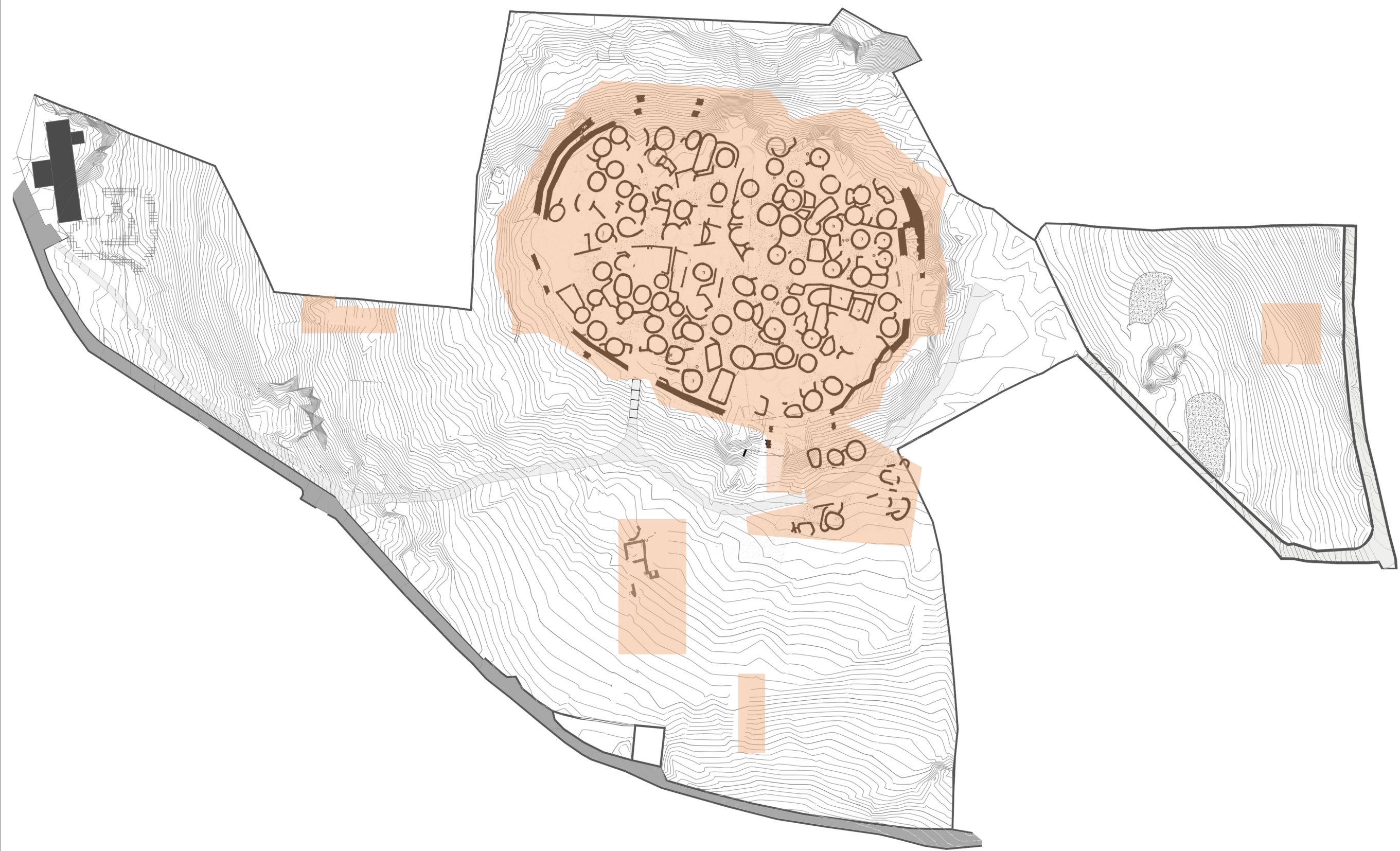
Dos trabalhos realizados e dos importantes e numerosos materiais obtidos, podemos traçar uma visão geral sobre a História da Cidade. A ocupação terá ocorrido nos finais da Idade do Bronze,

²²⁹ *Idem, ibidem*, pp 24-48.

²³⁰ Ver Peça desenhada 5: Área escavada

²³¹ GOMES, J. M. F. CARNEIRO, D. M. V. - *Subtus Montis Terroso. Património Arqueológico da Póvoa de Varzim*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. 2005.

²³² GOMES, J. M. F. CARNEIRO, D. M. V. - *Subtus Montis Terroso. Património Arqueológico da Póvoa de Varzim*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. 2005.



Edifício de Apoio

Estruturas arqueológicas

Acesso principal

Pavimento em calçada de granito

Pavimento em Saibro estabilizado


Área escavada

Muro Limite

Curvas de nível

Q Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos


Caso de estudo: Cidade de terroso

INSTITUTO
SUPERIOR DE
AGRONOMIA
Universidade de Lisboa

Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes

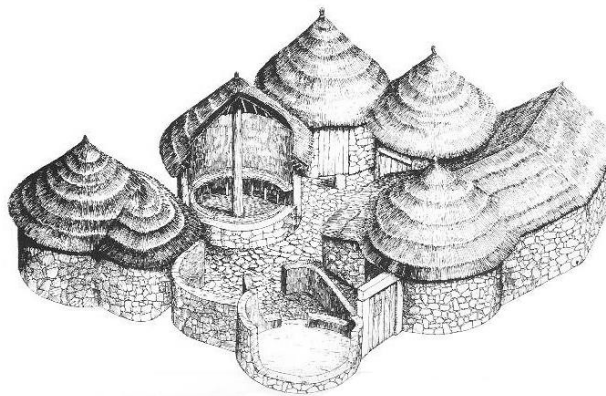
Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja

2015

LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim	 N
ESCALA	1:1000	PEÇA 05
PLANTA	Planta da área escavada	

prolongando -se até à Romanização, tenho sido bastante simples a definição de todas as fases da ocupação graças ao espólio e estruturas descobertas.²³³

Fase I - O início do povoamento da Cidade deverá ter-se dado entre o século X a.C. e o século VIII a.C. Nesta fase, devido a um longo período de alterações climáticas que culminaram no aparecimento de melhores condições de vida, desenvolvimento da agricultura e pecuária, o Homem começou a assentar-se. Construíram casas em madeira e palha, realizaram cerâmicas de maior qualidade e desenvolveram diversos setores económicos.²³⁴



F. 17 Núcleo Habitacional Cidade de Terroso. Fonte: MMPVZ

Foram encontrados pequenos fragmentos que segundo o arqueólogo José Flores “O achado destes materiais deu-se em algumas das construções da Cidade, designadamente as números VII e VIII que apresentam grande quantidade de níveis estratigráficos, surgindo imediatamente acima da rocha natural, num estrato de terra de cor negra. Até ao momento, não foi possível associar-lhes quaisquer estruturas pétreas, ou outras. No entanto, verifica-se a existência de fragmentos de pisos e, eventualmente, de lareiras atestando a existência de ocupação prolongada.”.²³⁵

Fase II – A cultura castreja pré romana floresceu a partir do século V a.C. até ao século II a.C. Localizada na região Noroeste da Península Ibérica, era constituída por núcleos populacionais - os chamados Castros - que seguiam cuidadosamente os mesmos fatores estratégicos de defesa, economia, visibilidade e localização. No nordeste Português os Castros localizavam-se na sua maioria acima dos 500 metros de altura, implementando-se de acordo as condições naturais do local, por exemplo a localização de núcleos populacionais dependia da existência de cursos de água e de terrenos férteis destinados a pecuária e agricultura. Armando Coelho, viria a afirmar que “o funcionamento dos cursos de água como elemento decisivo da estratégia de povoamento castrejo exercendo papel relevante no sistema de defesa do território e das vias comerciais que a série de castros ao longo dos principais rios, controlando eficazmente o seu percurso e os acessos ao interior patenteiam. Simples elemento defensivo de alguns povoados traçando-lhes assim um fosso natural, a implantação da sua proximidade manifesta bem a importância estrutural da rede hidrográfica, quer como fonte permanente de abastecimento quer como principal meio de comunicação facilitando os contactos internos e externos, em consideração à sua navegabilidade, cuja importância transparece na veracidade das próprias referências dos autores clássicos em especial no Vouga, Douro e Minho”.

²³³ GOMES, J. M. F. - *Cidade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado. 1996. pp 24-48.

²³⁴ *Idem, ibidem*, pp 47.

²³⁵ GOMES, J. M. F. - *Cidade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado. 1996. pp 24-48.

²³⁶A implementação em cabeços de montes levou aos castrejos aproveitarem a abundância de granito e erigirem as primeiras construções em pedra. A cidade de Terroso atesta o início do aparecimento das estruturas em pedra e o desenvolvimento da Cidade. ²³⁷

A cultura castreja apresenta uma grande unidade doméstica, utilizando pequenos edifícios residenciais e públicos de formas circulares ou ovalados. (Fig. 17) A cerâmica encontrada, demonstra um modo de vida tradicional, refletindo uma atividade doméstica, mesmo assim, vestígios arqueológicos encontrados demonstram que os povos castrejos possuíam contactos com vários povos mediterrânicos, como por exemplo Fenícia e Cartago, ou mesmo Grécia, evidenciando que existiria uma economia bastante desenvolvida graças aos minérios existentes da Península Ibérica tais como ouro, prata, estanho etc. Os vestígios desta fase existem debaixo de uma camada de destruição, atribuída à passagem de Décimo Júnio Bruto, que originou a reorganização da Fase III da Cidade. ²³⁸

Fase III – A civilização romana começou a adquirir importância em meados do século IV a.C., a partir dessa época começou lentamente a expandir-se, implementando os seus ideias e uma nova ordem territorial. As tropas romanas iniciaram a conquista da Península Ibérica, durante a Segunda Guerra Púnica, quando Roma pretendia acabar com o domínio cartaginês. Entre 206 e 205 a.C. o exército romano conseguiu expulsar o exército cartaginês da Península Ibérica e começou a administração romana do Sul do território. No entanto, Roma vai encontrar crescentes dificuldades na sua expansão para o Noroeste pois, os povos indígenas organizaram-se e começaram os primeiros confrontos entre os Lusitanos, liderados por chefes como Viriato e o exército romano. Em 138 a.C., após o assassinato de Viriato o Cônsul Décimo Júnio Bruto avançou contra a população castreja do Nordeste da Península Ibérica e após algumas dificuldades viria a conseguir controlar toda a faixa litoral da até ao Rio Minho. Como consequência deste avanço muitos povoados como a Cidade de Terroso terão sido destruídos o que ficou patente nos espessos estratos de destruição aí encontrados. Após este primeiro e violento contacto as populações crescentemente submetidas adotam a cultura e o modo de vida do invasor, mantendo apesar de tudo um forte comportamento de indigenato em muito da sua cultura material, pelo menos até finais do século I d.C. Os romanos terão começado por impor o latim como língua oficial, que, de certo modo viria a facilitar a comunicação e a relação entre os diferentes povoados do Império Romano. A economia tradicional, nomeadamente a olaria, agricultura e tecelagem evoluíram sendo também implementadas por novas formas de produção. Comparativamente ao urbanismo e a arquitetura do povoado ocorreu reposicionamento das construções, nomeadamente as suas dimensões e formas e mudança nas técnicas construtivas. Assim sendo, surgem construções quadrangulares em substituição de algumas das antigas circulares, introduz-se a telha e imbrex nas coberturas substituindo as coberturas vegetais. São introduzidas igualmente inovações tecnológicas de monta como a roda de oleiro, a mó giratória, a cozedura da cerâmica em forno e novas formas de cultivar a terra e novos produtos. ²³⁹

²³⁶ SILVA, Armando Coelho Ferreira. *A Cultura Castreja no Norte de Portugal*. Paços de Ferreira, 1986.

²³⁷ GOMES, J. M. F. - *Cidade de Terroso e a Vila Mendo (Estela)*. *Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado. 1996. pp 24-48.

²³⁸ SILVA, Armando Coelho Ferreira. *A Cultura Castreja no Norte de Portugal*. Paços de Ferreira, 1986. pp 24.

²³⁹ *Idem, ibidem*.

5.2.4. Urbanismo e Arquitetura

Relativamente ao urbanismo e arquitetura, esta análise é amplamente facilitada pela existência de uma planta, desenhada por Gonçalo Artur Cruz, arquiteto da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim em 1917. A planta, no entanto encontra-se mal orientada, resultante do facto de o arquiteto não ter indicado o Norte no documento original. O desenho é relativamente exato, e apesar de existirem levantamentos topográficos mais recentes, estes ainda não apresentam toda a área escavada por Rocha Peixoto. Como tal é preferível efetuar uma análise descritiva segundo esta planta. Ao analisarmos a planta, é possível constatar uma visível desorganização urbanística, resultando da existência de estruturas de diferentes horizontes cronológicos.²⁴⁰

Segundo José Flores “... a realidade, se analisarmos a planta com cuidado e comprovarmos no terreno os seu limites verificamos a existência de núcleos familiares compostos por um número variável de construções, que se agrupam em torno de pátios lajeados e que comunicam entre si através de arruamentos (no sentido Nascente-Poente e Norte-Sul), que dividem a Cidade em quatro. Em cada uma dessas partes existem quatro a cinco núcleos familiares, com áreas edificadas semelhantes e sem se notarem, até ao momento, diferenças significativas, quer no modo como foram construídas quer nos respetivos espólios.”²⁴¹

Após as diversas escavações arqueológicas foi possível reconhecer que a planta apenas representa as construções e o urbanismo do período que precedeu ao abandono da cidade de terroso, mais propriamente à Fase III, após a passagem de Décimo Júnio Bruto.

Os romanos eram conhecidos por imporem as suas ideias, gostos e conhecimentos aos povos conquistados, através de um processo de assimilação cultural. Indicador disso mesmo as alterações ao nível do urbanismo e edificação de estruturas.²⁴²

A Cidade de Terroso, não escapou a este paradigma. Após a destruição da cidade de terroso por Décimo Júnio Bruto, a organização e construções viriam a ser recuperadas e alteradas. No entanto, houve construções que mantiveram as suas características anteriores, outras que foram convertidas e adaptadas ao gosto romano, com paredes retilíneas e transformadas em formas quadrangulares.²⁴³

De modo geral as primeiras construções em pedra da Cidade de Terroso, são da fase II, sendo estruturas circulares de paredes finas com 30 cm de espessura (aproximadamente) cujo diâmetro mantinha-se entre 4 e 5 metros. As construções eram realizadas com pedras graníticas faturadas ou lascadas, unidas por saibro ou pedras de menores dimensões.²⁴⁴

²⁴⁰ GOMES, J. M. F. - *Cidade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado.1996. pp 24-48.

²⁴¹ GOMES, J. M. F. - *Cidade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado.1996. pp 24-48.

²⁴² SILVA, Armando Coelho Ferreira. *A Cultura Castreja no Norte de Portugal*. Paços de Ferreira, 1986.

²⁴³ *Idem, ibidem*, pp 24 -68.

²⁴⁴ *Idem, ibidem*, pp 24 -68.

Relativamente à fase III, as construções eram realizadas com pedras de forma quadrangular picotadas a ferro, ligadas com saibro, barro e pedras de pequenas dimensões. O resultado é uma construção mais larga (entre 45 a 60 cm de espessura) com maior estabilidade e segurança.²⁴⁵

A reorganização urbanística resultou no reposicionamento e alteração de estruturas nos espaços intramuralhas e a definição do caraterístico *Cardus-decumanus* – que consistia em duas vias com direção Norte-Sul e Este-Oeste respetivamente.²⁴⁶

Em relação às estruturas defensivas da cidade, estas são compostas por várias cinturas de muralhas. De acordo José Flores “O núcleo principal encontra-se rodeado por uma muralha de forma elíptica composta por dois paramentos de pedra, estando o espaço entre estes preenchido com terra e pedras miúdas. Para a construção destas muralhas foram aproveitados os afloramentos naturais do granito, fazendo estes de alicerces à construção.”²⁴⁷

Aquando o alargamento da Cidade foi erigido uma nova cintura de muralhas, aproveitando os desníveis e afloramentos rochosos, e recorrendo ao uso de grandes blocos de granito intercalados com pedras de menor dimensão.²⁴⁸

5.3. Esboço Paleobotânico da Cidade de Terroso

A cidade de Terroso, durante séculos foi vítima de processos de degradação contínuo resultantes de atividades económicas tradicionais como a pecuária, agricultura e, mais recentemente, de silvicultura. De facto, espécies indígenas como carvalhos; freixos, aveleiras etc., desapareceram, ou foram relegadas para lugares mais escondidos. Outras espécies, nomeadamente as de crescimento rápido, ou efeito estético, foram introduzidas, em substituição da flora tradicional, como é o caso de eucaliptos e mimosas.²⁴⁹

Nos terrenos adjuntos, ou a vegetação é sujeita a cortes contínuos por parte dos proprietários em busca de rendimentos ou é deixada ao abandono resultando em matos fechados compostos por tojos, fetos, giestas, etc. Relativamente ao monte entre limites, o abandono levou ao desenvolvimento de uma densa floresta que cobriu a cidade até meados dos anos 90.

Atualmente no monte da cidade é possível encontrar exemplares de tojo *Ulex europaeus L.*, fetos *Polypodium sp.*, esteva *Cistus salvifoliu L.s.*, urze *Erica sp.* e diversas espécies de gramíneas e herbáceas. A nível arbustivo, deparámos nos com a existência de giestas “*Cytisus scoparius L.*” e codeços “*Chamaecytisus hirsutus L.*”. De porte arbóreo, encontra-se alguns exemplares de eucaliptos “*Eucaliptus globulus*”, de introdução muito recente, pinheiro “*Pinus pinaster L.*” e sobreiros “*Quercus suber L.*”²⁵⁰

²⁴⁵ *Idem, ibidem*, pp 24 -68.

²⁴⁶ *Idem, ibidem*, pp 24 -68.

²⁴⁷ GOMES, J. M. F. *Cidade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado. 1996. Pp 14 - 64.

²⁴⁸ GOMES, J. M. F. CARNEIRO, D. M. V. - *Cidade de Terroso. Guia do Visitante*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim / Museu Municipal / Gabinete de Arqueologia. 2004.

²⁴⁹ GOMES, J. M. F. *Cidade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado. 1996. Pp 14 - 64.

²⁵⁰ *Idem, ibidem*, pp 14 - 64.

Para a realização de esboço paleobotânico, como foi anteriormente referido no capítulo II, é necessário fazer diversos estudos que permitam obter uma visão da cobertura vegetal de uma determinada região e horizonte cronológico.

Como outros sítios arqueológicos, houve a possibilidade de realizar um estudo Paleobotânico em meados dos anos 90, graças à colaboração de Isabel Figueiral do Laboratoire de Páleobothanique Environnement et Archéologie, Institut de Botanique Université de Montpellier. No entanto destaca-se as espécies encontradas: *Alnus glutinosa* L. (amieiro), *Arbutus unedo* L. (medronheiro) *Crataegus monogyna* L. (pilriteiro), *Corylus avelana* L. (aveleira), *Erica arborea* L. (urze branca/torga), *Erica* sp (urze), *Ericaceae* indet. (urze), *Frangula alnus* L. (amieiro negro), *Fraxinus angustifolia* L. (freixo), *Leguminsae indet.* (leguminosas), *Leguminosae tipo Ulex* (tojo/mato), *Pinus silvestres* L. (pinheiro silvestre) *Pinus pinaster* L. (pinheiro bravo), *Pyrus communis* L. (pereira), *Quercus* folha caduca (carvalho), *Quercus suber* (sobreiro), *Quercus/Castanea* (castanheiro), *Salix* sp (salgueiro), *Sambucus nigra* L. (sabugueiro) e *Ulmus* sp. (olmo).²⁵¹

Devido ao número de amostras recolhidas por camada ser bastante reduzido, torna-se quase impossibilitado o conhecimento correto e a importância real das espécies por horizonte cronológico. Analisando as espécies identificadas, facilmente se declara que estamos perante uma floresta típica de características atlânticas comprovadas pela existência de vestígios de árvores como carvalhos e freixos. Espécies arbóreas e arbustivas como os tojos, as urzes, sobreiros e carvalhos ainda são frequentes, ao contrário do pinheiro-silvestre e medronheiro, que apenas aparecem espontaneamente, perto da Serra do Gerês. Como já foi referido, a existência ou ausência de certas espécies está amplamente ligada à ação Homem e das suas atividades económicas, e não tanto a alterações climáticas apesar de espécies como a azinheira induzirem a um clima mais suave, de características provavelmente mediterrânicas.²⁵²

Após o estudo dos carvões presentes na Cidade de Terroso é possível constatar a existência de dois ecossistemas: uma floresta húmida de tipo ribeirinho e outra de características mais seca.²⁵³

De facto, a análise dos carvões encontrados permitiu definir que o primeiro ecossistema seria composto por espécies características de florestas ribeirinhas como o amieiro, salgueiro, freixo, aveleira, sabugueiro, amieiro negro etc., apesar de a área envolvente da cidade de terroso, não apresentar cursos de água de grande porte, existindo apenas pequenas ribeiras que poderiam ter estabelecido as condições necessárias para o aparecimento destas espécies.²⁵⁴

Comparativamente ao segundo ecossistema, este deve-se à existência de espécies de vegetação como Urzes, Giestas e Tojo. Este tipo de vegetação encontra-se amplamente associado a solos degradados ou sujeito a queimadas, sobre- pastoreio e agricultura, induzindo que os solos seriam bastante empobrecidos sujeitos à erosão por parte das chuvas e vento, e pouco apropriados para a produção primária. Como tal, a abundância do Tojo e outras espécies do género dever-se-iam a sua

²⁵¹ GOMES, J. M. F. *Cidade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado. 1996. Pp 14

²⁵² JORGE, Ana M. S. BETTENCOURT & Isabel FIGUEIRAL A conceção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. [Atas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, setembro de 2004], Promontoria Monográfica 08, Faro, Ed. Centro de Estudos de Património, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve. 2004.

²⁵³ Costa, José C., et al. "Biogeografia de Portugal continental." 1998.

²⁵⁴ *Idem, ibidem*.

facilidade de obtenção, crescimento rápido e proximidade, sendo por isso utilizadas de forma mais intensiva e constante (muitas vezes em situações que não seriam as ideias como na cobertura de telhados e combustível) o que justificaria a grande quantidade de carvões encontrada.²⁵⁵ De acordo José Flores " *Em vários castros, em que se realizaram análises antracológicas cuidadas, nunca o tojo apareceu nas proporções verificadas em Terroso, com a certificação adicional das amostras serem provenientes de estratos arqueológicos espalhados por vários pontos da Cidade, o que, nos permite atestar a sua utilização sistemática.*"²⁵⁶

A maioria das espécies encontradas produzem frutos, bagas ou folhas com interesse medicinal e/ou alimentar enquanto outras espécies presentes podiam ser utilizadas para forragem e/ou utilização de madeira como se encontra referenciado em textos clássicos como o texto de Plínio e Dioscórides. Já na Antiguidade eram realizados estudos intensivos sobre o uso e características das plantas apesar de só terem sobrevivido algumas obras. Destaca-se as obras de Teofrasto (c.370-c.285 a.C.), Claudius Galenus (129-216 a.C.), Plínio, o Velho (23-79 d.C.) e as de Dioscórides (séc. I d.C.). No entanto, o mais importante teria sido mesmo Dioscórides. Este, viajou com exércitos romanos aquando o reinado do Imperador Nero, descrevendo mais de 500 plantas registando as suas propriedades medicinais, comestibilidade e usos tradicionais. De facto, no século I d. C., as plantas comestíveis e medicinais, tinham uma grande importância sendo representadas quer em pinturas, esculturas e até mesmo em moedas. As escavações em Pompeia e Herculano demonstraram o mesmo. Por exemplo, nas representações pitóricas da Casa do Fauno em Pompeia, é possível identificar frutos e árvores nas paredes e uma taça encontrada na Casa de Menandro, tem desenhado ramos de oliveira e frutas. A presença de plantas em tais artefactos confirma que as pessoas estavam conscientes da importância das plantas como produtores de alimentos, óleos, fibras, madeiras e medicamentos e não seriam apenas como elementos estéticos.²⁵⁷

Até ao Renascimento, a obra de Dioscórides viria a ser considerada com o exemplo metodológico a seguir, sendo mesmo recusadas outras obras mais recentes. O livro viria a cair em desuso aquando os Descobrimentos portugueses, devido ao aparecimento de novas plantas provenientes de Continentes até então desconhecidos.²⁵⁸

Com os conhecimentos de Dioscórides e registos clássicos é quase possível atestar os usos que determinadas plantas teriam. Apresenta-se de seguida uma breve descrição das espécies e a sua possível utilização:²⁵⁹

***Alnus glutinosa* L. | amieiro** - Árvore caducifólia com altura máxima de 25 m. Possui uma casca fendilhada de cor castanho-escuro. De acordo estudos, a madeira de Amieiro poderia ter sido utilizado para produção de carvão e pequenos objetos em madeira. Em relação às folhas estas

²⁵⁵ GOMES, J. M. F. *Cidade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspectos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado. 1996. pp 14 - 64.

²⁵⁶ GOMES, J. M. F. *Cidade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspectos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado. 1996. p 48.

²⁵⁷ MELILLO, L. Diuretic plants in the paintings of Pompeii. *American journal of nephrology*, 1994, 14.4-6: 423-425.

²⁵⁸ LUSTOSA, Sarah R., et al. Propolis: updates on chemistry and pharmacology. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, 2008, pp. 447-454.

²⁵⁹ *Idem, ibidem*, pp. 447-454.

poderiam ter sido utilizadas devido às suas qualidades medicinais como descritas no Dioscórides.²⁶⁰²⁶¹

Arbutus unedo L. | medronheiro – Árvore frutífera de folha persistente com crescimento do tipo arbustivo até uma altura de 5 metros com ramos eretos, espaçados entre si, que nascem do solo a uma altura de 50cm. Poderia ter sido utilizado na produção de bebidas alcoólicas, relativamente à madeira devido às suas qualidades combustíveis era utilizada como lenha.²⁶² Relativamente às qualidades medicinais de acordo Dioscórides *“Possui qualidade adstringente a árvore e a fruta, (...) é ruim para o estômago e causa dor de cabeça.”*²⁶³

Corylus avelana L. | aveleira – Arbusto ou pequena árvore até 8m de altura, possui uma copa pouco densa e irregular.²⁶⁴ Era utilizado devido aos seus frutos, riqueza dos óleo e madeira flexível que segundo José Flores *“restando-se para diversos trabalhos, nomeadamente vedações entrançadas e armadilhas de caça e pesca”*²⁶⁵. Relativamente ao seu uso medicinal, Dioscórides afirmava que apesar de ser prejudicial para as dores de estômago, serenava a tosse e dores de garganta. Podemos analisar a detalhada descrição por Dioscórides *“Queimado todo, amassada e misturada com gordura de porco, aplicada em pomada, cobrir o cabelo careca.”*²⁶⁶

Frangula alnus Mill. | amieiro – Arbusto ou pequena árvore que possui cerca de 5 m de altura. Teria sido pouco utilizada a nível medicinal durante a Antiguidade, vindo a ser referido apenas no século XIV por Peitro Crescenzi. No entanto, a versatilidade desta árvore permitia que os ramos pudessem ser utilizados para bastões, os frutos e a casca para tingir tecidos e a madeira de menor interesse era utilizada na produção de carvão e lápis de carvão.

Ericaceae sp. - Eram utilizadas devido às suas qualidades combustíveis e para a construção de “camas para o gado”. Plínio e Dioscórides recomendavam o uso de plantas *Ericaceae* e *Rosaceae* na cura de Hemorroidas.²⁶⁷

Fraxinus angustifolia L. | freixo – árvore de folha caduca com cerca de 15 a 20 metros de altura. Usada na aquisição da madeira de qualidade excecional, que seria utilizada no fabrico de cabos de ferramentas, como enxadas e machados, rodas de carros, etc. Relativamente às propriedades medicinais, na mesma altura Dioscórides afirmou *“Sua casca queimada e aplicada mistura de pomada”*²⁶⁸ Posteriormente viria a ser utilizada na cura de gota e reumatismo.

Pinus pinaster L. | pinheiro – Árvore de folhas persistentes, que atinge os 30 - 40 metros de altura. A sua madeira teria sido utilizada para a produção de objetos. Por outro lado, a resina, deveria

²⁶⁰ Herbário Online da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Anónimo.[Consultado em: 9 outubro de 2013.].Disponível www.jb.utad.pt/

²⁶¹ PIO, Font Quer. *Plantas medicinales. El Dioscórides renovado*. Ed. Labor. Barcelona, España. 1990.

²⁶² Herbário Online da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Anónimo.[Consultado em: 9 outubro de 2013.].Disponível www.jb.utad.pt/

²⁶³ Dioscórides interativo.Universidade de Salamanca. [Consultado em: 9 outubro de 2013.].,Disponível em www.dioscorides.eusal.es

²⁶⁴ Herbário Online da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Anónimo.[Consultado em: 9 outubro de 2013.].Disponível www.jb.utad.pt/

²⁶⁵ PIO, Font Quer. *Plantas medicinales. El Dioscórides renovado*. Ed. Labor. Barcelona, España. 1990.

²⁶⁶ Dioscórides interativo.Universidade de Salamanca. [Consultado em: 9 outubro de 2013.].,Disponível em www.dioscorides.eusal.es

²⁶⁷ PIO, Font Quer. *Plantas medicinales. El Dioscórides renovado*. Ed. Labor. Barcelona, España. 1990.

²⁶⁸ Dioscórides interativo.Universidade de Salamanca. [Consultado em: 9 outubro de 2013.].,Disponível em www.dioscorides.eusal.es

ter vários usos como na produção de unguentos e ceras.²⁶⁹ Dioscórides apresenta uma extensa descrição sobre os usos do Pinheiro. Afirma que a árvore era encontrada em várias partes da Europa, referindo o facto de a resina variar de cor, conforme a localização geográfica. Refere que poderia ser utilizado para a tosse, dores de dentes, úlceras, lesões e outros desconfortos.²⁷⁰²⁷¹

***Pinus sylvestris* L. | pinheiro-silvestre** Árvore resinosa de folha perene e porte mediano, que atinge entre 20 a 40 m de altura. É um original achado nesta região, já que se trata de uma espécie típica de zonas de alta montanha considera-se autótone nas áreas mais altas da Serra do Gerês. De acordo Isabel Figueiral “A sua presença em Terroso, à beira-mar e a baixa altitude, não nos parece coerente em termos ecológicos, devendo ser assim considerada como "elemento de importação" (sob forma de objeto, por exemplo).

***Quercus robur* L. | carvalho** – O Carvalho é talvez das árvores mais conhecidas e emblemática da floresta atlântica. Árvore de porte média, facilmente atinge 20 metros de altura com copa larga e pouco densa. A utilização desta árvore ia desde as cascas, às bolotas.²⁷² De acordo com Oliveira “... o pão de bolota durante a Idade do Ferro no NW peninsular foi recriado; os resultados desta experiência mostraram que “o pão de bolota é um recurso alimentar acessível, saboroso e nutritivo, mesmo segundo os critérios atuais do paladar”²⁷³ Dioscórides e Galeno estavam bastante familiarizados com as suas qualidades adstringentes.

***Quercus suber* L. | sobreiro** - Árvores de folhas persistentes, com altura compreendida entre 15-20 metros de altura. O tronco possui uma casca espessa, normalmente designada por cortiça. Utilizados na produção de cortiça, óleos/unguentos e madeira.²⁷⁴ Dioscórides apresenta uma descrição bastante detalhada referente aos usos de *Quercus ilex* na época “ (...) As folhas de todas as espécies, cortes e dobras, funcionam bem contra inchaços e fortificar as partes afetadas de lentidão.”²⁷⁵

***Castanea sp.* | castanheiro** – Esta espécie, ainda um pouco controversa, durante anos considerou-se que deveria ter sido introduzida aquando a Romanização, mas mais recentemente, surgiram vestígios em estações arqueológicas mais antigas, questionando a verdadeira época de introdução. O castanheiro, no entanto, viria a desempenhar um importante papel como recurso alimentar para as populações castrejas (devido a resistência do fruto, este poderia ser uma importante reserva de alimento para os invernos mais longos) e produção de madeira.²⁷⁶

²⁶⁹ Herbário Online da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Anónimo. [Consultado em: 9 outubro de 2013.]. Disponível [Http://jb.utad.pt/](http://jb.utad.pt/)

²⁷⁰ Dioscórides interativo.Universidade de Salamanca. [Consultado em: 9 outubro de 2013.].,Disponível em www.dioscorides.eusal.es

²⁷¹ PIO, Font Quer. *Plantas medicinales. El Dioscórides renovado*. Ed. Labor. Barcelona, España. 1990.

²⁷² Herbário Online da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Anónimo.[Consultado em: 9 outubro de 2013.].Disponível www.jb.utad.pt/

²⁷³ Oliveira, F., Queiroga F. e Dinis A. *O Pão de bolota na cultura castreja. Palearqueologia e Arqueologia II*, V. N. Famalicão, 1991: Pp. 251 - 267.

Herbário Online da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Anónimo.[Consultado em: 9 outubro de 2013.].Disponível www.jb.utad.pt/

²⁷⁵ Dioscórides interativo.Universidade de Salamanca. [Consultado em: 9 outubro de 2013.].,Disponível em www.dioscorides.eusal.es

²⁷⁶Dioscórides interativo. Universidade de Salamanca. [Consultado em: 9 outubro de 2013.]. Disponível em WWW. <http://dioscorides.eusal.es>

***Crataegus monogyna L.* | pilriteiro** - Arvore de pequeno porte ou arbusto que pode alcançar os 10 metros de altura.²⁷⁷ Os fragmentos de Pilriteiro foram encontrados na zona da Muralha.²⁷⁸ O Pilriteiro poderia ter sido utilizado na região principalmente nas divisórias de terrenos ou ao longo dos caminhos como sebes, e os seus ramos e folhagens seriam utilizados na forragem de cabras.

***Salix sp* | salgueiro** – Árvores comuns na região mediterrânica, encontradas principalmente em áreas húmidas e ripícolas, em solos muito diferentes. Consideradas plantas pioneiras, devido à sua facilidade de propagação, podiam alcançar facilmente os 25 metros de altura graças a fácil captação de nutrientes e água por parte de raízes profundas.²⁷⁹ Provavelmente a sua utilização na antiguidade deveria às suas propriedades medicinais. Plínio prescrevia preparativos de folhas e casca para a dor e inflamação.²⁸⁰ Dioscórides viria a fazer uma explicação muito interessante “ (...)O fruto, bebado, é benéfico para aqueles que tossir sangue. E o córtex produz os mesmos efeitos; (...)aplicada como uma cataplasma, remove calos e calosidades.”²⁸¹

***Sambucus nigra L.* | sabugueiro** – Arbusto ou pequena árvore caducifólia, com cerca de 5 metros podendo ainda alcançar os 10 metros caso as condições morfológicas o proporcionarem.²⁸² O sabugueiro poderia ser utilizado na produção de açúcares e principalmente bebidas alcoólicas, após fermentação dos frutos. Relativamente a usos medicinais, o Sabugueiro era utilizado como um remédio universal.

***Ulmus sp* | olmo** – Possui madeira de grande qualidade para todo o tipo de usos. É curioso a descoberta de fragmentos de olmo, visto não ser habitual aparecer em estudos antracológicos feitos em Portugal. Dioscórides e Plínio viriam a falar das capacidades adstringentes das folhas e casca, como Dioscórides viria a afirmar “ (...) é enrolado em torno da forma como curativo de feridas (...).”²⁸³

Tojo - o tojo poderia ter sido utilizado como material de construção, na cobertura das cabanas o que responderia ao facto de existirem uma enorme quantidade de fragmentos no interior das casas, por outro lado, Segundo Isabel Figueiral “os espinhos do Tojo tendem a afugentar certos rebanhos que podem assim dizimar os outros pequenos arbustos à sua disposição; a recolha de pequenos arbustos pela população passaria a contar assim com poucas alternativas de escolha.”²⁸⁴

²⁷⁷ Herbário Online da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Anónimo. [Consultado em: 9 outubro de 2013.]. Disponível em WWW. [Http://jb.utad.pt/](http://jb.utad.pt/)

²⁷⁸ GOMES, J. M. F. - Cividade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado. 1996.

²⁷⁹ Herbário Online da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Anónimo. [Consultado em: 9 outubro de 2013.]. Disponível em WWW. [Http://jb.utad.pt/](http://jb.utad.pt/)

²⁸⁰ PIO, Font Quer. *Plantas medicinales. El Dioscórides renovado*. Ed. Labor. Barcelona, España. 1990.

²⁸¹ Dioscórides interativo. Universidade de Salamanca. [Consultado em: 9 outubro de 2013.], Disponível em WWW. <http://dioscorides.eusal.es>

²⁸² Herbário Online da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Anónimo. [Consultado em: 9 outubro de 2013.]. Disponível em WWW. [Http://jb.utad.pt/](http://jb.utad.pt/)

²⁸³ Dioscórides interativo. Universidade de Salamanca. [Consultado em: 9 outubro de 2013.], Disponível em WWW. <http://dioscorides.eusal.es>

²⁸⁴ GOMES, J. M. F. - Cividade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Texto policopiado. 1996.

Capítulo VI – Proposta de intervenção e valorização da cidade de Terroso

Segundo a Carta de Veneza “Os sítios dos monumentos devem ser objeto de um cuidado especial, por forma a assegurar que sejam tratados e apresentados de uma forma correta. Os trabalhos de conservação e restauro a efetuar nesses locais devem inspirar-se nos princípios enunciados nos artigos precedentes.”²⁸⁵

Este capítulo visa apresentar a análise e o projeto de recuperação e requalificação da Cidade de Terroso (F. 21) tendo em consideração a investigação arqueológica e os princípios de Arquitetura Paisagista na realização de um projeto de reabilitação e requalificação de um sítio arqueológico.

6.1 Análise

Segundo o artigo 26 da Carta de Burra, para se “dar início as obras de recuperação e restauro, é necessário haver um estudo prévio que compreenda o sítio, o qual deve incluir a análise das evidências físicas, documentais, orais e outras, baseada nos apropriados conhecimentos, competências e disciplinas.”²⁸⁶ Como tal, foi realizado uma análise às diferentes componentes do local, desde a análise de problemas, à identificação de mais-valias.

6.1.1. Objetivos estratégicos

A cidade de Terroso é considerada Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 44 075, DG, 1.ª série, n.º 281, de 05 dezembro 1961. Segundo o Sistema de Informação para Proteção Arquitetónica o sítio possui um grau de conservação 2 que corresponde a “*imóvel ou conjunto com valor tipológico, estilístico ou histórico ou que se singulariza na massa edificada, cujos elementos estruturais e características de qualidade arquitetónica ou significado histórico deverão ser preservadas. Incluem-se neste grupo, com exceções, os objetos edificados classificados como Imóvel de Interesse Público*”.²⁸⁷

Este espaço, apesar de ser alvo regular de limpeza e manutenção ao longo do ano, demonstra a necessidade da implementação de um Projeto de Recuperação, adaptado aos espaços e elementos estruturantes, baseando em critérios de proteção associadas às cartas de Veneza e Florença.

O Projeto de requalificação e recuperação deve permitir uma olhar sobre como a comunidade que aqui viveu e como esta interagiu com o seu ambiente ao longo do tempo, fornecendo informações sobre os usos de recursos, costumes práticas e património.

²⁸⁵ ICOMOS, II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos /- Carta de Veneza, 1964. Disponível em: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>

²⁸⁶ Carta de Burra [em linha], 2008, [consultado 14 de janeiro de 2014] Disponível em WWW. [Http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf](http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf).

²⁸⁷ SERENO, Isabel. Cidade de Terroso SIPA, 1994. [Consultado 20 de outubro]. Disponível em WWW: < http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5135

Visto a Cidade encontrar-se nas proximidades da costa e de uma área densamente povoada, oferece condições para a valorização do sítio como espaço de recreio e usufruto público, graças às suas potencialidades cénicas e conjunto de características biofísicas.

Como tal na conceção da proposta de recuperação, reabilitação da Cidade de Terroso foram realizados levantamentos arqueológicos, botânicos, históricos e cartográficos e recorreu-se à caracterização e análise dos elementos existentes que possuem maior importância permitindo assinalar problemas existentes que de certa forma afetam o uso, a linguagem e aptidão atuais.

6.1.2. Diagnóstico de problemas²⁸⁸

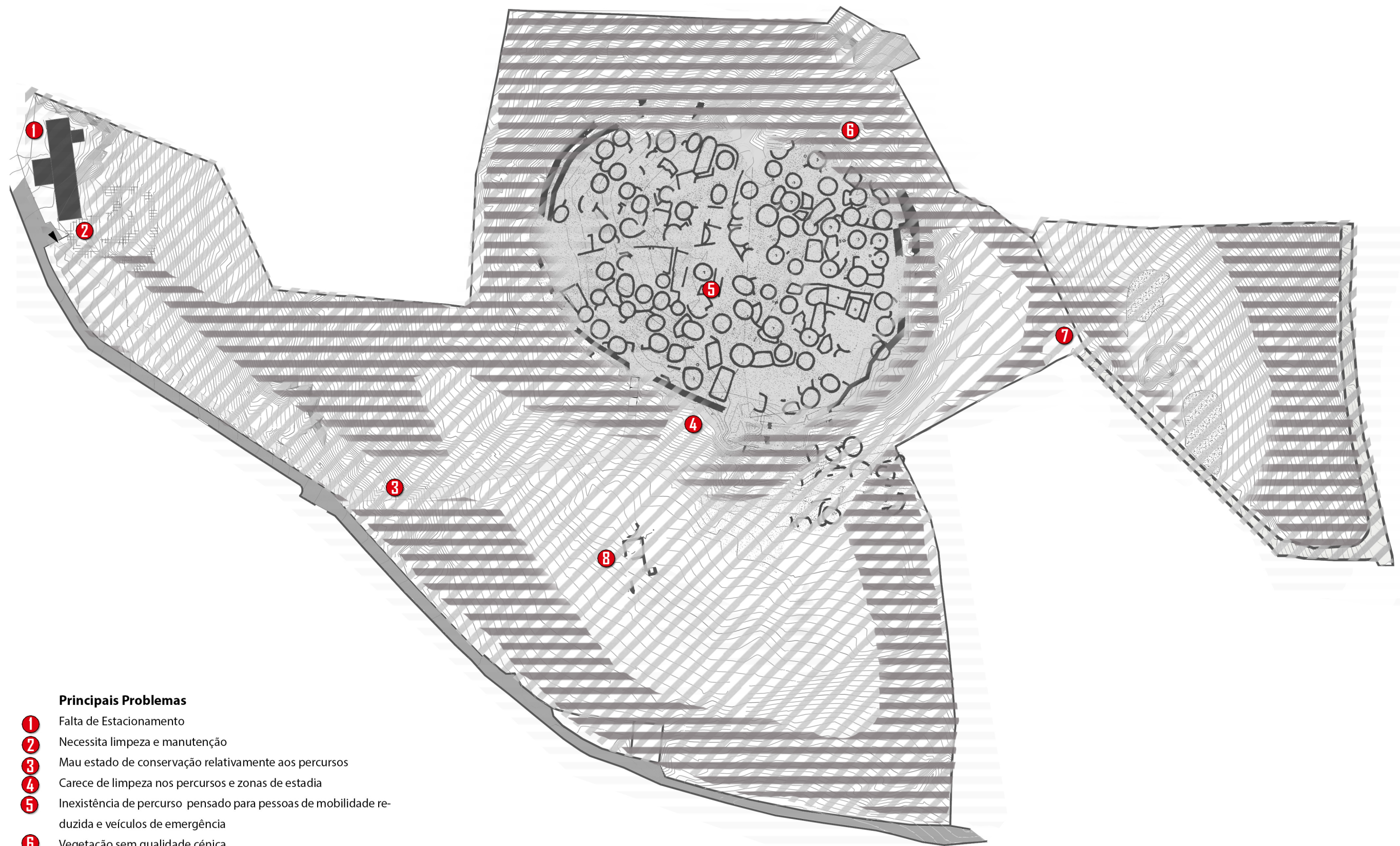
Antes de se avançar na descrição da proposta, apresentamos os principais problemas existentes:

- i. Desaparecimento de vegetação característica da área;
- ii. Estruturas arqueológicas que necessitam estabilização;
- iii. Desvalorização dos elementos patrimoniais existentes na área que carecem de restauro;
- iv. Percursos pedonais em mau estado de conservação, com declives muito acentuados;
- v. Vedações existentes em mau estado e incoerentes com a paisagem envolvente;
- vi. Poucos lugares de estacionamento automóvel;
- vii. Inexistência de mobiliário;
- viii. Iluminação fraca e pouco funcional
- ix. Sobrecarga construtiva na paisagem e uma crescente urbanização nos terrenos que envolventes

6.1.3. Infraestruturas

Como já foi referido, A cidade de Terroso foi alvo de apoios do quadro comunitário relativo ao programa- Cultura, do Programa Operacional da Região Norte. Através deste projeto pretendeu-se criar um projeto de conservação, valorização e proteção, que definia a construção de um edifício de apoio aos visitantes, construção de percursos, sinalética e plantação de árvores.

²⁸⁸ Ver Peça desenhada 6 e 7: Plano de diagnóstico e respetivas Fotografias



Principais Problemas

- 1 Falta de Estacionamento
- 2 Necessita limpeza e manutenção
- 3 Mau estado de conservação relativamente aos percursos
- 4 Carece de limpeza nos percursos e zonas de estadia
- 5 Inexistência de percurso pensado para pessoas de mobilidade reduzida e veículos de emergência
- 6 Vegetação sem qualidade cénica
- 7 Valorização do acesso secundário
- 8 Nocas áreas escavadas carecem de limpeza e manutenção

- Florestação de área de acordo com arqueólogo
- Preservação de estruturas arqueológicas e verificação periódica do seu estado de conservação
- Recuperação, limpeza do terreno e regularização do solo

Nota: A limpeza do terreno, pretende a remoção seleccionada de plantas secas e mortas, preservação de exemplares arbóreos e arbustivos, e corte do estrato herbáceo e por último regularização final.

	Edifício de Apoio
	Estruturas arqueológicas
	Acesso principal
	Pavimento em calçada de granito
	Pavimento em Saibro estabilizado
	Estacionamento Existente
	Muro Limite
	Curvas de nível

Q Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos
Caso de estudo: Cidade de terroso



Sónia Talhé Azambuja
Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes
Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja

2015

LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim	 N
ESCALA	1:1000	PEÇA 06
PLANTA	Plano de diagnóstico	



Fotografia | Denota-se que o pavimento existente encontra-se em muito mau estado.



Fotografia | Parte das estruturas requerem consolidação, limpeza e requalificação.



Fotografia | O acesso à plataforma superior encontra-se em muito mau estado, devido à inclinação e à constante erosão.

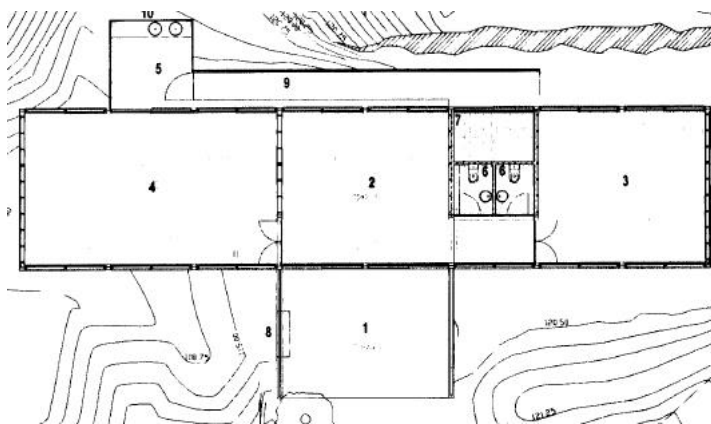


Fotografia | Certas partes escavadas requerem vedações por questões de segurança e de conservação.

O Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos Caso de estudo: Cividade de terroso			ESCALA	não definida	PEÇA	07
Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja			PLANTA	Fotografias referente ao plano de Diagnóstico		
			2015			

O projeto pretendia valorizar e dinamizar o sítio arqueológico a nível cultural e turístico de forma a atrair estudantes, investigadores e público em geral.

De acordo com José Flores, a localização do Núcleo interpretação e Apoio à Cidade deveu-se à existência do principal percurso de acesso (construído em meados dos anos 90) e a localização de pedreira usada entre o século XIX e inícios do século XX., que não afetaria o valor arqueológico e histórico do local.



F. 18 Planta de Edifício de Apoio da Cidade de Terroso. Fonte: MMPVZ

A construção do edifício de apoio pretendia melhorar as condições de realização de escavações arqueológicas e o tratamento do espólio encontrado, bem como receber o fluxo de visitantes que poderia melhorar a economia local e regional.

O edifício (F. 18) foi desenhado pelo arquiteto Rocha Leite que criou um edifício com 3 áreas distintas vocacionadas a diferentes funções como o tratamento de vestígios arqueológicos, auditório e área de receção. Também destaca-se a existência de sanitários e balneários.

6.1.4. Elementos construídos

Os elementos construídos encontrados na Cidade já foram alvos de ações de conservação e restauro. Todos os muros foram elevados até uma altura de menos de 1 metro de modo a dar entender, mais facilmente aos visitantes, como seriam as estruturas da época. A adição de novas pedras nas estruturas foi distinguida das pedras originais através de uma rede verde do tipo das redes de ocultação, este alteamento das estruturas funciona igualmente como camada protetora das estruturas originais que se permanecessem expostas rapidamente se degradariam.

Deparamos nos com alguns problemas de estabilidade de pavimentos adjacentes às estruturas e dos próprios muros devido à existência dos mais variados fatores de erosão.

6.1.5. Pavimentos existentes

A avaliação do estado de Pavimentos visou reconhecer e expor os problemas dos mesmos. Na sua maioria, os pavimentos apresentam graves problemas de conservação resultantes da erosão por escoamento de águas, cedência do solo e crescimento de vegetação. Problemas bastante comuns em sítios arqueológicos resultantes de falta de conservação e um correto plano de intervenção.

Parte dos pavimentos foram recuperados em 2004 aquando o projeto de requalificação do local.

Local	Inclinação	Material	Estado de conservação	Causas
Entrada	Plana	Calçada de Granito Cinza	Pouco Regular	Erosão por escoamento de águas pluviais
Percurso de acesso	Alta	Saibro	Muito Irregular	Erosão por escoamento de águas pluviais;
Mata	Média	Solo Natural	Regular	Cedência do solo; Crescimento da vegetação
Segunda Entrada	Baixa	Saibro	Regular	Cedência do solo; Crescimento da vegetação
Área Envolvente de estruturas	Plana	Solo Natural, Calçada castreja e Romana, Saibro	Regular	Crescimento da vegetação Deslocação de pedras pelos utilizadores

Tabela 2 Levantamento do material e conservação dos pavimentos existentes. Fonte. Autora

6.1.5. Património Natural

A cidade de Terroso possui um rico património natural, tanto florístico como faunístico. No que toca à fauna podemos encontrar desde pequenos anfíbios como Sapo-Comum a mamíferos como raposas ou coelhos, podemos destacar o registo de mais de setenta espécies de aves e numerosas espécies de insetos, lepidópteros e outras nomeadamente espécies classificadas e endemismos da região. A existência de grande diversidade faunística deve-se às características do ecossistema bem como falta da influência humana. Destaca-se a presença e passagem em migração e ao longo do ano de largas dezenas de espécies de aves, algumas das quais se podem considerar como raras na região. A existência de grande diversidade faunística deve-se às características do ecossistema bem como à escassa influência humana.

Com a análise a fotografias antigas, pode-se constatar que a vegetação da Cidade, nos inícios do século XX, era essencialmente composta por carvalhos e pinheiros. No entanto a partir dos anos 60, o estudo sobre o estado da vegetação atual permitiu concluir que a vegetação na envolvente do espaço encontra-se bastante degradada e com espécies não autóctones. Na prática, os proprietários dos terrenos à volta da cidade ou deixaram os terrenos ao abandono sendo bastante suscetíveis a incêndios ou plantaram eucaliptos em busca de rendimentos.

Relativamente à riqueza florística, nos últimos anos a vegetação da Cidade é alvo de controlo e manutenção por parte de um funcionário que executa as medidas necessárias no controlo da vegetação arbórea-arbustiva para além de efetuar algumas tarefas de manutenção e conservação das estruturas como a remoção de plantas herbáceas que possam vir a danificar a estabilidade das mesmas. Por outro lado deparámo-nos com um problema pouco comum. Excesso de Sobreiros. Ao longo dos anos nasceram um grande número de sobreiros, de uma forma espontânea. A princípio considerou-se que grande parte pereceria ao fim de pouco tempo. No entanto, ao contrário do que se pensava, os sobreiros encontraram condições excelentes para o seu desenvolvimento. Ainda mais, a colocação de sobreiros coincidiu muitas vezes com a existência de estruturas.²⁸⁹

²⁸⁹ Ver Peça desenhada 8: Plano de Vegetação Existente



Edifício de Apoio

Estruturas arqueológicas

Acesso principal

Pavimento em calçada de granito

Pavimento em Saibro estabilizado

Estacionamento Existente

Muro Limite

Curvas de nível

4

A.u.

Arbutus unedo L. [mendroeiro]

10

C.s.

Castanea sativa L. [castanheiro]

14

P.p.

Pinus pinaster Aiton [pinheiro]

28

P.p.

Pinus pinea L. [pinheiro]

2

P.c.

Pyrus communis L. [pereira]

56

Q.r.

Quercus robur L. [carvalho-robe]

134

Q.s.

Quercus suber L. [sobreiro]

Q Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos

Caso de estudo: Cidade de terroso

INSTITUTO SUPERIOR D AGRONOMIA

Universidade de Lisboa

Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes

Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja

2015

LOCALIZAÇÃO

Terroso|
Póvoa de Varzim

N

ESCALA

1:1000

PEÇA

08

PLANTA

Plano de Vegetação Existente

6.2. Projeto

6.2.1. Critérios e estratégias de intervenção

Conservação/recuperação

A Cidade de Terroso não possui uma unidade visual e morfológica característica da paisagem Entre Douro e Minho. Apesar de existirem espécies características tais como *Pinus pinea* L., *Quercus ruber* L., e *Quercus suber* L., é inegável negar a existência de espécies não autóctones na envolvente. Quanto aos elementos arquitetónicos existentes, do século V a.C. ao século III d. C. encontraram vestígios de estruturas residenciais, públicas e defensivas muralhas em 3 perímetros). Por esse motivo procura-se a recuperação e conservação dos seguintes elementos:

- Valorização da vegetação autóctone;
- Preservação dos elementos arquitetónicos através de limpeza, manutenção e conservação de forma a evidenciar o seu valor patrimonial e histórico;
- Desmatização de plantas infestantes;
- Valorização e recuperação da paisagem degradada.

Identificação

De forma a restituir a unidade visual à cidade de Terroso foram identificados os seguintes elementos:

- Espécies que existiam na Cidade de Terroso aquando o horizonte cronológico da proto-história e romanização, para proceder a sua plantação.
- Identificação/recuperação de elementos estruturantes da paisagem: sistemas de percursos, sistemas hídricos e elementos naturais da paisagem.

Proteção

- A proposta é pensada de forma a garantir a segurança do espaço,
- Proteção visual de áreas habitacionais e de áreas industriais situadas na envolvente.

Utilização

A nível da utilização do espaço do Monte da Cidade ser garantida e mantida a unidade do espaço assim como, devem também, ser definidas as funções que o espaço deve possuir. Surge assim a necessidade de tomar as seguintes medidas:

- Incentivar a funcionalidade e a integridade do espaço.
- Promover a interligação entre os elementos naturais e entre as relações humanas.
- Criação de uma rede de caminhos, aproveitando os velhos trilhos que noutros tempos atravessavam o monte da Cidade unindo os vários Lugares da Freguesia de Terroso

Manutenção

Ao longo do ano, a Cidade é alvo das seguintes intervenções:

- Limpeza e consolidação de estruturas;
- Recuperação de pavimentos;
- Controlo de plantas infestantes através de remoção e eventual controlo químico;
- Limpeza de sistemas de drenagem naturais;
- Proteção da erosão ambiental e humana e fogos;

6.2.2. Plano Diretor de intervenção

A área de intervenção da Cidade de Terroso é de cerca de 12 a 14 Hectares, dos quais cerca de 5 são propriedade Municipal. Após a análise das componentes espaciais, decretos-leis e Cartas de Proteção de Património, nomeadamente a Carta de Veneza, a Carta de Florença, Carta de Burra, e a Convenção Europeia para a Proteção do Património Arqueológico foi delineada a proposta com o objetivo máximo de requalificar e preservar as características físicas, históricas e arqueológicas existentes no espaço, remetendo para importância cultural e histórica do local.²⁹⁰

Pretende-se destacar a importância da Cidade de Terroso como ponto dominante no território entre o Rio Ave e o Rio Cávado, não só pelo papel arqueológico e patrimonial, mas como sítio de fruição paisagística e de recreio, afirmando a Cidade de Terroso como um referencial de sítio arqueológico no Nordeste Português, através do reconhecimento e valorização das qualidades ambientais, históricas e territoriais do local.

Intenciona-se que o sítio, continue a seguir a tipologia de Modelo interpretativo, que como já foi mencionado, pretendia que os sítios arqueológicos sejam estabilizados, reabilitados e apresentados ao público, mantendo uma estreita ligação com a paisagem envolvente, transmitindo, desta forma, as principais qualidades do local.

A percepção visual e os sentidos, assumiram uma enorme importância na conceção do desenho e na realização do plano de plantação. A cidade de Terroso tem a sua própria imagem cultural, construída pelas estruturas arqueológicas, árvores, texturas. Como tal, a visão dos visitantes deve ser canalizada para os espaços de maior valor cénico, como as estruturas muralhadas mais imponentes ou as longas vistas desde o Douro ao Lima.











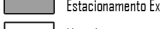

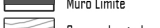
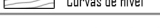
A recuperação do Sítio é uma preocupação transversal a toda a proposta, pois o objetivo será sempre a valorização deste espaço e a criação de novas qualidades à sua vivência e utilização. De facto, o espaço em estudo possui uma beleza notável e um sistema natural de grande riqueza que deve ser valorizado. O recurso de materiais tradicionais em consonância com materiais contemporâneos, impondo a necessidade de proteger os bens arqueológicos salvaguardando as suas fragilidades.²⁹¹

²⁹⁰ Ver peça Desenhada 9: Plano Diretor de Restauro

²⁹¹ Ver peça Desenhada 10: Perspetivas e Simulações



- 1 Criação de Estacionamento
- 2 Criação de área de repouso com bancos e mesas
- 3 Alargamento e reconstrução em Saibro estabilizado com cal
- 4 Área em Deck para ser possível o visitante passar por cima de estruturas antigas
- 5 Criação de acesso destinado a pessoas de mobilidade reduzida e veículos de emergência
- 6 Regularização da vegetação para melhorar a qualidade visual
- 7 Florestação para impedir a erosão
- 8 Regularização e limpeza da vegetação
- 9 Regularização de novas áreas escavadas
- 10 Valorização do acesso secundário através de acções de limpeza e regularização do solo
- 11 Florestação de área de acordo com arqueólogo
- 12 Preservação de estruturas arqueológicas e verificação periódica do seu estado de conservação
- 13 Recuperação, limpeza da vegetação e regularização do solo


	Edifício de Apoio		Estrutura em Deque em madeira de pinho tratado em autoclave
	Estruturas arqueológicas		Vegetação proposta
	Acesso principal		Estruturas de apoio
	Pavimento em calçada de granito		Prado de Sequeiro
	Pavimento em Saibro estabilizado		Terreno regularizado
	Estacionamento Existente		Afloramento rochoso
	Muro Limite		
	Curvas de nível		

Q Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos
Caso de estudo: Cidade de terroso

Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes
Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja

INSTITUTO SUPERIOR D AGRONOMIA
Universidade de Lisboa

2015

LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim	
ESCALA	1:1000	PEÇA 09
PLANTA	Plano de intervenção	



Simulação | Reabilitação do percurso principal



Simulação | Percurso recuperado e estabilizado



Simulação | denota-se a pouca intervenção de forma a não prejudicar as estruturas e aleitura por parte dos Visitantes



Fotografia | Percurso em deck.

O Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos Caso de estudo: Cidade de terroso Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja	 INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA <small>Universidade de Lisboa</small>	LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim	 N
		ESCALA	não definida	PEÇA 10
		PLANTA	Simulações	

Pretende-se a consolidação das estruturas arqueológicas, que ainda não foram alvo de ações de recuperação, realizadas por uma empresa credenciada, impedindo a desvalorização da cidade como monumento, mantendo a sua leitura e disponibilidade. Para o maior entendimento do visitante, suugere-se que no centro interpretativo sejam colocados vestígios arqueológicos encontrados em escavações recentes, pretendendo também que o edifício ofereça mais serviços de apoio como um café e um posto de venda, para além dos balneários, WC's e espaço de apoio a investigações arqueológicas.

Em redor do edifício deve ser criado um espaço que cumpra as funções de área de recreio e estadia, possuindo serviços de apoio e equipamento urbano adequado, iluminação colocada de forma pontual, de modo a não interferir com a leitura do sítio, constituindo um espaço de qualidade, apto a satisfazer as necessidades lúdicas da população local e os numerosos visitantes. Uma vez que se assumem as vistas como um dos elementos estruturante da proposta, propõem-se que a colocação da vegetação fomente a qualidade cénica e paisagística do espaço, bem como a integração do edifício. Relativamente ao projeto este inclui plantação e pavimentação apenas com o intuito de melhorar a legibilidade do local e a existência de estruturas de serviços como estacionamento, lavabos e um pequeno centro interpretativo (que visa fornecer informações aos turistas). Deste modelo encontrámos Sítios Arqueológicos como os Castro do Noroeste Peninsular.

Esta proposta contribuirá para a valorização da vertente paisagística da área, visto que implicará uma alteração na sua imagem, através da implementação de vegetação caraterística do século I d.C., colocadas de acordo com apoio do arqueólogo e cartografia existentes de modo a não pôr em causa estruturas ainda por escavar e de valorizar o aspeto cénico do espaço.

Relativamente ao arruamento viário, visto o arruamento atual não possuir as características necessárias para garantir uma acessibilidade conveniente ao espaço, impõe-se a sua requalificação e reperfilamento, o que implica uma alteração do piso de circulação e a colocação de passeios onde estes não existem. Para além disso, devido a existência de poucos lugares de estacionamento propõem se o desenvolvimento de estacionamento com capacidade para cerca de 10 viaturas.

O Sítio acaba por estar organizado de forma a facilitar a visita, oferecendo ao visitante, a possibilidade de escolher entre vários percursos mais específicos e/ou mais apelativos, sensibilizando-o para o valor histórico e patrimonial, ou visitar o sítio de uma forma mais livre, permitindo a descoberta de um cenário único.

Salienta-se que com esta proposta permite-se fruição e apreciação dos valores históricos e naturais do sítio, apelando a utilização do sítio como local de recreio, ou seja sendo usado para outras atividades como "*Birdwatching*" sendeirismo, *geocaching* e recreio e tudo aquilo que permita a fruição de um espaço natural e sadio (Desta forma, o equilíbrio ecológico, a qualidade ambiental que caracterizam este sistema, são promovidos).A estimativa orçamental do projeto é de cerca de 240

000€. No anexo III podemos encontrar o Caderno de Encargos e Estimativas de Custos que aprofundam mais a Estimativa Orçamental.²⁹²

Prioridade	Curto Prazo
Fase	Projeto de Execução
Projeto de recuperação	216 000€
Trabalhos arqueológicos (escavações e espólios)	25 000€
Estimativa orçamental	240 000 €

Tabela 3 Estimativa Orçamental Projeto Proposto. Fonte: Autora

6.2.3. Morfologia do terreno

Devido o espaço em estudo ser um sítio arqueológico em constante escavação, significa que não podem nem devem ser realizadas alterações na morfologia do terreno visto que poderia colocar em perigo a conservação das estruturas arqueológicas ainda por descobrir.²⁹³

Só em casos pontuais, como colocação de pavimentos em Saibro estabilizado com Cal e na criação de estacionamento, é que se irá proceder a pequenos aterros de modo a não afetar o local.

6.2.4. Plano de plantação

Relativamente ao plano de Plantação, procurou-se fazer uma reconstrução do Paleoambiente do século I d.C., tendo em conta o artigo 12 da Carta de Florença que afirma “*espécies de árvores, arbustos, plantas e flores que vão ser periodicamente substituídas, devem ser selecionadas com respeito pela prática estabelecida e reconhecida em cada região botânica e hortícola, e com o objetivo de se identificarem as espécies originalmente plantadas e de as preservar.*”²⁹⁴ Para tal, considerou-se os conhecimentos adquiridos, após a análise de Carvões encontrados na Cividade de Terroso por Isabel Figueiral (como descrito no Capítulo anterior) e os textos descritivos de Dioscórides, Theophratos e Estrabão.

Visto pretender-se que a Cividade seja usada como um sítio de fruição como de estudo, a arborização foi pensada de forma a não se sobrepor à leitura do espaço como sítio histórico e defensivo (marcado por vários anéis de muralhas). Para o topo, onde se concentram as estruturas arqueológicas, não são colocadas árvores, para não interferir na visita, nem para danificarem as estruturas existentes.

Neste caso, as espécies que foram identificadas no estudo dos carvões, são consideradas espécies autóctones, facilitando a ligação entre o passado e o presente. Ou seja, possuem uma elevada longevidade, resistência a ventos e Salsugem não necessitando de cuidados recorrentes por parte de equipas de manutenção proporcionando um desenvolvimento sustentável e natural.²⁹⁵

²⁹² No anexo III, encontra-se o Articulado de Medições e Estimativa de Custos

²⁹³ Ver peça Desenhada 11: Cortes

²⁹⁴ ICOMOS. Carta de Florença. [Consultado em: outubro de 2013.]. Disponível em WWW. <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-florença.pdf>

²⁹⁵ Ver Peça Desenhada 12: Plano de Plantação e Peça desenhada 13: Plano de sementeira de herbáceas

arte representativo A A'



arte representativo BB'




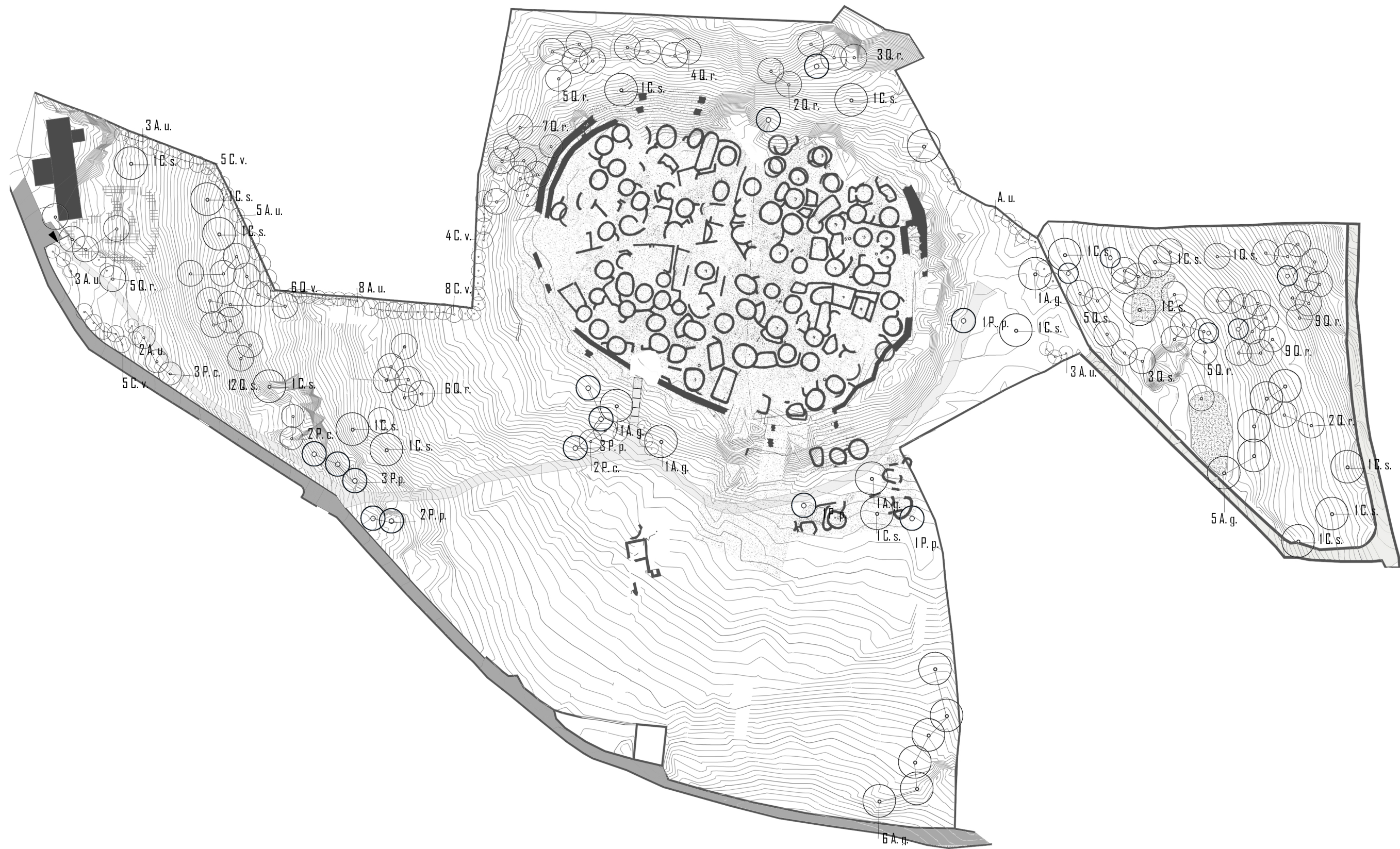
O Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos
Caso de estudo: Cividade de terroso












Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes
Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja

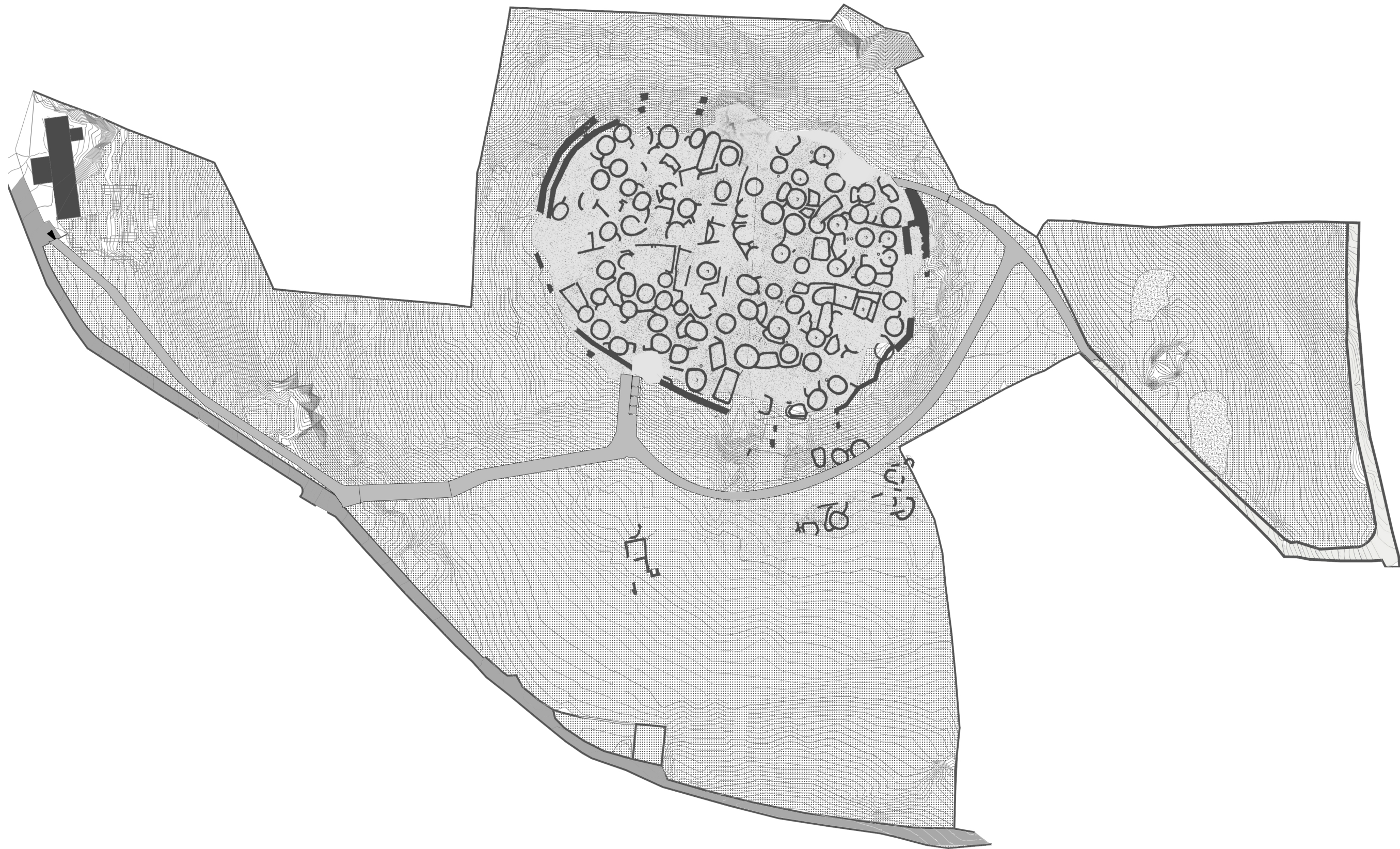
2015

LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim	 N
ESCALA	1:1000	PEÇA 11
PLANTA	Cortes	



 Edifício de Apoio	Vegetação Arbórea Proposta		Vegetação arbustiva proposta	
 Estruturas arqueológicas	15	Ag. <i>Alnus glutinosa</i> L. amieiro .	63	Au. <i>Arbutus unedo</i> L. mendroeiro
 Acesso principal	16	Cs. <i>Castanea sativa</i> L. castanheiro	38	Cs. <i>Calluna vulgaris</i> L. Urze
 Pavimento em calçada de granito	8	P.p. <i>Pinus pinea</i> L. pinheiro		
 Pavimento em Saibro estabilizado	2	P.c. <i>Pyrus communis</i> L. pereira		
 Estacionamento Existente	73	Qr. <i>Quercus robur</i> L. carvalho alvarinho		
 Muro Limite	8	Qs. <i>Quercus suber</i> L. sobreiro		
 Curvas de nível				
O Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos Caso de estudo: Cidade de terroso				
				
AUTORA: Ana Teresa Carneiro Gomes ORIENTADORA: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja				
2015				

LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim		 N	
ESCALA	1:1000		PEÇA	12
PLANTA	Plano de Plantação Arbórea e Arbustiva			



<div>Edifício de Apoio</div> <div>Estruturas arqueológicas</div> <div>Acesso principal</div> <div>Pavimento em calçada de granito</div> <div>Pavimento em Saibro estabilizado</div> <div>Estacionamento Existente</div> <div>Muro Limite</div> <div>Curvas de nível</div>	<div>Composição de prado de sequeiro, à razão de 30 g/m2:</div> <div><i>Festuca arundinacea</i> - 50%</div> <div><i>Festuca rubra</i> - 25%</div> <div><i>Lolium perenne</i> - 10%</div> <div><i>Cynodum dactylon</i> - 10%</div> <div><i>Trifolium subterraneum</i> - 5%</div>	
	<div>Q Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos</div> <div>Caso de estudo: Cidade de terroso</div>	
	<div>Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes</div> <div>Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja</div>	



2015

LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim	
ESCALA	1:1000	PEÇA 13
PLANTA	Plano de Sementeira de Hérbaceas	

Como tal, de forma a recuperar os valores culturais das atividades executadas no povoado no século I d.C., e a responder às necessidades do espaço, é definido um plano de sementeira e um plano de plantação arbóreo-arbustivo. Para o plano de Sementeira foi selecionada uma mistura de *Festuca arundinacea* (50%), *Festuca rubra* (25%), *Lolium perenne* (10%) *Cynodum dactylon* (10%) e *Trifolium subterraneum* (5%) enquanto para o plano de plantação arbóreo-arbustivo foram selecionadas: *Alnus glutinosa* L. (amieiro), *Arbutus unedo* L. (mendroeeiro), *Crataegus monogyna* L. (pilriteiro), *Corylus avelana* (aveleira), *Erica arborea*, L. (urze-molar ou betouro), *Pyrus communis* L. (pereira), *Quercus suber* L. (sobreiro), *Salix* sp (salgueiro) e por fim *Sambucus nigra* L. (sabugueiro). É de referir que visto o sítio arqueológico encontrar-se em constante escavação, o delineamento e posicionamento da vegetação arbórea-arbustiva foi definida com o apoio do arqueólogo de forma a não afetar e por ventura danificar os vestígios arqueológicos ainda subterrados, mas ao mesmo tempo restabelecer a diversidade ecológica a longo prazo. O enquadramento paisagístico e a relação com a envolvente são valorizados pela distribuição da vegetação que, proporciona a criação de espaços com sombra e encaminha as vistas para lugares de maior interesse.

O efeito cénico criado possibilita ao visitante, imaginar o espaço como se estivesse em épocas passadas e a perceção da importância das plantas para a época (apesar de na altura ser quase impossível a existência deste tipo de plantas tão perto dos povoados - não deixa de ser interessante fomentar o imaginário dos visitantes). Por outro lado, a distribuição da vegetação permite “esconder” vistas pouco interessantes como áreas urbanas a sul e por outro lado direcionar as vistas para pontos de interesse como por exemplo o extenso horizonte entre Porto e Viana do Castelo. São ainda definidos locais panorâmicos dirigidos para Norte e Oeste.

Ainda de acordo com a Carta de Florença “*Como o material principal é vegetal, a preservação numa condição inalterada requer substituições imediatas, quando necessárias, e um programa a longo prazo de renovação periódica (podas e replantações com espécimes maduros)*.”²⁹⁶, Ou seja deve existir um programa de manutenção a longo prazo que se encontra descrito no anexo IV, na secção dos Cadernos de Encargos.

6.2.5. Acessos e Percursos

Para o acesso ao sítio propõem-se que o arruamento atual seja ligeiramente regularizado por não possuir as características necessárias para garantir uma acessibilidade conveniente ao espaço, quer viário quer pedonal. De forma a responder às carências e necessidades de acessibilidade o espaço também deve ser rematado por uma área de retorno e uma zona de estacionamento.

Relativamente aos caminhos primitivos de acesso à Cidade, pretende-se que estes continuem a ser alvo de ações desmatização e limpeza do sítio, já que continuam a ser utilizados, principalmente pelos habitantes da freguesia.

Na área em redor do Edifício devido a existência de poucos lugares de estacionamento propõe-se a criação de 12 lugares normais articulados ou outros de maiores dimensões. Assim, o lugar base de

²⁹⁶ ICOMOS. Carta de Florença. [Consultado em: outubro de 2013.]. Disponível em WWW. <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-florença.pdf>

estacionamento fica com 2,5 m de largura com 5 m de comprimento, devendo ser efetuado antes de tudo um nivelamento do terreno de modo a compensar as irregularidades de cotas no local.

Em relação ao caminho exterior (muito usado pelos habitantes da freguesia) deve continuar a permitir o acesso automóvel em casos de emergência ao cimo do espaço, sendo condicionado por cancela. Foi-nos informado pelo arqueólogo que caso se venha a conseguir a aquisição de uma parcela a Nordeste do povoado, ainda em mãos de particulares será possível equacionar por aí um melhor acesso a viaturas de serviço e eventualmente a visitantes com mobilidade limitada. Nesta eventualidade o acesso atualmente existente ficaria livre das necessidades de viaturas de serviço e inteiramente vocacionado para os visitantes ao povoado.

Relativamente aos percursos existentes na Cidade de Terroso, como já foi referido, apesar de apresentarem hierarquia estão sujeitos a processos constantes de erosão e desvalorização. A circulação no sítio é realizada de forma desconfortável, ao estado dos pavimentos, falta de informação no local e falta de iluminação (o espaço em meses de inverno acabaria por ser limitado a apenas 5 horas de visita).

Assim a proposta de recuperação/requalificação, em termos de percursos, pretende criar um sistema de caminhos que atravessasse o Sítio Arqueológico e possibilite aos visitantes um contacto direto com os pontos mais relevantes e curiosos do sítio, promovendo o contacto com a paisagem característica de uma dada época assim como sensibilizar os visitantes aos elementos históricos existentes.²⁹⁷

Parte dos percursos e áreas de circulação pedonal devem possibilitar a circulação de mobilidade reduzida, sendo percursos, realizados em rampas regulamentares, ladeado com guardas às alturas regulamentadas, de acordo com o DL163/2006 de 8 de agosto.²⁹⁸ Por outro lado, como o espaço está em constante escavação poderão surgir outros percursos pedestres não definidos.

A organização e o desenho dos percursos também tiveram em consideração as relações visuais do sítio com a envolvente procurando dar a conhecer o horizonte visual extraordinariamente abrangente. Como já foi referido em dias com pouca nebulosidade é possível avistar Viana do Castelo, os campos agrícolas da região, as florestas, etc. De certo modo também dar-se-ia a conhecer a paisagem característica da região e os elementos mais característicos do local.

Como tal pretende-se a criação de vários tipos de percursos.²⁹⁹

a) **Percurso livre-** Este percurso com início no edifício de interpretação, permite uma maior flexibilidade do visitante, estando apenas definido o trajeto inicial permitindo que o visitante explore as estruturas arqueológicas de forma livre, sendo possível observar e percorrer as ruas antigas e imaginar-se em épocas passadas.

b) **Conhecer a Cidade** - Percurso definido de curta duração – Ao contrário do percurso livre, este percurso requer o apoio e a condução por parte de guias ou arqueólogos, sendo destinado principalmente a grandes grupos de menor mobilidade como crianças e idosos. Este percurso possui

²⁹⁷ Segundo o artigo 18 de ICOMOS, Comissão Internacional de Jardins e Sítios Históricos, Carta de Florença. [Consultado em: 9 outubro de 2013.]. Disponível em: WWW <<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadeflorenca.pdf>>

²⁹⁸ Decreto-Lei n.º 163/2006 de 8 de agosto, Diário da República, 1.ª série – N.º 152 – 8 de agosto de 2006

parte do percurso coincidente ao percurso livre, no entanto, encontra-se definido na totalidade de forma a aliviar a pressão sobre estruturas arqueológicas mais frágeis e/ou espaços em constante escavação. Este percurso será ladeado de sinalética sobre o património histórico-cultural, o de património natural expondo a variedade de vegetação reconstituída no sítio arqueológico e teria uma duração entre 30 a 45 minutos e seriam percorridos cerca de 1 Km.

c) **À descoberta da Cidade** - Percurso definido de longa duração – Este percurso, tal como o percurso de curta duração pressupõem a condução por parte do arqueólogo ou guias devidamente credenciados. Este percurso seria mais pensado para grupos que não tenham problemas de mobilidade e com maior interesse ou curiosidade sobre o espaço. Poderia ter uma duração de 1 a 2 horas e seriam percorridos cerca de 2 km.

6.2.6. Pavimentos

A circulação pedonal no espaço é realizada de uma forma um pouco desconfortável, pelas razões descritas na análise dos percursos. Como tal, os pavimentos devem ser alvo de medidas de estabilização e conservação. Para o acesso ao sítio – o pavimento em calçada granítica deve ser recuperado, de forma a responder ao acesso automóvel e pedonal sendo rematado por um espaço de retorno.³⁰⁰

Relativamente ao acesso às estruturas arqueológicas manter-se-ia no seu traçado original visto que a morfologia do terreno e o seu declive o assim obrigam. No entanto, existe uma área em *deck* destinada a convidar os visitantes a visualizar um percurso provavelmente romano existente na área indicada. A largura do pavimento seria de 1,80m vocacionado apenas para uso pedonal. Este pavimento seria na mesma realizado em saibro com ligante de cal, um piso em permeável e naturalizado, ladeado por uma “guarda/muro de suporte” em toros de madeira em meio círculo, encastrados no solo por batimento. O saibro, no entanto seria necessariamente substituído de 3 em 3 anos, devido á erosão humana e ou ambiental. Este tipo de pavimento também permitiria uma maior coerência com as espacialidades e a unidade visual do espaço.

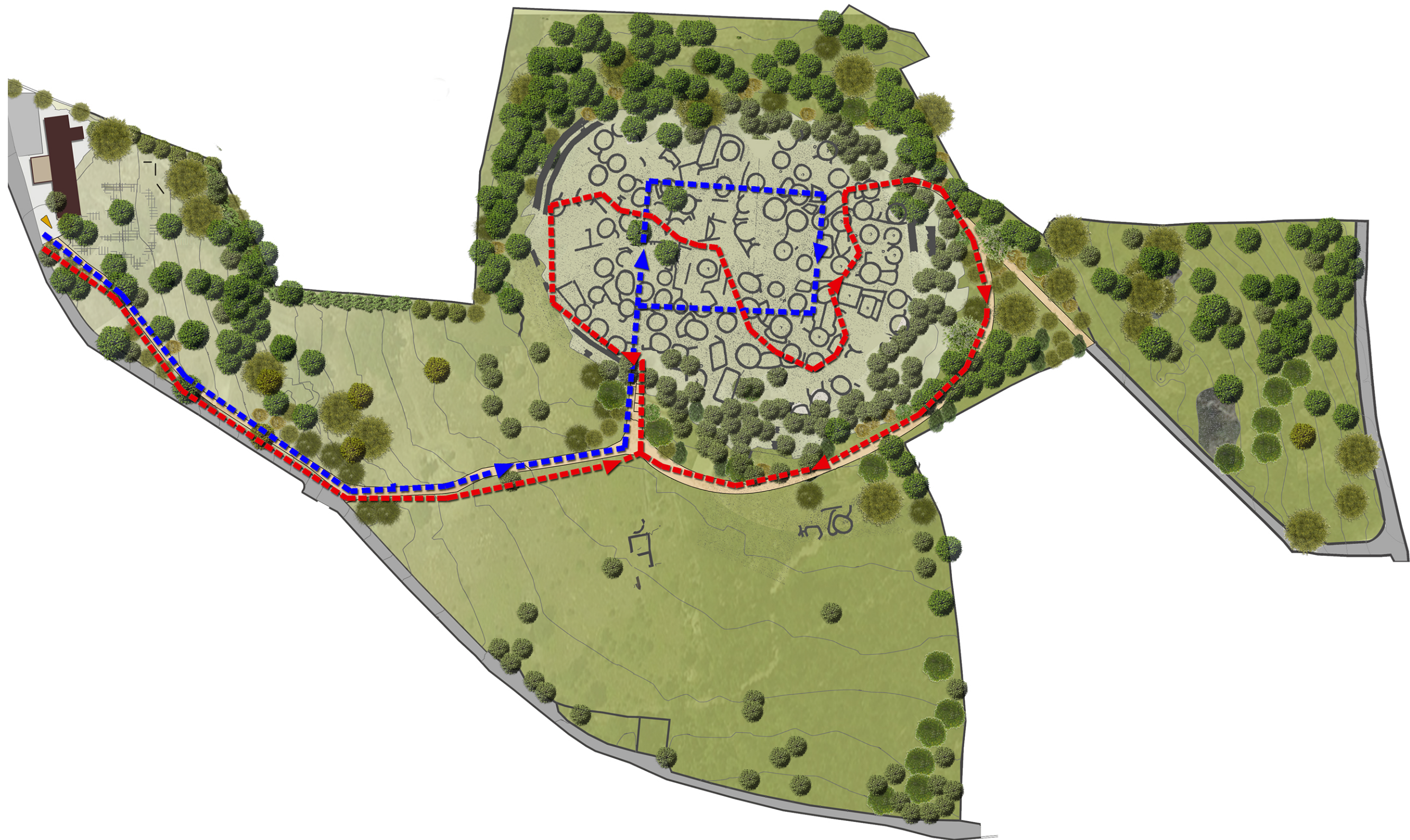
Os restantes pavimentos vão ser alvos de processos estabilização e conservação, estendendo-se ao máximo e de forma a apresentar uma largura bastante substancial.

Local	Material	Medidas de Conservação	Ações
Entrada	Calçada de Granito Cinza	Estabilização e Conservação	Verificação periódica, e regularização da calçada
Percursos de acesso	Saibro	Substituição por mistura de saibro com cal	Erosão por escoamento de águas pluviais; Cedência do solo; Crescimento da vegetação
Mata	Solo Natural	Conservação	Limpeza e regularização do solo;
Segunda Entrada	Saibro	Estabilização e Conservação	Verificação periódica, e regularização do Pavimento
Área Envolvente de estruturas	Solo Natural, Calçada Romana, Saibro	Conservação e valorização	Verificação Periódica

Tabela 4: Proposta de requalificação de Pavimentos. Fonte: Autora

²⁹⁹ Ver Peça desenhada 14: Plano de Percursos

³⁰⁰ Ver Peça Desenhada: 15 Plano de Pavimentos e Peça Desenhada 16: Pormenores construtivos de Pavimentos



<div> <div>Edifício de Apoio</div> <div>Estruturas arqueológicas</div> <div>Acesso principal</div> <div>Pavimento em calçada de granito</div> <div>Pavimento em Saibro estabilizado</div> <div>Estacionamento Existente</div> <div>Muro Limite</div> <div>Curvas de nível</div> </div>	<div> <div>Estrutura em Deque em madeira de pinho tratado em autoclave</div> <div>Vegetação proposta</div> <div>Estruturas de apoio</div> <div>Prado de Sequeiro</div> <div>Terreno regularizado</div> <div>Percurso "Conhecer a Cidade" 30-45 min 1km</div> <div>Percurso "À descoberta da Cidade" 60 - 120 min 2km</div> </div>
<div> <div>O Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos</div> <div>Caso de estudo: Cidade de terroso</div> </div>	<div> <div> <div>INSTITUTO SUPERIOR D AGRONOMIA</div> <div>Universidade de Lisboa</div> </div> </div>
<div> <div>Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes</div> <div>Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja</div> </div>	<div> <div>2015</div> </div>

LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim	<div> <div>N</div> </div>
ESCALA	1:1000	PEÇA 14
PLANTA	Plano de Percursos Propostos	



- Edifício de Apoio
- Estruturas arqueológicas
- Acesso principal
- Estacionamento Existente
- Muro Limite
- Curvas de nível
- Deque em madeira de pinho tratado em autoclave
- Pavimento em calçada de Granito 11x11 (paralelo de granito cinza)
- solo natural
- Terreno regularizado
- Pavimento saibro estabilizado com ligante cal
- Lancil em Barrotes - 9x9 cm

Q Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos
Caso de estudo: Cidade de Terroso

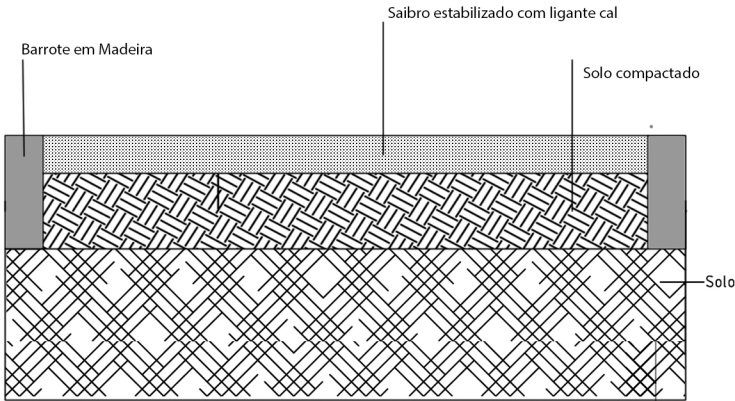


Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes
Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja

2015

LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim	N
ESCALA	1:1000	PEÇA 15
PLANTA	Plano de Pavimentos	

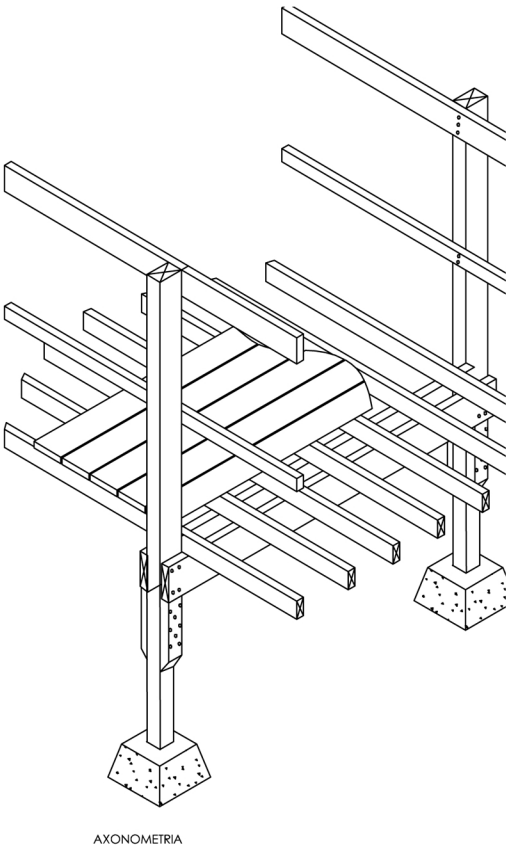
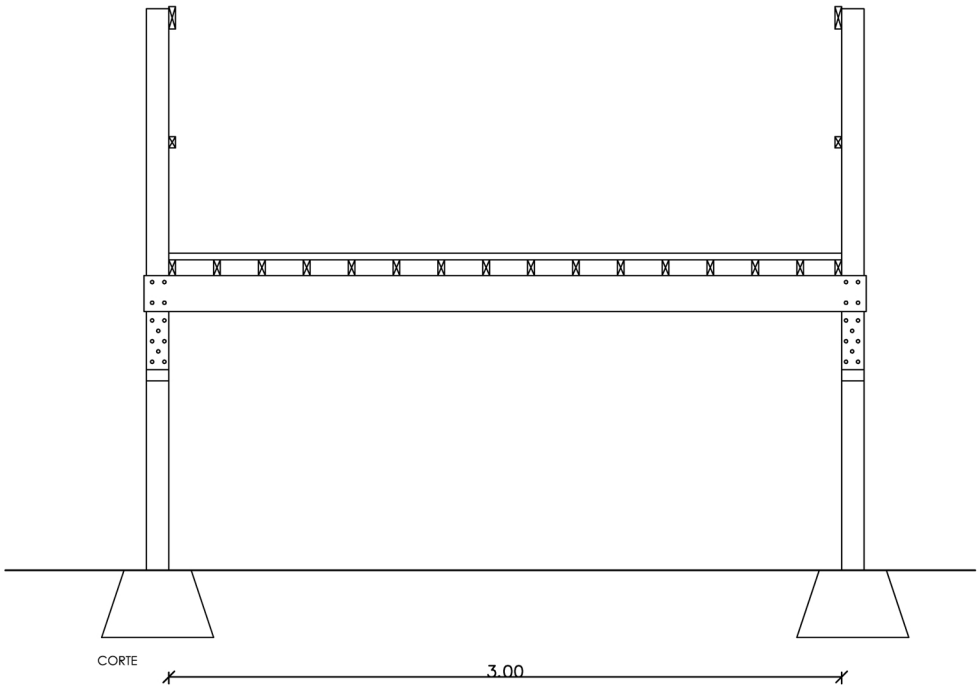
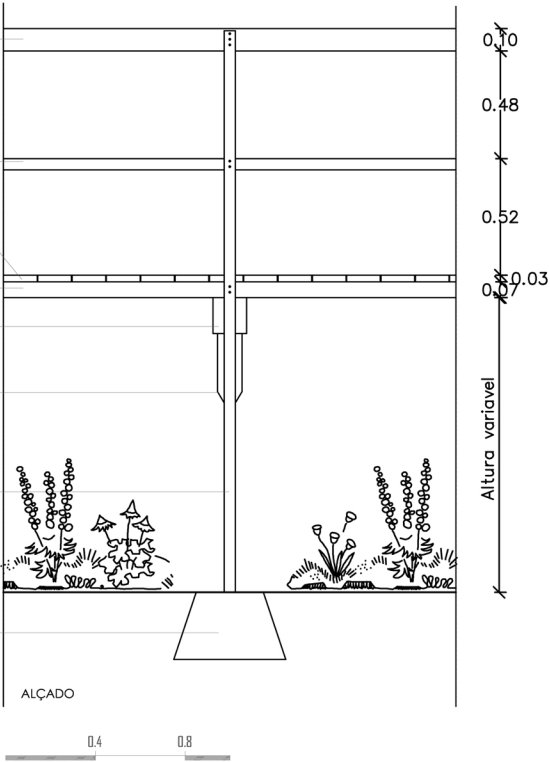
P01 Pormenor construtivo Saibro estabilizado com ligante Cal



P02Pormenores de Estrutura em Deck a utilizar na área definida
proposta de pormenor apresentada no Trabalho "Recuperar a Caldeira da Moita"

- Jarda em madeira maciça de pinho tratado em autoclave, de secção rectangular (10*3cm)
- Travessa em madeira maciça de pinho tratado em autoclave, de secção rectangular (5*3cm)
- Âbua em madeira maciça de pinho tratado em autoclave, de secção rectangular (15*3cm)
- Alça em madeira maciça de pinho tratado em autoclave, de secção rectangular (7*3cm)
- Alça em madeira maciça de pinho tratado em autoclave, de secção rectangular (16*5cm)
- Alça de suporte em madeira maciça de pinho tratado em autoclave
- Alça em madeira maciça de pinho tratado em autoclave, de secção rectangular (10*5cm)

Sapata em betão C15



AXONOMETRIA

Q Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos
Caso de estudo: Cidade de Terroso



I
Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes
Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja

2015

LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim	
ESCALA	escala não definida	PEÇA 16
PLANTA	Pormenores construtivos	

Em abril de 2014, o percurso de acesso à plataforma superior da Cidade foi alvo de recuperação. O seu traçado manteve-se no pré-existente, no entanto alterando ligeiramente a pendente do seu perfil longitudinal, de forma a tornar o pavimento menos escorregadio. Foi utilizado saibro estabilizado com ligante natural, em que o perfil transversal é de 1,80m destinado principalmente a peões. Nas bermas do pavimento, foram utilizados barrotes de madeira, pré-existent.

6.2.7. Elementos Construídos

Relativamente aos elementos arqueológicos encontrados, pretende-se que estes sigam os critérios definidos pelo ICOMOS e o Comité Científico Internacional Para A Análise E Restauro De Estruturas Do Património Arquitetónico *“Os sítios arqueológicos apresentam problemas específicos porque as estruturas têm que ser estabilizadas durante as escavações, quando o conhecimento não é ainda completo. As respostas estruturais para uma construção “redescoberta” podem ser completamente diferentes das respostas para uma construção “exposta”. Soluções estruturais urgentes nestes locais, requeridas para estabilizar a estrutura à medida que vai sendo escavada, devem respeitar a forma conceptual e o uso da construção completa.”*³⁰¹

Posteriormente as estruturas devem ser alvo do mesmo processo de conservação e restauro visto não afetar ou danificar as estruturas, e de modo a manter a mesma unidade visual como referido no artigo 15º da Carta de Veneza *“Deve ser assegurada a manutenção das ruínas e tomadas as medidas necessárias para garantir a conservação e a proteção dos elementos arquitetónicos e dos objetos descobertos. (...) Só a anastylosis, isto é, a remontagem das peças soltas que existam num estado de desagregação, pode ser permitida. Os materiais utilizados para reintegração deverão ser sempre reconhecíveis e o seu uso restringido ao mínimo necessário para assegurar as condições de conservação do monumento e restabelecer a continuidade das suas formas.”*³⁰²

Como referido, os elementos construídos encontrados na Cidade já foram alvos de ações de conservação e restauro. Todos os muros foram elevados até uma altura de menos de um metro. A adição de novas pedras nas estruturas foi distinguida das pedras originais através de uma camada protetora, como representado na Figura 24, constituída por rede verde de tipo de ocultação que fica quase totalmente embutida na argamassa aflorando levemente em todo o seu percurso. A proposta pretende a continuação deste tipo de intervenção.

A intervenção pretende criar uma simbiose entre as estruturas do passado e apresentação das estruturas no presente. A utilização de uma camada protetora a estrutura antiga e a recuperação, adequa a necessidade de proteger a fragilidade das estruturas bem como torná-las mais apelativas para o visitante.

³⁰¹ ICOMOS, Recomendações Para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural Do Património Arquitetónico. [Consultado em: 9 outubro de 2013.]. Disponível em <http://icomos.fa.utl.pt/documentos/cartasdoutrina/icomosrecomendacoesestruturas.pdf>

³⁰² ICOMOS, II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos /- Carta de Veneza, 1964. Disponível em WWW: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>

6.2.8. Centro interpretativo

O centro interpretativo construído em 2004 possui várias funções: recepção visitantes, auditório, balneário, etc. Visto estar à entrada da cidade, todos os visitantes que tenham intenção de visitar a Cidade de Terroso deve passar obrigatoriamente pelo centro. A passagem pelo centro interpretativo, permite recolher as primeiras informações sobre a Cidade de Terroso. Para tal, considera-se que seja necessário a exposição de alguns vestígios arqueológicos, ou suas réplicas, acompanhados de uma informação geral (em Português e Inglês) sobre o património histórico e natural do local, já que este local é o primeiro contacto do visitante com o sítio e desta forma fornece-se uma primeira perceção do espaço e da vivência do Povoado. Poder-se ia colocar um vídeo que fizesse uma reconstrução virtual fidedigna do povoado, que seria bastante interessante para os visitantes mais jovens.

No interior do edifício sugere-se a criação de um pequeno café, um elemento bastante comum a outros sítios arqueológicos destinado muitas vezes para os habitantes locais, já que desta forma o sítio torna-se um espaço vivo durante todo o ano. Para tal, também se sugere o aumento da recepção (área) exterior para servir também como esplanada.

6.2.9. Mobiliário

A distribuição de mobiliário urbano incide na criação de elementos de apoio ao visitante. No entanto devido a ser um local um pouco isolado, procedeu-se a colocação do mobiliário estreitamente essencial de forma a não ser vítima de roubo ou vandalismo.

Para o percurso de acesso viário e pedonal ao edifício é proposta a colocação de iluminação - candeeiros tipo Coluna Solar, *design* Francisco Providência ou similar, com 5 metros de altura, desta forma o percurso encontrar-se ia mais iluminado e delineado. Visto ser uma solução solar traduz-se em maior segurança, e baixos custos de manutenção.³⁰³³⁰⁴

De seguida na área do edifício de apoio propõem-se a instalação de bancos, estacionamento para bicicletas e caixotes de lixo do tipo Laurus ou similar. Neste mesmo local, e no percurso de acesso ao sítio são também recomendadas papeleiras tipo “Malagueira” (Zideias) ou similar.

Para a área escavada não está previsto a colocação de mobiliário urbano utilitário, a não ser a colocação de barreiras e a respetiva sinalética. As barreiras visaram ter uma fácil análise e não adulterassem a perceção do local, sendo colocadas junto das estruturas mais frágeis/sensíveis ou espaços em escavação. Uma vez que se trata de uma zona mais natural e mais sensível, sendo que o objetivo é que seja perturbada o menos possível (através da luz de candeeiros, por exemplo).

Relativamente à vedação que limita a Cidade de Terroso, pretende-se a sua estabilização já que, é totalmente adequada ao local, para além de ser bastante discreta, permite a circulação e propagação da fauna e flora.

³⁰³ Ver Peça desenhada 17: Plano de Mobiliário

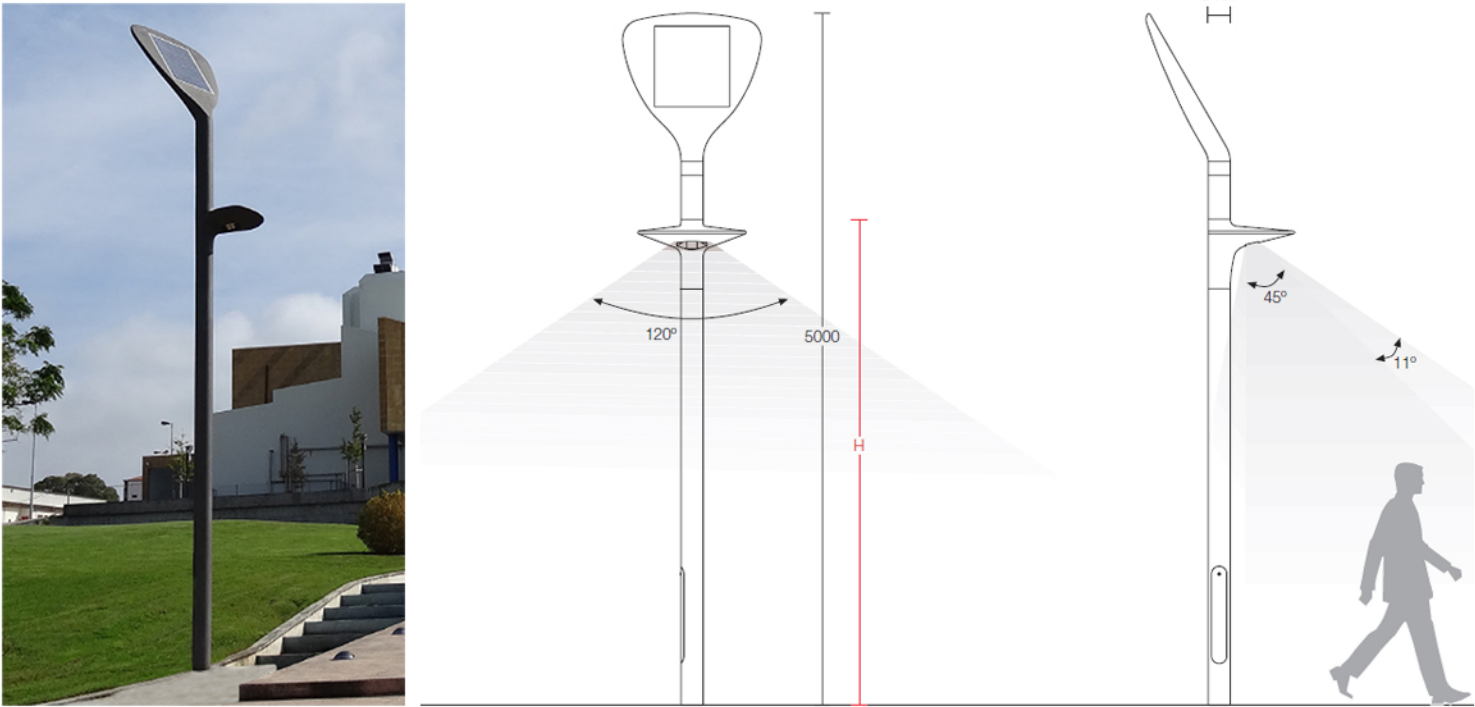
³⁰⁴ Ver Peça desenhada 18: Pormenores Construtivos Mobiliário



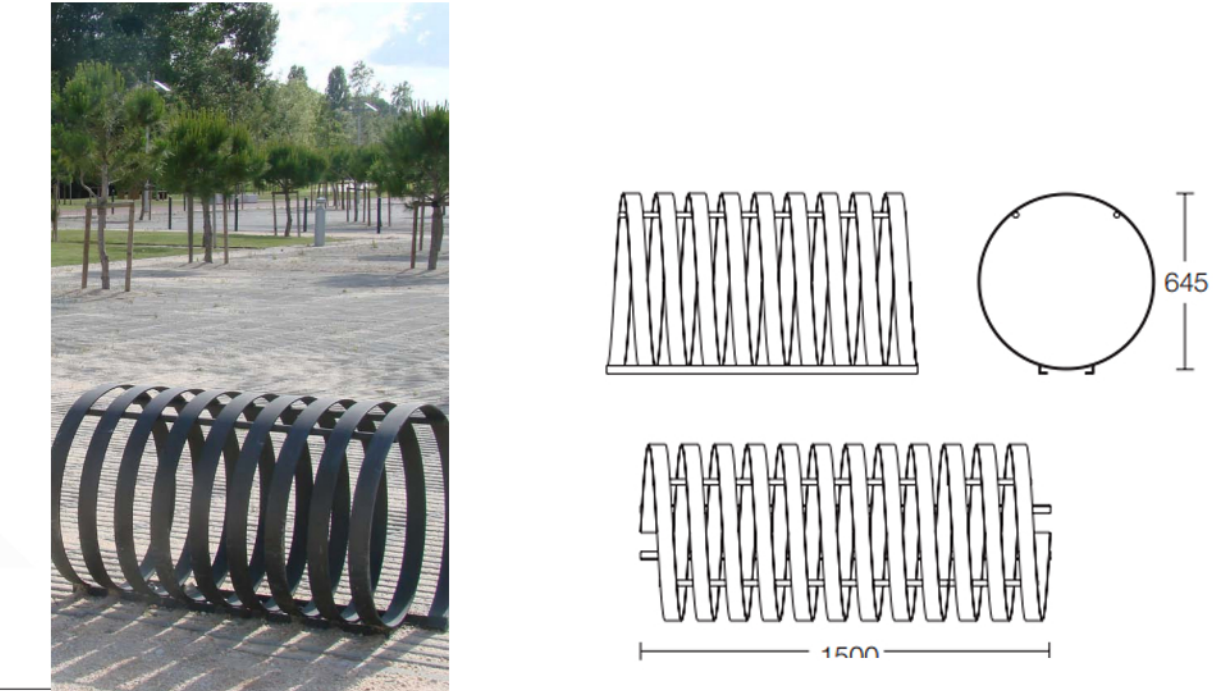
Edifício de Apoio	Estacionamento Bicicletas tipo Laurus
Estruturas arqueológicas	Coluna Solar tipo Laurus
Acesso principal	Barreira de protecção de estruturas arqueológicas
Estacionamento Existente	Mesas tipo Laurus
Muro Limite	Bancos tipo Laurus
Curvas de nível	Contentor de dejectos caninos tipo "UFO" Larus
	Painéis informativos
Q Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos Caso de estudo: Cidade de terroso	
INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA Universidade de Lisboa	
Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja	
2015	

LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim	N
ESCALA	1:1000	PEÇA 17
PLANTA	Pormenores construtivos	

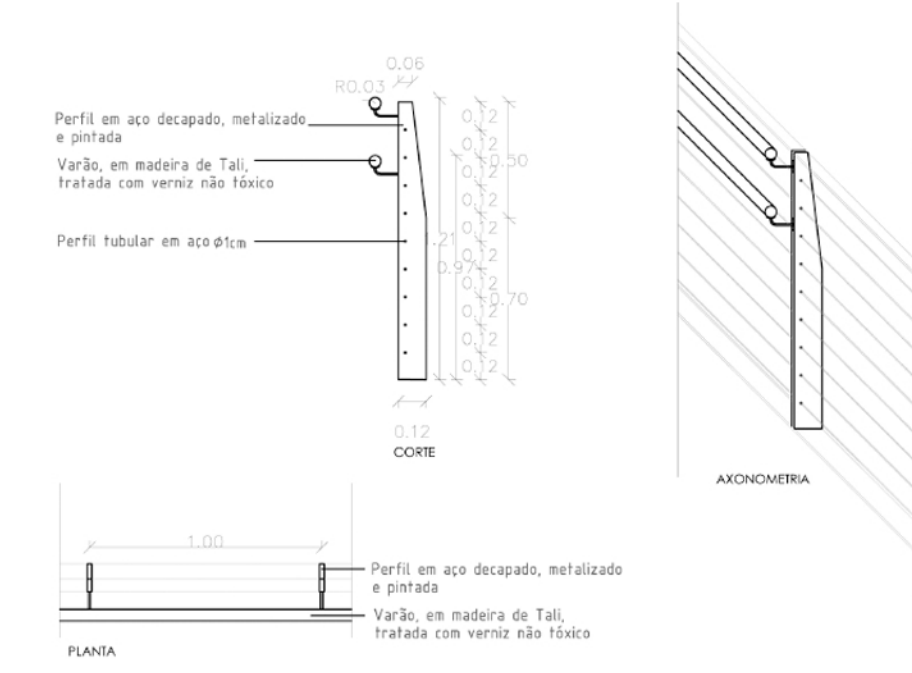
P03 Coluna Solar | design Francisco Providência | aurus



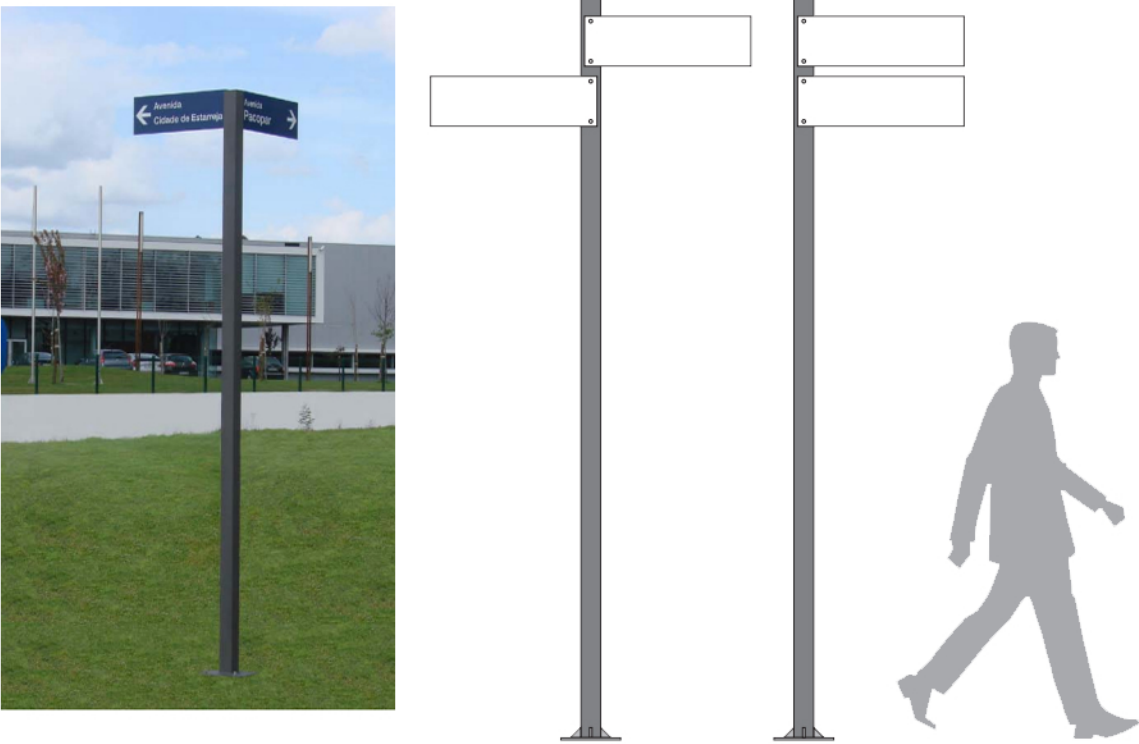
P04 Estacionamento Bicicletas | design Francisco Providência | aurus



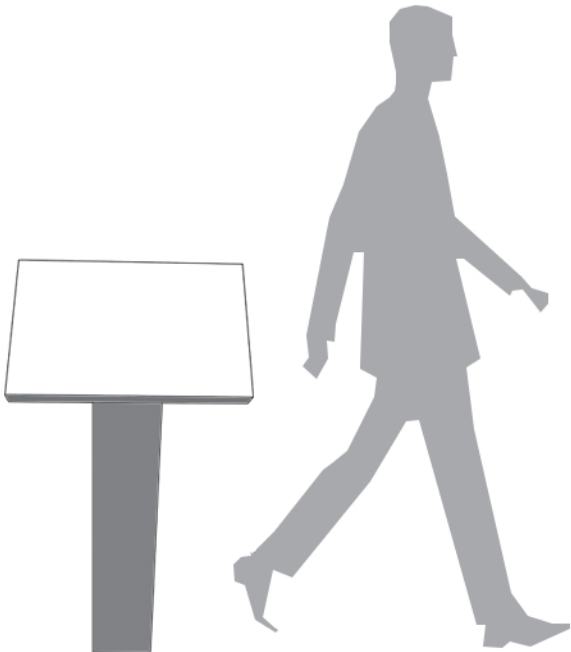
P05 Barreira de protecção de estruturas arqueológicas



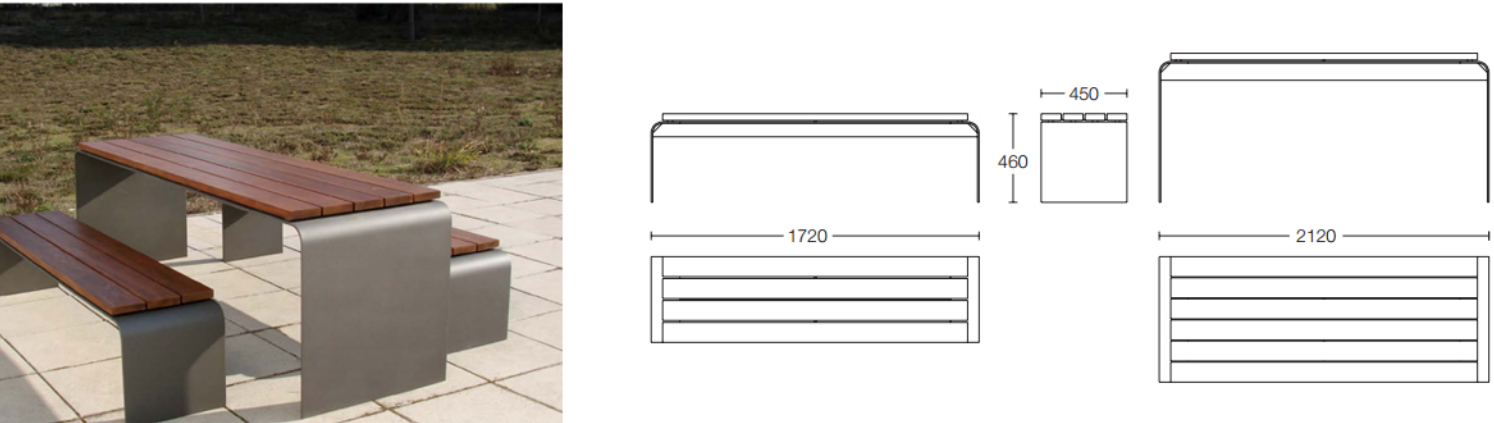
P06 Sistema de Sinalética Linha quadris | design Larus



P07 Paineis informativos



P08 Banco e Mesa | design Pedro Martins Pereira | Larus




O Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos
Caso de estudo: Cidade de terroso



Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes
Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja

2015

LOCALIZAÇÃO	Terroso Póvoa de Varzim	 N
ESCALA	não definida	PEÇA 18
PLANTA	Pormenores construtivos	

6.2.10. Sinalética

Relativamente a sinalética encontrámos dois tipos: Sinalética de acesso, e painéis informativos. Em relação à sinalética de acesso ao espaço pretende – se a colocação de sinalética em vários pontos do concelho de forma a indicar a Cividade de Terroso. Na proposta sugeriu-se a colocação do Sistema de sinalética Quadris da Laurus, com desenho simples, económica e de fácil manutenção.

Relativamente aos painéis informativos colocados nos pontos mais importantes da cidade pretende-se que seja realizada em metal visto apresentar uma maior durabilidade, resistência ao mau tempo, etc. A forma dos painéis é retangular já que se tornam visualmente mais agradável aos olhos. Pretende-se que seja usada sinalização em “Púlpito” uma vez que é muito menos intrusiva do que os sinais verticais e permite uma leitura fácil para crianças, adultos e pessoas de mobilidade reduzida.³⁰⁵

No verão de 2014, foram introduzidos os novos painéis informativos. No total foram colocados 12 painéis que prestam pequenas informações sobre a história, urbanismo, cerâmica, vegetação, Etc. Estes painéis foram complementados com desenhos ilustrativos, ou com fotografias de peças que foram encontradas relativas ao mesmo tempo.

6.2.11. Folheto informativo

Os folhetos informativos apresentam breves informações sobre o enquadramento histórico e paisagístico do sítio visitado, rematados com algumas fotografias e desenhos sobre o espaço.

Apesar de já existir um folheto informativo, encontra-se bastante desatualizado, não apresentando as informações mais relevantes sobre o local. Este novo folheto deve possuir uma linguagem muito apelativa e dinâmica de modo a ser apelativa para pessoas de várias idades. Visto não existir um percurso definido para visitas livres, o folheto deve apresentar um pequeno mapa do sítio arqueológico sendo indicado as estruturas arqueológicas de maior importância, números de emergência, saídas, etc., ou seja as informações que seriam mais úteis para o visitante. O *design* do folheto seria bastante similar ao design da sinalética de modo a produzir uma unidade visual. Os folhetos também devem ter duas versões: uma em Português e outra em Inglês. Para além disso, devem estar disponíveis no Museu Municipal, Posto de Turismo e Centro interpretativo.³⁰⁶

Desde janeiro de 2015, já é possível utilizar um folheto com os percursos, mas também foi criado outro folheto destinado a escolas do 1º e 2º Ciclo, com desenhos, simulações e perguntas.

6.2.12. Páginas eletrónicas

Relativamente a páginas eletrónicas podemos encontrar informações sobre a Cividade de Terroso no *website* oficial da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim e no site da Rede de Castros do Noroeste Peninsular. Constata-se que o *website* da Câmara não oferece informações muito

³⁰⁵ Ver Peça desenhada 19: Sinalética

³⁰⁶ Ver Peça desenhada 20: Folheto informativo sobre a Cividade de Terroso

Cidade de Terroso

Primeiras informações / First informations



A Cidade de Terroso é uma das mais importantes estações arqueológicas da Cultura Castreja do Noroeste Peninsular. Ocupada desde o séc. IX a.C. até ao séc. III - IV d.C. é um local de fundamental interesse para o estudo do povoamento desta região. O seu estatuto de protecção é o de Imóvel de Interesse Público, pelo D.L. 44.075 de 5/12/61.

Rocha Peixoto realizou os primeiros trabalhos arqueológicos na Cidade em 1906 - 1907 e os vestígios encontrados revelaram a importância histórica do local que, depois da sua morte, ficou entregue ao abandono e somente em 1980 foram retomadas as escavações em Terroso.

O início da ocupação ter-se-á dado nos finais da Idade do Bronze e prolongou-se até à Romanização, estando bem patentes nas estruturas postas a descoberto e no espólio obtido na Cidade, todas as fases desta longa presença.

Cidade Terroso is one of the most important archaeological sites of the Castro culture of the Northwest Peninsula. Busy since the sixth century. B.C. until the IX century. III - IV AD is a place of fundamental interest for the study of the peopling of the region. Your protection status is the Property of Public Interest, by Decree 44,075 of 12/05/61.

Rocha Peixoto made the first archaeological work in Cidade in 1906 - 1907 and found traces revealed the historical importance of the site which after his death was delivered to the abandonment in 1980 and only resumed excavations at Terroso.

The beginning of the occupation will be taken since the late Bronze Age and lasted until Romanization, and is clearly evident in the structures laid bare and the booty obtained in Cidade, all stages of this long presence.

Normas de utilização | Conditions of use:

Nunca suba, ou sente-se em estruturas arqueológicas.

Nunca remova qualquer vestígio arqueológico do local.

Não entrar em áreas em que haja uma escavação arqueológica.

Respeite todos os letreiros e barreiras.

Não deixe nada no sítio - leve todos os seus pertences e lixo.

Avise vandalismo no local - você pode ser o único que vê.

Never climb, sit or stand on archaeological structures.

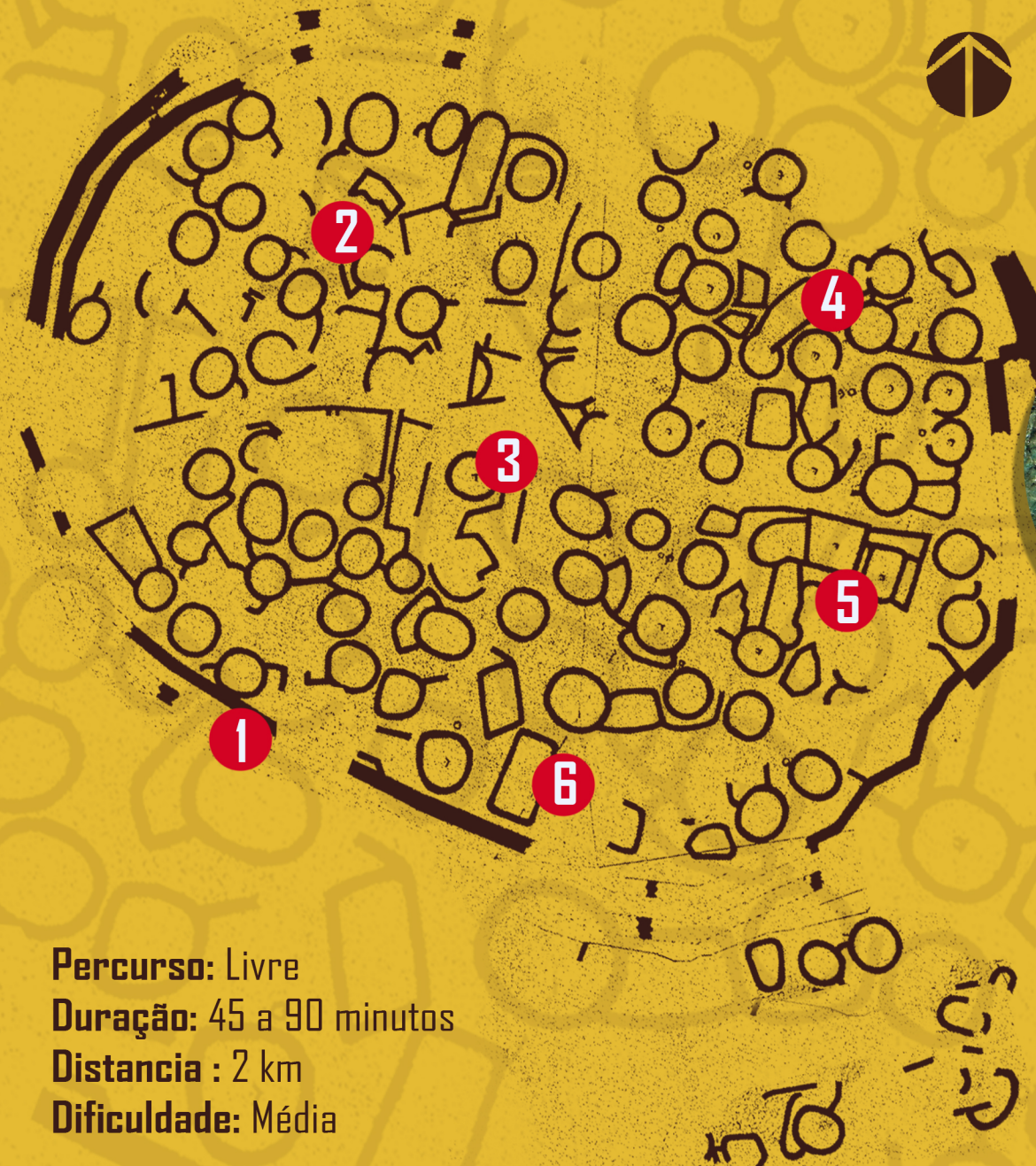
Never remove anything from an archaeological site.

Do not enter an area where archaeological excavation are taking place.

Respect all signage and fences.

Don't leave anything on the site - carry all your belongings and trash away.

Report vandalism at sites - you may be the only one that sees it.



Percurso: Livre

Duração: 45 a 90 minutos

Distancia : 2 km

Dificuldade: Média

Contactos úteis | Useful contacts:

Núcleo Interpretativo |

252 692 515

Museu Municipal |

252 090 002

Bombeiros Póvoa de Varzim |

252 291 500

Guarda Nacional Republicana |

252 240 350

Número Nacional de Emergência | 112



detalhadas sobre o sítio, sendo ao mesmo tempo muito difícil a sua consulta. Apesar de oferecer informações atualizadas sobre eventos e das feiras a decorrer.

Sugere-se a construção de um *website* dedicado apenas à Cidade de Terroso. Neste *website* seria possível encontrar informações sobre o sítio assim como outros pontos arqueológicos do concelho, focando as potencialidades naturais e históricas desses espaços. A página deveria fornecer detalhes sobre o local, assim como eventos, rotas e marcação de visitas. O mesmo *site* deve apresentar informações úteis (contactos de hospitais, polícia, bombeiros, turismo e museu).

Propõem-se, igualmente a criação de páginas em *websites* sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* de modo a ter um contato mais direto com potenciais visitantes e moradores, oferecendo constantes informações atualizadas sobre o espaço fomentando o interesse contínuo sobre o espaço.

Entretanto foi criada uma página no Facebook do Museu Municipal da Póvoa de Varzim, que oferece pequenas informações e curiosidades sobre a Cidade de Terroso. Assistiu-se, desde à sua implementação um crescimento no número de visitantes, bem como a divulgação de fotografias do sítio pelos visitantes. Poder-se-ia desenvolver aplicações para *smartphones* como colocação de QR códigos na sinalética obtendo-se assim mais informações sobre os locais ou sobre a paisagem.

6.2.13. Atividades

De acordo Olga Matos *“As pesquisas arqueológicas e o papel do arqueólogo não se confinam a um trabalho de pura escavação. Ao arqueólogo pede-se, hoje, também, a árdua tarefa de pensar e propor novas abordagens na perspetiva da valorização, com vista ao seu público usufruto. Assim, questões como a proteção e a conservação das áreas arqueológicas, interpretação e apresentação dos sítios de uma forma atrativa, são preocupações do dia a dia dos arqueólogos do presente.”*³⁰⁷ Como



F. 19 Escavações Arqueológicas nos Meses de Verão na Cidade de Terroso. Fonte: CMPVZ

tal a proposta pretende que a Cidade de Terroso seja um espaço vivo com atividades destinadas a diferentes idades que não ocorram apenas nos meses de verão. De facto as características da cidade de Terroso permitem a realização das mais variadas atividades, como tal tem acontecido. De modo geral, nos últimos anos foram realizadas diversas iniciativas que viriam a divulgar ainda mais a cidade de Terroso, como a observação de astros (realizada em outubro de 2009), visitas guiadas e reconstituições históricas. A partir de 1997 foram realizadas reconstituições Históricas destinadas ao público em geral e noutros

³⁰⁷ MATOS, Olga Maria Pinto de - *Subsídios para a história da valorização do património arqueológico em Portugal*. Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, 2002. pp. 13 - 44.

casos destinadas apenas as escolas primárias e básicas. Estas últimas usufruíram de muito sucesso, devido ao interesse educacional para jovens, que resultou no aumento exponencial deste tipo de visitas, e como tal deviam ser mais valorizadas.

Durante os meses de verão, poder-se-ia realizar cursos ou campos de trabalho de escavações arqueológicas vocacionadas para estudantes de vários graus académicos e público interessado. Através destas escavações os participantes poderiam adquirir novos conhecimentos, aprender mais sobre a arqueologia e explorar áreas como a botânica, biologia, geologia, etc. Em vários países europeus como França, são realizadas escavações como atividade turística, pode-se dar o exemplo dos Estaleiro de escavações do *Chenet des Pierres*. Por outro lado se fosse possível, deveriam ser realizados protocolos com diferentes Universidades de forma os seus alunos participarem em escavações durante os meses de verão como se de um estágio se tratasse.

Relativamente à realização de escavações arqueológicas de acordo com a Carta de Veneza “Os trabalhos de conservação, restauro ou escavação devem ser sempre acompanhados por um registo preciso, sob a forma de relatórios analíticos ou críticos, ilustrados com desenhos e fotografias. Todas as fases dos trabalhos de reparação, consolidação, recomposição e reintegração, assim como os elementos técnicos e formais identificados ao longo dos trabalhos devem ser incluídos.”³⁰⁸

Poder-se-iam fomentar outro tipo de atividades, destinadas a um público interessado, como a realização de visitas com um objetivo pouco comum como por exemplo o estudo de líquenes, musgos e até mesmo pequenos reptéis ou micromamíferos.

Na receção dever-se-ia colocar à venda livros relativos ao património arqueológico e natural do local e regional, assim como produtos do artesanato local, nomeadamente as famosas mantas de Terroso que poderiam servir como impulso da economia local e fomentar o interesse dos habitantes locais sobre o sítio arqueológico. A proposta ainda pretende, como já foi mencionado a criação de um pequeno café no edifício interpretativo que poderia servir tanto os visitantes como os habitantes locais (um elemento bastante comum a sítios arqueológicos).

No entanto considera-se que atividades realizadas ao ar livre como escalada, corridas de bicicletas e motociclos não podem ser realizadas devido aos impactos negativos sobre as estruturas arqueológicas que podem ocorrer, bem como a própria desvalorização intrínseca do sítio.

A existência de outros sítios arqueológicos numa distância de 100 km convida também a realização de visitas culturais entre os diferentes espaços.³⁰⁹

6.2.14. Percursos culturais

Os castros do Noroeste Peninsular formam uma importante herança histórica e cultural. Durante muitos anos não eram apreciados e estimados pelas populações locais apesar de constituírem importantes elementos turísticos. Um grupo de arqueólogos e outros investigadores, conscientes da importância, apresentaram no dia 20 de maio de 2004, em Paços de Ferreira, no Colóquio Uma Deusa na Bruma, a Rede de Castros do Noroeste com o objetivo de promover a Candidatura dos

³⁰⁸ ICOMOS, II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos /- Carta de Veneza, 1964. Disponível em: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>

Castros do Noroeste a Património Mundial, procurando ao mesmo tempo sensibilizar as comunidades locais do valor e relevância dos Castros.

A rede de Castros deveria servir acima de tudo como plataforma de candidatura a projetos de valorização, auxiliando no desenvolvimento e no controlo de estruturas de gestão para os sítios arqueológicos, funcionando também como plataforma de marketing realizando rotas de



F. 20 Localização dos Sítios Arqueológicos rede Castros do Noroeste Peninsular. Fonte: <http://www.castrosdonoroeste.pt/>

visitas e outras atividades. Apesar de a Rede ter perdido parte do seu fulgor, em 2013 foi reavivada pela Direção Regional da Cultura do Norte. Na figura 23 podemos ver a localização dos Castros escolhidos para pertencerem à Rede.³¹⁰

No anexo IV podemos analisar com detalhe as características principais de cada Castro.

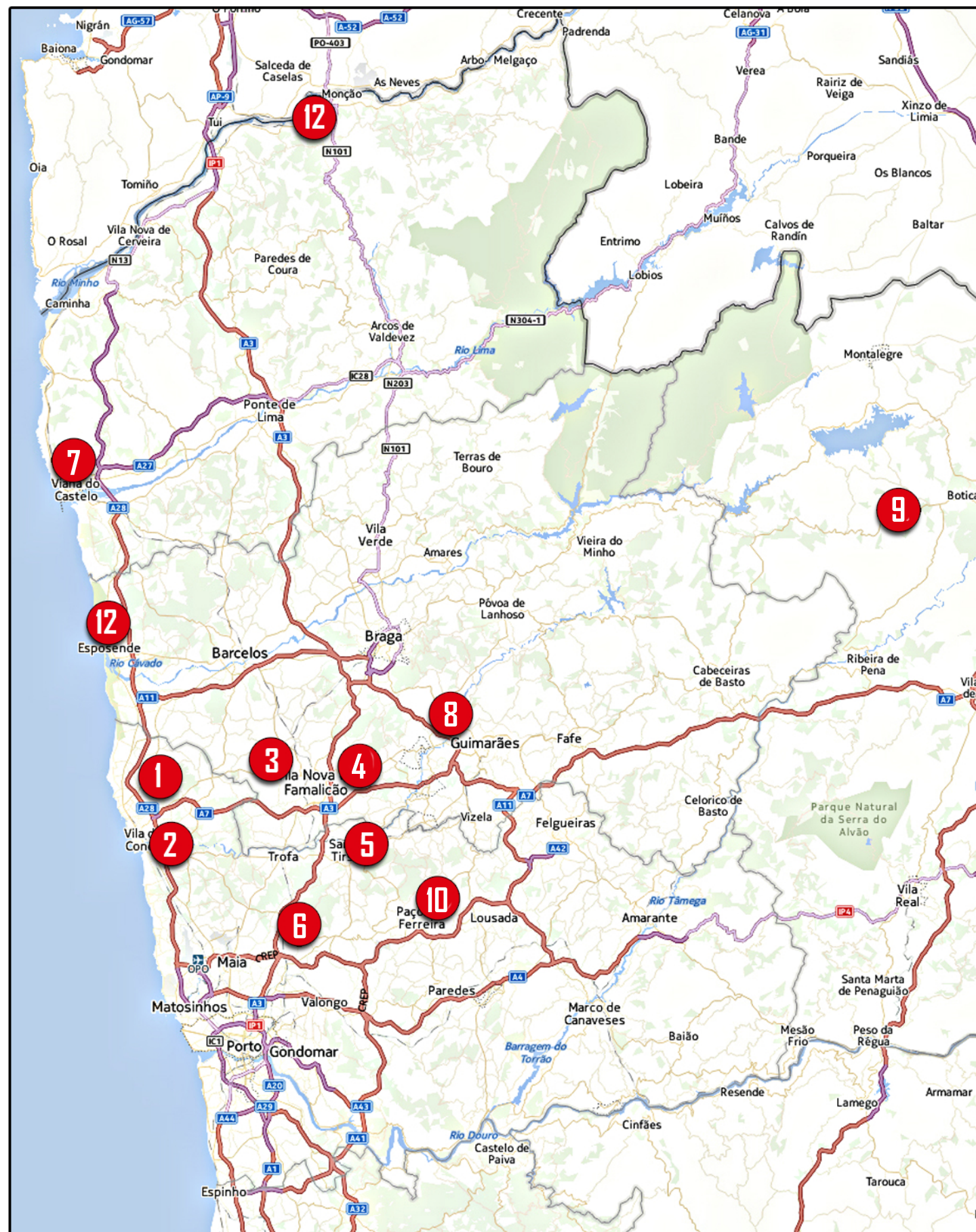
Denotando a necessidade de determinar e criar percursos e uma rota arqueológica pretende-se a criação de uma rota – Rota dos Castros do Noroeste Peninsular - que siga os princípios de Rota turística cultural que corresponde a um modelo de produto turístico, constituído por uma série de lugares ou sítios que possuem a mesma temática, sendo definido um ou mais percursos com infraestruturas e características capazes de saciar as necessidades dos visitantes. De acordo com a Carta Dos Itinerários Culturais, elaborada pelo Comité Científico Internacional dos Itinerários Culturais (CIIC) do ICOMOS, ratificada pela 16ª Assembleia Geral do ICOMOS, em 4 de outubro de 2008, no Québec, Canadá, “*Os Itinerários Culturais representam processos evolutivos, interativos e dinâmicos das relações humanas interculturais, realçando a rica diversidade das contribuições dos diferentes povos para o património cultural.*” Ou seja a criação de um Itinerário Cultural surge da necessidade de valorizar um dado período auxiliado pela existência de elementos patrimoniais e culturais.³¹¹

A conceção de um Itinerário Cultural requer que todos os locais a visitar estejam em condições excelentes. Todos os componentes patrimoniais e naturais devem estar protegidos, e alvos de processos de valorização e manutenção. Para tal é realizado um inventário rígido dos sítios, assim como confirmar se possuem legitimidade e integridade. De acordo com a Carta Dos Itinerários Culturais “*...igualmente necessário controlar os processos de deterioração e criar uma estratégia*

³⁰⁹ Ver peça desenhada 21: A localização da Cividade de Terroso e outros Sítios Arqueológicos

³¹⁰ Ver Peça desenhada 22, Folheto Rota dos Castros do Noroeste Peninsular

³¹¹ ICOMOS. Carta dos Itinerários Culturais. [Consultado em: 20 de janeiro de 2014.]. Disponível em WWW <http://icomos.fa.utl.pt/documentos/cartasdoutrina/ICOMOSPortugalCartaltinerariosCulturais.doc>.



Fonte: Bing Maps

	Topónimo	Enquadramento Administrativo	Latitude	Longitude	Alt.	Período	Classificação
1	Cidade de Terroso	Terroso, Póvoa de Varzim	41° 24' 45.3348" N	8° 43' 14.6136" W	153 m	Idade do Bronze, Idade do Ferro e Romano	IIP, Dec. n.º 44 075, DG, 1.ª série, n.º 281, de 05 dezembro 1961
2	Cidade de Bagunte	Bagunte, Vila do Conde.	41° 23' 0.762" N	8° 39' 20.3652" W	206 m	Idade do Bronze, Idade do Ferro e Romano	MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 Junho 1910
3	Castro das Eiras	Pousada de Saramagos Vila Nova de Famalicão	41° 24' 50.0076" N	8° 36' 30.366" W	99 m	Idade de Ferro	Em vias de classificação
4	Castro de Alvarelhos	Monte Grande, Alvarelhos, Trofa	41° 18' 4.4388" N	8° 37' 2.4636" W	145 m	Idade do Ferro, Romano e Idade Média	MN, Dec. n.º 735/74 de 21 de Dezembro
5	Castro do Padrão	Monte Córdova, Santo Tirso	41° 18' 46.9476" N	8° 26' 56.8896" W	413 m	Idade do Ferro, Romano e Idade Média	MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 Junho 1910
6	Castro de Monte Mozinho	Oldrões, Penafiel	41° 8' 47.1768" N	8° 18' 39.9744" W	399 m	Idade do Ferro, Romano e Idade Média	IM, Dec. n.º 37077 de 29 de Setembro de 1948.
7	Citânia de Santa Luzia	Areosa, Viana do Castelo	41° 42' 18.18" N	- 8° 50' 7.9764" W	223 m	Idade do Ferro e Romano	MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 Junho 1910
8	Citânia de Briteiros	Briteiros, Guimarães	41° 31' 42.9132" N	8° 18' 56.4948" W	327 m	Idade do Ferro e Romano	MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 Junho 1910
9	Castro de Lesenho	Boticas, Vila Real	41° 38' 44.9196" N	7° 45' 14.724" W	1056m	Idade do Ferro e Romano	IIP Dec. n.º 29/90, DR, 1.ª série, n.º 163 de 17 julho 1990
10	Citânia de Sanfís	Sanfís, Paços de Ferreira	41° 19' 24.1788" N	8° 23' 10.914" W	561m	Idade do Bronze, Ferro e Romano	MN, Dec. Nº 35 817 DG 187 de 20 de Agosto de 1946
11	Castro de São Caetano	Longos Vales, Monção	42° 2' 26.9196" N	8° 26' 37.1832" W	318 m	Idade do Bronze, Ferro e Romano	MN, Dec. n.º 735/74 de 21 de Dezembro
12	Castro de São Lourenço	Vila Chã, Esposende	41° 33' 22.9608" N	8° 45' 39.4992" W	185 m	Idade do Bronze, Ferro e Romano	IIP Dec. n.º 1/86 de 3 de Janeiro de 1986

LOCALIZAÇÃO	Terroso/ Póvoa de Varzim	
ESCALA	não definida	PEÇA
PLANTA	Localização e principais características dos castros pertencentes a Castros do Noroeste Peninsular	

O Projecto de Arquitectura Paisagista em Sítios Arqueológicos
Caso de estudo: Cidade de terroso



Autora: Ana Teresa Carneiro Gomes
Orientadora: Mestre Arq. Paisagista Sónia Talhé Azambuja

2015



Cividade de Terroso

A Cividade de Terroso é uma das mais importantes estações arqueológicas da Cultura Castreja do Noroeste Peninsular. Ocupada desde o séc. IX a.C. até ao séc. III - IV d.C. é um local de fundamental interesse para o estudo do povoamento desta região. O seu estatuto de protecção é o de Imóvel de Interesse Público, pelo D.L. 44.075 de 5/12/61.

Rocha Peixoto realizou os primeiros trabalhos arqueológicos na Cividade em 1906 - 1907 e os vestígios encontrados revelaram a importância histórica do local que, depois da sua morte, ficou entregue ao abandono e somente em 1980 foram retomadas as escavações em Terroso.

O início da ocupação ter-se-á dado nos finais da Idade do Bronze e prolongou-se até à Romanização, estando bem patentes nas estruturas postas a descoberto e no espólio obtido na Cividade, todas as fases desta longa presença.

Cividade Terroso is one of the most important archaeological sites of the Castro culture of the Northwest Peninsula. Busy since the sixth century. B.C. until the IX century. III - IV AD is a place of fundamental interest for the study of the peopling of the region. Your protection status is the Property of Public Interest, by Decree 44,075 of 12/05/61.

Rocha Peixoto made the first archaeological work in Cividade in 1906 - 1907 and found traces revealed the historical importance of the site which after his death was delivered to the abandonment in 1980 and only resumed excavations at Terroso.

The beginning of the occupation will be taken since the late Bronze Age and lasted until Romanization, and is clearly evident in the structures laid bare and the booty obtained in Cividade, all stages of this long presence.

Normas de utilização | Conditions of use:

Nunca suba, ou sente-se em estruturas arqueológicas.

Nunca remova qualquer vestígio arqueológico do local.

Não entrar em áreas em que haja uma escavação arqueológica.

Respeite todos os letreiros e barreiras.

Não deixe nada no sítio - leve todos os seus pertences e lixo.

Avisar vandalismo no local - você pode ser o único que vê.

Never climb, sit or stand on archaeological structures.

Never remove anything from an archaeological site.

Do not enter an area where archaeological excavation are taking place.

Respect all signage and fences.

Don't leave anything on the site - carry all your belongings and trash away.

Report vandalism at sites - you may be the only one that sees it.

Percurso: Livre

Duração: 45 a 90 minutos

Distancia : 2 km

Dificuldade: Média

Contactos úteis | Useful contacts:

Núcleo Interpretativo |

252 692 515

Museu Municipal |

252 090 002

Bombeiros Póvoa de Varzim |

252 291 500

Guarda Nacional Republicana |

252 240 350

Número Nacional de Emergência | 112



*contra os efeitos adversos do desenvolvimento e da (...) É fundamental compreender os valores patrimoniais antes de realizar as intervenções suscetíveis de produzir impactos negativos sobre os Itinerários Culturais ou de alterar o seu significado.*³¹²

A rota proposta pretende percorrer parte dos castros selecionados pela Rede de Castros do Noroeste Peninsular visto estes possuírem as características necessárias para satisfazerem os potenciais visitantes.

No entanto, os sítios arqueológicos encontram-se a distâncias bastante grandes, obrigando que a rota seja realizada em veículos motores, e destinada a dois dias (sendo dirigidas a grupos e / ou a individuais, adultos ou Famílias)³¹³. Nesses dois dias o visitante teria a possibilidade de conhecer os castros de maior importância, descobrir lugares que nunca pensaria em visitar, devidamente acompanhadas por guias experientes e conhecedores dos locais.

Os visitantes seriam advertidos a utilizar vestuário adequado, nomeadamente calçado confortável, a seguir pelos trilhos indicados pelos guias, respeitar a propriedade pública e/ou privada, não fazer lume e ser delicado com os habitantes locais.

Relativamente ao financiamento da Rota, este deverá partir dos Organismos de integração regional e local, como Câmara Municipais e Direção Geral da Cultura do Norte, cujas jurisdições incidem com o traçado proposto ou até mesmo Instituições Filantrópicas.³¹⁴

Esta rota pretenderia tornar-se uma referência no âmbito das rotas arqueológicas a nível mundial contribuindo para uma futura eleição para Património Mundial.

³¹² ICOMOS. Carta dos Itinerários Culturais. [Consultado em: 20 de janeiro de 2014.]. Disponível em WWW <http://icomos.fa.utl.pt/documentos/cartasdoutrina/ICOMOSPortugalCartaltinerariosCulturais.doc>.

³¹³ Ver Peça desenhada 22: Folheto informativo Rota de Castros do Noroeste Peninsular

³¹⁴ ICOMOS Carta dos Itinerários Culturais. [Consultado em: 20 de janeiro de 2014.]. Disponível em WWW <http://icomos.fa.utl.pt/documentos/cartasdoutrina/ICOMOSPortugalCartaltinerariosCulturais.doc>.

Conclusões

Os Sítios arqueológicos acabam por ser componentes de paisagens que apresentam vestígios de culturas do passado. Estes espaços, na atualidade, não podem ser analisado e avaliados apenas como campos de pesquisa científicos, tendo adquirido novas funções e características devido ao crescente interesse do público e do turismo cultural. De facto, o interesse pelo modo de vida do passado suscitou o desenvolvimento dos sítios arqueológicos como espaços turísticos. O turismo acabou por sensibilizar o público sobre o património arqueológico, levando a que este fosse alvo de processos de conservação e valorização.

Como os sítios arqueológicos, são sítios únicos e não renováveis com valores naturais e culturais associados, carecem de projetos de conservação e requalificação apoiados nas mais diversas áreas de forma a responder aos mais diversos objetivos.

Os projetos de arquitetura paisagista visam preparar os sítios de forma a estes serem facilmente acessíveis e apresentáveis ao público, devendo ao mesmo tempo responder questões como a valorização e manutenção do espaço. Embora não seja simples e até mesmo impossível reconstruir o espaço como este era, num dado horizonte cronológico, é possível criar um desenho através da análise dos elementos da paisagem circundante e sugerir um projeto que possua uma certa similaridade e que seja atrativo para os visitantes. Deve-se preservar as características do sítio arqueológico e sua paisagem, bem como proporcionar um ambiente adequado para a proteção e manutenção do sítio. Para tal são realizados estudos e planos específicos que estruturam e organizam percursos, vegetação, infraestruturas, sinaléticas, etc.

Estes planos devem ter em mente uma forte componente paisagística de modo a responder aos problemas que possam surgir como vandalismo, pressões de utilização e erosão. Nesse sentido, constata-se que os sítios arqueológicos exigem medidas adaptáveis de modo a lidar com os problemas que afetam estes espaços.

Com o aparecimento de convenções, organizações cartas e recomendações internacionais, surgiram planos de gestão e recomendações muito rígidos, com objetivo de fornecer as diretrizes para o estabelecimento de um equilíbrio adequado entre as necessidades de conservação, acesso, desenvolvimento económico sustentável e os interesses da comunidade local. De certa forma, pretendem conservar o espaço na sua essência, como se tivesse sido acabado de encontrar, cenários relíquias de uma paisagem há muito desaparecida. O uso de plantas contemporâneas e os princípios de *design* atuais, são muitas vezes postos de parte, levando à negação total de materiais contemporâneos.

Nessa sequência, e visando a criação de um projeto de requalificação e conservação, foi desenvolvido um plano para a Cividade de Terroso, com o intuito de otimizar o seu interesse e história. Nesse contexto foi desenvolvida uma proposta de desenho sustentável para a área de

intervenção, visando a maximização dos recursos disponíveis e manutenção sustentável a longo prazo. O desenvolvimento do plano de restauro e requalificação permitiria divulgar a importância cultural e histórica, ao mesmo tempo que poderia ser utilizado como exemplo para a realização de outros projetos de requalificação de sítios arqueológicos.

Alguns sítios arqueológicos não possuem projetos concordantes com a função e objetivo do espaço, outros têm projetos megalómanos que desvirtuam o local e poucos usufruem de um projeto bem concebido. Neste estudo, foi recolhida e analisada informações com o objetivo de compreender o projeto de requalificação de Sítios arqueológicos, recorrendo ao caso de estudo – Cidade de Terroso. Com este caso de estudo foi possível tirar elações que possam perspetivar bases para recuperação e reabilitação de outros sítios arqueológicos de modo a não comprometerem a sua integridade ou riqueza assim como sensibilizar o público para estas problemáticas.

Como tal, é ainda apresentada uma Rota da Rede de Castros do Noroeste Português de forma a explorar e aproveitar o potencial arqueológico, turístico-cultural a ser implementado na região. Da análise dos sítios arqueológicos existentes, conclui-se que para a rota ter sucesso, deve ter em consideração as características culturais, económicas e ambientais da região, já que esta rota poderia melhorar a oferta e a qualidade do turismo.

De facto, os sítios arqueológicos devem possuir certas características necessárias para receberem os visitantes como balcão de informações, instalações sanitárias, serviços, pavimentos em bom estado, etc. Ainda assim, é necessário ter apoios institucionais ou privados e envolver a população no interesse pela história e património da área e pelo turismo cultural e histórico. Esta proposta também visaria tornar as regiões Douro Litoral e Minho menos dependentes da Sazonalidade, visto esta Rota poder ser realizada durante todo o ano.

Em jeito de conclusão, a abordagem geral do estudo, firmada na combinação e relação de conhecimentos de diferentes áreas acabou por traduzir-se num processo bastante flexível. Graças à metodologia aplicada foi permitido uma compreensão do património e da paisagem de uma forma mais subjetiva e sensível.

Este estudo foi sem dúvida um projeto ambicioso. Ao longo de toda a pesquisa percebeu-se que por ser uma área ainda em desenvolvimento, existem poucas informações ou estudos detalhados. Esta dissertação espera ser um modesto contributo para um debate mais alargado e um melhor entendimento sobre os projetos de requalificação de sítios arqueológicos aliando conhecimentos de diversos campos, nomeadamente a Arquitetura Paisagista e Arqueologia.

Fontes e Bibliografia

BIBLIOGRAFIA (MONOGRAFIAS)

- ABREU, A. C., CORREIA, T. P., OLIVEIRA, R. (Coord.). *Contributo para Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental* (Vol. I). 1ª Edição. Diversos, Lisboa. 2004.
- AGUIAR, João. Uma deusa na bruma. Asa, 2003.
- ALVES, Fernando M. Brandão, *Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano – Proposta Metodológica*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003.
- AMARAL, Ilídio. Acerca de " Paisagem": Apontamentos para um debate. *Finisterra: Revista portuguesa de geografia*, 2001.
- AMORIM, Manuel, "Os antigos Paços do Concelho da Póvoa de Varzim", Póvoa de Varzim, *Boletim Cultural*, Vol. XXX, nº V₂, 1991
- ANDRESEN T and Caldera Cabral F. *Landscape Design*. Trust Monograph Series. 2001.
- ANDRESEN T Da primeira para a segunda geração de PDM. *Ambiente 21 - Sociedade e Desenvolvimento* 15, 2004.
- APLIN, G. *Heritage: identification, conservation and management*", Oxford University Press, Oxford. 2002.
- ARAÚJO, Ilídio Alves de, *Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*, 1ªed. Lisboa, Direção Geral dos Serviços de Urbanização, 1962, Vol.01.
- ASTON, Michael, *Interpreting the Landscape – Landscape Archaeology and local history*, 1ª ed. London and New York, Routledge, Taylor and Francis Group, 2002, ISBN: 0-203-75036-5, [S./vol.].
- AZAMBUJA, Sónia Talhé – *A Linguagem Simbólica da Natureza. A Flora e Fauna na Pintura Seiscentista Portuguesa*, 1ª ed. Lisboa, Nova Vega, 2009, [S./vol.].
- BACKHAUS, Gary, MURUNGI, John, *Symbolic Landscapes*, 1ªed. USA, Springer, 2009, ISBN: 978-1-4020-8703-5, [S./vol.].
- BAHN, Paul, *Arqueologia. Uma breve introdução*, Lisboa, Gradiva, 1997.
- BARATA, Filomena, in "A salvaguarda dos bens culturais e o ordenamento do território: um passivo e um futuro", *Património/Estudos*, n.º6, 2004.
- BARATA, Maria Filomena *Miróbriga. Ruínas Romanas. Roteiros da Arqueologia Portuguesa*. Lisboa: IPPAR. ISBN 9728087829. 2001.
- BARATA, Maria Filomena, *O Sítio Arqueológico de Miróbriga. Estudos/Património*, Lisboa. ISSN 16452453, 1,2001, p.4648.
- BASTOS, Hélder, FREITAS, Marta, [et al], *História das freguesias e concelhos de Portugal*, 1ªed. Matosinhos, Qui Movi, 2004.
- BERTALANFFY, L. von, *Théorie Générale des Systèmes*, 1968, Dunod, Paris. 1993
- BRAY, Warwick, TRUMP, David, "Archaeology" in *The Penguin Dictionary of Archaeology*, London, Penguin Books, 1982.

- BROWN, T. *Reconstructing the environment and natural landscape*. In "Companion Encyclopedia of Archaeology" (G. Barker, ed.), Vol. 1. Routledge, 1999.
- BUTLER, R., and Pearce, D., eds. *"Change in tourism. People, places, processes"*, Routledge, London. 1995.
- CABRAL, F. C, *O Continuum da Natureza e a Conservação da Natureza*, in "Conservação da Natureza", Serviço de Estudos do Ambiente, Lisboa. 1980
- CABRAL, F. Caldeira, *A Missão do Arquiteto Paisagista* in "Agros", nº 2, Março-Abril. 1957
- CABRAL, F. Caldeira, *Fundamentos da Arquitetura Paisagista*, Instituto de Conservação da Natureza, Lisboa. 1993
- CABRAL, Francisco Caldeira; Telles, Gonçalo Ribeiro – *A Árvore em Portugal*. 2.^a Edição, Assírio e Alvim, Lisboa, 2005.
- CALADO, Luís; PEREIRA, Paulo; LEITE, Joaquim, *Património. Balanço e Perspetivas [2000-2006]*. Lisboa: IPPAR. ISBN 9728087772. 2000
- CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM, *Plano diretor Municipal*, Póvoa de Varzim, Biblioteca Pública Municipal, Relatório. 2011.
- CARDOSO, J. L. - *Sítios, pedras e homens. Trinta anos de arqueologia em Oeiras*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. 2000.
- CLEERE, H. *The evaluation of cultural landscapes: The role of ICOMOS*. In "Cultural landscapes of universal values" (v. B. Droste, H. Plachter and M. Rössler, eds.). 1995.
- CMPVZ, *Relatório Final da Área Arqueológica Cidade de Terroso*. Póvoa de Varzim. (Documento consultado na Câmara Municipal de Póvoa de Varzim).2005
- COELHO, C.- *Estudo preliminar da pedra romana e outros vestígios identificados no sítio arqueológico de Colaride*. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. 5:2. 2002.
- CONAN, M. "Perspectives on garden history", Dumbarton Oaks Research Library and Collection, Washington D.C. 1999.
- Costa, Ana Luísa Beja da – *Métodos de Classificação de Património Paisagístico, Caso de Estudo da Tapada da Ajuda*, Relatório do Trabalho de Fim de Curso de Arquitetura Paisagista, ISA/UTL, Lisboa, 2004.
- CUNHA, L. *Avaliação do Potencial Turístico*. COGITUR, 1. 2008
- De La Torre, M. *"The conservation of archaeological sites in the Mediterranean region"*, The Getty Conservation Institute, Los Angeles. 1997.
- DEMING, M. Elen; SWAFFIELD, Simon. *Landscape Architectural Research: Inquiry, Strategy, Design*. Wiley. com, 2011.
- FERRO, Maria Isabel – *Percursos e Património na Perceção da Paisagem*, Relatório do Trabalho de Fim do Curso de Arquitetura Paisagista, ISA/UTL, Lisboa, 2004.
- FIGUEIRAL I. *Charcoal analysis and the vegetational evolution of North-West Portugal*. Oxford Journal of Archaeology, 12, nº 2: 1993.
- FONTES, Luís. *Proposta de programa para a conservação, estudo, valorização e divulgação do complexo mineiro antigo do vale superior do Rio Terva*, Boticas. 2006.
- FRANCIS, Mark, *A case Study method for Landscape Architecture*. Urban Land Institute, 1998.

- GALLAND, Pierre, ANDRIAN, Giorgio, et al. - *Preserve World Heritage*. Kerstin Manz and Mechtild Rössler, Germany, 2008.
- GOELDNER, Charles, MCINTOSH, Robert W. - *Turismo: princípios, práticas e filosofias*. Bookman, Porto Alegre, 1990.
- GOMES, J. M. F. – *Cidade de Terroso. Rutura e continuidade no desenvolvimento urbano da Cultura Castreja à Romanização*. In Atas do Colóquio Monte Mozinho 2004: Castro, Um Lugar para Habitar. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel / Museu Municipal. Cadernos do Museu. Arqueologia. 11. 2005.
- GOMES, J. M. F. CARNEIRO, D. M. V. – *Cidade de Terroso. Guia do Visitante*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim / Museu Municipal / Gabinete de Arqueologia. 2004.
- GOMES, J. M. F. CARNEIRO, D. M. V. – *Subtus Montis Terroso. Património Arqueológico da Póvoa de Varzim*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. 2005.
- GUERRA, A. – *Plínio-o-Velho*. In *História de Portugal*, Dir. MEDINA, J.. Alfragide: Ediclube. Vol. II – O Mundo Luso-Romano. A Idade do Ferro e a ocupação romana. 1998
- HIGUCHI, T. "*The visual and spatial structure of landscapes*", The MIT Press, London.1983.
- HORTA, M^a de Lourdes Parreiras, "Fundamentos da Educação Patrimonial" in *Ciências e Letras*, Porto Alegre, junho 2000, nº27, pp. 25-35.
- JAKLE, A. J. "*The visual elements of landscape*", The University of Massachusetts Press, Amherst.1987.
- JAMESON, J. H., ed. "*The reconstructed past. Reconstructions in the public interpretation of archaeology and history*", Alta Mira Press, Walnut Creek, Oxford. 2004.
- JORGE, Vítor (coord) *Conservar para quê? In 8ª mesa redonda de primavera*. Realizada nos dias 26 a 28 de março 2004. Relatório. 2004.
- LEMONS, Francisco de Sande, "*Arqueologia Urbana em Portugal. A Cidade, o Poder e o Conhecimento*", in *Arqueologia 2000- Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal* (Atas das VI Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, junho de 2000), *Arqueologia e História*, vol.54, Lisboa, 2002.
- LUSTOSA, Sarah R., et al. Propolis: Updates on chemistry and pharmacology. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, 2008.
- LYNCH, K. "*A theory of good city form*", The M.I.T. Press, Cambridge. 1981.
- LYNCH, K. "*Site Planning, Second Edition*", The M.I.T. Press, Cambridge. 1971.
- LYNCH, K. "*What time is this place?*" The M.I.T. Press, Cambridge. 1972.
- MAGALHÃES, M. R., *A Arquitetura Paisagista - morfologia e complexidade*, Editorial Estampa, Lisboa. 2001.
- MARQUES, Teresa R. S. Figueiredo – *Proposta para a reabilitação do Jardim do Auditório do Prof. Caldeira Cabral: Intervenção sobre o Património*, Relatório de Final do Curso de Arquitetura Paisagista, ISA/UTL, Lisboa, 1995.
- MATA, Duarte Cardoso – *Rede Pedonal e de Bicicletas para Lisboa*, Relatório do Trabalho Final do Curso de Arquitetura Paisagista, ISA/UTL, Lisboa, 2000.

- MATOS, Olga Maria Pinto de - *Subsídios para a história da valorização do património arqueológico em Portugal*. Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, 2002.
- OOSTERBEEK, Lulz. Gestão da Arqueologia: mudar o paradigma. *Paxis Arqueológica, Revista Eletrónica de Teoria, Metodologia e Política da Arqueologia*, nº3, 2008.
- PEREIRA, José Fernandes, SILVA, Nuno Vassalo e, *História da Arte Portuguesa*, 1ª ed. Rio de Mouro, Círculo de Leitores e Autores, 2007, ISBN: 978-972-42-3959-0, Vol. 07.
- PEREIRA, Paulo; [et al], *História da Arte Portuguesa*, 1ª ed. Rio de Mouro, Círculo de Leitores e Autores. ISBN: 978-972-42-3961-3, Vol. 09. 2007.
- PEREIRA, Paulo; [et al]; *História da Arte Portuguesa*, 1ªed. Rio de Mouro, Círculo de Leitores e Autores, 2008, ISBN: 978-972-42-3960-6, Vol. 08.
- PINHO, Jorge, “O 1º Milénio a.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave.” / *Dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial*” Tese de Mestrado, Universidade De Lisboa Faculdade De Letras Departamento De História. 2002
- PINTO DA SILVA, A.R. *A paleobotânica na arqueologia portuguesa. Resultados desde 1931 a 1987*. Atas do Encontro "Paleoecologia e Arqueologia". Câmara Municipal, Vila Nova de Famalicão. 1988.
- PIO, Font Quer. *Plantas medicinales. El Dioscórides renovado*. Ed. Labor. Barcelona, España. 1990.
- PITA, P. J. B. S. (coord.); RAMOS, J. M. F. PEREIRA, A. P. T. TORGAL, M. C. G. T. *Plano Regional de Ordenamento do Território do Norte – PROT-Norte. Recursos Geológicos e Hidrogeológicos da Região Norte*. Comissão de Coordenação da Região Norte. Porto. 2009.
- RIBEIRO, Orlando, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de relações geográficas*, 2ªed. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1963, [S./vol.].
- RJOOB, Ahmed *Planning and managing interpretive signage at archaeological sites* Ahmed Rjoob
Dissertação para o grau de mestrado em Gerenciamento de Sítios Arqueológicos da Universidade de Londres. 2003
- ROBERTS, Brian K., *Landscapes of settlement – Prehistory to the present*, 1ªed. New York, Routledge, 2003, ISBN: 0-203-73896-9, [S. /vol.] Rowe, K. "Stonehenge landuse plan", The National Trust, Wiltshire. 2001.
- RUTLEDGE, A. "A visual approach to the park design", Garland STPM Press, New York. 1981.
- STEINITZ, Carl. *A Framework for Geodesign: Changing Geography by Design*. ESRI Press, 2012
- TELLES, Gonçalo Ribeiro., *Um Novo Conceito de Cidade: a Paisagem Global*. Matosinhos, Contemporânea Editora Lda, Câmara Municipal de Matosinhos. 1996
- XAVIER, Sandra. *Usos da ruralidade na arquitetura paisagista. Etnográfica*, 2007.
- YOUNG, Greg, *Reshaping planning with culture*, 1ªed. England, Ashgate Publishing Limited, 2008, ISBN: 978-0-7546-7077-3, [S. /vol.].

Revistas e Jornais

- AMORIM, Manuel - *As delimitações da vila e termo da Póvoa de Varzim no século XVIII*, in "O Comércio da Póvoa de Varzim", de 30 de setembro e 7, 14, 21 e 28 de outubro de 1976.

- CLAUDINO, S. Portugal Peninsular e os Desafios Regionais. In Finisterra, XLI, 81, 2006, Disponível em WWW. [Http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2006-81/81_05.pdf](http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2006-81/81_05.pdf). Consultado em setembro de 2013.
- FABIÃO, C. Para a história da arqueologia em Portugal. *Penélope Fazer e desfazer história.*,2, 10-26. 1998.
- MATOS, Olga. Valorização de Sítios Arqueológicos. *Praxis Archaeologica* 3, p. 31-46, 2008.
- SABATÉ BEL, Joaquim (Dir.), “De la preservación del patrimonio a la ordenación del paisaje, Ensayos”, Universidad Politécnica de Catalunya, [S./vol.], nº1. 2005.

Outras fontes não publicadas

- AZEVEDO, MARIANA – *Arquitetura contemporânea nos Sítios arqueológicos*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, apresentada na Faculdade de Arquitetura Universidade do Porto. s. M.2008.
- CALADO, Ana Sara, *Paisagens Culturais: Análise Comparativa entre o modelo de gestão Europeu e Norte-Americano* – Relatório de Trabalho de Fim de Curso da Licenciatura em Arquitetura Paisagista, Universidade do Algarve – Faculdade de Engenharia de Recursos Naturais, Faro, 2006.
- COSTA, Cláudia - *Paisagens Culturais: Memória de uma identidade coletiva para o futuro. Caso Estudo: Deserto Carmelita do Bussaco*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m. 2011.
- COSTA, Mariana - *Estudo histórico-artístico e proposta de plano diretor de restauro para a Quinta do Alto, Faro*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m. 2013.
- COUTINHO, Vanda, Rita Lavado, Daniel Romão, Ana Gomes, Pedro Severino, *Requalificar a Caldeira da Moita*. Trabalho realizado na disciplina de Projeto e Crítica do Espaço Público apresentado ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m. 2012
- CRUZ, Vanessa, Helena Charrua, Ana Gomes, Valentina Bonafine. *Cerca| Convento da Cartuxa, Évora, Séc. XVI*. Trabalho realizado na disciplina de Recuperação e Gestão da Paisagem Cultural apresentado ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m. 2012
- CUNHA, Maria. *Proposta de otimização do sistema de vistas do Parque da Pena em Sintra*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m. 2010.
- CURADO, M.. O planeamento e a gestão das Paisagens Culturais – Alto Douro Vinhateiro: contributos e aplicações - Dissertação de Doutoramento, Universidade de Aveiro - Departamento de Ambiente e Ordenamento, s. m. 2003.
- DUARTE, Marta - *O Turismo na Paisagem Cultural de Sintra*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, s.m. 2010.

- GOMES, J. M. F. – Cidade de Terroso e a Vila Mendo (Estela). *Aspetos da Proto-História e Romanização do litoral Minhoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. S. m.1996.
- LEITE, Ana Filipa. *Estratégias de Gestão e de Conservação para a Paisagem Cultural de Sintra, Património Mundial*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista, apresentada ao Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, s. m. 2013.
- RJOOB, Ahmed *Planning and managing interpretive signage at archaeological sites* Ahmed Rjoob Dissertação para o grau de mestrado em Gerenciamento de Sítios Arqueológicos da Universidade de Londres. s. m. 2003.

FONTES COMPUTADORIZADAS

INTERNET

- ANONIMO *Adequacy of Archaeological Site Structure / a3gm* [Consultado 14 maio de 2013]. Disponível na WWW: <http://www.archdaily.com/176600/adequacy-of-archaeological-site-structure-a3gm/>
- CCDRN. Plano Regional de Ordenamento do Território da Região do Norte. Fase I – Estudos Complementares de Caracterização Territorial e Diagnóstico Regional. Estrutura Regional de Proteção e Valorização Ambiental da Região do Norte. Porto: 2008. CCDRN. [Consultado em: setembro de 2013.] Disponível em WWW: <http://consulta-prot-norte.inescporto.pt/plano-regional>
- CCDRN. Plano Regional de Ordenamento do Território da Região do Norte. Porto: CCDRN. <http://consulta-prot-norte.inescporto.pt/plano-regional> Consultado em: setembro de 2013
- CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM| [Consultado 21 outubro 2013]. Disponível na WWW: <URL <http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/heritage/landscape/versionsconvention/>>
- COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO – Comissão Nacional da UNESCO em Portugal – [Consultado em: setembro de 2013.] Disponível em WWWUNESCO.pt [em linha]. Lisboa: SLP, 2001
- CONVENÇÃO DE GRANADA| [Consultado 21 outubro 2013]. Disponível na WWW: <URL <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/granada.pdf>>
- Convenção sobre a Proteção do Património Mundial Cultural e Natural, 1972 [Consultado 21 outubro 2013]. Disponível na WWW: <URL <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>>
- DECLARAÇÃO DE VIENA – Europa: Síntese da legislação da UE – Europa.eu [em linha]. [s.l/s.a] – [Consultado em: setembro de 2013.] Disponível na WWW: <URL: <http://194.65.130.238/media/uploads/cc/DECLARACAODEVIENA.pdf>>
- Decreto-Lei nº 379/97, de 27 de dezembro Regulamento que estabelece as condições de segurança a observar na localização, implantação, conceção e organização funcional dos espaços de jogo e recreio, respetivo equipamento e superfícies de impacto [Consultado em: setembro de 2013.] Disponível em:WWW. [Http://dre.pt/pdf1sdip/1999/09/222A00/65906622.pdf](http://dre.pt/pdf1sdip/1999/09/222A00/65906622.pdf).
- Decreto-Lei nº 380/99. D.R. nº 222, Série I-A de 1999-09-22. *Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial*. [Consultado em: setembro de 2013.] Disponível em:WWW. [Http://dre.pt/pdf1sdip/1999/09/222A00/65906622.pdf](http://dre.pt/pdf1sdip/1999/09/222A00/65906622.pdf).
- Decreto-Lei nº107, de 8 de setembro de 2001 – Lei de Bases do Património Cultural Português, definição das bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural português. [Consultado em: setembro de 2013.] Disponível em:WWW. [Http://dre.pt/pdf1sdip/1999/09/222A00/65906622.pdf](http://dre.pt/pdf1sdip/1999/09/222A00/65906622.pdf).
- Decreto Lei nº 5, de 19 de fevereiro de 2002 – Classificação dos bens culturais imóveis de âmbito nacional como monumentos e imóveis de interesse público. [Consultado em: setembro de 2013.]Disponível em WWW: <http://dre.pt/pdf1sdip/2002/02/03600/0116801205.pdf>

- Decreto-Lei nº 215, de 27 de outubro de 2006- fusão do IPPAR (Instituto Português do Património Arquitetónico), do IPA (Instituto Português de Arqueologia) e de algumas atribuições da antiga DGEMN (Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais), atual SIPA (Sistema desinformação para o Património), gerida pelo IHRU (Instituto da habitação e da reabilitação Urbana). [Consultado em: setembro de 2013.] Disponível em WWW: <http://dre.pt/pdf1sdip/2008/07/14200/0459604611.pdf>
- Decreto-Lei nº96, de 29 de março de 2007 – Criação do Instituto de gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR). [Consultado em: setembro de 2013.] Disponível em WWW: <http://dre.pt/pdf1sdip/1999/09/222A00/65906622.pdf>.
- Decreto-Lei nº 142/2008. D.R. nº 142, Série I de 2008-07-24. *Rede Fundamental de Conservação da Natureza*. [Consultado em: setembro de 2013.]Disponível em WWW: <http://dre.pt/pdf1sdip/2008/07/14200/0459604611.pdf>
- Decreto-Lei nº 166/2008. D.R. nº 162, Série I de 2008-08-22. *Regime Jurídico da Reserva Ecológica Nacional*. [Consultado em: setembro de 2013.] Disponível em WWW: <http://dre.pt/pdf1sdip/2008/08/16200/0586505884.pdf>.
- Decreto-Lei nº 46/2009. D.R. nº 36, Série I de 2009-02-20. *Sexta alteração ao Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial*. [Consultado em: setembro de 2013.] Disponível em WWW: <http://dre.pt/pdf1sdip/2009/02/03600/0116801205.pdf>.
- Decreto-Lei nº140de 15 de junho de 2009 – Condições exigidas pelo IGESPAR para intervenção
- DEPARTAMENTO COMUNICAÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA – Europa: Síntese da legislação da UE – Europa.eu [em linha]. [s.l/s.a] – Consultado 21 Set. 2013. Disponível na WWW: <URL: http://europa.eu/legislation_summaries/agriculture/environment/l28021_pt.htm>.
- DIOSCÓRIDES. Dioscórides interativo. Universidade de Salamanca. [Consultado em: 9 outubro de 2013.], Disponível em WWW. <http://dioscorides.eusal.es>
- DIREÇÃO REGIONAL DA CULTURA DO NORTE | [Consultado em 10 de outubro de 2013].Disponível na WWW: <http://www.culturanorte.pt>
- IALE-D - International Association for Landscape Ecology – Landscape Online [em linha]. Bonn: SLP, 2007 – [Consultado 14 maio de 2013]. Disponível na WWW: URL:<http://www.landscapeonline.de/>
- ICOMOS| Carta De Bruxelas| [Consultado 21 outubro 2013]. Disponível na WWW: <URL <http://5cidades.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>>
- ICOMOS| Carta De Burra| [Consultado 21 outubro 2013]. Disponível na WWW: <URL <http://5cidades.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>>
- ICOMOS| Carta De Florença| [Consultado 21 outubro 2013]. Disponível na WWW: <URL <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/viewfile/332/241>>
- ICOMOS| Carta De Veneza| [Consultado 21 outubro 2013]. Disponível na WWW: <URL <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/viewfile/332/241>>
- ICOMOS| Carta De Washington| [Consultado 21 outubro 2013]. Disponível na WWW: <URL <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/viewfile/343/252>>

ICOMOS| Consil Of Europe – Culture, Heritage and Diversity – Coe.int [em linha]. [s.l/s.a] – [Consultado 17 Set. 2013]. Disponível na WWW: <URL: http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/routes/default_en.asp>.

IGESPAR | Classificação do Património. [Consultado 21 Set. 2013]. Disponível na WWW: <URL <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/classificacaodopatrimonio/>>

INFOPÉDIA | [Consultado setembro 2013]. Disponível na WWW: <URL <http://www.infopedia.pt>>

BASES DIGITAIS/ CARTOGRÁFICAS

Base Digital (SIG) da Póvoa de Varzim

Carta Geológica de Portugal Continental à escala 1/500 000. LNEG - Laboratório Nacional de Energia e Geologia.

Instituto Geográfico Português. Carta de Ocupação do Solo - COS' 2007. Instituto Geográfico Português. Lisboa. Disponível em <http://www.igeo.pt/nivel/> [consultado em 29 de abril de 2011].

Ortofotomapa do Concelho da Póvoa de Varzim. Fonte: CMPVZ.

Ortofotomapa do Concelho de Vila do Conde. Fonte: CMVC.

SOFTWARE UTILIZADO

Adobe Photoshop CS6

Adobe Illustrator

Autodesk Impression

Autocad Civil 3D

Google Earth

Google Sketch up

Glossário

Anastilose³¹⁵ – Processo de reedificação de um monumento em ruínas, de acordo análises dos vestígios que o constituem, recorrendo ao uso de novos materiais de modo a complementarem as peças originais.

Conservação³¹⁶ – processo que se no respeito à substância existente e não deve alterar o testemunho nela presente. Na conservação todos bens devem estar presente os seus valores.

Monumento Histórico³¹⁷ - abrange não só os trabalhos de simples arquitetura, mas também o enquadramento urbano ou rural onde se encontram as evidências de uma civilização em particular, um desenvolvimento significativo ou um acontecimento histórico. Isto aplica-se não só às grandes obra de arte, mas também a obras mais modestas do passado que adquiriram significado cultural com a passagem do tempo.

Paisagem Natural³¹⁸ – é o produto da interação dos elementos físicos e bióticos anteriores à ação do Homem.

Paisagem humanizada³¹⁹ – é o resultado da ação do Homem sobre a paisagem natural, a fim de a modificar e adapta-la às suas necessidades.

Património Cultural³²⁰ - O património cultural é constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo.

Património Histórico³²¹ - difere do conceito geral de património pela sua identidade estética, artística, documental, científica, social ou natural.

Reabilitação³²² – Consiste na atribuição de um novo uso que implique alterações mínimas aos seus diversos materiais, elementos, espaços ou relações espaciais, preservando assim o carácter histórico da propriedade.

Romanização³²³ – Processo de assimilação cultural protagonizado pelo império romano que consistia em transmitir ideias, costumes, técnicas e conhecimentos aos povos conquistados.

³¹⁵ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2013, [consulta. 4 de outubro de 2013] Disponível em WWW

[Http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=chave](http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=chave).

³¹⁶ Carta de Burra [em linha], 2008, [consultado 14 de janeiro de 2014] Disponível em WWW.

[Http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf](http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf).

³¹⁷ ICOMOS, II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos / - Carta de Veneza, 1964. Consultado 14 de janeiro de 2014] Disponível em WWW: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>

³¹⁸ ABREU, A. C., CORREIA, T. P., OLIVEIRA, R. (Coord.). Contributo para Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental (Vol. I). 1ª Edição. Diversos, Lisboa. 2004. pp 29

³¹⁹ ABREU, A. C., CORREIA, T. P., OLIVEIRA, R. (Coord.). Contributo para Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental (Vol. I). 1ª Edição. Diversos, Lisboa. 2004. pp 29

³²⁰ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2013, [consultado 4 de outubro de 2013] Disponível em WWW

[Http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=chave](http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=chave).

³²¹ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2013, [Consultado 4 de outubro de 2013] Disponível em WWW

[Http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=chave](http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=chave).

³²² ICOMOS, II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos / - Carta de Veneza, 1964. [Consultado 14 de janeiro de 2014] Disponível em WWW: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>

³²³ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2013, [consulta. 4 de outubro de 2013] Disponível em WWW

[Http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=chave](http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=chave).

ANEXOS

Anexo I – Legislação Nacional sobre Arqueologia e Património

Legislação	Objetivos
Decreto-Lei nº 164/97 de 27 de junho	Decreto-Lei que ratifica a Convenção sobre a Proteção do Património Cultural Subaquático, aprovada na XXXI Sessão da Conferência Geral da UNESCO
Decreto-Lei nº 270/99 de 15 de julho	Regulamento de Trabalhos Arqueológicos
Decreto-Lei nº 121/99 de 20 de agosto	Utilização de Detetores de Metais
Decreto-Lei nº 287/2000 de 10 de Nov.	Alteração ao Decreto-Lei nº 270/99 de 15 de julho
Decreto-Lei nº 69/2000 de 3 de maio	Regulamenta os Procedimentos de AIA
Decreto-Lei nº 107/2001	Lei de bases da política e do regime de proteção e valorização do Património Cultural
Decreto-Lei nº 131/2002 de 11 de maio	Forma de Criação e Gestão de Parques Arqueológicos
Despacho n.º 8617/2002	Tabela de preços para reprodução de documentos
Decreto-Lei nº 197/2005	Restabelece o regime jurídico da avaliação de impacte ambiental (AIA) atualizando o Decreto-Lei nº 69/2000 de 3 de maio
Portaria n.º 376/2007	Aprova os estatutos do IGESPAR, I. P.
Decreto-Lei nº 96/2007 de 29 de março	Orgânica do IGESPAR, I. P. (Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, I. P.)
Portaria n.º 373/2007 de 30 de março	Estrutura nuclear das Direções Regionais de Cultura e as competências das respetivas unidades orgânicas
Decreto-Lei nº 309/2009	Procedimento de classificação dos bens imóveis de interesse cultural, bem como o regime jurídico das zonas de proteção e do plano de pormenor de salvaguarda
Resolução do Conselho de Ministros nº 70/2009	Cria do Programa de Recuperação do Património Classificado (PRPC) - Programa Cheque-Obra
Decreto-Lei nº 138/2009	Criação do Fundo de Salvaguarda do Património
Decreto-Lei nº 139/2009	Estabelece o Regime Jurídico de Salvaguarda do Património Imaterial
Decreto-Lei nº 140/2009	Aprova o regime jurídico dos estudos, projetos, relatórios, obras ou intervenções sobre bens culturais móveis e imóveis classificados ou em vias de classificação de interesse nacional, de interesse público ou municipal
Despacho n.º 20571/2009	Tabela de preços a praticar pelo IGESPAR, I.P., por serviços prestados
Decreto-Lei nº 35/2011	Decreto-Lei que institui o Coa Parque – Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Coa
Decreto-Lei nº 265/2012	Prorrogação de prazo para a conclusão dos procedimentos de classificação pendentes
Despacho n.º 6891/2013	Regulamento de Utilização de Imagens de Museus, Monumentos e outros Imóveis afetos à Direção-Geral do Património Cultural
Despacho n.º 6891/2013	Regulamento de Utilização de Imagens de Museus, Monumentos e outros Imóveis afetos à Direção-Geral do Património Cultural
Despacho n.º 7113/2013.	Fixa os valores de ingresso nos imóveis classificados dependentes da Direção-Geral do Património Cultural

Anexo II- Legislação internacional sobre o Património e Arqueologia

1931	Carta de Atenas	Escritório Internacional dos Museus/Sociedade das Nações
1964	Carta de Veneza	II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos/ICOMOS
1972	Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural	UNESCO
1975	Carta Europeia do Património Arquitetónico	Conselho da Europa
1976	Recomendação sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e da sua Função na Vida Contemporânea	UNESCO
1981	Carta de Florença sobre a Salvaguarda de Jardins Históricos	ICOMOS
1985	Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa, Granada	Conselho da Europa
1987	Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas	ICOMOS
1990	Carta Internacional sobre a Proteção e a Gestão do Património Arqueológico	ICOMOS
1992	Convenção Europeia para a Proteção do Património Arqueológico	Conselho da Europa
1997	Convenção Europeia Para a Proteção do Património Arqueológico (Revista)	Convenção de Mata
1999	Carta Internacional sobre o Turismo Cultural	ICOMOS
2000	Carta de Cracóvia sobre os Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído	Conferência Internacional sobre Conservação
2001	Convenção para a Proteção do Património Cultural Subaquático	UNESCO
2002	Declaração de Budapeste sobre o Património Mundial	Declaração de Budapeste sobre o Património Mundial
2005	Convenção de Faro	Conselho da Europa
2009	Declaração de Viena	FERP
2009	Carta de Bruxelas	

Anexo III – Caderno de encargos

1 – TRABALHOS PREPARATÓRIOS

Encontram-se descritos neste artigo uma breve e sucinta apresentação dos trabalhos preparatórios.

1.1.- Estaleiro | A instalação do estaleiro inclui o fornecimento, montagem e manutenção de equipamentos, vedações e painéis indicativos. O estaleiro deverá ser equipado com todas as instalações indispensáveis ao funcionamento da obra, onde sejam cumpridas as normas de saúde e segurança no trabalho em vigor (com fornecimento do plano de segurança de responsabilidade, legal, do dono da obra para aprovação), incluindo, reposição provisória e/ou definitiva de serviços afetados, reparação de zonas afetadas pelos trabalhos.

1.2. Implantação | Antes de se iniciar qualquer trabalho o empreiteiro procederá, à sua custa, à implantação e demarcação definitiva das obras a executar.

O empreiteiro terá um prazo de 5 dias úteis para verificação no local e apresentação, se for caso disso, de observações assinalando as deficiências que eventualmente encontre, deficiências que serão objeto de uma verificação com a fiscalização. As implantações e demarcações serão verificadas pela fiscalização, que as aprovará no caso de estarem conforme o projeto.

Para que o empreiteiro execute a implantação dos trabalhos, a fiscalização indicará o local ou locais em que o mesmo deverá colocar uma ou as marcas de nivelamento necessárias, bem definidas, verificadas pela fiscalização e nas quais se apoiarão as implantações ou piquetagem. Todos os danos resultantes da não observação destas normas serão integralmente suportados pelo empreiteiro.

1.3. Medidas Cautelares | Incluem-se nas medidas cautelares a decapagem e armazenamento da terra viva proveniente dos locais onde se irão implantar, muros, áreas pavimentadas e dos locais sujeitos a movimentação de terras. A vegetação arbórea e arbustiva existente a ser preservada deve ser protegida dos trabalhos de construção e das áreas de circulação. A identificação e isolamento destas áreas devem ser claro, e o material utilizado será durável e resistente. A remoção de qualquer exemplar arbóreo ou arbustivo deverá ser efetuada apenas segundo indicação do projetista e/ou aprovação escrita da fiscalização.

1.4. Sinalização | O empreiteiro deverá colocar sinalização nas vias de acesso, na área envolvente da obra e em todos os pontos em que tal se mostre necessário, de forma a evitar a criação de perigos potenciais. Serão da responsabilidade do empreiteiro quaisquer prejuízos que a falta de sinalização ou a sua deficiência implantação possam ocasionar, quer à obra quer a terceiros.

1.5.- Movimento de Terras | Estão incluído a implantação geral e fixação dos pontos e níveis de referência, a marcação da linha de corte de terras. O desmonte será feito em sucessivas camadas

horizontais. Será feito arredondamento de perfil em bordos taludados nas arestas da base, quebras e coroamento. Deverá ser, sempre que necessário, protegido o desmonte perante infiltrações e ações de erosão ou desmoronamento por parte das águas de escorrência.

1.5.1 - Execução de aterro| incluindo transporte e baldeação para atingir as cotas de projeto, no espaço onde será implantado o parque de estacionamento de ligeiros.

A

2. -VEGETAÇÃO

Encontram-se compreendidos neste artigo todos os trabalhos relativos a plantação de árvores e arbustos.

2.1. Limpeza e desmatção| A operação consiste na remoção da vegetação rasteira, herbácea e arbustiva, de carácter infestante.

As técnicas a utilizar (desmatção manual, mecânica ou por queima) deverão ser determinadas pela fiscalização de acordo com a época do ano e as espécies existentes, de forma a evitar a distribuição de sementes e posterior germinação das espécies que se pretendem remover.

2.2.1 Material vegetal| Árvores| Todo o material vegetal será designado pelo seu nome botânico de acordo com as regras da nomenclatura botânica.

O material vegetal a utilizar deverá estar de acordo com o especificado no projeto. Não serão aceites quaisquer substituições de género, espécie, variedade ou cultivar, sem prévia autorização por escrito da fiscalização. Caso se verifiquem substituições não autorizadas, a sua remoção e replantação de acordo com o projeto será imediata, sendo os custos da total responsabilidade do empreiteiro. As alturas deverão estar compreendidas entre os 2m e os 3m salvo indicações específicas em contrário.

2.2.2. Material Vegetal| Arbustos| Todo o material vegetal será designado pelo seu nome botânico de acordo com as regras da nomenclatura botânica.

O material vegetal a utilizar deverá estar de acordo com o especificado no projeto (Desenhos e Medições). Não serão aceites quaisquer substituições de género, espécie, variedade ou cultivar, sem prévia autorização por escrito da fiscalização. Caso se verifiquem substituições não autorizadas, a sua remoção e replantação de acordo com o projeto será imediata, sendo os custos da total responsabilidade do empreiteiro.

Todos os exemplares provenientes de viveiro, transplante local ou transplante exterior, deverão ser identificados através de etiqueta indelével, constando o seu nome botânico. Serão excluídos do local de obra, todos os exemplares não identificados individualmente, ou por lote inequívoco.

As alturas deverão estar compreendidas entre 0.80-1,20m salvo indicações específicas em contrário.

3.2.3. Material Vegetal [Sementes] Todo o material vegetal será designado pelo seu nome botânico de acordo com as regras de nomenclatura botânica.

O material vegetal a utilizar deverá estar de acordo com o especificado no projeto (Desenho e Medições). Não serão aceites quaisquer substituições de género, espécie, variedade, cultivar, sem prévia autorização por escrito da fiscalização. Caso se verifiquem substituições não autorizadas, a sua remoção e retanção de acordo com o projeto será imediata, sendo os custos da total responsabilidade do empreiteiro.

Todos os sacos de sementes provenientes de viveiro deverão ser identificados através de etiquetas com o seu nome botânico. Serão excluídos do local de obra, todos os sacos não identificados individualmente, ou por lote inequívoco.

As sementes deverão apresentar um coeficiente de pureza da ordem dos 99% e um coeficiente de germinação igual ou superior a 85%. Deverá apresentar-se em boas condições sanitárias, livre de doenças, pragas ou outras formas de infeção.

3.3. Aprovisionamento, Transporte e Entrega em Obra As plantas a fornecer com torrão radicular deverão ser retiradas do solo antes do início do período de atividade vegetativa. Os torrões serão firmes e intactos, sendo de rejeitar as plantas que tenham perdido grandes quantidades de material radicular em proporção com a parte aérea. Os exemplares ensacados ou envasados, deverão apenas ser manipulados pelo saco ou pelo vaso e nunca pela parte aérea. Os transportes de material vegetal nacional ou internacionais deverão ser feitos de acordo com os preceitos legais, confirmados através de documentos respetivos.

2.4. Manutenção, Inspeção, Garantias e Substituições Durante os períodos de aprovisionamento e garantia, o empreiteiro deverá apresentar um programa de manutenção do material vegetal, de forma a garantir a sua qualidade. Serão combinadas reuniões periódicas entre o empreiteiro e a fiscalização, para acompanhar a manutenção ao longo do período.

O empreiteiro será responsável pela manutenção do material vegetal durante o período de instalação e garantia. Esta responsabilidade inclui todas as operações necessárias para manter boas condições vegetativas e sanitárias, tais como: rega, sachas e mondas, fertilizações, espalhamento de “mulch”, podas de formação, tratamento de feridas ou danos, tutoragem, ancoragem ou outras formas de estabilização biomecânica dos exemplares plantados assim como outras operações que se venham a mostrar necessárias de acordo com as indicações da fiscalização.

2.5. Período de Garantia O material vegetal plantado deverá apresentar excelentes condições vegetativas e sanitárias no final de um ciclo vegetativo completo (12 meses), constituindo responsabilidade total do empreiteiro, a sua manutenção.

No momento da inspeção, todos os exemplares em avaliação deverão estar em perfeitas condições vegetativas e sanitárias como condição de receção. Durante o período de garantia, a manutenção do material vegetal de acordo com os termos descritos em especificação própria, constitui responsabilidade do empreiteiro.

3 – ESTRUTURAS ARQUEOLÓGICAS |

Neste artigo compreendem-se todos os trabalhos relativos a limpeza, consolidação, beneficiação das estruturas arqueológicas. Os muros e escadas a construir deverão seguir os aparelhos de construção existentes, de forma a evitar qualquer impacte visual.

5.1 - Limpeza e consolidação das estruturas arqueológicas que carecem de intervenção, incluindo equipamentos e materiais necessários à execução dos trabalhos.

4 – EDIFÍCIO|

Neste artigo compreendem-se todos os trabalhos relativos à beneficiação do edifício existentes, no qual se incluem o fornecimento e aplicação de todos os materiais necessários à perfeita funcionalidade dos edifícios. Devem ser considerados todos os meios necessários para a realização dos trabalhos.

4.1 – Extensão da receção exterior| Extensão da receção exterior para servir de esplanada, incluindo o fornecimento e execução em estrutura de madeira tipo deck.

5- PAVIMENTOS E LANCIS|

A implantação dos pavimentos será feita com o auxílio de estacas cotadas que definam corretamente os contornos e as cotas do projeto.

5.1. Pavimentos| O empreiteiro deverá participar por escrito à fiscalização qualquer anomalia que encontre devida a incorreções do projeto.

A construção dos pavimentos resulta de várias fases Sub/Base e camada de desgaste, as mesmas devem ser efetuadas rigorosamente sem omissões por parte do empreiteiro, de qualquer fragilidade ou aspeto que comprometa o pavimento á posteriori.

O empreiteiro deverá fornecer o equipamento, ferramentas e trabalho necessário para garantir que o trabalho de instalação se faça de maneira aceitável e dentro dos prazos definidos ou a definir em reunião de obra.

5.1.1. Calçada de cubos de granito| A superfície a ser pavimentada com cubo de granito 11x11cm deve ser convenientemente preparada de modo a adaptar-se aos perfis longitudinal e transversal dentro das tolerâncias previstas no projeto e ainda de modo a satisfazer condições exigidas para o tipo de base a ser pavimentada.

Depois de consolidado o leito da caixa, espalha-se nela uma camada de areia com a espessura indicada no projeto (geralmente 10cm), sobre o qual irá executar-se a calçada.

A pedra para calçada deverá satisfazer as seguintes condições: apresentar textura compacta e homogénea e ser sonora à pancada do martelo. Em cada troço, a pedra a empregar será da mesma qualidade e da mesma proveniência Com areia de grão seco, anguloso e áspero ao tato e isenta de

argila, substâncias orgânicas ou outras impurezas, devendo ser lavada ou peneirada sempre que necessário;

5.1.2. Pavimento em *deck* O pavimento deverá ser construído de acordo com as indicações do material após aprovação do arquiteto, com tábuas de 33 mm espessura e 100 mm de largura e juntas de 5mm. O comprimento deverá estar compreendido entre 1.00m e 2.00m devendo privilegiar-se as maiores dimensões e evitar cortes em peças com aplicação contínua.

A base e a estrutura de suporte do pavimento deverão garantir um perfeito nivelamento, não se admitindo saliências ou irregularidade entre níveis. O remate lateral com o pavimento deverá ser perfeito, com junta entre 3 e 5mm. A madeira deverá ser isenta de imperfeições ou irregularidade de textura ou de cor.

5.1.3. Pavimento em saibro amarelo estabilizado com ligante de cal O pavimento em saibro estabilizado é constituído por uma sub-base em camada de gravilha com 0.15m de espessura. Sobre a sub-base coloca-se a camada de saibro estabilizado com ligante cal para a razão de 2/3 para 1/3.

A sua aparência em obra preserva a cor natural do saibro, apresentando uma boa resistência à erosão eólica, hidráulica e mecânica.

5.2. Guias e Lancis A implantação das guias e lancis será feita com o auxílio de estacas cotadas que definam corretamente os contornos e as cotas do projeto

5.3. Estacionamento Fornecimento e colocação de peças de lancil em granito amarelo, de secção 20x20 cm, para delimitação periférica de parques de estacionamento e de passeio, e de secção 10x20 cm, para a delimitação de lugares de estacionamento. As peças serão assentes em fundação de betão simples B20/25, de 10cm de espessura, executada de acordo com as cotas de projeto. As caixas para as fundações de betão serão abertas de acordo com as cotas e declives previstos no projeto. O fundo das caixas será devidamente compactado para evitar fraturas e abatimentos nas fundações e no revestimento final.

6 – Equipamentos Neste artigo são considerados todos os equipamentos que serão utilizados pelos visitantes do parque.

6.1 - Fornecimento e colocação dos equipamentos distribuídos de acordo com as peças desenhadas.

7 – SINALIZAÇÃO |

Fornecimento e colocação de marcos de informação de acordo as peças desenhadas

8 – VEDAÇÃO|

Fornecimento e execução de vedação em barras metálicas na delimitação do espaço da incluindo o fornecimento de todos os materiais, abertura de caboucos e fundação em betão.

9 – ILUMINAÇÃO|

Fornecimento e colocação de aparelhos de iluminação do tipo Coluna solar, incluindo acessórios necessários ao seu perfeito funcionamento, ensaio de funcionalidade, tudo de acordo com as normas do fabricante. Os aparelhos do tipo Coluna Solar estão definidos nas peças desenhadas, nos pormenores construtivos.

10 MANUTENÇÃO DA VEGETAÇÃO|

10.1. Limpeza de áreas plantadas -A limpeza destas áreas será executada de forma contínua, compreendendo a recolha de lixos que nelas se acumula – ramos secos, folhas e flores velhas, etc.

10.2. Monda de Ervas infestantes - Esta operação deverá processar-se no relvado, sempre que a presença de invasoras se torne visível nestas superfícies, para que não resultem prejuízos para as plantas, nem para a funcionalidade e qualidade estética do espaço verde.

10.3. Tratamentos fitossanitários - Logo que sejam detetadas pragas ou doenças na vegetação, deverão proceder-se aos tratamentos necessários, de modo a reduzir os efeitos nas plantas afetadas e evitar a sua propagação.

10.4. Retancho de elementos verdes - A retancho de árvores deve efetuar-se sempre que existam exemplares mortos: em arbustos, a retancho realiza-se sempre que as plantas instaladas morram ou apresentem um aspeto estético ou funcional degradado. Neste último caso, tenta-se evitar a ocupação das áreas calvas por infestantes e lixo.

Condições gerais

O empreiteiro compromete-se a:

- Fornecer todos os materiais necessários à execução dos trabalhos de manutenção em boas condições e assegurar a execução dos trabalhos de manutenção segundo as condições estabelecidas no presente Caderno de Encargos;
- O aproveitamento das terras existentes no local deve ser feito de acordo com as suas características, rejeitando as que não forem próprias para plantação e corrigindo, sempre que possível e necessário, as que forem aproveitáveis.
- As plantações deverão ser executadas respeitando os planos de plantação iniciais, podendo, todavia, ocorrer modificações durante a obra, desde que sancionadas pelo projetista ou pela entidade responsável.

Articulado de Medições e Estimativa de Custos

	Designação das obras	Quantidade		Valor unitário	Valor Total
	I - TRABALHOS PREPARATÓRIOS				
1.1	Montagem, manutenção e desmontagem de estaleiro completo, conforme legislação em vigor, em local a indicar pelo Dono de Obra. Inclui trabalhos preparatórios, mobilização de mão de obra, equipamentos e materiais, vedação da zona de empreitada e sinalização normal e de segurança da obra.	1	un	500€	500€
1.2	Fornecimento e aplicação de painéis informativos e publicitação da obra (referência à obra, dono da obra, projetistas, fontes de financiamento e empreiteiro)	1	un	200€	200€
1.3	Implementação do plano de segurança e saúde, incluindo respetiva retificação em obra se necessário, incluindo encargos inerentes.	1	un	300€	300€
1.4	Apoio topográfico para implantação no decorrer da obra, incluindo trabalhos inerentes	1	vg	-	-
	II - DEMOLIÇÕES				
2.1	Remoção de pavimentos, muros e construções incluindo transporte para vazadouro autorizado e licenciado, bem como trabalhos inerentes.	190	m ²	20 €	3800€
	III - MOVIMENTOS DE TERRAS				
3.1	Modelação e regularização do terreno, aterros e escavações, considerando as cotas indicadas no projeto, incluindo carga e transporte do material sobante até vazadouro autorizado e licenciado.	136,45	m ³	60€	8175€
3.2	Remoção da vegetação rasteira herbácea de caráter infestante ou que se encontre seca e colocação de produtos a vazadouro.	1450,45	m ³	0,50€	725,225€
3.3	Fornecimento e colocação de terra vegetal em camada de 0.30m para zonas de plantação de herbáceas	324,23	m ²	25€	8105,75€
3.4	Fornecimento e colocação de terra vegetal em camada de 0.60m para zonas de plantação de árvores e arbustos	84,23	m ²	25€	2105,75€
3.5	Fornecimento de Fertilizante a 0.1 kg/m ²	189,2	Kg	8€	1513,84€
	IV - REVESTIMENTOS EM PAVIMENTOS E LANCIS				
4.1	Fornecimento e assentamento de Barrote em Madeira, c/ 90 mm de espessura, 0,20m de altura, unhas de fixação de 0,80m em 0,80m, em limites do pavimento em saibro estabilizado em cal.	868	ml	20€	17360€
4.2	Fornecimento e assentamento de Guia de lancil em pedra calcária 0,08*0,22m, em limites de passeios e pavimentos de calçada, considerando fundação em betão, rebaixamento sempre que necessário, nos acessos, em "pescoço de cavalo"	74	ml	8€	592€
4.3	Fornecimento e assentamento de calçada 0,05*0,05m, incluindo almofada de argamassa seca de cimento e areia ao traço 1:8 com 0,05m, rejuntamento e todos os trabalhos inerentes.	213	m	15€	3195€
4.4	Fornecimento e assentamento de Deck em madeira Pinho maciça tratada em autoclave, considerando os pilaretes de fixação assentes em fundação de betão C15, bem como todos os trabalhos inerentes necessários.	432,25	m	150€	64824,75€
	V - SERRALHARIAS				
5.1	Fornecimento e assentamento da vedação metálica, conforme pormenor em peça desenhada, nos limites da área, considerando maciços de betão para pilares metálicos da vedação, incluindo acessórios e trabalhos inerentes.	1432	ml	60€	85920€
	VI - PLANTAÇÕES				

6.1	Escavação para abertura de covas para plantação de árvores e arbustos, escavação para caixas para plantação de prado.	185	m 3	1€	185€
6.2	Transporte, carga e descarga de terras destinadas a plantação, incluindo todos os trabalhos inerentes. (20% empolamento)	100	m 3	2€	200€
6.3	Fornecimento e colocação de terras franco-arenosas e estrume (1/8), em áreas de plantação, incluindo trabalhos inerentes.	124	m 3	4€	496€
6.4	Aquisição fornecimento e plantação de arbustos e árvores, incluindo todos os trabalhos e materiais necessários				
1	6.4. <i>Alnus glutinosa L.</i>	15	un	15 €	225€
2	6.4. <i>Castanea sativa L.</i>	16	un	10 €	160€
3	6.4. <i>Pinus pinea L.</i>	8	un	7,5€	60€
4	6.4. <i>Pyrus communis L.</i>	2	un	7,5€	15€
5	6.4. <i>Quercus robur L.</i>	73	un	10€	730€
6	6.4. <i>Quercus suber L.</i>	8	un	10€	80€
7	6.4. <i>Arbutus unedo L.</i>	63	un	5€	315€
8.	6.4. <i>Calluna vulgaris L.</i>	38	un	5€	570€
	VII - EQUIPAMENTO				
7.1	Fornecimento e montagem do mobiliário urbano e respetivos acessórios, incluindo todos os trabalhos inerentes e complementares				
1	7.1. Painéis informativos	10	un	€ 123,4	12340€
2	7.1. Estacionamento Bicicletas tipo Laurus	4	un	200€	800€
3	7.1. Papeleira tipo "Malagueira" 2 ideias	12	un	120€	1440€
4	7.1. Coluna Solar tipo Laurus	10	un	525€	4250€
5	7.1. Contentor de dejetos caninos tipo "UFO" Larus	7	un	97€	679€
6	7.1. Mesa tipo Laurus	4	un	480€	1920€
7	7.1. Bancos tipo Laurus	15	un	425€	6325€
	VIII – ELEMENTOS PARA DIVULGAÇÃO E INFORMAÇÃO				
8.1.	Produção de roteiros e folhetos		un		
8.2.	Criação de site dedicado à cidade de Terroso		un		
8.3.	Edição de Exemplos de folhetos	5000	un	0,7 €	3500€
	Edição de exemplares de roteiros	1000	un	0,7€	700€
	IX - LIMPEZA				
9.1	Limpeza geral da obra	1	vg		
	X - OUTROS				
	Trabalhos arqueológicos (escavações, relatórios e espólios)			€ 2.083	25000€
Tot al					238126,85€


Anexo IV – Inventário rede dos Castros do Noroeste Peninsular

Este inventário refere-se aos principais sítios arqueológicos, para além da Cidade de Terroso (analisada como Caso de Estudo) reconhecidos pela Rede de Castros do Noroeste Peninsular nas proximidades da Cidade de Terroso. Com esta Lista pretende-se apresentar a localização e as características mais importantes do conjunto de povos que ocupou esta região da Península Ibérica, tendo em consideração os seus projetos de valorização, requalificação e atratividade para os visitantes. A Rede de Castros do Noroeste é constituída pelos seguintes monumentos:


- Castro das Eiras
- Castro de Alvarelos
- Castro de Monte Mozinho
- Castro de S. Lourenço
- Castro de São Caetano
- Castro do Lesenho
- Castro do Padrão
- Citânia de Briteiros
- Citânia de Sanfins
- Citânia de Santa Luzia
- Cidade de Bagunte
- Cidade de Terroso

Relativamente ao inventário considerou-se que se devia fazer segundo os seguintes parâmetros:³²⁴

1. **Topónimo:** Nome do local
2. **Classificação:** Estatuto de proteção atribuído
3. **Plano de Pormenor:** Existência de medidas de salvaguarda no âmbito dos instrumentos de gestão territorial, nomeadamente nos PDMs.
4. **Estrutura de Gestão**
5. **Enquadramento administrativo:** Pretende-se distinguir o nome da Freguesia e Concelho em que o sítio arqueológico se insere.
6. **Coordenadas geográficas-| Latitude, Longitude-** Considerando as coordenadas GPS do sítio
7. **Altitude** Elevação do sítio.
8. **.Período** Classificação do sítio por épocas. Considerando os elementos abrangidos. Aqui consideramos. Permite concluir quais os sítios que tiveram uma ocupação mais tardia ou prematura.
9. **Acesso:** descrição do melhor caminho a tomar para se aceder ao sítio.
10. **Horário de Funcionamento**
11. **Estruturas de Apoio**
12. **Vegetação**
13. **Breve descrição**

Citânia de Briteiros	
Topónimo	Citânia de Briteiros
Classificação	MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 junho 1910
Plano de Pormenor	Não existe
Estrutura de gestão	Instituição privada Sociedade Martins Sarmento, associação, Instituição de Utilidade Pública sem fins lucrativos
Enquadramento administrativo	Briteiros, Guimarães
Coordenadas geográficas	41° 31' 42.9132" N; 8° 18' 56.4948" W
Altitude	327 Metros
Período	Idade do Bronze, Ferro e Romano
Acesso	EN 153 ao km 55, EN 101 (Guimarães - Braga), EN 310 (para Póvoa de Lanhoso), EM para S. Salvador de Briteiros, EM para o Monte de São Romão ou da Citânia
Horário de Funcionamento	Todos os dias, das 9:00 às 18:00 horas
Estrutura de Apoio	Possui estruturas de apoio e segurança
Vegetação	<i>Castanea Sativa</i> L. (castanheiro), <i>Pinus pinaster</i> ssp Atlântica (pinheiro bravo), <i>Pinus pinea</i> L. (pinheiro manso), <i>Quercus Robur</i> L. (carvalho Alvarinho) e <i>Quercus suber</i> L. (sobreiro)
Breve descrição	De acordo com A. Martins “Embora parte significativa das estruturas que se observam atualmente tenham sido edificadas já durante o período da romanização desta região, a maioria dos aspetos que caracterizam este povoado fortificado podem ser imputáveis a épocas bem mais anteriores. Localizado numa plataforma elevada, com um bom domínio da paisagem onde se insere, (...).Delimitar as grandes áreas familiares, no interior das quais se edificavam as típicas habitações – também elas com muro granítico, erguido até, sensivelmente, um terço da sua altura real (...)” ³²⁵

³²⁵ MARTINS A. *Os castros* Consultado 10 de janeiro de 2014] Disponível em WWW. <http://www.castrosdonoroeste.pt/os-castros/>

Cidade de Bagunte	
	
Topónimo	Cidade de Bagunte
Classificação	MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 junho 1910
Plano de Pormenor	Não existe
Estrutura de gestão	Campo Arqueológico de Bagunte
Enquadramento administrativo	Bagunte, Vila do Conde
Coordenadas geográficas	41° 23' 0.762" N; 8° 39' 20.3652" W
Altitude	206 M
Período	Idade do Bronze, Ferro e Romano
Acesso	A partir da A7 saída para Touguinha, segue na estrada Nacional 206 na direção de Famalicão, cerca de 1,5km, virando depois à direita para Junqueira. Segue-se sempre sem desvios até ao cruzamento do Mosteiro da Junqueira. Aí segue-se pela estrada que segue em frente (nacional 306) sem desvios até encontrar à esquerda a indicação Bagunte Centro.
Horário de Funcionamento	Visitas com marcação sem horário definido.
Estrutura de Apoio	Possui estruturas de apoio
Vegetação	<i>Castanea Sativa L.</i> (castanheiro), <i>Pinus pinaster ssp Atlântica</i> (pinheiro bravo), <i>Pinus pinea L.</i> (pinheiro manso), <i>Quercus Robur L.</i> (carvalho Alvarinho) e <i>Quercus suber L.</i> (sobreiro)
	De acordo com A. Martins “ <i>Localizado numa elevação bastante proeminente, este povoado fortificado da Idade do Ferro, e posteriormente romanizado, ocuparia uma considerável área. (...) No interior das quais foram detetadas estruturas habitacionais de planta predominantemente circular e retangular, agrupadas em “quarteirões”</i> ”. ³²⁶


³²⁶ MARTINS A. *Os castros* [Consultado 10 de janeiro de 2014] Disponível em WWW. <http://www.castrosdonoroeste.pt/os-castros/>

Monte Mozinho	
Topónimo	Monte Mozinho; Cidade Morta; Castro do Mosinho
Classificação	Imóvel de Interesse Público pelo Decreto-Lei n.º 37077 de 29 de setembro de 1948.
Plano de Pormenor	Não existe
Estrutura de gestão	Câmara Municipal / Museu Municipal de Penafiel
Enquadramento administrativo	Galegos, Penafiel
Coordenadas geográficas	41° 08' 49" N, 8° 18' 40" O
Altitude	206 m
Período	Idade do Bronze, Ferro e Romano
Acesso	A partir do Porto, tomar a autoestrada A4 que liga a cidade a Trás-os-Montes, sair na saída n.º 10, por Parada / Baltar, tomar a ED 319, passar por Cete e Paço de Sousa, em direção à freguesia de Galegos (ED 106-3). Em Galegos, virar a Sul (o Castro está sinalizado), subir a encosta e virar (com sinalização) para o Castro.
Horário de Funcionamento	Visitas livres: Todos os dias das 9h às 19h.
Estrutura de Apoio	Possui estruturas de apoio e segurança
Vegetação	<i>Castanea Sativa</i> L. (castanheiro), <i>Pinus pinea</i> L. (pinheiro manso), <i>Quercus Robur</i> L. (carvalho Alvarinho) e <i>Quercus suber</i> L. (sobreiro)
	De acordo com A. Martins “ este povoado possui uma área intramuros de cerca de 20 ha, encontrando-se defendido por quatro linhas de muralhas, cuja espessura máxima atinge cerca de 3,5 m junto às portas, às quais davam acesso rampas executadas com blocos de granito. (...). Na zona intramuros observa-se uma estruturação do povoado através de um arruamento pavimentado com lajes graníticas orientado no sentido N.-S. E arruamentos distribuídos transversalmente. (...)” ³²⁷


³²⁷ MARTINS A. *Os castros* [Consultado 10 de janeiro de 2014] Disponível em WWW. <http://www.castrosdonoroeste.pt/os-castros/>

Castro de Monte Padrão	
Topónimo	Castro do Monte do Padrão
Classificação	MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 junho 1910
Plano de Pormenor	Não existe
Estrutura de gestão	Câmara Municipal de Santo Tirso / Gabinete de Arqueologia
Enquadramento administrativo	Monte Córdova, Santo Tirso
Coordenadas geográficas	8° 26' 51" W / 41° 18' 53" N
Altitude	413 m
Período	Idade do Bronze, Ferro e Romano e Média
Acesso	O acesso à Estação pode fazer-se a partir da povoação de Monte Córdova, em direção a Quinçães, tomando, em seguida, o caminho florestal que dá acesso à Capela do Nosso Sr. do Padrão.
Horário de Funcionamento	9.00h – 17.00h (com marcação prévia no MMAP).
Estrutura de Apoio	Possui estruturas de apoio e segurança
Vegetação	<i>Castanea Sativa</i> L. (castanheiro), <i>Pinus pinaster ssp</i> Atlântica (pinheiro bravo), <i>Pinus pinea</i> L. (pinheiro manso), <i>Quercus Robur</i> L. (carvalho Alvarinho) e <i>Quercus suber</i> L. (sobreiro)
	<i>De acordo com A. Martins "Neste povoado que se encontram algumas edificações de planta predominantemente circular, que atestam a sobreposição ocupacional ao longo dos séculos registada neste sítio. Esta sucessão pode ser igual modo confirmada pela presença de uma construção quadrangular, que parece centralizar-se num pátio lajeado, com pórtico envolvendo três dos seus alçados, e à volta do qual se desenvolveriam diversos compartimentos, e que, ao que tudo parece indicar, reportar-se-á ao período da presença romana." ³²⁸</i>

³²⁸MARTINS A. *Os castros* [Consultado 10 de janeiro de 2014] Disponível em WWW. <http://www.castrosdonoroeste.pt/os-castros/>

Citânia de Sanfins	
Topónimo	Citânia de Eiriz, Cidade Velha de Monte Córdova, Citânia de Sanfins
Classificação	MN, Dec. Nº 35 817 DG 187 de 20 de agosto de 1946
Plano de Pormenor	Não apenas em termos de área de proteção.
Estrutura de gestão	Câmara Municipal de Paços de Ferreira
Enquadramento administrativo	Sanfins de Ferreira, Paços de Ferreira
Coordenadas geográficas	-8° 23' 10.914" W / 41° 18' 53" N
Altitude	573 m
Período	Idade do Bronze, Ferro e Romano e Média
Acesso	O acesso à Estação pode ser feito pela EN 513.
Horário de Funcionamento	Todos os dias das 9h-17h.
Estrutura de Apoio	Possui estruturas de apoio e segurança
Vegetação	<i>Castanea Sativa</i> L. (castanheiro), <i>Pinus pinaster</i> ssp Atlântica (pinheiro bravo), <i>Pinus pinea</i> L. (pinheiro manso), <i>Quercus Robur</i> L. (carvalho Alvarinho) e <i>Quercus suber</i> L. (sobreiro)
Breve descrição	<i>De acordo com A. Martins "Genericamente inserido na ampla, e algo vaga, denominação de "Cultura Castreja do Noroeste", as sucessivas etapas de edificação desta Citânia terão ocorrido entre o século V a.C. e a segunda metade do século II a.C., numa altura em que se observaram profundas transformações no seio das comunidades da zona litoral entre o Douro e o Minho, enraizadas nas tradições do Bronze Final. (...) No conjunto, nos revelam o ecletismo dos contactos exógenos que as suas populações mantiveram ao longo dos séculos"</i> ³²⁹


³²⁹ MARTINS A. *Os castros* [Consultado 10 de janeiro de 2014] Disponível em WWW. <http://www.castrosdonoroeste.pt/os-castros/>

Castro de São Lourenço	
	
Topónimo	Castro de S. Lourenço
Classificação	Imóvel de Interesse Público pelo Decreto-Lei n.º 1/86 de 3 de janeiro de 1986
Plano de Pormenor	Não existe.
Estrutura de gestão	Não possui estrutura de Gestão
Enquadramento administrativo	Vila Chã, Esposende
Coordenadas geográficas	41° 33' 19" N, 8°22'20" W
Altitude	185 Metros
Período	Idade do Bronze, Ferro e Romano e Média
Acesso	O acesso ao sítio pode ser feito pela EN 13. Na rotunda da estalagem sair na primeira saída em direção a Vila Chã, na Estrada Municipal nº 550. Tem placas indicativas.
Horário de Funcionamento	Aberto
Estrutura de Apoio	Não possui estruturas de apoio e segurança
Vegetação	<i>Castanea Sativa L.</i> (castanheiro), <i>Pinus pinaster ssp</i> Atlântica (pinheiro bravo), <i>Pinus pinea L.</i> (pinheiro manso), <i>Quercus Robur L.</i> (carvalho Alvarinho) e <i>Quercus suber L.</i> (sobreiro), <i>Erica arborea</i> e <i>Daboecia cantabrica</i> (urzes), <i>Pteridium aquilinum</i>
Breve descrição	<i>"Este povoado era constituído por três linhas de muralhas defensivas, em cuja área intramuros foi possível registar diversas fases de construção. As habitações apresentam planta predominantemente circular, com ou sem vestíbulo. (...) Quanto às edificações de planta subcircular e retangular."</i> ³³⁰

³³⁰ MARTINS A. *Os castros* [Consultado 10 de janeiro de 2014] Disponível em WWW. <http://www.castrosdonoroeste.pt/os-castros/>

Citânia de Santa Luzia	
	
Topónimo	Citânia de Santa Luzia
Classificação	MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 junho 1910
Plano de Pormenor	Não existe.
Estrutura de gestão	Câmara Municipal de Viana do Castelo
Enquadramento administrativo	Santa Maria Maior, Areosa, Viana do Castelo
Coordenadas geográficas	41° 42' 18.18" N,- 8° 50' 7.9764" W
Altitude	223 Metros
Período	Idade do Bronze, Ferro e Romano e Média
Acesso	O Acesso ao Santuário/Basilica de Santa Luzia, passando o templo e seguindo para norte.
Horário de Funcionamento	Aberto das 10h-13h e das 15-18h
Estrutura de Apoio	Possui estruturas de apoio e segurança
Vegetação	<i>Castanea Sativa L.</i> (castanheiro), <i>Pinus pinaster ssp Atlântica</i> (pinheiro bravo), <i>Pinus pinea L.</i> (pinheiro manso), <i>Quercus Robur L.</i> (carvalho Alvarinho) e <i>Quercus suber L.</i> (sobreiro), <i>Erica arborea</i> e <i>Daboecia cantabrica</i> (urzes), <i>Pteridium aquilinum</i>
Breve descrição	“A Citânia de Santa Luzia é um notável exemplar dos povoados fortificados existentes no Noroeste Peninsular, tanto pela sua dimensão, como pelo planeamento urbanístico, tipologia construtiva e caráter defensivo. Situado (...) num local geograficamente estratégico, de onde se domina toda a área envolvente, desde o estuário e foz do Rio Lima até à zona costeira atlântica, este povoado castrejo de tipo proto urbano.” ³³¹


³³¹ MARTINS A. *Os castros* [Consultado 10 de janeiro de 2014] Disponível em WWW. <http://www.castrosdonoroeste.pt/os-castros/>

Castro ou citânia de S. Caetano	
Topónimo	Castro ou citânia de S. Caetano
Classificação	Monumento Nacional por decreto n.º 735/74 de 21 de dezembro
Plano de Pormenor	Não existe.
Estrutura de gestão	Câmara Municipal de Monção ou Junta de Freguesia de Longos Vales.
Enquadramento administrativo	Longos Vales, Monção
Coordenadas geográficas	08°26'33" W; 42°02'31"N
Altitude	323 Metros
Período	Idade do Bronze, Ferro e Romano
Acesso	Segue-se a estrada nacional sentido Monção-Melgaço, virando-se à direita no sentido de Longos Vales, depois de passar o Mosteiro de S. João de Longos Vales, que aparecerá do lado esquerdo, volta-se a virar à direita no sentido Citânia, Santa Tecla, aparecendo o castro do lado direito desta estrada.
Horário de Funcionamento	Não possui sistema de visitas organizadas
Estrutura de Apoio	Não possui estruturas de apoio e segurança
Vegetação	<i>Castanea Sativa</i> L. (castanheiro), <i>Pinus pinaster</i> ssp Atlântica (pinheiro bravo), <i>Pinus pinea</i> L. (pinheiro manso), <i>Quercus Robur</i> L. (carvalho Alvarinho) e <i>Quercus suber</i> L. (sobreiro), <i>Erica arborea</i> e <i>Daboecia cantabrica</i> (urzes), <i>Pteridium aquilinum</i>
Breve descrição	De acordo com A. Martins “presença de um povoado, com origens possivelmente radicadas no Bronze Final, como sucede noutros exemplares desta região, dotado, já em plena Idade do Ferro, de um sistema defensivo composto de duas linhas de muralha construídas com dois paramentos paralelos preenchidos com material pétreo de pequenas dimensões.” ³³²

³³² MARTINS A. *Os castros* [Consultado 10 de janeiro de 2014] Disponível em WWW. <http://www.castrosdonoroeste.pt/os-castros/>

Castro de Alvarelhos	
Topónimo	Castro de Alvarelhos
Classificação	Monumento Nacional por decreto n.º 735/74 de 21 de dezembro
Plano de Pormenor	Não existe.
Estrutura de gestão	Câmara Municipal da Trofa
Enquadramento administrativo	Trofa
Coordenadas geográficas	41° 18' 4.4388" N 8° 37' 2.4636" W
Altitude	145 metros
Período	Idade do Bronze, Ferro e Romano
Acesso	Segue-se a estrada nacional sentido Monção-Melgaço, virando-se à direita no sentido de Longos Vales, depois de passar o Mosteiro de S. João de Longos Vales, que aparecerá do lado esquerdo, volta-se a virar à direita no sentido Citânia, Santa Tecla, aparecendo o castro do lado direito desta estrada.
Horário de Funcionamento	Não possui sistema de visitas organizadas
Estrutura de Apoio	Não possui estruturas de apoio e segurança
Vegetação	<i>Castanea Sativa</i> L. (castanheiro), <i>Pinus pinaster ssp</i> Atlântica (pinheiro bravo), <i>Pinus pinea</i> L. (pinheiro manso), <i>Quercus Robur</i> L. (carvalho Alvarinho) e <i>Quercus suber</i> L. (sobreiro), <i>Erica arborea</i> e <i>Daboecia cantabrica</i> (urzes), <i>Pteridium aquilinum</i>
Breve descrição	De acordo com A. Martins " (...) desenvolvimento do povoado durante a época romana ter alterado profundamente essa realidade pré-existente, pensa-se que, <i>grosso modo</i> , ele ocuparia uma vasta extensão de cerca de oitocentos mil metros quadrados. (...) Para além de ter sido encontrado uma construção com eventuais finalidades termas. ³³³

³³³ MARTINS A. *Os castros* [Consultado 10 de janeiro de 2014] Disponível em WWW. <http://www.castrosdonoroeste.pt/os-castros/>

Castro de Eiras	
Topónimo	Eira dos Mouros
Classificação	Em vias de classificação
Plano de Pormenor	Não existe.
Estrutura de gestão	Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão
Enquadramento administrativo	Pousada de Saramagos Vila Nova de Famalicão
Coordenadas geográficas	41° 18' 4.4388" N 8° 37' 2.4636" W
Altitude	384 metros
Período	Idade do Bronze, Ferro e Romano
Acesso	Pela E.N. nº 206 virar ao km 30,5 para o lugar de Regada e seguir por caminhos carreteiros.
Horário de Funcionamento	Não possui sistema de visitas organizadas
Estrutura de Apoio	Não possui estruturas de apoio e segurança
Vegetação	<i>Castanea Sativa L.</i> (castanheiro), <i>Pinus pinaster ssp Atlântica</i> (pinheiro bravo), <i>Pinus pinea L.</i> (pinheiro manso), <i>Quercus Robur L.</i> (carvalho Alvarinho) e <i>Quercus suber L.</i> (sobreiro), <i>Erica arborea</i> e <i>Daboecia cantabrica</i> (urzes), <i>Pteridium aquilinum</i>
Breve descrição	De acordo com A. Martins “ <i>Castro das Eiras</i> ” foi edificado durante a Idade do Ferro, no século I a. C., tendo sido posteriormente objeto do processo de romanização. Identificado pelo investigador vimaranense Francisco Martins Sarmento (1833-1899) em 1880, foi somente em 1989 que se descobriu um dos elementos mais notáveis deste sítio, o balneário castrejo. De planta ovalada, este castro possuía um sistema defensivo constituído pelas próprias condições favoráveis da geografia local, às quais se associou um complexo sistema composto de diversas linhas de muralhas graníticas desenvolvidas de modo concêntrico, às quais se adicionaram alguns panos de reforço e três fossos nas zonas estrategicamente mais vulneráveis.” ³³⁴

³³⁴ MARTINS A. *Os castros* [Consultado 10 de janeiro de 2014] Disponível em WWW. <http://www.castrosdonoroeste.pt/os-castros/>